



LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO-PORTUGAL-TELEF. 25988

RB169,670



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



*Ao Principe Dom Theodosio
nosso senhor.*

Este poema heroico da Vlyffe, seue muita parte nas fortunas de Vlyffes que taõbem na terra ha naufragios semelhãtes aos do mar, as desgraças de Vlyffes foraõ antes de edificar Lyboa, e as do poema dispois de ella edificada; Nas horas que o ocio costuma gastar, se occupaua Gabriel Pereira de Castro meu irmaõ em illustrar a sua patria, ficou dele esta obra posthuma, a que faltou liberdade pera se offerecer a Principe que aestimasse, como quem naceo em Reino aonde o naõ hauia. porem acharaõ os fados caminho pera tornar a successaõ de Portu al a seu legitimo e uerdadeiro Senhor, e achou este poema occasiaõ de se liurar da uiolencia castelhana, Agora se apprezenta e se restitue a V A, pera que ou V A, o aceite como diuida, ou o-

empare como a quem escapou de naufragio. No fauor de VA. tomarão estes ver-
 los nouo espiritu, e ao som das armas a
 que o generoso animo de VA. he taó incli-
 nado, será o canto das musas mais agrada-
 uel. A poesia he ornamento da virtude
 militar, bem pode VA. gastar em qualquet
 dellas o tempo que lhe sobejar da outra,
 que segundo a excellente indole de VA.
 nos promete, nem o gosto das artes e sci-
 encia lhe ha de tirar a inclinação que tem
 às armas, nem por ellas hade perder o a-
 mor dos liuros, e com ambas estas occupa-
 ções assi se igualará VA. aos senhores

Reys seus progenitores como taõ-
 bem será exemplo pera os
 futuros.

Luis Pereira de Castro

De Dona Bernarda Ferreira de
Lacerda.

Morreis cantando, Cisne Lusitano,
A cara Patria, que perdermos choramos,
Mas a, que a fama dais, tuba sonora
Nunca pode sentir da morte o dano.]
Ouindo vosso canto soberano,
Ia Delos por Apollo vos adora,
E para Daphne ao diuino agora,
Se antes fagio veloz do Apollo humano,
Em seus braços a vossa esfigie ordena.
A mais verde, & odorifera coroa,
Que ja mais alcançou culta Camena!
Alta & soberba em tanto a fama voa
De ver que alada vai com vossa pena,
Honra de Luso, gloria de Lisboa.

De Fr. Lope Feliûx de Vega
Carpio.

Lisboa por el Griego edificada
Ya de ser, Fenix immortal Presuma,
Pues deue más a tu diuina pluma
(Docto Gabriel) que a su famosa espada.
Voraz el riempo con la diestra ayrada
No ay Imperio mortal, que no consuma,
Però la vida de tu heróyca suma
Es alma ilustremente re seruada.
Mas ay que quando más enriqueciste
Tu patria, que su artifice te llama,
Por la segunda vida que le diste:
Cípres funesto tu laurel enrama,
Si bien ganaste en lo que más perdiste,
Pues quando mueres tu, nació tu fama,

De Luis Pereira de Castro.

A smar auilhas barbaras não cante
A fama, que vos tece alta coroa.
Leuando do Boote à tocha Eða
O vosso nome, por que o muude espante.
Sobre hũa, & outra Tetis se leuante
Abrindo as penas douro, com que voa,
Para que o som que em suas trompas soa,
Chegue do nosso polo ao mais distante.
Estatuas mudas caem, a esclarecida
Fama sò vime, em obras dilatada,
Do negro esquecimento defendida.
Tal vos tereis co a pena eternizada
Nas idades futuras nobrevida
Dando gloriosa enueja, á que he passada.

De Francisco Lopez de
Zarate.

Po^lumo soy de aquel, que eternidades
Cimentó con virtudes a su sama ;
Aqui toda Elicon se derrama ,
Que a tantos tinta dió , tantas edades.
Derramase, logrando en nouedades.
La accion mayor, del que con diestra llama
En Troya do Asia vencedor se aclama ;
Hechos, que se transponen de verdades.
Aquí veràs en tumulto encunbrado
Con fraterna piedad immortal vida,
Lo dudoso por grande, verdadero.
Aquí a Vlysses veràs acreditado,
Aquí a Troya más grande, que fingida,
Aquí vn milagro superior a Homero.

ARGVMENTO DO PRIMEIRO CANTO.

O Mar Ionio Vlysses dividia,
E rendido ao furor do brauo vento,
Emparo, e porto a Iupiter pedia,
Que os Deoses convocou do ethereo assento.
De Atlante o neto, as naos ao porto guia
Onde achando suave acolhimento,
Circe, de ver Vlysses obrigada,
Porto, e descanso daua á Grega armada.

I.

A Sarmas e o várão, que os mal seguros
Cãpos cortou do Egeo, e do Oceano;
Que por perigos, e trabalhos duros
Eternizou seu nome soberano:
Agrão Lisboa, e seus primeiros muros
(De Europa, e largo imperio Luzitano
Alta cabeça) se eu pudesse tanto
A patria, ao mundo, à eternidade canto.

2.

Lembrame Muza as causas e me inspira,
Como por tantos mares, o prudente
Grego vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo â tumida corrente:
Ouuirâ o som da lusitana lira
O negro Ocaso, e lucido Oriente,
Setu dâs ser a meu fugeito falto,
Para que caiba em mim furor tam alto

3.

Principe augusto, em quẽ tem igual parte
Os dões da natureza e da uentura,
Que armado filho pareceis de Marte,
E Adonis defarmado em fermosura:
Com quem o ceo taõ liberal reparte
Com tal severidade tal brandura,
Que em vossa altiua fronte o pezo graue
Amor excita com temor suave.

4.

Vos Inclito Theodosio, que (segundo
Se alcança em vosso soberano obieito)
Achareis quanto abrãge o mar profũdo,
E o sol vizita, a vosso imperio, estreito:
Que, alem dos termos vltimos domũdo,
Irá o valor de uosso invicto peito,
A sustentar com hombros de diamante
Nouas espheras que não soube Atlante.

Vos

5.

Vos que enchereis de medo, e de esperãça
 O mundo quando entreis no campo ar-
 quãdo empunheis a lusitana lança (mado,
 contra o inimigo em seu poder ouzado:
 quando, façais que em nossa segurança
 Se ueja o que de vos promete o fado,
 pera que a fama em suas azas tome
 Emprezas, com que voe o vosso nome:

6.

Vos que exemplo fereis do lusitano
 Valor, que abreviado em vos se encerra
 A quem não haõ de ser pelo Oceano,
 As Orchades ou Thule vltima terra:
 Antes tendo ao soberbo Càstelhana
 Quebrado o brio em sanguinosa guerra,
 Penetrareis as grandes serras, onde
 A famosa cabeça o Nilo esconde.

7.

Vos que humildes fareis os empolados
 Mares, não sendo nauegados dantes,
 E os campos de Ampelusa subjugados
 Vereis, pizando as lvas arrogantes:
 E a vosso pès rendidos, & postrados,
 O Dragaõ frio, os Persicos turbantes,
 Etudo o que ha do Antartico, a Calisto,
 Tè o graõ sepulchro libertar de Christo.

8:

Entre os cuidados do paterno sceptro
E nobres exercicios de Diana,
Ouui cantar ao som do grego plectro,
Com graue assento a musa lusitana:
E em quanto dais a mais sonoro metro
Obras dignas de gloria mais que humana
Dai me vosso fauor, que nele espero
Cantar de Vlysses, imitando a Homero.

9.

Cortando o golfo Ionio proseguia
Seu curso a grega armada, quando irado
Boreas as negras azas sacudia,
Sobre o mar todo em ferras levantado:
Euro bramindo o centro reuolua,
Via se o ar de nuues coroadado,
Eo fogo, & confusaõ que o inferno imita,
Mostra que o ceo no mar se precepita.

10.

Ao longe o mar bramia horrendamente
Quebrãdo as ondas, que co vëto crescem,
Vaõ se os ares cerrando, em continente
Da vista o mar, & ceo desapparecem:
Encanece Neptuno, que o valente
Austro as ondas levanta, & quãdo decem
Deixaõ se ver as grutas, & as montanhas,
Que escõde o mar nas humidas entrãhas.

Coã

II.

Coa furia da tormenta embrauecida,
 Que às naos vltimo estrago ameaçaua,
 Corria a armada grega diuidida,
 E já apenas os mares contrastaua:
 Vendoa o Dulichio quasi somergida,
 E que do porto o vento a desuiaua,
 Coa confusão do espirito aos ceos erguia
 A lagrimosa voz, & assi dizia,

12.

O grande Amon, que a terra e mar fúdaſte
 Com firme affento, eos climas mais distan
 Desta lustrosa machina abraçaſte (tes
 Coas iuzes das espheras rutilantes:
 Que o destino das cousas que criaſte
 Escreues neſſes lucidos diamantes,
 Sendo diuinas letras as estrelas,
 Por que teu graõ poder leamos nellas.

13.

As furias doma de Neptuno irado,
 E abranda as iras do soberbo vento,
 Pois que dos ventos, & do mar inchado,
 Sò podes ſoſſegar o mouimento:
 Tu, que ordenas repouſo ao Sol dourado,
 No grande leito do humido elemento,
 Fazendo com juſtiſſima balança
 Seguir à tempeſtade a mór honança.

Não

14.

Naõ permitas, senhor, que este desterro,
Que hà tãtos annos temo, hà tantos figo,
Dilatando se vã de erro em erro,
Que menos temo a morte, que o perigo:
Permiteme lançar seguro ferro
Naquelle doce praya, & porto amigo:
E que possa gozar alegre porto,
Quando naõ seja viuo, ao menos morto.

15.

Ouuio o graõ Tonante o ffligido
Coraçaõ, com que Vlysses se queixaua,
E nas entranhas paternaes mouido,
Darlhe porto, & descanso desejava:
E para ser de todos entendido
O que do forte Vlysses se ordenaua,
Conselho quer fazer no ceo superno,
Onde declare este decreto eterno.

16.

Ao grande Olympo tinha conuocado
Dos Deoses a diuina companhia:
Os que na Zona ardente, & congelado
Polo, gozaõ do largo, & breue dia.
Iã para a hora, & tempo limitado,
Chamados de Sylenio, a lactea via
Pizando vem, & as Deosas da prestante
Filha da bella Eletra, & de Thaumante.

17.

Nos quícios douro solido, & seguro
 Geme a porta do Olympo omnipotente,
 Treme dos claros ceos o cristal puro
 Ao aceno de Jupiter potente:
 De balais, & çafira o folio duro
 Formaua hum jaspeado transparente,
 E Jupiter, enuolto em claridade, (de.
 Tinha ante o rosto hum veo de magesta-

18.

Noua luz de seu rosto recebendo
 Com Jupiter assiste a chara esposa,
 E le os rayos depõem, de quem tremendo
 Està do mundo a machina lustrosa:
 O aligero Sylenio recolhendo
 Os Deoses na alta sala, & luminosa,
 Nella lugar lhe daua qual conuinha,
 Seguindo a ordem que de Joue tinha.

19.

Vêse o intonso Apollo & junto dele
 Mauorte altiuo, armado de diamante,
 Cobrindo os membros nùs duma aurea
 Vulcano Deos do fogo rutilante: (pelle
 O rubicundo filho de Semelle,
 E o da fermosa Acesta, a quem diante,
 Dando co as azas brandos mouimentos,
 Vaõ como pagens os menores ventos

Pallas

Pallas armada valerosa entraua,
E logo a bella deosa, que em Cythera,
Paphos & Gnido reina, & se mostraua:
Bellona no sembrante irada, & fera:
Nenhum dos altos Deoses se assentaua,
Que final da tranquilla maõ se espera.
De jupiter, que inclina a luz serena,
E que se assentem grauemente acena.

Resplandecia Joue no alto assento,
A que suauemente se subia
Por degraus de cristal, cujo ornamento
De prata, & douro o resplandor vencias:
E no docel, que iguala o firmamento,
Brilhaua a radiante pedraria,
Que a clara luz do Sol, & sua belleza
Vence na graça, excede na pureza.

O estrado de materia cristalina
Excede a lus mais pura das estrelas;
Hum arco vario forma Iris diuina
Doutras cores mais finas, & mais bellas:
O tempo (fim das cousas) se reclina
A seus pès como autor de todas ellas,
Eos espiritos, que em roda lhe assistiaõ,
Como atomos da luz, voando ar diaõ.

23.

Abaixo os Semideoses preeminente
 Assento tinhaõ de cristal laurado,
 E o rio de mór fama, & mór corrente
 Está sobre urnas de ouro reclinado:
 Treme a parte do ceo mais eminente,
 Hum lume arcano as portas tem' guarda-
 Silencio dà com tom de voz suaue, (do
 E das palauras segue o pezo grave.

24.

Vistes como de Troya debellada
 Sahio Vlysses? como o mar vndoso
 Do Helesponto passou, & da encuruada
 Cyconia costa o porto perigoso?
 As tormentosas Syrtes, & a abrazada
 Praya africana, como ao temeroso
 Cyclope a luz da carregada fronte
 Nas entranhas rompeo de hum grave

25.

môte?

Pois agora obediente ás leys dos fados,
 A luzitana costa vay buscando
 Por força, & arte mares empolados
 Dos furiosos ventos, contrastando:
 Por mitigar trabalhos tam pezados,
 Quero que Cyrce com repouzo brando,
 A pezar de Neptuno, & brauo vento,
 Dê à cansada armada acolhimento.

Por

Por este Capitaõ, por esta gente
A eterna ley do imobil fado ordena
Se funde huma Cidade, onde a corrente
Do Tejo se dilata mais amena :
A quem o Gange, & o Indo do Oriente
As leys virãõ pedir, & paz serena,
Fazendo obedecerse a graõ Lysboa
Do tardio Boote, à tocha Eoa.

E pois o fado assi o determina,
Quero, sagrados Deoses, que o facundo
Vlysses, veja as partes donde inclina
Seu aureo coche o Sol ao mar profundo:
Leuante huma Cidade peregrina (do,
Cabeça alta do mundo, hum breue mun-
Que occupe com eterna monarchia
Tê os Orizontes vltimos do dia.

Disse: & qual nos primeiros resplando-
As abelhas folicitas, leuando (res
O rocio futil das puras flores,
Na conhecida casa vaõ entrando:
Adonde os suauissimos licores
Com estranho artificio dilatando,
Se ouue hum leue sosurro: assi soaua
O rumor, que entre os Deoses se formaua.

29.

Tà cessára de todo o rumor leue,
 Porem Marte que o caso mal sofria,
 Mil pensamentos neste espaço breue
 Na soberana mente reuoluia:
 Até que co respeito que se deue,
 Do lugar que occupaua em pè se erguia,
 Dando dous passos pela regia fala,
 E desta forte airoso a Joue fala.

30.

Jupiter poderoso, & sempiterno,
 A quem sò foy o Olympo em sorte dado,
 Que deste alcaçar o caminho eterno
 Tens de estrelas luzentes adornado:
 Que os diaphanos ceos, & escuro inferno
 Ves a teu graõ poder ajoelhado,
 E os montes que co as nuues se terminaõ,
 A teu nome a ceruiz tremendo inclinaõ.

51.

Tu que ao celeste globo, a esta dourada
 Machina dèste luz, dèste belleza,
 E na terra dos homés habitada
 Dàs vida, & leys à mesma natureza:
 Que o Sol pizas, & a Lua prateada.
 E os elementos desta redondeza.
 Concertas, dando aos peixes as suaues
 Ondas, o monte ás feras, o ar ás aues.

Cousa

Coufa párece, graõ senhor, estranha,
Que venha a ocupar o folio Hesperio
Hum enganoso Grego, que por manha,
Trocou de Troya e cinza o antigo imperio:
Afama que hoje a Alcides rēde Hespanha,
E ao padre Bacho, o Indico Hemispherio,
Em grande oprobrio seu por esta via
Na memoria dos homēs ficaria.

Hauendo mais, que os Gregos offendido
Tem aos Deoses do Olympo iniquamēte,
Que eu entre as armas gregas fui ferido,
E tenho a affronta, e o final presēte: (uido
Pois como, a hum fraudulēto, a hum atre-
Queres dar nome, & fama preeminente?
Para que esqueça em sua nova gloria
Das immortais deidades a memoria.

Aqui cessou Mauorte, & da viseira
O fumo da coraje ardendo exhala,
Quando deixando Pallas a cadeira,
O meyo ocupa da diuina sala:
Botado o escudo atrās forte, & guerreita,
Marte (dizia) se arrojado fala,
Occasioēs darà donde se veja
Que não he zelo o seu, mas pura enueja.
Se aqui

35.

Se aqui fora lugar, força bastante
 Tenho, & valor, diz Pallas enojada,
 Indo abraçando o escudo rutilante (da:
 Com vista hum pouco acesa, & cor muda-
 Na diuina cadeira o graõ Tonante
 Bateo, dizendo, basta, & da pancada
 Tremeo o ceo, & os orbes estrelados
 Nos mesmos eixos donde estaõ crauados.

36.

Afli co immobil fado o determino.
 Diz Jupiter com voz graue, & seuera
 Em pè, junto do assento cristalino,
 Cada hum final para partirse espera:
 Ajoelhando a Jupiter diuino
 Todos se tornaõ a sua propria esphera,
 E Joue neste tempo do alto via
 Aarmada que entre as ondas perecia.

37.

Mandá Mercurio logo, e le os talaes
 Diuinos, & Galero alado toma,
 Qual leue seta vem partindo os ares,
 E de Eolo, & Neptuno as forças doma:
 Compoẽ do vndoso pègo os grossos ma-
 E quando no Orizonte o Sol affoma, (res,
 Ao porto a armada chega, aonde aferra
 A tenaz vnha a desejada terra.

Carrega os hombros dum gracioso ou-
De bosques pouoado, em largo assento
Hum soberbo castello, alto, & guerreiro,
Que da fermosa Cyrce era aposento:
Donde com sua luz fere primeiro
Phebo, em seu abrazado nascimento,
Que sobre as densas nuues eminente
As chuvas, & os trouões abaixo sente.

No largo porto entrado a armada tinha,
Donde Vlysses ordena, que Creonte
Ostrabalhos, & afrontas com que vinha
Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:
Acompanhado sobe qual conuinha,
E o alto pisa d'ò soberbo monte,
Dos paços admirava a architectura,
E mais de Cyrce a rara fermosura.

Ella depois de o ouvir, & ter presente
Os successos de Vlysses destrocado,
Seus caracteres faz, com que se sente
Cos seus Creonte noutro ser mudado: (te,
Qual de vffo a pelle immûda, ou de serpẽ-
Qual brancas penas veste, & o ar delgado
Vae abrindo, & suspenso o pezo teue
Sobre as azas iguais do corpo leue.

41.

(do

Qual vendo ao companheiro ir se mudã-
 Quer focorrelo, e leua mea espada,
 E ao infelice Actêon imitando,
 As mãos fendidas acha, a testa armada:
 Qual libico leão representando
 Ruge, em lugar de voz articulada,
 Qual como Touro pelos montes brama,
 Qual na agoa veste prateada escama.

42.

De seus versos a força poderosa (ra,
 A forma humana troca em planta, ou se-
 Em peixe, ou aue, ou serpe venenosa,
 Que o ser da humana natureza altera:
 Qual quer nota das suas protentosa
 Parar do ceo faria a mór esphera,
 Decer do alto ao centro o fogo leue
 Subir do centro o graue, arder a neue.

43.

Quantas vezes os circulos dourados
 Desse ceo transparente, & cristalino
 Vio no meyo do curso estar parados,
 Como admirado Jupiter diuino:
 Quantas a seu pezar vio eclipsados
 A bella Cynthia, & claro Libistino,
 Negros chuueiros assombrar os ares,
 Bramar trouões, erguerse aos ceos os ma-
 res

Aos

44.

Aos seus estaua Vlyffes esperando,
 Quando já de Latona o filho ardente,
 Pelos balcoës da Aurora passeando,
 Mostraua a clara luz á cega gente:
 Hiaõse ja de perolas toucando
 Os campos, por que asportas do Oriente
 Chorando aljofar, abre a bella Aurora,
 Que quando ri nos ceos, nos campos cho-

45.

(ra.

Triste, & affligido està no pensamento,
 Por que Creonte a vinda dilataua,
 Teme de Cyrce o falso acolhimento,
 Com que os sentidos, & animos ligaua:
 Quando o filho de Maya abrindo o vento
 Co caduceo, que as almas reuocaua,
 E outras decer ao Tartaro fazia,
 Pezandose nas azas, lhe dizia.

46.

Que esperas Laerciade animoso,
 Sabe, que Cyrce tem aos teus soldados
 Co a graõ força do encanto poderoso,
 Em brutos animais, ja transformados.
 Não fies de seu trato cauteloso,
 Doces palauras, brandos gazalhados,
 Porque outra couza tem no pensamento,
 Que atè nas obras se acha fingimento,

Leua

47.

Leua este anel, que vence a força dura
 Do poderoso encanto, & a Cyrce obriga
 Que te prometa pela estige escura,
 Restituir aos teus a forma antiga:
 Que mudando os rigores em brandura,
 Procurará agradarte, como amiga,
 Que a vezes pode mais que a força graue
 Hum pedir brando, & hum rogar suaue.

48.

Disse, & na nuuem com veloz subida
 Nos ares se escondia, & da diuina
 Luz das talaes azas offendida
 A vista, o que mais vê não determina:
 Confuso o Capitaõ olha, & duuida,
 Os olhos ergue, & o juelho inclina (te,
 Beijando a terra, & vae subindo ao mon-
 Onde a irmãã moraua de Phaetonte.

49.

Sobe, & taõ concertados passos daua,
 Que cousa humana Vlisses não parece,
 Da forte companhia que o cercaua
 Co a cabeça por cima resplandece:
 De escamas de ouro o manto recamaua,
 Que do hombro a beijar a terra dece
 Opprimindo o cabelo & testa altiua
 Dos cabelos de Daphne fugitiua.

B

Sobre

50.

Sobre o punho da espada refulgente,
 Descança a mão esquerda, que levanta
 Do mato hum pouco a fralda, & em cõti-
 Airoso dos que o seguem se adiãta: (nête
 Com aspeito real, & preminente,
 Que dignamente louua quem se espãta,
 Vaõ com ele Alcion, Clario, & Philemo,
 Androgeo, Leostentes, & Palemo.

51.

Dos passos sahio Cyrce a companhada,
 Das que ella não deixaua ser taõ bellas,
 Qual Diana na noite sossegada,
 Rodeada passeia o Ceo de estrelas.
 A mão a Vlysses daua, que abrazada
 A alma em gloria vê, & as suas donzellas
 As daõ aos Capitaês; que aly se acharão
 E todos para os paços caminharão.

52.

Abrese a grande porta, onde ahsistiaõ
 Quatro Leoês, que prezos a guardauaõ,
 Que a Cyrce por senhora conhêciaõ,
 E passando por terra se postrauaõ:
 Outros guardados nas prizões rugião,
 E nas grades os dentes amolauaõ
 Os ferros laualis afferrolhados,
 Por encanto de Cyrce transformados.

Em

53.

Em quanto a larga escada vão sobindo,
 Os instrumentos musicos soando,
 Os leuantados tectos vão ferindo,
 De voz es varias hũa voz formando:
 Ulysses no suaue gesto lindo
 De Cyrce a alma, & olhos occupando,
 He parece que he rara marauilha,
 Mais fermosa que o Sol de que era filha.

54.

Hũa cota leonanda traz vestida
 De borboletas douro semeada,
 E de serpes de aljofar guarnecida,
 Nos golpes com diamantes apertada:
 Solta pelas espaldas, a comprida
 Madeixa do cabelo, taõ dourada,
 Que do Sol parecia hum nouo ensayo.
 O rosto hum Sol, cada cabelo hum rayo.

55.

Em seu diuino rosto a mesma idea,
 Da belleza igualada se mostraua,
 E na luz que voando amor rodea
 Contento, & lisongeiro se abrazaua:
 Se a mão, que faz a neuê escura, & fea
 Por compor o cabelo leuan taua,
 Aly se vem arder em fogo leue,
 As desiguais pyramides de neuê.

56.

Na soberana fronte altiua, & branda,
Amor tem seu poder abreuiado,
Ali temido, & adorado anda
Como num campo de belleza armado:
Esta sphaera mayor as outras manda
Cum mouimento graue, & repousado,
E abaixo deste ceo, & esta grandeza
He ar tudo o que esconde a natureza.

57.

Eraõ os olhos verdes, & senhores
De quanto vem com branda tirania,
Em seus rayos, & puros resplandores,
Aprendeo a ser bello, o bello dia:
Se co a fermosa Deosa dos amores
Se achara em Ida, quando competia
Com ella Iuno, & Pallas vencedora
Sô fora Cyrce entã, sô Deosa fora,

58.

Nestas fontes de luzes soberanas,
Que são de amor aljauas amorosas,
Fez ele agudos dardos das pestanas,
Armas sempre mortais, sempre fermosas:
Mil Cupidos com settas inhumanas
Saem destas luzes puras, & ditosas,
Que por não lhe escapar nada na terra,
Primeiro mação, que publiquem guerra.

De-

59.

Dece partindo o campo a bem tirada
 Meta de tanta graça, & gentileza,
 Ficando a cada parte a desfolhada
 Rosa, em seu puro resplendor aceza:
 Logo húa porta com robis ferrada,
 Donde abre, & fecha, com mayor belleza
 Em perlas viuas, & em palauras deouro,
 De graças immortais viuo thesouro,

60.

Destes Ceos o que acima se imagina,
 São crespos fios douro, que deitados
 A disuido da mão pura, & diuina,
 Fazem espaços de amor imaginados,
 Que em confuza belleza, & peregrina
 Enuoltos, & nos hombros espalhados
 Ondas leuantaõ, dando às liberdades
 Nas soltas ondas, soltas tempestades.

61.

Ve se no rosto, & peito cristalino
 Secreta fermosura, que escondida
 Daua por arte ao corpo peregrino
 Outra graça mayor não aprendida:
 Em seus membros o espirito diuino
 Com alma viua em cada parte vnida
 Resplandece, & na fala graciosa
 Mostra, que era por graça mais fermosa.

Ambos entrando vão nas regias cazas
Ornadas de ouro, & sedas mais custosas,
Onde Cupidos com lasciuas azas
Não tem voando as settas ociosas:
Queimão no mais secreto ardentes bra-
Aromaticas massas, & cheirosas, (zas
E hũ dos Cupidos, que nesta obra enten-
As azas bate, com que o fogo acẽde. (de,

Detinha Cyrce os olhos na brandura
Do Grego capitão & assi notaua
O eloquente falar, & a compostura,
Que de Hybla os doces fauos igualaua:
O encanto acha sem força, & mal segura
A magica sciencia, de que vsaua
Que a todos os que tras na companhia
Do anel a grande força defendia.

Tudo Vlysses consigo considera,
Eco a vista á Creonte anda buscando,
Dissimula o que sente, hũ pouco espera,
Por ele aos que o cercauão pregũtando:
E porque a causa disto vè qual era,
Na bella Cyrce a vista sossegando,
Mudada hũ pouco a cor, pezado, & graue
Lhe falla com affeito, & voz suaue.

Quando

65.

Quando fermosa Cyrce destroçado
 Tomo este porto, que he por vós famoso
 Não he rezão que o brando gasalhado
 Se troque em fingimento cauteloso,
 As moltras desse rosto dilicado
 Mayor encanto saõ, & mais forçoso,
 Que obriga àmaruos pelo ver tam bello
 E sempre padecer, & sempre velo.

66.

Desta doce, & amorosa tirania
 Já obrigado, & preso me confesso,
 Liberdade a prisaõ propria seria,
 Quando a causa do mal tem tanto preço:
 Obrigado de amor, & cortezia,
 Que em vosso real animo conheço;
 Folgara bella Cyrce não ouuelle
 Coufa, que esta alegria escurecesse.

67.

E para que sossegue o pensamento
 Da gente, que me segue mal segura,
 Que teme este fauor, & acolhimento,
 Como se fora guerra aspera, & dura;
 Nos prometei com graue juramento,
 Fermosa Cyrce, pela estige escura,
 De não vsar de força, ou caracteres
 Em que trasluzão magicos poderes.

Naõ vio o verde prado assi abrazada
A papoula gentil, e vergonhosa,
Nem de seu verde carcere afrontada
Sair fugindo a pudibunda rosa:
Quando a menham serena, & destoucada
Entre a capa das nuueis mais fermosa
Passa embuçada, que fugir deseja
Antes que nua, seu amante a veja.

Como Cyrce escreueo no bello gesto
Com roxas letras, o que na alma auia,
Vendose o claro engano manifesto,
Que em suas faces bello se fazia:
Assi com puro affecto, & modo honesto,
Porque dar gosto a Vlysses pertendia,
Em tudo o que lhe pede o seguraua,
E pelo lago estigio lhe juraua.

Para hum jardim entrauaõ passeando,
Onde das varias flores a pintura
No ar suaues cheiros exhalando,
Agradece de Cyrce a fermosura:
A os Capitaes da mão hiaõ tomando
As damas com effeitos de brandura
Egiale, Ericia, Emilia Alpheia,
Dimantes, Aglonice, & Panopea,

71.

Estauão nas paredes engastadas
 Estatuas exœlentes, de grandeza
 Excessiua, em estremo bem lauradas,
 Que o natural excedem na viueza:
 De altos varões, que faraõ nas passadas
 Idades, & a presente estima, & preza,
 Que de exquisitos marmores de Paro
 Brias laurou, & Calicrates raro.

72.

Os vafios espaços occupauão
 Os Citreos troncos, verdes, & pregados,
 Que gratos à cultura se mostrauão,
 De seus dourados pomos carregados:
 As ruas de colunas se adornauão
 A que os fruitos cobriaõ pendurados
 De Thianeu, alegres, & suaues
 Regalo eterno das lasciuas aues.

73.

Noutra parte o jardim se ve partido,
 Que húa fina alcatifa representa,
 De que a fermosa Chloris, & o marido
 De ser seu jardineiro se contenta:
 De perpetuo veraõ fauo recido (ta
 Nouo hymeto, que quando o sol aquen-
 O Caõ celeste, & fere o agudo inuerno,
 Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

74.

Zefiro alegre, & brando, com lasciuas
 Penas menea as flores, que bolindo
 Ambar exhalaõ serpes fugitiuas
 De christal, entre as eruas vaõ fugindo:
 Das viuas pedras, saltão gotas viuas
 De rocio suauissimo cobrindo
 O prado, ambrosia o verde bosque espira
 Retrato na liquida çafira.

75.

Aqui a sabia, & meltra natureza
 Por hũa lei igual, por certo fio,
 Não muda o verdé rosto, & a belleza,
 No Inuerno, Primavera Outono, Estio:
 Tempera o frio, a calma mais a ceza,
 Ella abranda o rigor do inuerno frio,
 Que se abraçãõ com laço sempiterno,
 Estio, Outono, Primavera, Inuerno.

76.

Com verdes pavelhões antros suaues
 Vestem frescas estancias, onde ao vento
 Espalhão queixas namoradas aues,
 Enchendo o ar de seu canoro alento:
 Grutas muçcosas, onde as horas graues,
 Do sol regala hum brando mouimento
 Ruas de verdes mirthos enredados,
 Para impedir o sol das mãos tomados.

Por

77.

Por entre elles estatuas christalinas (za,
 Se mostrão com decoro, & com grande-
 Penhas aonde se vem neues alpinas,
 Que desmentem as leis da natureza:
 De plantas verdes, & de cores finas
 Bellos theatros tem a vista preza,
 Onde o nectar da Aurora vaõ libando
 Sollicitas abelhas susurrando.

78.

Ali Clicie formosa, & o iacinto.
 Se vê, que com flagrancia o ur inflama,
 O Achanto, & Amàraco, que extinto
 De seus aromas o vapor derrama:
 E o filho de Cinara em sangue tinto,
 Que a fermosa Acidalia adora, & ama,
 E o puro carmizim da rosa fina,
 Emprestado das plantas de Erycina.

79.

No meyo do jardim de Apollo estaua
 Hũa estatua de porfido luzente,
 Que as de Soltrato, & Scopos afrontaua,
 Sobre Oeçton que respira fogo ardente;
 Com rayos de christal puro imitaua
 Os do sol mais fermoso, & refulgente,
 Que ali não tinha occaso, & parecia
 Querer fazer eterno, o mortal dia.

Ay

80.

Aly por urnas, de cristal brotando,
Os tanques enche a cristalina fonte,
Que estaõ nos fortes braços sustentando
Satyros de metal, de crespa fronte:
Este piqueno mar andaõ cortando
Os que a morte choraraõ de Phaetonte,
A quem do Sol, que na agua reberbera,
Guardaõ co a sombra as filhas de Neera.

81.

Este quadro fermoso assi adornado,
Em mil formas de fontes se partia,
Donde o cristal caindo destilado
Por ricas serpes de metal corria:
De conchas exquisitas variado,
Que o Sol nos mares indianos cria,
Vencendo a limpidissima Pirene,
A famosa Libetro, & Hypocrene.

82.

Entre os bosques se via a filha chara
De Peneo, dando ao mesmo sol ardores
Eo moço Phrygio, que a Cibelle amara,
Quando o primeiro amor troca em furo-
res:

De Tisbe a planta que já a cor mudara
Que sepre he triste o fruto dos amores,
Lotis mudado em tronco o corpo bello,
Em verdes folhas, o ouro do cabelo.

83.

O roble mais antigo, do ar tocadas
 As folhas verdes, como lingoas, moue,
 Que á Alcides deu coroas celebradas,
 E a testa ornou do soberano Ioue:
 Que os estios venceo, & as indomadas
 Iras do Inuerno, quando toa, & choue,
 Com fruto cuja rustica aspereza
 Dos primeiros Heroes honrou ameza.

84.

A fruita já caduca a verde, & a dura,
 No proprio, & adoptiuo ramo cresce,
 Que sem necessidade da cultura
 A planta fruto, & flores offerece:
 Na idade verde do anno, & na madura,
 Tudo igual frutifica, igual floresce,
 Vides opprimem os olmos abraçadas,
 Verdes maridos, com que estão caídas.

85.

Plantas estereis pelo ar se estendem, (do,
 Que dão por fruto sombra ao fresco pra-
 Cõ que às eruas os rayos pouco offendẽ,
 De que os montes enfeita o Sol dourado:
 Doutras os fruitos já maduros pendem
 No ramo com seus pomos encuruado,
 Tudo offerece singular tributo,
 Prado erua, erua flores, plantas fruto.

Aly

86.

Aly a imperial aue didicada
A Iupiter nas azas se leuanta,
Sem della aue menor ser infestada,
Que hũa segura voa, & outra canta:
A que no Indico Ceo, mais variada
Na vam gloria das penas se adianta
Naõ perturba esta paz, que naõ altera
Mor fera, ou aue, a menor aue, ou fera.

87.

Entre as matas rugia o valeroso
Leão, em suas garras arrogante,
Mil animais de gesto temeroso
Na pelle varios, varios no semblante:
Tudo o que esconde fero, & monstruoso
O grande Nilo, & o soberbo Atlante
Aqui lugar, & assento achaõ suaue
As plantas todas, toda a fera, ou aue.

88.

O dia alegre em danças vaõ passando
Com ditos, & suauissimos amores,
Aos Capitaes as damas escutando
Encarecidas queixas, viuas dores:
Doces repostas recebendo, & dando,
Esperando gozar noites melhores.
Ja se viaõ as copas leuantadas,
Dos Athalicos vasos carregadas.

Grandes

89.

Grandes vasos de prata se ostentauão
 Que a arte prolixa dibuxando esteue,
 Que nos concavos ventres se mostrauão
 De licor cheos espumoso, & leue:
 As hydrias de cristal se sepultauão
 No frio ceyo da gelada neuê.
 E'o liquido robi, puro, encendido.
 Se congela nas urnas escondido.

90.

Preparase a soberba, & regia meza,
 Onde cobrem de orualho os brãdos ares
 Fontes, que os refrescauão com pureza,
 Despertando o apetite dos manjares:
 Tudo quanto no mundo mais se preza,
 Que a terra propria dà, & alheos mares
 Aly junto se vê, donde aflistião
 Cem pulidos ministros que seruião.

91.

Varias mezas os prados occupauão,
 Onde os Gregos mais fortes, & luzidos
 Por igual ordem todos se assentauão,
 Por praticos ministros conduzidos:
 Aos capitaês, lugares finalauão
 Em seus postos, & assentos diuididos,
 Em todos igualmente he festejado
 O que na coxa foy do pay criado.

Soão

92.

Soão os instrumentos, & as suaues, (ua,
Frautas, que o grand Hypomacho toca-
De accentos hora agudos, & hora graues
Concertada armonia se formaua:
Leuaólhe o alto contraponto as aues,
Que tudo em ser alegre conformaua,
Tendo principio as mesas & conuite
Entrádo o Sol nos braços de Amphitrite.

93.

Dous assentos reais tem occupados
A bella Cyrce, & o Capitão valente,
De ouro mais puro, & fino marchetados:
Sobre a materia do indiano dente:
Carregauão manjares delicados
A meza, & Vlyffes, que ferida sente
A alma, com ver a Cyrce se contente,
Que amor sò pelos olhos se alimenta.

94.

Cyrce a taça fermosa, & coroada
Toma na bella mão, com que prouoca
A Vlyffes de sua boca, já libada,
E a branca cor enuergonhada troca:
Ele na parte donde foy tocada,
Adorando os vestigios de tal boca,
A sua applica ao vaso, & sente logo
De amor, & Bacho o duplicado fogo.

Clinias

95.

Clinias nãs mãos tomava o instrumento,
 Canta historias de amor com voz suaue ;
 Como os Deoses do Ethereo firmamento
 Sentem brando o seu jugo duro, & graue:
 Como he no mundo Amor quinto ele-
 mento,

Que tem dos gostos huã, & outra chaue ;
 Que he puro effeito dalma, que mais
 Para se conseruar a natureza. (preza

96.

Canta da bella Cinthia, que ferida
 De amor, em seu suaue fogo ardera,
 Quando ao pastor de Latmo agradecida
 Pelo gozar deixara a propria Sphera:
 De Caliopea canta, que rendida
 De Apollo às leis de amor obedecera:
 Canta da filha de Inacho, que os largos
 Campos pascera por industria de Argos.

97.

Que de Peneo a filha celebrada
 Seguiu junto de Amphrifo Apollo louro
 Que trocou Ioue a alteza sublimada
 Por Asterie, & Europa em aguia, & touro:
 Que de Danae na torre mal guardada,
 Ele foi preço em brando orualho de ouro
 Que de amor mitigando a graue pena
 Rendeo em cysne a Leda, em fogo Almena

Outras historias canta, & canta a quella
Do forte Capitão, que do opportuno
Cheiro da pura flor, flagrante, & bella
Foy concedido da fermosa Juno:
Prezo com Venus, que he do mar estrela,
Nascida das escamas de Neptuno,
Quando se formou nele o corpo bello
Das partes, que cortou Saturno a Cello.

Ià os ministros tinhaõ leuantado
De regia meza a cobertura fina,
E sobre os aureos pratos destilado
Rios de agoa cheirosa, & cristalina:
E tendo Cyrce as bellas mãos lauado,
Que escureciãõ toda a neve alpina,
Sobre a meza voaua a olanda leue,
Para nella enxugar dedos de neve.





ARGUMENTO
DO SEGUNDO
CANTO.

A *Cyrce conta Vlysses, que de Helena
Se despedira em Tenedo, & que vira
Dos Cycones a costa a Grega antena,
E dos ventos em Cyro a mayor ira:
Como a Proteo abraçou, & a graue pena
Dos vaticinios grandes, que lhe ouuira;
Como o veyo auisar que passe auante
A soberana filha àe Thaumante.*

I.

E M tanto Cynthia a legre, & luminosa
As pontas de luz cheas ajuntaua
Na altiva testa, com que mais fermosa
O ar, a sombra, as nuens prateaua:
Do ceo o eterno campo vagarosa
Cos nocturnos cauallos passeaua.
Linhas de fogo pello ar se viaõ
Das lucidas estrelas que cahiaõ.

2.

PedelheCyrce então que lhe contasse
Seustrabalhos,tão dignos.de alta historia
E os mares que sulcara,perque achasse
O gosto de os passar pela memoria:
Posto que muito Vlisses duuidaste
Tratar de seu louuor,& própria gloria,
A Cyrce obedeceo,& em modo graue,
Ouuindo todos,diz com voz suaue.

3.

Arde a Neptunia Troya, já rendida
Ao cauallo fatal,& grega espada; (tida;
Em finza,em fumo,em sombra conuer-
Que a gloria humana he fumo, he som-
bra, he nada:

Ià tratauão os Gregos da partida,
Carregando o despojo a grande armada:
E entre taõ rica,& soberana preza,
Era a fermosa Helena a mör riqueza.

4.

Ià co a causa, & desculpa do Troyano
Excidio, que na cinza inda fumaua,
Soltando a redea às naos,'o soberano
Agamenon as anchoras leuaua:
Da negra antena despregando o pano,
Que indo prenhe do vento que sopraua,
O porto deixa, o alto mar cortando,
Vãose as prayas,& os montes afastando.

5.

O destroço fatal de Troya vião (uão,
 Das naos, que o Hellesponto atraueſſa-
 Os Gregos, quando a viſta ſuspendiãõ
 Nas terras, que já apenas diuiſauãõ.
 Sò nas partes mais altas pareciãõ
 Huns veſtigios das torres que ficauãõ,
 Adonde a viſta o mais que determina,
 He medir a grandeza co a ruina.

6.

Amphiteatros, machinas, & muros,
 Pyramides, Coloffos leuantados,
 Obeliſcos, que moſtrãõ eſtar ſegurós
 Contra a força dos tempos, & dos fados:
 Iazem ſem fama, em cinza vil, eſcuros
 Das idades por fabula poſtrados; (parte,
 Que o tempo os bronzes, & as colunas
 E os poderes da morte iguala Marte.

7.

De bandeiras, & flamulas ornarãõ
 A victoriosa armada, que partia;
 E as proas para Tenedo inclinarãõ,
 Que hum boſque ſobre as ondas parecia;
 Que ali vão deſpedirſe concertarãõ,
 Onde a anchora pezada o ſal feria,
 Sobre ella, quando o fere, ſe dilata
 O mar azul, em circulos de prata.

Ambos

8.

Ambos de Atreu os filhos valerosos.

(Antes que hum vâ a Esparta, outro a Mí-
Queriaõ despedirse, desejosos (flena)

Que ali possa alegrar se a bella Helena:

Com eles sae ao câpo, & os seus fermosos

Olhos, de que reparte gloria, & pena,

Amor, que a saltar deles aprende,

Pelo flórido campo & praya estende.

9.

De vela o mesmo ceo se namorava,

E o ar no do seu rosto se acendia. (ua)

O mar, quando ella as conchas lhe furta-

Parece que a beijar lhe os pès corria.

Quem as diuinas graças, que mostrava

Contar quizer; mais facil lhe seria

Contar as flores do lasciuo mayo,

E do sol os cabelos rayo a rayo:

10.

Pela testa sem ordem desparzido

Solto o cabelo voa liure mente,

Onde sae a queixar se de opprimido

De hũa cinta de pedras refulgente.

No hombro soa o arco do brunido

Marfil, no lado a aljaua està pendente:

Com menos graça ao bosque entrar co-

stuma.

Abella Deosa, que nasceo da escuma.

II.

Dehúaceda fútil, de ouro laurada,
 Tra composta a nobre vestidura,
 Queo pé descobre da aura meneada,
 Para beijalo lisongeira, & pura.
 No peito, collo, & face dillicada
 Que as armas são da propria fermofura)
 Mostra amor querer dar mortes mais cru-
 pois leua da belleza as armas nuas. (as

12.

Das orelhas as perlas do Oriente,
 igualmente pendendo, carregauão,
 Circulos de ouro puro, & excellente,
 Mòr graça recebendo, do que dauão.
 Da barbara cadea refulgente,
 Cahindo ao ceyo, as voltas se enredauão
 Bellezas estuãdas com descudo,
 Da cuidadofa mão inculto estudo.

13.

Quando no ceo da altiua fronte abria
 Hum, & outro Sol, na luz que derramaua
 O campo todo, todo o ar ardia,
 Que a tudo daua ser, tudo animaua.
 Acada passo seu, hum ceo mouia.
 Acada rayo seu, hum Sol mostraua.
 Acada olhar abria hum paraizo,
 e hum coração feria, a cada rizo.

14.

O vento o seu cabelo ondado, & louro,
 Como ladrão sutil traz derramado,
 Com quem baixo metal ficava o ouro,
 Que parece co mesmo Sol dourado.
 Amor metendo a mão neste thezouro,
 Hum fio lhe roubou, & tem mudado
 A corda ao arco seu, & fez as pretas
 Sobrancelhas o arco, a vista settas.

15.

Porque o ar não na offenda, poem reparo
 Ao rosto cum fendal, com que se cobre,
 Que das glorias que escõde pouco auaro
 Mais sede faz de ver o que se encobre:
 Como o Sol dantre nuues menos claro,
 Faz que a força dos rayos se lhe dobre;
 Tal dum fendal finissimo vestida
 Vio Cytherea o Pastor phrigio em Ida.

16.

Esta era Helena, & se dizer vos posso
 De sua grão belleza o que mais sinto,
 Vòs sois retrato seu, ou ella o vosso, (to:
 Que de vòs tomo as cores com que a pin-
 No ar, na mesma graça, adonde o moço
 Cego faz intricado laberinto,
 Entre mil impossiueis do desejo,
 Imaginando estou que em vòs a vejo.

Ali

17.

Ali fizemos larga despedida,
 E as anchoras pezadas leuantando
 As naos postas a ponto de partida
 Vão as concauas azas, despregando.
 Ao vento damos esperança, & vida,
 Com alutados remos apartando
 As ondas, dando Eolo no caminho
 Força ao cançado lenho, vida ao linho.

18.

Voão as leues naos, que o tormentoso
 Golfo já do Helleponto diuidião:
 Da costa de Asia abrindo o feyo vndo so,
 A prolixa via gem profeguião:
 Te onde Tanais dece pressuroso
 E nas do mar suas ondas se metião,
 Que de afrontado de huã, & outra terra:
 Ali do ponto Euxino as portas ferra.

19.

Neste golfo, que honrou o atreuimento
 Do ousado Phrixo, & Helle naufragante,
 Vencendo no carneiro o falso argento,
 Quando à esposa fugião de Atamante:
 Dos Cycones à costa o bravo vento
 Nos arroja, que estaua mui distante,
 Que co as armas nas mãos nos receberão,
 E as naos cançadas abraçar quiserão.

Logo deixei o porto, que tomara,
 Donde partindo a vida ao vento entregue
 A fertil Lemnos, por seu nome clara,
 Grande officina de Vulcano chego:
 E aos Reynos de Toante, onde a preclara
 Hypsiphyle a seu pay caduco, & cego
 Das populares furias defendera,
 Pagando em dar a vida, a quem lha dera.

Vendo a inimiga Venus das ferradas,
 Proas as crespas ondas diuididas,
 E o mar todo cuberto das armadas,
 Que leuaõ os fortissimos Atridas,
 De taõ rico despojo carregadas,
 Dos fados, & do ceo fauorecidas,
 Sobre a mão poz a face, & a viua magoa:
 Lhe encheo a alma de fogo, os olhos da

Muitas cousas na mente reuoluia,
 E partindo em seu carro acelerado,
 Tomou da Ilha Eolia a incerta via,
 Onde Hypotes tem seu gafalhado:
 Ali a tempestade solta, & fria,
 E o indomito vento està domado,
 Que humilde a natural ferocidade
 De seu Rey treme, & adora a magestade.

23.

Aqui aos ventos guarda em prisaõ dura,
 Donde sahida buscaõ com violencia,
 Prouando, por sahir da coua escura,
 Das grandes forcas a vltima potencia.
 Os grilhoes de diamante, & a mais segura
 Cadea he fraca, & debil resistencia,
 Furias do mundo saõ, que Eolo encerra,
 Sò para deuaftar o mar, & a terra.

24.

A Eolo, que em parte alta, & subida
 Tem com graõ magestade o claro assento
 A bella Deosa (que no mar nascida
 Conuerte em fogo o humido elemento)
 Humilde falla; O Rey, cuja temida
 Força pode enfrear o brauo vento:
 Grande senhor, cujas grandesas callo.
 Que o mar podés turbar, & fosse gallo.

25.

Do mar Egeo, as ondas vai cortando
 Com sua armada Vlysses cauteloso,
 Que enganosa, & fingida paz mostrando
 De Troya o Ilyon abrazou famoso:
 Leua os vencidos deoses, & buscando
 Ithaca, tam soberbo, & poderoso
 Se mostra, que se algum caminho achara,
 Até o sagrado Olympo conquistara.

C. 2

Estes

Este inimigo meu o mar sustenta,
E pois he justa a queixa, em que me fundo
Solta, Rey poderoso, hũa tormenta,
Que a seus atomos torne o antigo mudo;
Que a descuidada armada com violenta
Força destroce, & meta no profundo:
A donde pague seu furor, & infania
O abrazador dos muros de Dardania.

Assi Ericina lagrimosa, & triste
Ante o filho de Acasta se prostrava.
Ele a toma nos braços, & resiste
A cortezia, que com ele vzaava.
Muito mais, que no pouco que pediste,
Deosa excellente (Eolo replicaava)
Te mostrarei as forças de hum desejo.
A que me obriga o menos que em ti vejo.

A tua justa dor, que a tudo excede,
A que sò excede a tua fermosura,
Tudo minha vontade lhe concede,
Que acertar em teu gosto sò procura.
Nada pòde negar quem já te pede,
Que soltes desles rayos a luz pura,
Ou os escondas, que essa claridade
Farà mansa, & serena a tempestade.

29.

A graue porta da soberba ferra
 Tremeo no duro bronze, que gemia:
 Os ventos logo, que a cauerna encerra,
 Rebentão da prisão escura, & fria:
 Juntos em esquadrão com dura guerra,
 Bramindo os campos cada qual varria:
 Ao mar se arroção, & vêse num momento
 Nas ondas o alterado mouimento.

30.

Do vndoso leito, donde repousaua
 O mar, moue as areas do mais fundo,
 Que feruendo nas ondas leuantaua,
 As entranhas abrindo do profundo:
 Com Boreas, Austro, a hum tempo se en-
 cõ-traua,

Como que querem destruir o mundo:
 Tremeo co a força do soberbo Eolo,
 O ceo nos eixos dum, & doutro Polo.

31.

De pezados chuueiros carregando
 As nuuês voadoras impelidas,
 A agoa, como sangue, vão botando,
 Da larga espada de Orion feridas:
 Pelas nuuês os peixes vão cortando:
 Nadaõ no mar as aues atreuidas,
 Que achão, fugindo, nos pezados ares:
 Vnido o mar co ceo, & o ceo cos mares.

32.

Sem presagios alguns acometendo,
O vento, o mar ergueo, onde começa
Huã soberba luta, parecendo
Que as estrelas tocamos coa cabeça:
Pelo conués entrando o mar horrendo
Os duros marinheiros arremeça,
E as aruores, & as vellas com violento
Furor rompe bramando o negro vento.

33.

Toando o ceo ós animos quebranta
O brado dos trouões, & em quanto dura
Na confusão. & horror, que o mundo es-
Afria morte a todos se afigura: (panta,
A nuuem carregada o mar leuanta,
Com que toldaua o ar de sombra escura,
A espaços do alto fuzilar se via
O fogo, que até as ondas acendia.

34.

Iã os miseros nautas opprimidos,
Sem poder resistir, se lamentauão:
Porem os gritos, vozes, & gemidos,
Os ventos pelo ar despedaçaão:
Huns se vião no centro somergidos
Onde as ondas cahindo os sepultauão.
E outros se vem subidos às estrelas,
Presumindo co as mãos pegarse nellas.

Coa

35.

Co a proa a Capitaina leuantada,
 Que huã torre com azas representa,
 Correndo vae, das ondas contrastada,
 E co a grandeza faz môr a tormenta: (da,
 Num bordo, & noutro inclina de afrôta-
 Não obedece ao leme, & mal sustenta
 Do mar o graue pezo, que batendo
 A nao por muitas partes, vae bebendo.

36.

A aruore mayor do irado vento
 Impelida se rompe; onde cahindo
 Das ondas arrojada, com violento
 Golpe, o debil costado vae ferindo:
 Toda a gente se via num momento
 Com varios instrumentos acodindo:
 E a confusão da nao, & mar mostraua
 Que tudo a seu primeiro chaos tornaua.

37.

Logo a cansada nao vae alijando,
 Co a força da tormenta embrauecida
 As mais graues riquezas, que nadando
 As ondas damos, porque escape a vida:
 Entre o granizo fero o ceo toando,
 Rayos caem por carreira retorcida,
 E como que de nòs o ceo se ria
 Todo de hum Polo ao outro esclarecia.

38.

Sahindo o mar do natural limite
Tinha o ceo por mil partes rociado,
E o Caõ celeste as agoas de Amphitrite
Tem co a lingua ardentissima goitado:
As Vrsas em seu Polo se permite
Que se possaõ lauar no mar salgado,
E subindo Neptuno à mòr altura,
Ondas introduzir no ceo procura.

39.

Eu entam co pavor, & frio medo,
Que estes cansados membros congelara,
Dizia, quanto mais contente, & ledo
Fora, se já esta vida se acabara:
Atalha a morte os males se vem cedo,
Que neste vltimo mal todo outro para;
Naõ morrera mil vezes desta sorte,
Tendo para hũa vida hũa sò morte.

40.

Isto dizendo Boreas arrogante
Lançando nuues, fogos & bramidos,
Vem empolando o mar, & traz diante
Montes de agoa, dos sopros impelidos.
A esphera superior quasi nutante
Se admira em ver que os ventos atreuidos
Mostrão batendo os procellosos mares,
Querer levar a terra pelos ares.

A grande

41.

A grande nao, que Alcino governaua,
 Em Creta fabricada, não podendo
 As ondas rezistir, com que lutaua,
 D'lado abrindo, os mares vae bebendo:
 A de Philon o centro & ceo tocaua,
 Que sem leme, & sem aruores correndo,
 Caen os braços do vento, & da tormenta,
 Nas rochas, aonde em flor o mar rebenta.

42.

Rotas as vellas, & aruores rendidas
 Vendo que o mar engrossa, os ventos cre-
 As outras naos às ondas atreuidas (cem,
 Cùm a piquena vella se offerecem,
 As mais da companhia diuididas
 Raras, por entre as ondas apparecem,
 Nas mãos do vento, de Orion armado,
 De horror, & negras sombras carregado.

43.

Vendo Iuno dos ventos a braueza,
 Que as naos rendidas leua, & desgarradas
 Os naufragios, as mortes, & a riqueza
 De Troya entregue às ondas empoladas,
 Dece ao grande Neptuno com presteza,
 (Dizendo) acode Rey às mal tratadas
 Naos, primeiro que o vento poderoso
 Lhe de (se não deu já) fim lastimoso.

44.

Se Vlyffes, & Agamenon abraçarão
 A Troya, alto decreto foy diuino,
 Que as Gregas armas nella executarão,
 Quemal pode estrouar-se o que he distincto
 Com que ordê os duros vêtos leuantarão
 Em terras todo Reyno Neptunino?
 Pois por Venus sem outro fundamento
 Solta Eolo as prisões ao brauo vento.

45.

Para my o teu rogo, o teu mandado,
 (Neptuno lhe tornaua) he ley segura,
 O vento cesse, & a teus pès poltrado
 Victoriosa lhe opprime a Ceruis dura,
 Que ainda que de Vlyffes enojado,
 Por ty me esquecetudo, ò Deosa pura
 E affas de pouco faz quem te obedece
 Quando te vê, se tudo o mais lhe esquece.

46.

Agora o mar se abrande, isto dizendo,
 Sobe no carro azul, que vão tirando
 Escamosos cauallos, que vertendo
 Hiaõ fogo da vista, o mar cortando,
 As ondas amarissimas bebendo,
 Que sobre ellas em arco vão botando,
 Neptuno a noua colera os incita,
 Soa o açoute, & aos cauallos grita.

Sobre

47.

Sobre as ondas mais altas se leuanta
 O carro, que seu pezo reconhece,
 Vibra o largo Tridente, o vento espanta,
 Quando o mais indinado se embrauece,
 Solta a medonha voz com furia tanta,
 Que no mais fundo Thetis estremece,
 Que o som da voz, & a força do tridente
 Amanfa o vento, & os mares juntamente.

48.

Da barba prenhe de vmido rocio,
 Que sobre o pardo peito descansaua,
 O liquido cristal correndo em fio (ua.
 Lauando os membros nus, ao mar torna-
 Iã se humilha de medo o vento frio,
 E a os pès por thos beijar se debruçaua,
 Da crespa fronte voa em si reuolto
 O molhado cabelo, ao vento solto.

49.

Fogem do ar as nuues num momento,
 Sereno o mar se mostra, o Deos irado
 Voltando o rosto diz ao brauo vento,
 Que rendido a seus pès està prostrado:
 Onde se vio tamanho atreuimento,
 Que estou? porem sossegue-se o alterado
 Mouimento das ondas, & prometo, (to.
 Que eu o emmende, estando o mar quie-

50.

Dizei ao vosso Rey, que ele dos ares
 As furias moua, & tempestade fria, (res
 Arranque os mores montes, que dos ma-
 Sò eu tenho a profunda monarchia,
 Occupe suas cauernas, & lugares,
 Onde nunca chegou a luz do dia,
 Là tenha seu imperio preminente,
 Que o mar sò reconhece o meu Tridente.

51.

Disse, & o carro velox atraueſſa ua
 Sobre o vndoso campo, que cobrindo
 De branca escuma vae, quando passaua
 A leue roda, alto caminho abrindo:
 là para acompanhalo se ajuntaua
 Copia dos Deoses humidos, sabindo
 Do mais fundo do mar, onde habitauaõ,
 Que em cauallos maritimos cortauaõ.

52.

Deixaõ das ondas o ceruleo claustro
 Os Cidadões do mar, & as excelentes
 Nymphas sabindo no soberbo plaustro,
 Na agoa accendēdo vaõ chamas ardentes,
 Deixa seu brio, & grandes forças austro,
 Africo, & Noto, sendo taõ valentes,
 Toda a ira depoem, & os negros ares
 Apartaõ, sossegando os groslos mares.

Qual

53.

(me,

Qual de húa negra Phoca o dorso oppri-
 Que no liquido campo governaua, (lime
 Qual num monstro distorme, alto, & sub
 Abre o puro cristal, que se humilhaua:
 Qual sobre hum lobo fae, & a lança esgri.
 Do coral, que com o ar se congelaua, (me
 Qual pelas crespas ondas que atraueſſa,
 O cauallo maritimo arremessa.

54.

Vem num Ceto disforme com canino
 Aspeito o velho Glaucó, & de Atamante
 Palemo filho, & da fermosa Ino
 Nadando num Delphim, vinha diante:
 O bulio toca retorcido, & fino
 O filho de Salacia, & a prestante
 Thetis faz sobre o mar doce Choreia,
 Com Symodoce, Spio, & Panopea.

55.

Phorcis pay de Medusa tambem veo,
 Com seu copioso exercito nadando:
 Forma humana tomou o grão Proteo,
 E das Phocas o segue o immundo bando:
 Fere a liquida prata o grão Nereo,
 A redea diamantina governando,
 Com que modera a verdinegra boca
 Duma arrogante, & prodigiosa Phoca,

Qula

56.

Qual valeroso Capitão, que tendo
Alcançada victoria gloriosa,
No campo fica alegre, recolhendo
Despojos da batalha fanguinosa:
E as tubas, que prouocão Marte borrendo
Leua diante em pompa sumptuosa;
Afsi dos seus Neptuno a companhado
Victorioso passeia o mar salgado.

57.

Como isto entendeo Phebo, com luz brã-
O diaphano ar alegre enchia: (da
Fogem do ceo as nuues a outra banda,
E o Norte frio o largo ceo varria:
Riãosse as ondas, todo o mar se abrandá,
E em prisão dura logo recolhia
O grande Eolo os alterados ventos,
Concertão paz segura os elementos.

58.

Nas brancas azas colhe alegremente
O fauorael vento o solto pano,
Quando já de Climene o filho ardente
Morre, abrazando as aguas do Occeano:
A noite foge, a mal tratada gente
Do trabalho passado, em doce engano,
Pelo conuès o pezo suspendia,
Do cuidado, & cansada fantasia.

A toucá-

59.

touca, que de nuues fez delgada,
 As ondas lava a Aurora fugitiua,
 a agoa em puras gotas congelada
 Recebe a concha sobre o mar lasciua:
 Que dentro della em perolas formada
 Sa para honrar a testa mais altiua,
 Que enriquece a Neptuno, e ceo namora
 Pura neta do Sol, filha da Aurora.

60.

Vemos, rompendo o Sol, estar de fronte
 A grande Ilha de Scyro, onde alterado
 Neptuno, os cornos de cerulea fronte
 Quebrando se retira de afrontado;
 Donde as nuues assalta hum grande mon
 A quem, a seu pezar, tinha tomado (te;
 Thetis tamanha parte de seu centro,
 Que espalha as ondas com silencio dētro.

61.

Para hũa parte a leuantada serra, (tiua,
 Onde humilhaua hum pouco a fronte al.
 Hũa alegre enceada dentro encerra,
 De assentos rodeada, em pedra viua;
 Onde hũa, & outra fonte a fresca terra
 Cruza em serpes de vidro, & se diriua,
 Que offendida das pedras, que tocaua,
 Com espumosas bocas murmuraua.

Aqui

Aqui das Nymphas era usado assento,
Que aqueles frescos bosques habitauão;
E ali seguras do inquieto vento
As naos se recolhiaõ, & ancorauaõ:
Sem dos mares sentir o mouimento
Dormindo sobre as anchoras passauão,
Aqui solta, chegãdo hum, & outro pinho
Vnhas de ferro, encolhe azas de linho.

Sae a gente afligida, & destrozada,
Bebe das fontes a copiosa vea,
A terra beija, & deitase cançada,
Por descansar na mole, & branda areia:
Ferio Alcipo a pedra congelada,
Inuenção de Pirode, & o fogo atea,
Ao lume fecas folhas chega, & logo
No arido alimento crece o fogo.

Contentes se enxugauão nas amigas
Flamas, vencido já o mortal perigo:
Apprendendo das prouidas formigas,
Tirão para enxugar o mole trigo.
Em quanto nestas asperas fadigas
Se occupauaõ os mais, eu sò comigo,
Entrãdo num profundo sentimento,
Falaua, & respondia ao pensamento:

65.

Pelas ondas os olhos alongando,
 Nellas os companheiros mortos via,
 Que o grosso rolo da agua vem botando
 Pela deferta praya, humida, & fria.
 Ao monte alto subia, imaginando
 Que de mais longe o mar descobriria,
 E co a alma nos olhos corro os mares,
 Sem o peso os deter de meus pezares.

66.

Crendo que as naos ao longe diuifaua,
 Aluorçado deço do alte monte,
 Quando já à tarde fria o Sol pintaua,
 Bordando de ouro as nuues do Orizonte.
 Creonte, que eu comigo então leuaua,
 Hum rebanho de vacas vè defronte
 Andar pascendo, & logo desuiados
 Em bandos os cornigeros veados.

67.

Cautamente se chega, o espaço mede,
 Junta as pontas do arco, & facudindo
 A corda, fae veloz, que o vento excede,
 A mortal setta, o ar delgado a brindo:
 Chega onde a vista aponta, & mata a sede
 No sangue de hum graõ touro, que cahin
 Desanimado morde a terra & solta (do
 A alma robusta em negro sangue enuolta

Eu

68.

Eu logo à praya deço, & ali chegados
Os nauios, que aos mares escaparão,
Na terra anhoras prêdem, que soldados
Da proa com destreza ao mar lançarão:
Entre a furia dos ventos alterados
Ao longe apenas dous se diuizarão,
Que quádo mais de perto os descobrimos
Perecer juntos entre as ondas vimos.

69.

Os casos da fortuna mais temidos,
(Lhes digo) vence sò quem a despreza,
Que dos lugares altos, & subidos
Todo o caminho he cheo de aspereza:
Dos trabalhos passados, & vencidos
Se alegra o forte, que de os ter se preza,
Que o perigo mais aspero, & mais graue
A passada lembrança o faz suaue.

70.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso
Da futura alegria dà esperança:
Passado o tempo triste, & procelloso
Asvellas enche a prospera bonança,
Refaçamos a armada, & com piadoso
Affeito aos corpos, que na praya lança
O mar, demos sepulchro eterno, & breue,
Que cos mortes piedade vzar se deue.

Logo

71.

Logo sem vida caem os leuantados
 reixos nos altos montes, & as sagradas
 almas, & os negros alamos caçados
 Ao as vides em seus troncos abraçadas:
 Os velhos fouereiros renouados,
 Que as duras tempestades indomadas
 Tinão vencido já, feridos tremem,
 E com seu graue pezo os carros gemem.

72.

Todos em reparar com pressa entendem
 Das naos bancos, & remos, & trazião
 De longe o bosque & o trabalho aprendẽ
 Que entre todos com gosto repartião.
 Antenas sobem, de que as vellas pendem
 De enxarcia os negros pinhos se cobrião,
 Outros ao pio officio se inclinauão,
 E humilde sepultura aos mortos dauão.

73.

Inclinada de todo a luz se via
 Do sol, sobre os dourados horizontes,
 E a noite a duuidosa luz vencia,
 Roubando a graça das muscosas fontes.
 Sobre os humildes vales já cahia,
 A escura sombra dos ceruleos montes,
 E quantos olhos o repouzo ferra,
 Tantos o ceo abria sobre a tetra.

Por

74.

Por descansar o espirito afligido,
 Numa lapa, que o mar cauando abrira,
 Quiz repouzar, mostrandome o sentido,
 Que o repouso de hum triste era mentira,
 Depois de ao sono graue estar rendido,
 Sonhando vi o que acordado vira;
 Que o mal, que me occupaua a fantasia,
 Me representa a dor que não dormia.

75.

Em sonhos hũa Deosa me aparece,
 E que comigo falla imaginando,
 Vejo que seu amparo me offerece:
 E para vela o rosto leuando
 Chego, logo, ajuelho, & me falece
 O alento, & vou cahindo, & despertando,
 Vendo a Deosa lhe digo, ò soberana
 Diuidade, escondida em forma humana

76.

Quem es fermosa Deosa, que comigo
 Usas tão dezusada cortezia?
 Já não temo do mar algum perigo,
 Sendo tu meu amparo, & minha guia:
 Sou Idotea (diz) filha do antigo
 Proteo, que no mar as Phocas guia,
 Fiquei ouuindo, & vendo a luz sagrada,
 Confusa a alma, a vista perturbada.

Conteilhe

77.

Conteilhe quãto tempo andara errando,
 Antre as ondas do mar embrauecido,
 Co a fortuna mil vezes pelejando,
 Alagado outras tantas, & perdido,
 Como vira tres vezes declinando
 Do sol o ardente carro, ter medido
 Do Vellocino os circulos dourados
 Ndo abraçar os peixes prateados.

78.

Como vira tres vezes as amigas
 Casas do Ceo fermoso, & radiante,
 Para dourar as palidas espigas
 Passar de Daphne o desprezado amante,
 Como vira das ferras mais antigas
 No cume leuantado, & arrogante,
 Tres vezes as cabeças carregadas
 Das graues cans, das agoas congeladas.

79.

Disselhe antaõ, pois sabes o futuro
 Segredo, em ouro escrito, no volume
 Que em seu archiuo guarda o fado escuro
 E o tempo gãstador já mais consume,
 Destes anais diuinos, ver procuro
 Em tua boca hum rasto, hum viuo lume
 E desta pura luz hum rayo claro,
 Do que no ceyo esconde o tempo auaro.

Respon.

80.

Respondeome, sò Proteo tem sabido
 O que queres de my, porque prezente
 Lhe he tudo, o que ha de vir, por escõdido
 Por guardado que estè, na etherea mente,
 Quando o sol ao mais alto está subido
 Por estas grutas passa a festa ardente,
 E nesta penha o seu armento inorme
 Lhe faz guarda velando, em quanto dor-

81.

(me.

Veloás armado, & nesse mesmo instante
 A forma muda, em puro fogo ardendo,
 Como ferpe se enrosca hora arrogante
 Leão se finge, com bramido horrendo,
 Se aly o apertas com valor constante,
 As entranhas dos fados reuolviendo
 Discubrirà os segredos, & a verdade
 Que inda no ceyo esconde a eternidade.

82.

Nesta muscosa lapa, na abraçada
 Sesta, entra Proteo quando o sol ardia,
 Na mais secreta parte, & mais guardada
 Me escõdo, elle se inclina, em fim dormia,
 Nos braços o apertei, da desudada
 Força espantado Proteo em pè se erguia,
 Qual Deos faz este engano a vozes grita,
 E faz por se soltar força infinita.

De

83.

De hum leão ferocissimo tomava
 A horrenda forma, & duros braços proua
 Como serpe escamosa se enroscaua,
 E em outras cem mil formas se renoua,
 Os incendios das fauces vomitaua.
 Com antigo saber, & industria noua,
 E quando lhe não vala força, & brio,
 Quer escapar em fugitiuo rio.

84.

Com mais forças nos braços o sustento,
 Porque responde a eles apertado,
 Quantos annos o mar, & o furdo vento
 Me negariaõ porto desejado,
 Cuma vòs carregada, & com violento
 Torcer de olhos, me diz, o imobil fado,
 Por te fazer ao mundo sempiterno,
 Te darà por trabalhos nome eterno.

85.

Antes de vero porto que desejas,
 Antre o furor dos procellosos mares,
 Quer o fado que varios climas vejas,
 Alheos Ceos passando, alheos ares,
 Até que viuo no sepulchro estejas (uares,
 Dum monte, & os companheiros que le-
 Veràs despedaçar com grão fereza, (za.
 Honrrando os pratos de hũa imunda me-
 Huã

86.

Hũa Garça com hũa Aguiã do profundo
 Sair verás, com grande agilidade,
 Là onde Phebo morre, onde outro mun-
 Espera de seu rosto claridade, (do
 Neste lugar o fado mais jocundo,
 Te permite fundar hũa Cidade,
 Que a todas as do mundo a palma toma,
 Perdoe a alta Chartago, a illustre Roma.

87.

Soltey Proteo dos braços admirado
 Do que lhe ouuira; & nalma me entriste-
 Ver a que males me referua o fado, (co
 Que a vida sò em cuidallo desfalece.
 Em tanto Proteo toma do ar delgado
 Varias formas, & já desaparece,
 Fico antre as pedras do que tinha ouuido
 Estatua viua; hum Calpe com sentido.

88.

Os cauallos do sol, affugentando
 As lucidas estrelas, no ar se viaõ,
 Que do primeiro resplendor dourando
 Os fins Eoos, com seu fogo ardiaõ,
 Settas de luz, o ar atraueffando,
 O liquido christal do mar feriaõ,
 Aonde a luz vacillante parecia
 Sobre as tremulas ondas que tremia.

Quan

89.

Quando de Cyro as prayas encuruadas
 Deixo, & cortádo vou o argento vndoso,
 Da antena as vellas concauas inchadas,
 Abrem no vasto mar rasto espumoso,
 Temo inda as cousas, que já são passadas,
 No por vir vigilante, & cuidadoso,
 E com fingidas mostras de alegria
 O mal que nalma leuo, desmentia.

90.

Os males que Proteo vaticinaua (dera,
 Me espantaõ, quando a mente os confi-
 Denão ficar em Syro me pezaua,
 Onde vida & descanso ter pudera
 Sem ao fado atender, que me chamaua
 A ver os Climas duma, & doutra Sphera,
 Que apos estes perigos, sem temelos
 Arrastando me tras pelos cabelos.

91.

Da bella Phebe o carre vagaroso
 Pelos campos do Ceo correr se via,
 Quando as feras do curso trabalhoso,
 Descansão do prolixo, & largo dia,
 Quando Iuno do Olimpo luminoso
 Iris mandaua, que do Ceo decia,
 No ar junto das Naos librando esteue
 O leue corpo, sobre o vento leue.

D

Entrou

92.

Entrou donde em repouso mais suaue
(Se he repouso o que toma hum descon-
Eu refazia, do trabalho graue, (tente)
O mal, que na alma tinha taõ prezente,
Aly me diz, quem ha que tanto aggraue
Hum coraçãõ taõ brauo, & taõ valente
Cujo valor o mundo todo aflombra,
Do principio da luz, tẽ o fim da sombra,

93.

De Proteo a profecia naõ te espante,
Que a fea noite tras menham lerena,
E os mais asperos casos o Tonante
Muda, & do fado a ordem desordena,
Vaõ sempre os valerosos por diante,
Naõ se acha gloria, sẽ passar se pena, (tuna
E os que persegue mais, & os que impor-
Vencem sofrendo os casos, & a fortuna.

94.

O trabalho he escada da subida,
O marmol mais polido, & mais laurado,
Por golpes do instrumento teue vida,
Para se ver da terra levantado,
A pedra, que nas veas escondida
A nobre chama tem, se o temperado
Fuzil a fere, mostra em fogo aceza
A ignea, & levantada natureza;

95.

Ficão grandes trabalhos sendo leues,
 Se as glorias ves, que o Ceo te representa,
 Quando teu nome illustre a partes leues,
 Que outro Ceo cobre & que outro sol a-
 Ilto luno te diz, a quem já deues, (quenta:
 Quanto de tuas obras se contenta,
 Segue o que a sorte, & fado te offerce,
 Que o Ceo sempre os ousados fauorece.

96.

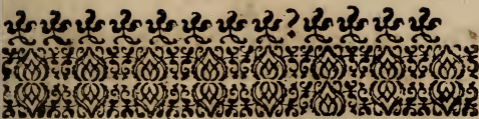
Sabe que, quando a Armada grega esteue
 Quasi perdida, Venus o ordenaua,
 Que este poder do grande Eolo teue,
 Que furia, & liberdade aos ventos daua,
 Quando do Ceo com mouimento leue,
 Juno decendo os mares applacaua, (to,
 Eo Rey do mundo da agoa num momen-
 Recolheo nas prizoões o solto vento,

97.

Disse, & de sua rara fermosura
 O resplendor suaue, & perigrino,
 Tornando em claro dia, a noite escura,
 Hum rasto deixa no ar puro, & diuino:
 O mensageira, digo, da mais pura
 Deosa, que piza o corpo cristalino, (gas
 Em que a fortuna, & enueja ache inimi-
 (Emulas da virtude & esforço antigas.)

Naõ pôde hauer ò Deosa quem me appar-
De obedecerte em tudo, armê se os fados,
Arme se a terra, deça o proprio Marte,
Os mares se leuantes conjurados:
Na mais remota, & mais dezerta parte,
Na Zona ardente, & Polos congelados,
Vencer espero, com fauor de luno
Força dos fados, iras de Neptuno.





ARGUMENTO DO TERCEIRO CANTO.

Como a ver os Lotophagos passara,
 Conta Vlysses, & o porto Lilíbeo,
 Como com seu rebanho ali encontrara
 A Poliphemo, monstro, informe, & feo,
 A quem da vista lucida priuara,
 As vellas entregando ao mar Egeo,
 Partese, & Cyrce, vendo seu desejo,
 Lhe ensina os mares onde morre o Tejo.

I.

Prosigue o Grego, & todos escutauão
 No porto de Latophago famoso
 Sobre as fortes amarras, descansauão
 As naos do curso largo, & trabalhoso,
 Onde as fontes juntandose formauão
 Num fresco vale, hum rio caudeloso,
 Cuja corrente fertil, & serena,
 Faz a praya de Hyperia mais amena.

2.

Corre por antre bosques diuertido,
Com curso taõ quieto, & sossegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De leuar agoa doce ao mar salgado,
Deixaua o aruoredo ao Ceo subido,
Dentro no espelho da agoa, seu treslado,
E em suauissima sombra lhe pagaua
O ser, & a vida que a seus troncos daua.

3.

As aruores de pomos carregadas,
Liures ao gosto, & mãos se offerenciaõ,
E os de que incautamente saõ tocadas,
Do mal, & bem passado se esqueciaõ:
As naturais potencias perturbadas,
Como estranhas correndo, nos fugiaõ,
Era este triste, venturoso estado,
Onde nada lembrava do passado.

4.

Hum velho venerado aqui encontramos
Antre os guardados bosques, & espessura
A que este graõ segredo preguntamos,
De fruita taõ sabrosa, & mal segura:
Ele nos conta, que nos proprios ramos,
Aos olhos conuidando, a fermosura
Aspide o pomo he do bosque ameno,
Que escõde em sua belleza, o seu veneno

Criouf

5.

Criouse aqui (dezia) a soberana
 Lotis, a que inclinou a natureza
 Ao suaue exercicio de Diana,
 Fatigando dos montes a aspereza,
 Diuidade escondida em forma humana
 De sorte pobre, rica de belleza,
 Foy destes montes rara marauilha,
 Neta de Ope, & de Neptuno filha.

6.

Destes bosques foi Nimpha, a eles daua
 O tempo todo, quando o Lampasseno
 Seguindo os mesmos montes, que habitã
 Prezo se achou de seu olhar sereno, (ua,
 E para a grande pena que passaua,
 Sintindo o coração vaso piqueno,
 Nestes troncos tambem quis que viuese
 Seu bello nome, que com as plantas crece

7.

Quantas vezes o orualho fresco, & bran-
 Da menham, nos cabellos lhe cahia, (do
 Quando as teras seguindo, & fatigando,
 Nestes montes à achaua o nouo dia,
 Quantas nas horas graues reclinando
 O debil corpo, em quanto o sol ardia,
 Antre o repouso vinha a ter diante
 Este seu nouo, não amado, amante.

8.

Aly nos proprios cestos, que tecera,
Lhe offerencia as frutas mais mimosas,
Nos proprios ramos a madura pera,
As ferejas, & as ginjas vergonhosas,
As camoefas gentis da cor de cera,
E no Outono o razimo das sabrosas
Vuas que com o orualho puro, & leue
Pode escusar artificiosa neve.

9.

Hum dia lhe contou como encontrara
Naqueles montes hũa Nimpha bella,
Que nos olhos a vida lhe leuara,
Deixandolhe so o gosto de perdela,
E ella com descuido perguntara,
Quem era, por poder amalla, & vela:
Mas ele com cautella respondia
Que noutra occasiaõ lha mostraria.

10.

Sobiraõ ambos a este monte, quando
Na mais fragosa parte do alto monte,
Num espelho que forma alegre, & brãdo
De seus cristais hũa copiosa fonte,
Aly, lhe diz, que estaua; ella entra olhãdo,
Quando se vê a sy mesma estar de fronte,
Foge, vendo que ao mal a causa dera,
Einda de sy fugira se pudera.

Deixouo

II.

Deixouo sem reposta, & perturbado,
 Passaraõ muitos, té que veyo o dia,
 Que reclinando o corpo fatigado,
 Sobre a relua gozaua a sombra fria,
 Ele que a vio, & tempo acomodado
 Para alcançar o bem que pretendia,
 Com força fez, & solta liberdade
 As mãos executoras da vontade.

12.

Resistio, defendeo sua pureza,
 Com força, & gritos animosamente,
 Armas de que vza a feminil fraqueza,
 Com que das mãos lhe escapa diligente,
 Co as delicadas plantas a aspereza
 Destes montes medio, tendo presente
 Do falso amante o enganoso enredo,
 E ao fugir lhe emprestaua azas o medo.

13.

De pois de largo espaço perseguida,
 Quando já a voz, & alento lhe faltaua,
 (Que não correo assi Cerua ferida
 Ao dictamo ligeira que buscava)
 Os olhos leuantou ao Ceo rendida,
 Quando qual planta, a planta sepegaua
 A dura terra, que ambas penetraraõ,
 E em torcidas rayzes se trocaraõ.

14.

Vaõ rayzes ao centro penetrando,
 Tudo o que ao ar o tronco vae subindo,
 Veste se de corteza o peito brando,
 E nella se escondia o gesto lindo,
 Nos pomos que produz, & vay criando,
 O Ceo taõ graõ veneno està influindo,
 Que já mais permitio que alguem tocasse
 Que do que era passado se lembrasse.

15.

A tès do rosto vendo aspera, & dura,
 E os cabelos, que ao sol escureciaõ
 Em ramos já trocados, & a brandura (aõ,
 Das mãos, que em verdes folhas se estendi
 Arde o Deos de Helesponto, que a figura
 Mudada ve, dos olhos que o feriaõ
 O tronco abraça, lagrimoso, & triste,
 Que aos braços foge, & sem poder reziste

16.

O remedio pomptissimo que vzamos,
 He levar os enfermos, quando o dia (mos
 Lança os primeiros rayos, & os banha-
 Nos christais puros de hũa fonte fria,
 Quando para os banhar na agoa tocamos
 Eles se apartaõ com mortal porfia,
 E apagando na fonte a sede ardente,
 Bebem na agoa o remedio juntamente,

A to-

17.

Atodos nos admira o que lhe ouuimos,
 E para recolhermos os soldados,
 Huns corremos o bosque outros subimos.
 Os montes de aruoredo pouoados
 Como se recolheraõ conferimos
 Se he melhor esquecer ou ser lembrados
 O estado antigo a alguns melhor parece,
 Onde o passado bem & o mal esquece.

18.

Logo todos nas naos se repartiraõ ,
 Para os mesmos lugares, que tem nellas
 De tundo para cima anchoras tiraõ,
 Do alto para baixo largaõ vellas,
 Ià os alegres ventos, que respiraõ ,
 Sopraõ com mayor força por enchelas,
 E de Neptuno as cristalinas cazas
 Atrauessaõ as naos com brancas azas.

19.

Seme naõ lembra mal, nos mezes era,
 Que o velho mundo reuerdese, & nasce,
 De Colchos o animal em sua sphaera
 Douraua o puro sol com roxa face,
 Quando o touro da noua Primauera
 Em prados de safira estrelas pacc,
 E ao prezo não o claro sol desfata,
 Dos grilhões de cristal, os pès de prata.

La pelo mar Thirreno atraueffauaõ
Cortando as Naos a larga, incerta via,
Vem de Etna ao longe as chamas, que on-
deauaõ,
Com que vencêdo à noite o monte ardia,
Nas pedras abrazadas, que voauaõ,
De Vulcano a officina parecia,
Onde nuuês de fogo ardendo emira
Contra o graõ Ioue Encelado respira.

Ali o fero Gigante atado, & prezo,
Sulphureo fogo, & negro fumo exhalla,
Quãdo nos hombros muda o graue pezo
Que co as imensas forças mal igualla:
Graõ terremoto excita o fogo acezo,
Que as cidades maritimas aballa,
Mouendo o graue, & inaccessiuel monte,
De viuo incendio, nunca exhausta fonte.

Desafiando o alto Ceo, & estrelas,
Com mil bombas de fogo leuantadas,
Cometas lança ao ar, vendose antre ellas,
As brancas cabeleiras inflamadas,
Que não podendo as chamas acendelas,
Nas altas grenhas nunca penteadas,
Se vê de longe, com distancia breue,
Na boca fogo, nos cabelos neue.

23.

Aqui chegamos, quando o sol dourado
 Para os braços de Tethis já decia,
 De Phlegon, & de Eoo arrebatado,
 Que leuaõ à fenecer neles o dia,
 O Ceo compunha vespero inclinado,
 E as estrelas por tochas acendia, (dente
 Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occi-
 Morre, por hir nacer antre outra gente.

24.

(monte

Num porto entrey, que em seu regaõ o
 Lylibeo forma, & quando se apressa
 O Sol, para sahir sobre o Orizonte,
 Eu do dia os crepusculos pizava, (te,
 Subo, & hum grande rebanho vi defron-
 Que os estendidos valles occupava,
 Cheguei, imaginando que acharia
 Favor na gente, amparo, & companhia.

25.

Ja sahiaõ pizando os corredores
 Do sol as pardas nuuës, ainda escuras,
 Ferindo cos primeiros resplandores
 Dos impinados montes as alturas:
 A Aurora ja nos prados, & nas flores
 Esperdiçando vae perolas puras,
 Com que taõ liberal do hnmor celeste
 Doura o Ceo, orna o campo, as flores ve-
 ste Quando

26.

Quando, seu manso gado apacentando,
 Mais de perto hum pastor se me offerece,
 Que nos robustos membros imitando
 Hum monte, hum viuo monte me parece
 Hum natural Cometa scintilando
 Da leuantada testa resplandece,
 De pelles he o vestido, a que hum pezado
 Pinho serue de arrimo, & de cajado.

27.

Nas ondas imitaua o denegrido
 Cabelo as de Cocyto, que não sente
 Cultura, antes hirsuto, & retorcido,
 Sobre os hombros lhe cae natural mente,
 Do queixo prodigioso diuidido,
 Em duas se despenha hũa corrente
 Da intonsa barba, que correndo imunda,
 Prodigamente o largo peito inunda.

28.

Sete diziguais canas ajuntara,
 Que como orgãos vnio com mole cera,
 Onde do ar a região mais clara
 O duro som com graue alento altera;
 O grande estrondo, que nos montes para
 Rompe o silencio, & a resposta espera,
 Com que Echo, que escutado está defrôte,
 Mostraua que tem alma, & voz o monte.

Neste

29.

Neste instrumento horrifono applicaua
 A boca, por dar vida ac instrumento,
 Onde alternando os dedos o animaua,
 Dandolhe voz co som, alma co alento:
 Tocando as canas defiguais foaua,
 Hora em agudo, & hora em graue acento
 Por Galatea, que nas agoas mora,
 Sem dar repouso à fistula sonora.

30.

A alma ferida, & abrazada tinha
 Por Galatea, que a brandar deseja,
 A contarlhe sua dor, & os males vinha,
 De que foy causa hũa amorosa enueja:
 Onde Lyparis claro ao mar caminha,
 E onde espera que della ouuido seja,
 Namorado dizia; (eu entre tanto
 Me paro a ouir o defusado canto.)

31.

Galatea fermosa, em cuja neue
 Achou principio o fogo perigrino,
 Que me soube abrazar, & a culpa teue
 Deste meu amoroso defatino:
 Se me queres matar, & a amor se deue
 Matarme, do teu ouro crespo, & fino
 Hum laço me daràs, bella homicida,
 Onde suspendas co a esperança a vida.

Ati

32.

A ty no prado imita a pura rosa,
 Quando quer excederse na belleza,
 Por ty retrata, como mais fermosa,
 As que mais bellas faz a natureza,
 Ouue esta triste voz, que he sò ditosa
 Quando tua graça canta, & gentileza,
 Que por vangloria sua, amor ordena,
 Que teus lououres cante, & minha pena.

33.

Esta ribeira com te ver florece,
 Adonde de Amalthea se derrama
 A copia, que tua luz, quando aparece,
 Anima as flores, & este prado inflama,
 Nasce a flor, abre a rosa, a planta crece,
 Sò triste chora quem te busca, & ama,
 Perde o sentido quem te vê presente,
 E dás sentido à hum monte que não sente

34.

Se abres os bellos olhos, num momento
 O Ceo se alegra, & doura, & te namora,
 As pardas nuués fogem o brauo vento
 Se recolhe nas grutas onde mora,
 Rouba o teu perigrino mouimento
 O officio, & o poder a branca Aurora
 Flores abrindo, as conchas deste rio
 Perolas geraõ, sem colher rocio.

Quem

35.

Viuo imiga de verte, & quando vejo
 De teus olhos a pura claridade
 Não quero mais da sorte, nem desejo
 Mòr premio da perdida liberdade:
 E Amor (pois me não mata Amor sobejo)
 Quer sem te ver matarme de faudade,
 Com noua tirania amor me trata
 Se me matar, sem ver a quem me mata.

36.

Se tantos males soffro, ò Galatea,
 Taõbem me sofre que tos cante, & conte,
 Cansada deste rio à mansa vea,
 Cansadas tenho as grutas deste monte,
 Ah quem, para que a pena se lhe crea,
 Te mostrara no espelho desta fonte
 O ardente coração, firme, & seguro
 Mais que os rochedos, mais que as ondas:

37.

(puro.

Dizey com verdes folhas aruoredos:
 (Que são linguas do monte) o que me ou:
 De que fiey a fè de meus segredos (uistes,
 E a oujos troncos dey lagrimas tristes:
 Dizeyo vos, ó concauos penedos,
 Quantas vezes as queixas repetistes.
 De minha imiga, & o echo, que me ouuia
 A vltima voz, imiga, repetia.

A neue

A neve he escura, o Galatea fermosa
 E sem cor o ruby mais abrazado,
 A çafira sem luz, sem graça a rosa,
 E o ouro a par de ty menos dourado :
 Que em tua aluura, & boca graciosa,
 Olhos, & face, & nesse longo ondado
 Cabelo guarda amor, em mór thezouro,
 Neve, rubi, çafira, rosa, & ouro.

Quando por cima da diuina prata,
 Galatea, o cabelo de ouro estendes,
 Num só fio, que o vento te desfata,
 Mil almas atas, mil vontades prendes:
 A minha que desprezas, como ingrata
 Em te amar só se vinga, & se te offendes,
 A culpa de offenderte, & de enojarte,
 Paga offendendo, com de nouo amarte.

De teus raros estremos de belleza
 Os mesmos elementos se namorão,
 Perdem vendote os ventos a braueza
 Como Deosa do mar todos te adorão:
 Minha constancia, & tua gentileza
 Dous prodigios iguais, & raros forão,
 Que ambos nos fez dous monstros a ven-
 A my de amor, a ty de fermosura. (tura,
 Hum

41.

Hum dia junto ao mar te estauas vendo
 Nos cristais da agoa pura, & sossegada,
 Ali amor me fazia estar temendo,
 Que ficasses de verte namorada:
 Mas ah Nimpha que digo, que te offendo,
 Que não podes em flor verte mudada,
 Porque quando este caso te aconteça,
 Não tem o prado flor, que te mereça.

42.

Gostos desacordado estou sonhando,
 Abrindo as portas dalma a penlamentos,
 E Acis em teu regaço alegre, & brando
 A cabeça reclina, & braços lentos:
 Não he nouo hum ditoso estar gozando
 Do infilice os vãos contentamentos,
 Não lhe enuejo a riqueza ou fermosura
 Sò lhe enuejo, se o amas, a ventura.

43.

Ha pouco que leuando o manso gado,
 Junto das fraldas deste fresco monte,
 Me vy de membros bem proporcionado,
 No cristal puro de hũa clara fonte, (do
 Que o grande olho do Ceo, do sol doura-
 Imita este que me honrra á altiua fronte,
 E toco quando subo a este rochedo
 As nuuês co a cabeça, o Ceo co dedo.

Que

44.

Que Tigre, que Lioa embrauecida,
Me estoruou, que seus filhos lhe leuasse
Das tetas, & apos isso a mesma vida,
Se rezistio, nas mãos me não deixasse,
E qual na velocissima corrida
Ouue ligeiro Ceruo, que escapasse
De dar a dura testa, carregada
Das armas, de que foy vamente armada.

45.

De quanto o monte tem feràs senhora,
De quanto veste ao prado de alegria,
Que roixinol que os valles donde mora
Enche de suauissima armonia, (ra,
Qual rosa, que abre Abril, filha da Auro-
Qual pomo, que orta mais vedada cria,
Não verás nessa mão diuina, adonde
Seu poder a fortuna, & amor esconde?

46.

Aqui, pescando as trutas mais sabrosas,
Verdes naças no rio esconderemos,
Eu num barco ligeiro as vagarosas
Ondas cortando hirei com duros remos,
Hora os curuos enzoes das mentirofas
Isca ao doce engano cobriremos,
Offerecendo aos peixes na comida,
Antre a sabrosa dor morte escondida.

47.

Acis he hum pastor efeminado,
 E dono vil de hũa manada pobre,
 Não pode ser comigo comparado,
 Cujõ rebanho tantos montes cobre:
 De Neptuno que rege o mar salgado
 Sou filho, quem mais rico, & quem mais
 Ficaràs deste mar sendo senhora, (nobre?
 Do filho esposa, e de Neptuno nora.

48.

Quando Nimpha cruel, para matarme,
 A este grande amor não correspondas,
 Não entendas que podes escaparme, (das
 Por mais que no profundo mar te escondo
 Que espero por gozarte, & por vingarme
 Tirarte nestes braços dessas ondas,
 E se ja o não tenho executado,
 He porque não queria amor forçado.

49.

Assi cantava o monstro, eu quando ouuia
 O som da rouca frauta que tocara,
 Tudo notando fuy, tudo escreuia,
 Por cousa grande, & marauilha rara,
 E no verde papel das plantas lia
 Queixas, & versos que elealy cortara,
 Trouxe comigo a namorada historia,
 Causa de a ter presente na memoria.

Vendo

50.

Vendo o coche do sol, que declinaua,
E que a porta do Occaso penetrando
Se escondia no mar, se levantaua
Sò cos filuos os montes aballando:
Quando os que me seguião lhe mostraua
A quem o monstro a voz encaminhando,
Com vista carregada, & importuna,
Me diz, quem es vil parto da fortuna.

51.

Deues de ser sem falta algum pirata,
Que indo buscando mais remota terra,
Por te satisfazer da sorte ingrata,
Queres roubar os gados desta serra:
Se Neptuno te vence, & disbarata,
Aqui cum filho seu terás mòr guerra,
Eu lhe respondo, ó Semideo Gigante
Do mundo alta coluna, nouo Atlante.

52.

Nunca pirata fuy, nem com disenho
De roubar naueguey; mas affligido, (ho,
Do mar, que ha muito exprimentado ten-
Nestas prayas sahi roto, & perdido:
Do que pode escapar da fraco lenho
Este vaso offereço, & se atreuido
Te pareço em dar pouco, considera
A vontade que he grande, & tudo dera.

Ele

53.

Ele me respondeo, quando a pobreza
 De hum pastor te agradar, podes comigo
 Ficar, em quanto Phebe em luz aceza
 Descobre o rosto no silencio amigo;
 Castanhas moles, puro leite a meza
 Te onrraraõ; do Gigante as plantas figo,
 A porta chego, donde ao ar subia
 Hum monte, que nas nuuës se escondia.

54.

Vay o gado diante caminhando,
 Até entrar nas entranhas duma ferra,
 E das grossas cadeas desfutando
 Hum disforme penedo, as portas ferra:
 Lá o fogo se acende, que ondeando,
 As sombras vence graues, & desterra,
 Em pelles de animais, em mole estrado,
 O monstro informe, & horrendo está po-
 (strado.

55.

Lá a cea se prepara, & das pezadas
 Tetas de puro neectar enche hum tarro,
 Dece os que jos frescais das penduradas
 Taboas, que rodas são de hum grande
 Estaõ as crueis mezas occupadas (carro,
 De varios leites, num & noutro jarro,
 Eu logo agardecido do que via
 Ao fero monstro, humilde assi dizia.

Dar

Dar emparo, & fauor ao naufragante
 Galardoa com premio perigrino
 Iupiter; & sem ir mais adiante
 Me replicou. Que grande desatino,
 Eu não conheço a Iupiter Tonante,
 Que sou mais forte que ele, & tão diuino,
 Fallas ò nescio hospede, & importuno,
 Com Poliphemo filho de Neptuno.

Isto dizendo, estende o braço, & logo
 Antre as mãos toma Lycio, & Amaranto,
 Nellas os despedaça, sem que o rogo
 Humilde lhe valesse, ou triste pranto,
 Come hũa parte, & outra sobre o fogo
 Inda tremendo lança, & o grande espanto
 Aos gregos que o cercauão tem mudado
 Do rosto a cor, o sangue congelado.

De Diomedes ja poe a graõ crueza
 Parecer menos fera, & deshumana,
 Quando affrontando a mesma natureza
 Pasto aos cauallos dà de carne humana:
 Ia não he cruel Lynco, que se preza
 De degolar aos hospedes que engana,
 Que a torpe crueldade em mór extremo
 Exercitaua o bruto Poliphemo,

59.

Iá pelo escuro Ceo da fatigada
 Noite os cauallos vaõ confusamente,
 Fugindo a tocha Eoa, que a dourada
 Carroça leua ao lucido Oriente:
 Quando eu proprio na cea dilatada,
 Ministraua ao Cyclope o vinho ardente,
 Que vae sentindo do licor suaue
 Turbada a voz, a vista grossa, & graue.

60.

Seràs me disse, ò hospede famoso
 O vltimo que mande ao triste inferno,
 Por te pagar este licor sabroso,
 Que o nectar he de Iupiter eterno,
 O mitimno suaue, & o cheiroso
 Faler & sem poder dizer, falerno,
 Que as palauras, turbada lhe impedia
 A lingua grossa, & ao sono se rendia.

61.

(me

Profundamente o hirsuto monstro dor-
 Sobre os despojos de animais postrado,
 Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,
 Semimorto, em lethargo sepultado,
 Toma alento dormindo em som disfor-
 Que no escuro aposento dilatado (me,
 Mil echos forma, & neles representa
 Trouão fero no ar, no mar tormenta,

E

Eu,

62.

Eu, como se subira hum grande monte,
Sobre os peitos lhe estampo a dura plâta,
E cum a fera estaca sobre a fronte,
Rompo a medonha luz, que o mundo ef-
Ele banhado da purpurea fonte, (panta.
O carregado corpo mal leuanta,
Cae a esta parte, & àquella em furia acezo
Sem poder sustentar seu graue pezo.

63.

Com graõ furor, co as mãos pezadas toca
As feridas crueis, & com intensa
Colera bebe o fangue a negra boca,
Que banha o largo peito, & barba densa,
Ferido, & cego, a furia se prouoca,
Mal acordado cae co a dor imensa,
Reprezentando o alto Pelio ou Ossa
Brama, com tom de voz horrenda, &

64.

(grossa.

Qual o Touro enferrado, que ferido
Sacode a crespa, & temerosa fronte,
Em roda se vigia embrauecido,
Acometendo quanto vê defronte
E cum, & outro asperrimo mugido,
Por se tornar ao conhecido monte,
Co as lanças, & reparos brauo enresta,
Bramindo, & inclinando a dura testa.

Tal

65.

Tal na cauerna o horrído Gigante (do,
 Co as mãos a coua apálpa, em ira arden-
 Toma o baltão, & quanto tem diante
 Vae com fúria, & braueza desfazendo:
 Daua hum, & outro brado penetrante,
 Tomar às mãos os Gregos não podendo,
 Leuanta a porta, por tentar a face
 Da duuidosa luz que ao mundo nace.

66.

De seus gritos, & vozes espantados
 Os animais, nas couas se esconderaõ,
 Rompe o abyffo à força de seus brados,
 Onde as furias a pena suspenderaõ,
 Com que Thipheo, & Encelado abraza-
 De Iupiter de nouo estremeceraõ, (dos,
 E Charonte, que ouuiu a Poliphemo,
 Largou das mãos o carregado remo.

67.

Se de seus polos firmes, & seguros,
 As Spheras, que estão neles crauadas,
 Co as christalinas Zonas, & Coluros
 Cahiraõ pelo ar despedaçadas,
 Não fizeraõ o estrondo, que seus duros
 Brados, & vozes fazem mal formadas,
 Quando apagado, o Cyclope prezume
 Ter na viuua testa o grande lume.

E 2

Dos

68.

Dos mayores carneiros lhe tomamos
 As frescas pelles, com que nos cobrimos,
 Antre as rezes a vida aventuramos,
 E a saida da coua repetimos:
 Nas mãos da forte, & suas entregamos
 A vida, por ventura em fim sahimos,
 Sò Licaonte achou na boca escura,
 E largo ventre morte, & sepultura.

69.

Em suas mãos em partes se rasgauão (aõ
 Seus membros, & entre os dentes se senti
 Ranger os duros ossos, que estalauão,
 Comendo as nuas carnes que tremiaõ,
 Co as estacas, que a testa penetrauão
 Onde caminho a fria morte abriaõ,
 Vertendo negro humor, fóra sahia,
 Nesta horrenda apparencia nos seguia.

70.

Espera, diz, ò hospede insolente,
 Espera acabaràs o que intentaste, (dente,
 Que a hum filho, do que rege o graõ Tri-
 Em noite eterna viuo sepultaste;
 Sendo taõ animoso, & taõ valente
 Não fujas; pois da vista me priuaste
 Me acaba de matar, que não espero
 Outro fauor de ty, nem outro quero?

Monstro

71.

Monstro fero, lhe digo, não te espante
 Se neste braço a pena merecida
 Achaste, que a fereza dum Gigante
 Dos Deoses muitas vezes foi vencida:
 Assim castigar sabe o graõ Tonante
 Essa alma tua, ingrata, & fementida,
 Que o sangue humano, em que fartaste a
 Este castigo, esta vingança pede. (sede,

72.

Podes de tua morte gloriarte,
 Se nella ha couisa, que não seja fea,
 Que teu hospede foy, para matarte
 O filho de Laerte. & de Anticlea:
 Sabe que Vlysses sou, & quis pagarte
 Desta maneira, aquella vltima cea,
 Quando para matar a sede insana,
 Te vir fartar de sangue, & carne humana.

73.

Ah traidor, me torna ele, que, Telemo
 Me tinha este graõ mal pronosticado,
 Diziame, não des ò Poliphemo,
 A Grego algum amparo, ou gazalhado,
 Mas como não te estimo, nem te temo,
 Vendote em tal miseria, & tal estado
 Te agasalhei infame perigrino,
 Que a tudo acha caminhos o destino.

74.

A obosque logo os braços conuertia,
E as enzinhas robustas, que crauadas
Atè o centro estão faz ver o dia,
Mostrandolhe as raizes arrancadas:
Aliuiado o monte se sentia
Do pezo de suas plantas carregadas,
A que o duro Cyclope com violento
Furor cortar fazia o brauo vento.

75.

Apartaõse os nauios, não sofrendo
Os golpes, que do alto o mar feriaõ,
Que em cada tiro, que cahia horrendo,
Hũa voragem cruel tè o centro abriaõ
Com que as ondas em circulos feruendo
Remuinhos altissimos faziãõ,
E por fugir ao duro Poliphemo
As crespas ondas fere o graue remo.

76.

Qual Garça que no rio passeando,
Sentindo o caçador que està escondido,
Porque do arco a setta atraueffando,
Leue primeiro a morte, que o ruido,
Acautelada em roda vigiando
Co a prompta vista està, co colo erguido
E antes que o caçador astuto aponte,
Voando excede ao mais altiuo monte.

77.

Tal húa, & outra Nao volatil aue
 Abrindo as azas vae, porque a serena
 Aura, que respiraua mais suaue,
 Encheçe os ceyos de tecida pena:
 Das anchoras se leua o pezo graue,
 Ao alto se leuanta a negra antena,
 Por saluar do perigo a vida chara
 Deixo as terras crueis, & costa auarã.

78.

Ele da viua rocha (que pendia
 Sobre o espelho do mar onde toucaua
 A descomposta, & tosca penedia,
 Que em natural desordem concertaua)
 Húa graõ pai te toma, o mar feria
 Com pezados penedos, que arrancaua,
 E sobre as Naos que sente estar defronte,
 Hum monte faz voar tras d'outro monte

79.

Hiaõse as Naos ligeiras apartando,
 Fugindo aos duros golpes, que deciaõ,
 Co as vellas, & co a proa o ar cortando
 E o campo azul do mar co remo abriaõ,
 Quando de longe se hião diuizando,
 Outros feros Gigantes, que se viaõ,
 Andar com Poliphemo, pelas prayas,
 Viuos Cyprestes, & animadas fayas.

Ja cada qual das naos desapparece:
 Poliphemo que sente como as vellas
 O porto deixaõ, grita & se embrauece
 Desejando vingar-se, & desfazelas,
 Com grandes golpes sobre as ondas dece
 Co bastaõ duro, & no mais alto dellas
 Entra, & onde mais fundo o pego estaua
 As espaldas a penas lhe molhaua.

Te aly nos foy seguindo, & não podendo
 Hir adiante, para, & não atina
 Para que parte as vellas vaõ correndo,
 E o que deue seguir mal determina:
 Atroa o mar cum tom de voz horrendo,
 Neptuno fora da agoa christalina
 Bota a cabeça, & arder se via logo
 O Rey dos mares, noutro mar de fogo.

Entaõ diz o Gigante. O soberano
 Rey das ceruleas ondas, que o profundo
 Habitas, & cos braços de Oceano
 Cinges a grande machina do mundo:
 Aqui teu filho tens de furia insano
 Que em tuas agoas laua o fange imundo
 De que banhado estou, & quali exangue
 Botando num mar dagoa, hum mar de
 sangue. Despre-

83.

Desprezando o poder do teu Tridente,
 As altas ondas deste fundo pègo,
 Com insolentes armas insolente
 Ouzado corta, hum victorioso Grego:
 Por morte mais cruel, & mais vehemente
 Me deixou viuo, se ficando cego
 Viuo fiquei, que em dor taõ excessiua
 Naõ me tenho por viuo, ainda que viua.

84.

Ouui o o graõ Neptuno, commouido
 Do amor de pay, & para as naos olhaua,
 E o odio que tem nalma concebido
 Já nos fogosos olhos scintilaua,
 Eco a magoa do filho ver ferido,
 A longa barba pela mão passaua,
 E falando entre dentes enojado,
 No fundo se escondeo do mar salgado.

85.

Era de noite, & o seu imundo armento
 Proteo nas fundas grutas escondera,
 Repoufado os Delphins, dormia o vento,
 Cançada a natnreza a luz espera,
 Rompendo as Naos o humido elemento
 Cinthia argentaua a superior esphera,
 E o mar, que as brandas ondas encrespa-
 Da Lua a imagem tremula imitaua. (ua,

E 5

No

No leuantado Polo que apparece
 Com vista prompta vou na noite escura,
 Donde Helice fermosa resplandece,
 De Vrsa immortal na celestial figura,
 Vendo o tardo Boote como dece
 Rodeando em seu plauastro a Cynosura,
 Temendo que Neptuno com mor furia
 Vingue de Poliphemo a noua injuria.

Não tardou muito espaço quando vemos
 Em altos vales todo o mar cauado,
 As vellas rompe, o goroupes, & os remos
 O vento de braueza, & furia armado:
 Ia co a humana força não podemos
 Vencer, & no trabalho acostumado
 Os marinheiros errão voz, & intentos,
 Antre as vozes que dão na enxarcia os

Hũa nuuem de horror no ar se estende,
 Que o Ceo cobria, & todo o mar se altera,
 A Nao abrindo, cos balanços pende,
 Da jornada, & da vida o fim se espera:
 Dos fogos, com que em roda o ar se acêde
 Tremia o fogo em sua mesma esphera,
 Aqui enxergamos dum cabelo azida
 A esperança sem fim, & o fim da vida.

89.

Logo Sylenio os ares vem cortando,
 E dos mares abranda o movimento,
 A Armada impelle, as ondas apartando,
 E em popa nos ajuda alegre o vento,
 Quando a luz duvidosa vem mostrando
 O Sol minino ainda sonolento,
 Este famoso porto apparecia,
 Onde o vento forçados nos metia.

90.

Estas fortunas asperas passamos,
 Trabalhos nunca de outrem padecidos,
 Por ante os largos mares, que cortamos
 Antre as ceruleas ondas somergidos,
 Té chegar a este porto, onde esperamos
 Ser por vos bella Cyree socorridos,
 Certo amparo, & firmissima coluna
 Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

91.

Aqui deu fim Vlysses valeroso
 A nauegação grande que fizera,
 E em repouso os sentidos mais abroso,
 No que resta da noite, suspendera:
 Entraõ no Passo illustre, & sumptuoso
 Cuja riqueza em Chipre, & em Cithera,
 Nunca para seus gostos teue junta
 A Raynha de Phapho, & de Amatunta.

92.

Em toda a casa as tochas cento a cento
Ardendo estaõ, que o ar alumniauaõ,
A noite desterrando do apposento
Nas luzes com que as sombras illustrauaõ
Os panos, das paredes ornamento,
De ouro, & de varias sedas, igualauaõ
Os de agulha prolixa dibuxados,
E lauor Babilonico laurados.

93.

Aqui ardia em fogo mais suaue
A odorifera lenha, que distina
A sua pyra de Arabia a immortal aue,
Quando nascer no fogo determina:
Enchem de nobre fumo a sombra graue,
As lagrimas que chora a perigrina
Synara, & no aposento mais secreto
Ardiaõ de Hybla as plantas, & de Hymeto.

94.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiua,
O Indo adusto, o Arabe ditoso,
Que em suas penhas tem Attica altiua,
Hesperia guarda em seu jardim famoso,
Quanto Pindo produz, quanto a lasciuua
Chipre cria mais puro, & mais cheiroso
O rico estrada cobre, co as melhores
Vindas de estranhos Geos, barbaras flores
Hũa

95.

Húa fermosa alcoba ali se via,
 Que ornaõ tapeçarias do Oriente
 Fadiga perigrina, aonde ardia
 Com lauor Persio a Tiria cor ardente,
 Húa cama entre todas excedia
 Tudo o que ha mais custoso, & excellente
 Com agulha da China dibuxada,
 Dos lauores de Aragnes, dilicada.

96.

Tres vezes pela ecliptica o dourado
 Apollo as duas Mettas da alta esphera
 Visitara, & outras tantas abrazado
 No caõ celeste o syrio fogo ardera,
 Quando a Vlysses com Cyrce descuidado
 A bella filha de Thaumante espera,
 E da rosada nuuem, que viftia,
 Com boca, & rosto alegre lhe dizia.

97.

Que alto descuido, ò Capitão famoso,
 Te detem de Penelope esquecido
 Antre tantos cuidados ocioso,
 Antre enganosos bens taõ mal perdido
 Não viues de Telemacho saudoso?
 Qual num dezerto em ty proprio escon-
 Occultãdote ao fado, que te chama (dido
 Perdes por gosto breue, eterna fama.

Rom-

98.

Rompe a tardança, & laço diamantino,
Que o Ceo to manda, & na futura idade
Mostra por antre sombras do distincto
Grandes coufas de ty na eternidade:
Onde ao mar entra o claro Lybistino,
Fundaràs hum emporio, hũa Cidade,
A cujo Scetro, sua riqueza propria
Renderà Persia, Arabia, & Ethiopia.

99.

Deixa amores de Cyrce, deixa enganos,
Que Iuno seus fauores te offerrece,
E Venus entre os Deoses soberanos
Tuas illustres obras engrandece;
Que arrependida dos passados danos
Te procura ajudar, porque conhece
Que ainda ha de esquecer por Lusitania
Os abrazados muros de Dardania.

100.

Disse, & com iguais azas vae cortando
Os diaphanos ares, & o valente
Grego seu graõ descuido està accuzando,
E seu cuidado accuza juutamente,
Como se partiria imaginando,
Onde enleado, na alta dor que sente
Cyrce o achou, & a alma lhe penetra
A embaixada, que a filha deu de Eletra.

101.

Bem sey que luno, diz, minha inimiga
 Tua partida, & a morte me deseja,
 Não basta que a fortuna me perfiga,
 Sem tambem perseguirme a sua enueja;
 Ia que a fallar sua paixãõ me obriga
 Não he rezaõ que taõ diuina seja,
 Que não foy falsa a nuuẽ, & sombra leue
 Quando o Rey de Thessalia em braços te-

102.

(ue.

He costume no mundo inueterado,
 Que o defeito de hum grande nos parece
 Digno de ser cuberto, & ser louuado,
 E só no humilde o crime se conhece:
 Cada qual com seus vicios abraçado
 Poem lhe outro nome, & neles enuelhece
 Parece o que está em alto mais perfeito,
 Que encobre co a distancia o mor defeito

103.

Vay grande Vlysses donde o Ceo te chama
 Que eu chorarei a minha infaulta sorte,
 Historia ao mundo dà, materia à fama,
 Refirase em tuas glorias minha morte:
 Assim choraua, qual a verda rama (forte
 Que chora, & arde em fogo intenso &
 Antre arder, & esperar lagrimas perde,
 Que amor he fogo, & a esperãça he verde.

Ma |

Mal te posso esconder Cyrce fermosa,
Vlysses diz esta fatal partida,
Nem desta alma a ferida saudosa,
Sendo as lagrimas sangue da ferida,
Tu sabes qual he a causa quaõ forçosa,
Que não ignora cousa taõ sabida,
Quem do sol os trabalhos mede, & sabe,
Eo que da Vrsa ao polo opposto cabe.

Pode o fado apartar-me injusto, & forte,
Mas não farâ, que quem seus males sente
Não torne â doce vida, & doce morte,
Na prizaõ donde esteue taõ contente,
Não se muda o amor, mudase a forte,
Dorme a memoria do que viue ausente,
Se ama não dorme, que este sentimento
Não consente repouzo ao pensamento.

Entende o Grego em reparar a Armada,
Com ele toda a Grega companhia
Se dispoem a partirse aluoroçada,
Sò Cyrce na alma esconde o que sentia,
Sendo a primeira magoa ja passada,
Da partida contente se fingia,
Etendo a culpa de seu mal taõ viua
Trata só de entreter sua dor esquiva.

107.

Pera hum retrete o leua, onde detinha
 A vista nas pinturas exquisitas,
 De historias, que o pincel insigne tinha
 Em viua, & muda poesia escritas:
 Aly Phebo correndo a aurea linha
 Das doze casas, que com a luz vizitas,
 Vias cair o que teu carro infama,
 Dando co a morte ao Pado eterna fama.

108.

Mostralhe logo na primeira idea
 OMundo num confuso chaos, & escuro,
 E que daquela massa informe, & fea
 He o sol alma immortal fermoso, & puro
 Ali se vem Melissa, & Amalthea
 Criar ao grande Iupiter, & o duro
 Saturno, que com sua eterna fome
 Os filhos que gerara, irado come.

109.

Descobrelhe outro quadro, õde a pintura
 Hum edificio de obra sumptuosa
 Mostra, que abriu tẽ o centro a terra dura
 Por se esconder na sphaera luminosa:
 Sustenta os chapiteis de prata pura
 De Diamante a parede alta, & lustrosa,
 Donde hum clarim perpetua mête chama
 Aos que aspirãõ gozar de eterna fama.

Esta

Lysboa edificada

110.

Esta parte lhe diz sublime adonde,
Afrontando do Ceo as luzes bellas,
A altiua testa o grande Olympo esconde
Coroada dos rayos das estrelas,
O alcaçar he da fama, que responde
Ao fittio nas grandezas, que de velas
Com a nobre architectura do apposento
Suspende a vista, enleua o pensamento.

111.

As janellas abertas, & patentes,
E as aureas portas nunca estão ferradas,
Que de varias naçoës, & varias gentes
Dia, & noite se vem sempre occupadas,
De correios, & espias differentes
De regioës das nossas apartadas,
O inconstante rumor que dentro habita,
As entradas dispensa, & facilita.

112.

Sobre hũa nuuem lucida, & dourada
Tem a fama seu alto, & nobre assento,
Onde a luz de Pyropos abrazada
Vence as luzes do ethereo firmamento:
Daqui sae com carreira acelerada,
Abrindo as azas ao ligeiro vento,
Que a toda a hora nas regioës serenas
Do ar, voando estende as aureas penas.

Duas

113.

Duas trompas sustenta nos nervosos
 Braços, a que dà alento perigrino,
 E dobrandose os echos pretentosos
 No mundo todo soa o metal fino:
 Com mil linguas os casos duvidosos
 Publica, & logo com buril diuino,
 Porque os futuros seculos espante,
 Os laura em taboas de ouro, & de dia-

114.

(mante.

Junto a seus pès està assentada a historia,
 Rodeada de liuros, aonde escreue
 Feitos, que dignos são de eterna gloria,
 A que offender a idade não se atreue:
 Seus Archiuos, & annais guarda a memo-
 Tem ante si poltrado o tempo leue, (ria,
 A inimiga fortuna, a morte escura
 A que com a planta opprime a ceruiz du-

115.

(ra.

Outras muitas estancias occupadas
 Se vem de altos varoões, que as merecidas
 Coroas tem por obras estremadas,
 Dando caducas por eternas vidas:
 E os que em segura paz com leis sagradas
 Como com muros, deixaõ guarnecidas
 As terras, ou a pena o Ceo toando
 No aposento da fama entraõ voando.

Varios

Varios retratos nas paredes pen dem
De matronas insignes, que a pintura
Tão viuas mostra, que co a vista acêdem
Desejos de imitar sua fermosura:
Com eloquencia muda aly reprecnem
As da idade presente, & da futura,
Que sem buscar da fama o claro asento
Na sombra estão do bruto esqueci mēto

Este Castello em roda está cercado
De arduos caminhos, onde vão sobindo
Os que com justo passo acelerado
A eterna fama vão caminho abrindo:
Aqui tambem lugar teràs guardado,
Onde essa altiua fronte irá cingindo
A coroa que as folhas não perdeo
Da gloriosa planta de Peneo.

Descobre logo hum Mapa, onde abraça
Tem consigo Neptuno a redondeza, (da
De plantas, feras, & aues variada,
Que o variar faz bella a natureza:
Aqui lhe mostra a terra dilatada,
A quem do eterno lume a tocha aceza
Do sol illustra, & nella as descubertas
Partes, & as que inda temos por incertas.

119.

Vês cômô com seus braços, lhe dizia,
 A terra cinge o tumido Oceano,
 Aqui Africa está, que as feras cria,
 Dos fins de Grecia ao freto Guatidano,
 Aqui he Azia donde nasce odia,
 Cujó alto imperio o Nilo do Africano
 Diuide, & a verde Europa mais auante
 De Tanais atè o largo mar de Atlante.

120.

Aqui se vê na Europa alta, & famosa
 Grecia rica das agoas de Castalia,
 O Illirico, & Panonia poderosa,
 Antre o mar de Adria, & Thusco mar, Ita.
 Aqui a Tracia em rios caudalosa, (liaz
 Aqui os lyrios da abundante Gallia,
 Antre o Rheno, & Danubio, a grão Ger-
 mania,
 Aquia Hesperia, & logo a Luzitania.

121.

Lançando a voz do peito alto, & facundo
 Cyrce profigue. O não mundavel fado
 Nesta parte, que he ultima do mundo,
 Onde no mar se banha o sol dourado,
 Onde começa o Oceano profundo,
 Entrando nele o Tejo tão inchado
 Com curso tão soberbo, & absoluto.
 Que mostra darlhe leys, & não tributo.

122.

Aqui te manda o Ceo buscar a terra
Por este profundissimo rodeo,
Onde tanto perigo, & morte enferra
O graõ Neptuno no ceruleo ceyo:
Por duros casos, & sanguinea guerra
Conquistaràs a terra, & Reyno alheo,
Descanço tinhas cà, sem ser buscado,
Sem co sangue das veas ser comprado.

123.

Foges de my ao som de hum doce engano
Para buscar repouso tão custoso,
Vida entregando, & vellas ao Oceano,
A Ceo estranho, & mar tempestuoso,
Por largos erros de caminho insano,
Tendo aqui vida, & estado poderoso,
Trocando com vontade pouco experta,
Por incerta fortuna esta mais certa.

124.

Sylla ouuiràs, & o canto doce, & brando
Das Sereas, dos Nautas tão temido.
Chegaràs aonde as portas vae ferrando
Ao trato humano Alcides atreuido:
Depois de andar no largo mar errando,
Veràs o Tejo, tendo diuidido
As ondas do Oceano, a quem refrea
Iupiter com grilhões de branca areia.

Aqui

125.

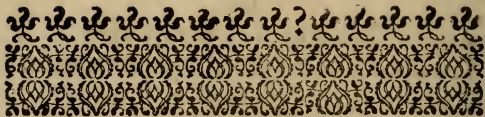
Aqui neste lugar os nobres muros
 Leuantaràs com gloria, a que tremendo
 Todo o Oriente em seculos futuros
 Inclinarà a ceruiz obedecendo: (ros
 Quando ao mundo nascerem aqueles pu
 Elpíritos, que o Elísio está detendo,
 Até que o tempo vagaroso, & lento
 Traga o dia a seu claro nascimento.)

126.

Daraõ á graõ Lisboa descendentes,
 Que dilatem co a vida o nouo imperio
 Até as cazas do sol, & nas ardentes
 Areas de Asia escreuaõ o nome Hesperio:
 Afrontarãõ com animos valentes
 O frio, & ardentissimo hemispherio,
 Ficando o mundo todo campo estreito
 A hum reino sò de mil imperios feito.



ARGV-



ARGUMENTO DO QVARTO CANTO.

DEsce Vlysses ao centro acompanhado
De Cyrce, que lhe mostra o escuro auerno,
Vè as ideas no Elysio a quem o fado
De Lysboa guardou o alto gouerno:
Vio Anticlea, & porque o sol dourado
Sair queria, deixa o triste inferno,
E da sombra que occupa a gente morta,
Ao mundo torna pela eburnea porta

I.

EM fogo honroso, Vlysses se abrazaua
Ouuindo os Reys que Cyrce referia,
Quer aos câpos decer, que a Estige laua,
Onde ver Anticlea poderia:
Difficuldades Cyrce excogitaua,
E em vão de seu intento o deuertia
Com rezoês, com que entrar lhe não per-
No escuro Reyno do seuero Dite (mite
Ella

2.

Ella as occultas causas lhe declara,
 Insta Vlyffes com animo seguro,
 Concedeme o que peço ò Deosa chara
 Filha do mesmo Sol fermoso, & puro:
 Nisso diz ella, ò Capitaõ repara
 Que poder penetrar o Reino escuro,
 He cousa grande, a poucos concedida
 Os que gozamos a aura desta vida.

3.

Não basta peito, & coração constante,
 Que o peito, & coração mais animoso
 Não tem para sofrer força bastante,
 Do Cerbero o latido temeroso:
 Tentar do Inferno os muros de diamante
 De ondas de fogo hum mar tempestuoso
 Hydras, furias, ministros de tormento,
 Excede todo o humano atreuimento.

4.

Amote Vlyffes muito, & não quizera
 (Posto que andas tratando da partida)
 Que algum mal, ou perigo succedera
 A húa prenda desta alma taõ querida:
 Nada, diz ele, o coração me altera,
 O perigo, que pòde ter a vida,
 Antes será mostrar animo forte
 Hir buscar a sua casa a mesma morte.

E

Cyrce

5.

Cyrce por darlhe gosto se prepara,
Eja intumece co furor do espirito, (ra,
Toma hum liuro nas mãos, logo hũa va-
Com que as agoas enfrea de Cocyto :
Dispois que variamente o liuro olhara
De caracteres barbaros escrito,
Detem a aguda vista na pintura,
E olhando ao Ceo com rouca voz mor-

6.

(mura.

Logo sobẽ num carro, que leuado
De dous Grifos se vae da terra erguendo,
Que abrem batendo as azas o ar delgado
Co altiuo collo às nuuẽs excedendo :
A redea Cyrce leua, o acelerado
Carro ja a terra inclina, & vae decendo,
E pela pura, & cristalina via
Cortando as rodas feruidas rompia.

7

Toca de hum monne a testa leuantada,
Que faz coluna ao Ceo co as penhas gra-
A que co a leue pena exercitada (ues
Podem mal arribar ligeiras aues :
Abaixo toa o Ceo da congelada
Espalda ; acima os ares tem suaues,
Que da frente as gadelhas ornamento
Nem Iris molha, nem perturba o vento.

De

8.

De escondidas cauernas fae brotando
 Hum furibundo Rio de agoa escura,
 Por voragés, & grutas exhallando
 Ares horrendos de Memphite impura:
 Aly o lago Auerno està formando,
 A que rodea a terra aspera, & dura,
 As eruas mata, & em sua margem fria
 Sò venenosas serpes gera, & cria.

9.

Por antre duras penhas leuantadas
 Troncos hirsutos pelo ar se erguiaõ,
 Das aruores dos rayos fulminadas
 Secas, que verdes folhas não viftião: (das
 De Acroceraunia, & Phlegra as inflama-
 Rochas, as deste monte pareciaõ, (tes
 São as vozes que se ouuem de inclemen-
 Bufos, & mortais siluos de serpentes.

10.

Em pedaços pendentos os rochedos
 Estaõ ruina eterna ameaçando,
 E para não cair altos penedos
 As mãos por sustentarse, se estaõ dando,
 Negros ares, & escuros aruoredos,
 Nunca vento suaue respirando
 Moueo, que a morte quiz, que aly de fora
 Lhe guarde o espãto as portas dõde mora

II.

Este he o Cymerio monte coroado (no,
De hum sulphureo vapor, mortal, & eter-
Que o ar em roda deixa inficionado,
E a negra boca faz do escuro Inferno;
Onde o bosque medonho, & carregado
De horrenda sombra cobre o logo Auer-
Cujas exhalaçõs tristes, & graues (no,
Mataõ voando as fugitiuas aues.

II2.

Aqui chegado tinha a bella *Ææa*,
Solto o cabelo para tras ao vento,
Na maõ a vara, com que da phebea
Lampada faz parar o mouimento,
Com que de Phlegetonte o curso enfrea
Do Abutre a fome, de Ixion o termento
Faz que Ticio descanse, & a sede esquiuua
Tantalo apague na agua fugitiua.

II3.

As roupas apertando passeaua
Por antre as tristes sombras animosa,
Hum negro touro a Hecate imolaua,
No Ceo, & grande Herebo poderosa,
Os vasos de Lico lhe derramaua
Na crespã fronte, & nella artificiosa
Certas sedas escolhe, & dellas logo
Faz sacrificio no faminto fogo.

14.

Tartareo Ioue (diz) do fogo eterno, (ma,
 Que, porque o igneo mudo, em verte tre
 Te honraõ a testa, & rosto sempiterno,
 Serpes feras por lucido diadema, (no
 Tende antre as sombras do temido Auer-
 Imperio, & dignidade taõ suprema
 Que o fogo que decer nunca pudera,
 Dece por ty de sua propria Sphera,

15.

Proserpina triforme, triste esposa
 Do graõ Plutaõ, em cuja monarchia
 Coube a parte do mundo tenebrosa,
 Que com seus rayos naõ vizita o dia,
 Eterna noite aos homẽs temerosa,
 Filha de Chaos, em cuja sombra fria
 Nocturnas aues as regioes ferenas
 Cortando vaõ com carregadas penas ;

16.

Triste Cocito, Phlegetonte escuro,
 Que de Dite œercais a graõ cidade,
 Cujõ alcaçar soberbo està seguro
 Contra o poder da longa eternidade,
 Enfermas casas, abrazado muro,
 Moradas da fatal necessidade,
 Inimigo do sol Reino do espanto,
 Portas abry a meu forçoso encanto.

17.

Vos Radamanto, & Mynos poderoso
Deixay da vrna leue o mouimento,
Day tauor ao que peço, & o cauernoso
Inferno abri, & ignifero apposento,
Para que possa Vlysses valeroso
Entrar no escuro Reino do tormento,
Eumenides horrendas que tomastes
Viuo, intonso cabelo de Cerastes.

18.

E tu que as tristes almas vas passando,
Cujoz pezado remo as ondas corta
De Cocito abrazado, nauegando
Para o Reino da morte, a gente morta:
Tu Cerbero indignado, que ladrando
Guardas o lumiar da ferrea porta,
Para que nessa regia taõ temida
Nada entrar possa, sem deixar a vida.

19.

Se algũa cousa tenho merecido
Sacros numes, auendo conuocado
Vossa deidade, & victima offrecido
No altar a vossos nomes dedicado:
Se de algum tenro infante desparfido
Vistes o puro fangue, que arrancado
Das tetas foy da mãy, ou propria ama,
Segui quem vos inuoca, & quem vos cha
ma. Vend

20.

Vendo que tarda hum circulo, & figura
 Em roda pinta, & nele recolhida
 Copè descalço fere a terra dura,
 Contempla a luz de Phebe amortecida,
 Moue a vara, que ja da sombra escura
 Almas trouxe a informar com noua vida
 Seu primeiro cadauer, & leuanta
 A voz, batendo a terra a dura planta.

21.

Sentio Phebe o encanto, & de afrontada
 Encolhe os rayos com que a noite arrea,
 De negras nuués mostra rebuçada
 A face, que imitava a luz phebea:
 Ficou a natureza perturbada,
 O Ceo tornase escuro, a noite fea,
 Tudo se vê alterado, de emprouiso,
 O Ceo, a bella Cinthia, o negro Abyffo.

22.

(to

Eis que o bosque se moue, & o negro ven
 Ferue entre os ramos com mortal ruido,
 Treme a terra em seu proprio fundamêto
 Nos baixos valles, & no monte erguido,
 De passaros nocturnos o violento
 Gemido se ouue, & aspero latido (ua
 Dos caês por antre a sombra, que mostra
 Que a seus rogos a Deosa se inclinava.

23.

Olhando para Vlyffes lhe dizia,
Agora he ocaziã Grego famoso,
D'outro esforço maior noua ouzadia,
Que hoje te importa mais ser valeroso:
Segueme, & logo entraua, ele a seguia
Turbado a coraçã, mas não medroso,
No punho a espada, & pela coua dentro
As sombras piza do temido centro.

24.

Agora Clio, Euterpe, & Melpomene
Vosso fauor espero, que me acuda,
Que nas facundas agoas de Hypocrene
Deis voz sonora a minha lingua ruda,
Porque as penas sem ordẽ algũa, ordena
Da eterna noite, & desta sombra muda
Diga os segredos, que no ceo encerra
Prenhe de chamas à abrazada terra.

25.

Ià venciaõ com passo errante os medos
Da escura entrada, donde os carregados
Ramos de seus confusos aruoredos
Do ar (por mór terror) são meneados,
Quando chegã ao pè d'altos rochedos,
Onde do lago Estigio os abrazados
Fogos, que da outra parte ao ar subiaõ,
Sua corrente a espaços descobriaõ.

Com

26.

Com esta escura luz se diuifaua
 Hum batel, que atraueſſa lentamente,
 Que o cansado Charonte nauegaua,
 Oppondo o braço à rapida corrente:
 Chega á praya, quem eraõ perguntaua;
 Contra os dous moue o paſſo diligente,
 E conhecendo a Cyrce, lhe declara,
 Como Hecate que os paſſe lhe mandara.

27.

Era Charonte velho, a que cobria
 A viſta a ſobrancelha carregada,
 E ſobre o pardo peito lhe cahia
 A eſpeſſa barba, nunca penteada,
 Os membros nũs, que a partes deſcobria
 A roupa de longo vzo maltratada,
 Velho poreſtrem robusto por eſtremo
 Com forças aptas ao pezado remo.

28.

Logo as miſeras almas que eſperando
 Paſſar, as largas prayas habitauaõ,
 Vendo a Vlyſſes armado, o vaõ cercando,
 Que de tal nouidade ſe admirauaõ:
 Por antre as ſombras outras vaõ voando,
 Em quanto o eſcuro Rio naõ paſſauaõ,
 Como as aues que vendo ao Sol diſtante,
 Paſſaõ do heſperio Calpe ao mouro At-
 lante.

Querian

29.

Queria atraueſſar o Rio eſcuro
 Charonte no peſado remo pega,
 Onde para ſubir Vlyſſes duro
 Firma o pé, mete o remo, o batel chega:
 Geme co pezo o bareo mal ſeguro,
 Ele as almas aparta, entra, & nauega,
 A rota vella o ar deſencolhendo,
 Os remos igualmente vae batendo.

30.

Saem na deſerta praya, & vaõ ſubindo
 Por hũa eſtrada, ao parecer fermosa,
 Viaõ graues viſoões, naõ lhe impedindo
 Do Inferno a liure entrada, & temeroſa:
 Gritos ſoaõ, que os montes repetindo,
 A jornada faziaõ duuidosa,
 E a pouco eſpaço a porta vem do Inferno
 Que hum medo infunde, & hum pauor

31.

(interno.

Vem as ſoberbas torres de aço puro,
 Que naõ temem de Ioue o forte braço,
 E os negros lenços do abraçado muro,
 Que guarda, & cinge o temeroſo paſſo:
 Olume que arde dentro, inda que eſcuro
 As ſombras vence por hum grãde eſpaço,
 Que pelas bocas, que no muro abria,
 Lingoas de imortal fogo deſpedia.

Das

32.

Das torres pelos ares leuantadas
 Se ve co a luz do fogo a architectura,
 Naquella parte em pé, nesta gastadas
 Por antre a confuzaõ da noite escura,
 De fumo nuués densas, & dobradas
 Sobem do ar impuro à mòr altura,
 Bramaõ graues trouoës continuamente,
 Donde se precipita o Rayo ardente.

33.

Phlegetonte, das casas onde habita
 A eterna noite, os muros vae lambendo,
 Espadanas de fogo, com que imita
 Os rios, pelas margens brota ardendo:
 Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
 O espumoso rio està feruendo,
 Vendose as almas, que arrojaua o centro,
 Sair ao alto, & recolherse dentro.

34.

Aly hum graõ portal se ve cortado
 Em penha viua, aonde a vista alcança
 Num bronze, em letras igneas entalhado
 Quem entra deixa aqui toda a esperança,
 Aly se via Cerbero indignado,
 A quem de massa soporada lança,
 Cyrce graõ parte, & logo resupina
 A triforme cabeça a fera inclina.

35.

Cae a fera disforme amortecida
Em graue sono, & sem vigor postrada,
Logo a Sphinge se vê dura, & temida
Dos filhos de Philyra acompanhada,
Da Chimera, & da Hydra embrauecida
A sahida da porta está guardada,
E co a fouce fatal de agudo corte
Preside a todos a inuenciuel morte.

36.

Aly a soberba está, que por empreza
Toma atreuerse a Iupiter celeste,
Està a seu lado a enueja em fogo aceza,
Que os membros nus mordendo apenas
O triste & frio medo, a vil pobreza, (veste
A palida auareza, a mortal peste,
Outros monstros se vem, a quem fazia
O sono irmão da morte, companhia.

37.

Na temerosa porta se detinha
Vlysses, que ao entrar está patente,
Plutaõ triste, & pezado o rosto tinha,
E a vista nele poem fera, & ardente,
Sobre o robusto corpo ao ar caminha
A testa em grandes cornos eminente,
Irado aos monstros grita, que tremendo
Se apartaõ co terror do brado horrendo.

Todos

38.

Todos fizerão praça, & rodearão,
 Com presteza cercando a Vlyffes forte
 Estranhos vultos, & horridos mostrarão
 E na vista hum terror da mesma morte:
 A terra algũs de formas estampaõ,
 Ferinas de estupenda, & varia forte,
 Diante estauão Furias inclementes,
 Toucadas de cabelos de serpentes.

39.

Aly se vem Harpias, indomados
 Centauros, vem se Gorgonas temidas
 Soberbos Girioês, que leuantados (das:
 Tres almas mostraõ ter num corpo vni-
 Sybilão Hydras, & Pitõis irados,
 Briareus, Ephialtes homicidas,
 Sem se poder julgar nesta incerteza
 Se he mór a fealdade, se a fereza.

40.

Cyrce lhe diz, ò Rey do fogo puõ
 Do grão Saturno, & de Opè perigrina
 Filho, & irmão do soberano Anxuro,
 Charo esposo da bella Proserpina:
 Tu que este Reino do tormento escuro
 Gouvernas, & com traça alta & diuina,
 Em desconcerto, & triste horror ordenas
 Conforme as culpas, as temidas penas.

Permite

41.

Permite a Vlyffes, que do lago Auerno,
 Que teu imperio, & teu aceno adora,
 Penetre os ceyos, & do escuro Inferno
 Antes que ao mundo saia a roxa Aurora:
 Manda que pare este tormento eterno,
 E aos espiritos nùs a vingadora
 Alecto deixe em paz, sem offendelos
 Co venenoso açoute dos cabelos.

42.

Concedelho Plutão, & logo a cena
 Aos feueros ministros, & cessauão
 Os gritos, suspendendo a dura pena (uaõ:
 Com que as almas tè então se atormenta-
 E porque saibaõ todos o que ordena,
 Megera com as irmãs, que a acompanha-
 Filhas da noite, hũa trombeta toca, (uaõ
 A que dà imundo alento a negra boca.

43.

Soa o mêtal ferido horrendamente
 Cum tom rouco, terribel, & espantoso,
 Dobraõse os echos, como quãdo o arden
 Trouaõ passa com brado temeroso, (te
 Torna atras de Cocyto à graõ corrente,
 E entre as ondas do fogo poderoso
 As almas se erguem, & cada huã espera
 O que manda a seuíssima Megera.

Ven-

44.

(do

Vencendo as negras sombras vão entran-
 Vlyffes valeroso, & a fabia guia,
 Ambos com prompta vista hiaõ notando
 As varias penas que no Inferno auia,
 Vê as intensas chamas, que ondeando
 De fogo hũa ceara parecia,
 Que sem materia algũa se sustenta,
 E impassiueis espiritos atormenta.

45.

Aly vem dentro quanto o mundo abarca
 Aquella breue estancia reduzido,
 O miserauel pobre, & o monarcha,
 Hum desprezado cà, outro temido:
 Todos iguala a inexorauel Parca,
 Que a miseria, & grãdeza he hum vestido
 Que se despe ao morrer, & sò o espirito)
 He o nobre, he o immortal, he o infinito.

46.

Qual sem considerar seu nacimiento
 Fraco, & mortal, se julga por diuino,
 Fundando torres sobre o leue vento,
 Sendo tudo vaidade, & defatino:
 Sò tem a fama eterno fundamento,
 Porque o valor mais raro, & perigrino
 He filho d'alma, & o tempo não se atreue
 Quebrar as taboas, donde a fama escreue.

Vos

47.

Vos os que os doces ares da priuança
Bebeis, andando nella transportados
Sabey, que a sorte humana não descança,
O rayo busca os montes leuantados,
A gente que vos segue, & que vos cança
Quando passais temidos, & adorados,
Se se ajuelha, adora, & se importuna
Não se dá a honrra a vos, dá se à fortuna.

48.

Por antre as roxas flamas, que ondeauão,
Ià o grande Grego, & Cyrce se metião,
E as almas, que de velos se admirauão,
Pela vista o tormento suspendião,
Ià ao graue, & duro tribunal chegauão
Donde crueis sentenças proferião to)
(Quais se não virão mais com rigor tan-
Minos, Eaco, & o fero Rhadamantho.

49.

Aqui Circe lhe diz, são accusados
De ferreas almas duros homicidas,
Que dissimulão animos danados
Tendo os rostos por mascaras fingidas:
Ves Procustes arder que aos conuidados
Mataua, onde por preço destas vidas
A sua deu, fazendo, quando a perde,
Purpurea de Cephiso a margem verde.

Este

50.

Este que ves estar mais adiante
 Com a abrazada purpura vestida,
 Que tem na mão o Sceptro rutilante
 Insignia tão amada, & tão temida,
 He Polimnestor, que o fermoso infante
 Polidoro, priuou da doce vida
 Sem lhe guardar a fê, que prometera
 A Hecuba, que o filho em guarda dera:

51.

Ves Mamertes Corinthio, que atreuido
 As leis da natureza em pouco teue
 Porem que coração não tens vencido
 Da pezada Coroa ambição leue,
 Na espada de Syfapo cae rendido,
 Paga co sangue, o que a feu sangue deue,
 E agora passa a quele carro atado
 Dos veloses cauallos arrastado.

52.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega
 O pobre Amphiarao a dura Argia,
 Que a tanto a vil cobiça humana chega,
 Que em odio paga o que em amor deuia,
 Ves Perfeo, & Scyla com vontade cega
 De ambição, & de amor, que se atreuia
 Ele matar o Rey famoso Acriso,
 Cortar ella o cabello ao velho Niso.

Ves

53.

Vesas netas bellissimas de Bello,
Que o iniquo mandado executaraõ
Do pay, & por melhor obedecelo
Os miseros esposos degolaraõ,
Que junto ao triste rio por vencelo,
Em vaõ nas negras ondas trabalharaõ,
Ves como a dura pena merecida
Paga Orestes, & Agyrtes fratricida.

54.

Nestoutro tribunal, com recta vara
Se punem insolentes tyranias,
Este he Phineu, co as mesas que prepara
Pouoadas de esquizitas iguarias,
Porque os filhos priuou da vista chara
Lhas leuaõ imanissimas Harpias
Sempre faminto està; sempre inquieto
Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

55.

O que antre o Rio, & ramos mal seguros
A mór sede, à mór fome se prouoca
Sem os pomos poder lograr maduros,
E sem a agoa tocar a ardente boca
He Tantaló, que impuro aos Deoses puros
Deu o filho em manjar, a quem sò toca
Ceres, & aquella parte que comera
Lhe deu eburnea na melhor esphera.

Aqueles

56.

Aquele que aly ves arder antre estes,
 He filho da fermosa Hypodamia,
 Que por poder vingarse de Thiestes
 O filho offereceo por iguaria:
 O sol seus rayos escondeo celestes
 De taõ infame mesa a quele dia,
 Ves o cruel Diomedes, & Thiphonte
 Syron, Orcamo, Agiro, & Licaonte.

57.

De ver os Reys no inferno està admirado
 Vlysses, tendo a Icue taõ propicio,
 Que no mundo lhe deu tamanho estado,
 Que he de fauor diuino grande indicio:
 Aquy, diz Cyrce, tem aparelhado
 O seu castigo, os maos por beneficio (ra
 Dos bons, & poucos Reys o inferno encer
 Porque antre poucos se diuide a terra:

58.

Aqui veràs Fallacia estar ouuindo
 Os amantes, que insanamente arderaõ,
 Ve Ticio, a que o Abutre está ferindo
 As fibras que feridas renaceraõ,
 Porque de amar Latona presumindo
 Seus lasciuos desejos a offenderaõ,
 Tendo morte immortal, por ser piqueua
 Pera taõ grande mal taõ grande pena.

Ves

59.

Ves logó junto a filha de Cynara
Que de seu torpe amor não teue pejo,
Dando por ele a fama, & vida chara,
Que custa a vida, & fama hum vil desejo:
Enriqueceo Arabia, donde pára,
Que nisto pára sempre amor sobejo,
Ve Menefron como o castigo teue
Antre o rigor da congelada neue.

60.

Aly ve os que amarão insanamente,
Ve Machareo a que abrazou Canace,
Ve o pay de Cyane juntamente,
E com Casandra o valeroso Ajace,
De Neufimene os filhos, a excellente
Biblis com triste, & vergonhosa face
E tu que em chama intensa te abrazaſte
Co filho de Antenor bella Lycaſte.

61.

Prefide aqui Lauerna, aos que viuerão
De latrocínios grandes, & infestaraõ
A terra, lhe diz Cyrce, & não temeraõ
A Joue, cujos rayos prouocaraõ:
Marchilas a que os pouos se renderaõ
Que a Sylua Dodonea pouoaraõ,
Tytigias taõ temido em dura guerra,
E o soberbo Ægeon filho da terra.

62.

Isto dizendo chegaõ onde ouuiaõ
 De arrastadas cadeas graõ ruido,
 Que as abobadas negras repetiaõ
 Com terribel, & asperrimo bramido,
 Amargas vozes que soando criaõ
 Nalma pavor, & magoa no sentido,
 A qui se ve, diz Cyrce, o fogo eterno
 Do Tartaro cruel, do baixo Inferno

63.

Aqui os casos se punem mais pezados,
 Dos que já contra os Deos se atreuerãõ,
 Aquí tem os Gigantes debellados
 As penas, que suas obras mereceraõ,
 De cuja força os polos enfiados,
 Vendose a cometer, estremeceraõ,
 Quando no Phlegreo campo o soberano
 Ioue os ferio cos rayos de Vulcano.

64.

Ves ali dos Aloides Gigantes
 Ephialtes, & Otho a quem enferra
 Iupiter, atreuendose arrogantes
 Para o deitar do Ceo, subir da terra:
 De Diana, & de Apollo as penetrantes
 Settas prouaraõ na sanguinea guerra,
 E Phlegias Rey dos Lapitas famoso,
 Que o Templo à Appollo abraza sump-
 tuoso.

Ves

Ves seu filho Ixion, que à roda arado
Da baixo ao alto dela vae sobindo,
Pera ao centro decer arrebatado,
Correndo vay tras sy, de sy fugindo,
Porque daquele gosto imaginado,
As glorias vans ao mundo descobrindo
Segabou que na nuuem, que abraçara,
Da conforte de Iupiter gozara.

Ves Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante
Que contra os Deoses peleijar se atreue,
E Pentheo, de quem Bacho petulante
Taõ offendido, & desprezado esteue:
Ves as filhas de Preto, que à prestante
Venus negaõ a gloria, que se deue
A seu rosto excellente, & perigrino,
Prepondo o ser humano ao ser diuino.

Ves acolà Salmonio hir arrastando,
Porque igualarse a Iupiter queria,
Quando com velox carro atrauessando
Sobre hũa ponte de metal corria:
De Iupiter o estrepito imitando
Dos trouões, que imitar-se mal podia,
Medindo o que hà do centro a altiua pon
Emulo do abrazado Phaetonte.

68.

Là no mais fundo centro estaõ metidos
 Em mayor fogo, & com mayor afronta
 Os que com rostos falsos, & fingidos
 Querem que o mundo os tenha em mil-
 hor conta:

Que montaõ apparencias, & vistidos
 É a falsa opiniaõ taõbem que monta,
 He o hypocrita falso noua Sphinge,
 Porque he pessimo o mau se bom se finge

69.

Se contar por extensõ te quizera,
 Quanto nesta regiaõ de luz auara (dera,
 Se esconde, em fogo, & lombra mal pu-
 Que tanta confusaõ mal se declara,
 Se mil bocas, & lingoas mil tiuera,
 E com todas a hum tempo te falara, (erro
 Querem comprehender tudo era grande
 Tendo entranhas de bronze, & voz de

70.

(ferro.

Do que Vlysses ouuira, & do que via
 Cos olhos cheos de agoa, & sentimento:
 O triste humana condiçaõ, dizia,
 O eterna affliçaõ do pensamento,
 Num ponto acaba esforço, & galhardia,
 Seguen se eternos annos de tormento:
 Mas com que fundamento culparemos
 A propria condiçaõ, com que nascemos.

71.

Hiaõ vendo ao passar do graõ Letheo
O triste, & negro pego, onde se viaõ
O que por seu viuer infame, & teo
Eterno esquecimento mereciaõ,
E os que tratando o espirito como alheo
Lhe seruiu a alma sò com que viuiaõ
De sal, com que nos annos que durarãõ
Os corpos incorruptos conseruarãõ.

72.

Chegãõ de Herebo aos muros leuantados
E Cyrce diz, aqui Plutãõ encerra
Os varoẽs, cujos feitos sublimados
Merecem fama, & nome sobre a terra:
Eos que em virtudes altas estremados
Na branda paz, & sanguinosa guerra,
Com grãdes obras, dignas de alta historia
Compraõ com breue vida eterna gloria

73.

Aquy no grande Herebo vaõ passando:
Os largos annos, que Plutaõ lhe ordena,
O alto, & nobre espirito, apurando,
Sò na esperança de sahir da pena,
Daqui ao campo Elyfio caminhando
Regiaõ mais alegre, & mais seecena,
Por onde as almas já purificadas
Sobem às estelíferas moradas.

Entra

74.

(uaõ

Entraraõ ambos dentro, onde encontra-
 Muitos Gregos, que em Troya feneceraõ
 Co as proprias armas com que pelejauão
 Co as feridas que nellas receberaõ:
 No meo as almas Gregas o tomauão,
 E grande espaço aly se detiueraõ,
 Antre os claros espiritus cercado
 O grande Vlysses resplandece armado.

75.

A velo corre Agamenon, que vinha
 Ferido, a quem Vlysses abraçaua,,
 Do ferro o peito atrauessado tinha,
 De que o sangue ainda fresco lhe manaua
 Aly lhe diz, em quanto se detinha,
 Co a voz que dentro na alma se formaua
 Ao caso inopinado, & nunca visto,
 Deu Clytemnestra a causa, o ferro Egisto.

76.

Palido encontra Achilles, & turbado,
 A quem Patroclo segue mal ferido,
 Para abraçalo corre acelerado,
 O Capitaõ, dizendo, que atreuido
 Ferro pode tocar? ele admirado
 De o ver responde, quando fui metido
 Na estige as plantas na agoa não tocaraõ
 Por onde os fados seu caminho acharaõ.

G

Chega-

77.

Ghegandose nos braços o apertaua,
 Etelo Vlysses neles presumindo,
 Aquella mesma sombra, que abraçaua,
 Deles se desataua, & hia fogindo,
 O grande Heytor de o ver se perturbaua
 Como que a gente Grega o vem seguindo
 E os Troyanos Heroes, que ali se achauão
 Alterados de velo se apartauão.

78.

Aly as almas se vem na sombra escura,
 Dos que o fio cortou a Parca impia
 Leuandoos a encerrar na sepultura,
 Das entranhas da mãy, sem vero dia:
 E os que auendo gozado da luz pura,
 Arrebatou com mão pezada, & fria,
 Dos peitos, de quem Rumia tem tomado
 Como adoptiua mãy, nouo cuidado.

79.

Passando vão aos campos venturosos,
 Onde os espiritos tem dozes moradas,
 E da morte, & seus males victoriosos
 Tem o gosto, que as penas dão passadas:
 Por antre bosques altos, & frondosos
 Ao longo de ribeiras sossegadas
 Em danças, em choreas, & alegrias
 Passão num dia eterno eternos dias.

No

80.

No Elyfio campo hum vale eſtá ſombrio,
 Por mór veneração de boſque eſcuro,
 A que húa nuuê cõbre, & hum freſco rio
 Com manſa vea corta alegre, & puro:
 Aly do tempo o ordenado fio
 Guarda eſpitos gentis, que no futuro
 Huns haõ deſer na paz, outros na guerra
 Dynaſtas, ſemideos ſobre a terra.

81.

Aqui, lhe diz, dõ imperio Luzitano
 Para onde o fado, & claro Ceo te chama,
 Os Reis verã, que hiraõ pelo Occeano
 Tè ver do ſol dourado a ignea cama,
 Por rics, ao famoso Tejo vſano,
 (eſcurecendo toda a antiga fama)
 Ajuelhados de longe, o mar abrindo,
 A maõ virãõ beijar o Gange, & o Indo,

82.

Diſlhe Vlyſſes antaõ, ò poderofa
 Deoſa que com altiuo pensamento
 Na ſombra eſcura, & eſphera luminofa
 Podes o centro abrir, & o firmamento,
 Moſtrame eſſa profapia glorioſa,
 E deixame adorar o fundamento
 Da illuſtre Luzitana Monarchia,
 A quem a ſabia Cyrce reſpondia.

G 2.

Aqui

83.

Aqui verás na idade derradeira
 Da generosa estirpe Lusitana,
 Os varões que procedem da primeira
 Raiz do velho Henrique soberana,
 Verás que inda que a fama lisongeira
 No que nos conta a vezes nos engana)
 Aqui diz menos, que a immortal memo-
 ria

Deles honrrará viua, & morta historia.

84.

Aquele varão forte que diante
 Ves de todos tam brauo, & raõ guerreiro
 Nos membros robustissimo gigante
 He o grande Henrique, illustre conde
 Lusitano Mauorte, que arrogante
 A forte lança empunha ele primeiro
 Com força, que as humanas muito excede
 Matando no inimigo sangue a sede.

85.

Este em dourado jugo de Himeneo,
 Ligada co a bellissima Tareja,
 Pondo ao Mouro atreuido honroso freo
 Encherá Hespanha de gloriosa enueja,
 Tè as partes onde foy vencido Antheo,
 Lhe foge o Agareno, que deseja
 Esconder se da lança enfanguentada, (da
 Mostrando a nua espalda, em vez da esp

86.

Junto dele está Afonso de alto aspeito,
 Que tem no punho a espada vencedora,
 A quem ficará sendo imperio estreito,
 O que ha do frio Occaso à roxa Aurora:
 Este com firme, & inuenciuel peito
 Da gente que nos Caspios montes mora,
 Cinco Reis vencerá, pondo a Lyfboa
 Das cinco huã dignissima Coroa.

87.

Vencerás o inimigo ò Rey famoso,
 Digno deste triumpho illustre, & claro,
 Pizando os estandartes victorioso,
 Que contra ty tremola o Mouro auaro:
 Da Maura infania açoute milagroso,
 Por quem milita o Ceo com fauor raro,
 Vendo a teus pes mil vezes arrazado
 O viuo muro do inimigo armado.

88.

Mandarà vir o Ceo para ajudarte
 Guilherme illustre da inclita Alemanha,
 Childe Rolim de Frandes, nouo Marte
 Que no cerco te segue, & te acompanha:
 O perigo antre todos se reparte, (ha,
 De sangue alheo, & seu cada hum se ban-
 Que entraõ na empreza os fortes Caua-
 leiros
 Como vassallos não, mas companheiros.

89.

O que está junto dele he o excellente (ha,
Sancho, do mundo assombro, & marauil-
Por quem verá Albaya que hir a corrente
De Alquibir sanguinosa a grãõ Seuilha,
A quem dispois Miramolim potente (ha,
Aceruiz com mais trêze ao jugo humil-
Que faz co ferro abrindo negres veas,
Purpurear as palidas areas.

90.

Ves o segundo Afonso, que manchada,
por ser de tantos mouros homicida,
Mostra do sangue a cortadora espada
No temeroso Alcazar taõ temida:
Junto dele está Sancho, que a prezada
Coroa engeitará, buscando a vida
Mais segura, a quem segue o valeroso
Terceiro Afonso de Matilde esposo.

91.

O que ves co a viseira relufente
He Dinis, que na acesa vista ardendo
De seu braço, & espada refulgente
Em Castella Fernando está tremendo,
A quem dispois co a valerosa gente
Portuguesa, do Mouro defendendo,
Estenderá sua fama pela dura
Guerra, do Sagitario a Cynosura.

Este

92.

Este terà a illustre, & chara esposa
 Do sangue de Aragaõ bella Ifabella,
 Que sò procura nalma ser fermosa,
 Sendo sobre a mayor belleza bella,
 Da terra ao Ceo na morte milagrosa
 A mòr esphera sobe a ser estrela,
 A terra enriquecendo de memoria,
 De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de

93.

(gloria,

Aquele do bastaõ será o temido
 Quarto Afonso, nas armas Marte irado,
 Pelo inuenciuel braço conhecido
 Na sanguenta batalha do Salado,
 Adonde Alboacem sendo vencido,
 Quietos o Hispano Afonso, & sossegado,
 Ele que gloria sò procura, & ama
 Nada quer da victoria alem da fama.

94.

Este que ves robusto, & bem disposto,
 Cor parda, naris alto, olhos fogosos,
 He Pedro, que desmente em fero rosto
 Os brandos pensamentos amorosos,
 Que amarà a bella Inez, & a quele gosto
 Lhe roubarão os fados enuejosos,
 Quando matando a dous hũa sò ferida,
 Cahirà do mesmo golpe o amor, & a vida

G 4

Quem

95.

Quem he aquele de aspeito venerando,
 Pergunta o Grego, a quem responde logo
 Cyrce, que nas delicias he Fernando
 Mais conhecido, que no Marcio jogo,
 Que em sua terra o Castelhana bando
 Sofrerà, vendo arder o Hispano fogo,
 Voar Lisboa do lugar que teue
 Aos espaços do ar em fumo leue.

96.

O da insignia verde, & graue aspeito
 Que em corpo gigãteo alto, & membru-
 Veste de arnes luzente o forte peito (do
 Apertando no punho o estoque agudo
 He Ioaõ, que a seus pès tem o perfeito
 Dom Nuno Aluares Pereira, viuo escudo
 Do Reino, & Rey, que o jugo Castelhana
 Sacode do pescoço Luzitano.

97.

Por este a patria affita, libertada,
 Estendida, opulenta, emnobrecida
 A rica idade gozarà dourada,
 Que sò serà de ferro em ser temida,
 Qual cometa fatal a sua espada
 Dispos de dar ao Orco tanta vida,
 Ornada de diamantes, & de estrelas,
 Serà no Olympo colocada antre ellas.

Este

98.

Este Rey sem vencelo a aduersidade,
 Porà no Ceo as Luzitanas quinas,
 E do solto inimigo a liberdade:
 Enfrearà vestindo as armas finas,
 Darà premio, & castigo em igualdade,
 Nutrindo, & fecundando artes diuinas,
 Da patria pay, para que o mundo veja,
 Que aly não acha que emendar a enueja.

99.

Logo o grande Duarte, que affectando
 Das estrelas, & Ceo o arduo caminho,
 Do mar as ermas ondas pouoando
 Hirà com tanta vella, & tanto pinho
 Do sol co a vista os rayos aturando,
 Que he Aguia tão real como he seu ninho
 Vencendo o seu belligero estandarte
 Dous mores inimigos Morte, & Marte.

100.

Aquel outro que o sol limita armado to,
 No resplendor, he o grande Afonso quin-
 A quem se deuem para seu treslado
 Marmores parios, bronzes de Corintho,
 De quem a terra, & mar mais apartado
 Tremerà deste Polo, ao mais distinto,
 Dando mòr fama para engrandecela
 A graõ Lysboa, que Alexandre á Pela.

G 5

Lo

101.

Logô Ioão segundo bellicoso
 Farà escura toda a fama alhea,
 Vendo leuar seu nome glorioso
 Tè onde o ardente sol ferue na area,
 Descobrinbo o graõ Cabo, que o famoso
 Nilo em cothurnos de christal passeia
 Rey exemplo de Reys, digno gouerno
 Que fora eterno Rey, de hum Reyno eter

102.

(no.

He o do largo manto o preeminente
 Primeiro Emanuel, que a vencedora
 Serpe leuará aos mares do Oriente,
 E aos bordados de luz Reynos da Aurora:
 A este Neptuno humilha a graõ corrente
 E a gente que de Antheo nos campos mo-
 Vem pedir leis, & o barbaro Gentio (ra
 Da terra onde o sol faz perpetuo estio.

103.

Chegarà onde nunca o echo, ou fama
 Chegou, toda a Asia tremerà de ouuilo,
 Da parte onde o sol tem dourada cama
 Tè onde acaba sem mudar o estilo,
 De medo já com sete bocas brama, (lo,
 Por se esconder dentro em seu mar, o Ni-
 Dandolhe estatuas o que bebe Hydaspes
 De ouro, & Atlante de Africanos jaspes.

Iunto

104.

Junto dele João está terceiro,
 A quem seu mar, seu Oriente humilha
 O inuentor raro do animal guerreiro,
 E da terra, & do sol a bella filha,
 Será despois de tantos o primeiro
 Terror dos mares de Asia, & marauilha,
 Em cujos hombros descansar pudera
 O graue peso da mayor esphera.

105.

Ves logo Sebastião forte, & temido,
 Nouo filho do sol, que entra arrogante
 E em suas grandes forças atreuido,
 Quer pizar a ceruiz do velho Atlante,
 Intenta ver a hum tempo destruido
 De Marrocos o muro, & Turudante
 Mas ah que vejo ao Reino sua ruina
 Num Rey que he moço, & só se determi-

106.

(na.

Ve bem o graue, & carregado aspeito,
 Com que hum mudo pavor nas almas
 cria,
 E nota que em seu rosto, & forte peito
 Grandes cousas se vem co a fantasia,
 Que dà esparanças o famoso objeito
 De não imaginada monarchia,
 Mil sombras de inimigos debellados
 O cercaõ, mil de Reinos conquistados.

107.

Seguirà de Bellona a imagem fera,
 A que Nimpha de Amphrifo a gloriosa
 Rama prepara, que cingir espera
 A sua altiua fronte victoriosa,
 Fatal affombro de hũa, & doutra espherã
 Se a tantas esperanças enuejosa
 A fortuna, que o ve, naõ no atalhara,
 Larga nos males sò nos bens auara.

108.

Que faudoso pranto, & magoas vejo
 Dizer sem fruto à Luzitana gente,
 Quando chorar com dor, & amor sobejo
 Sua morte, & sua ruina juntamente:
 Que exequias lhe faràs faudoso Tejo,
 Vendo crescer co pranto a tua corrente,
 Quando os funebres tumulos, & altares
 Com tuas ondas turbadas visitares.

109.

Venhaõ cheirosos lirios, venhaõ rosas,
 Venhaõ flores deitadas a maõ chea
 E a altas faudades amorosas,
 Dos olhos acompanhe a larga vea.
 O que em purpureas vestes gloriosas,
 Com tanta magestade o corpo arrea,
 O sancto Henrique he, para que fique
 Do nome do primeiro, yltimo Henrique.
 O que

IIO.

Logo por entre sombras apparece
 Hum quadro por descuido ali trazido
 Pergunta o grego Capitaõ pois esse
 Como ficou dos outros diuidido?
 E a sabia Cyrcce ainda que conhece
 O segredo que està mais escondido
 No seculo futuro a fantasia
 Suspende por hum Pouco, e assi dizia.

III.

Quando subir o Reino a mor altura (to
 Quando co pezo de seu grande augmen-
 A machina nutante e mal segura
 Fizer em partes perigoso assento,
 Quando tantos fauores da ventura,
 Se virem acabados num momento,
 Iniustamente o solio Lusitano,
 Sera opprimido do poder Hispano.

II2.

Da successaõ a illustre descendencia,
 Suspenza ficará mas não quebrada,
 Seraõ os tres Philippes na apparencia
 Somente Reis, que a linha diriuada
 Do grande Emanuel sem uiolencia
 Sera a seu justo successor tornada,
 Que pera tudo no futuro incerto,
 Os fados acharaõ caminho aberto.

Sera

113.

Sera pois este o inclyto Monarcha
 Quarto Ioaõ no nome esclarecido
 A quem em tear de ouro a iusta Parca
 O estame tece a seu valor deuido
 Aquem beijarà o pè tudo o que abarca
 De ambas as Thetis o humido marido
 E offrecerà a seu simulacro raro
 Africa iaspes, e seus montes Paro.

114.

A este Rey venturoso descubriendo
 Nouos climas alem do mar profundo,
 Naõ contète que mande o Gange e o Indo
 Lhe quer o Sol abrir hum nouo mundo.
 Ao grande Afonso no valor seguindo,
 Ea Emanuel primeiro sem segundo
 No saber, que no alto peito enferra,
 Serà Numana pas, Cesar na guerra.

115.

Verà o Imperio seu taõ estendido,
 Que ele mesmo se impida o crescimento,
 De perolas, & neue guarnecido (to,
 Vera o Norte, & o Sul seu nouo augmen-
 Com diamanti nos crauos impedido
 Da roda da fortuna o mouimento (ra,
 Ha de estar firme, inda que o tempo cor-
 Ha de viuer, ainda que o tempo morra.

116.

Nisto Anticlea para Vlyffes vinha,
 Que em seus braços suspenso hum pouco
 É quãdo neste eugano se detinha, (elteue,
 Ve que deles lhe foge a sombra leue,
 O doce mãy, lhe diz, ò gloria minha,
 Assim me roubas este gofio breue,
 Quando sò por te ver ao Inferno venho
 Buscando a gloria, que em teus braços ten.

117.

(ho.

Naõ quis o Ceo que em Ithaca me achasse
 Quando della fizeste despedida,
 Porque os olhos morrendo te cerrasse,
 Honrrando com meu pranto tua partida,
 Porque esta dor, & magoa me ficasse,
 Para me atormentar em toda a vida,
 Que para naõ sentir pena taõ graue,
 Já a triste morte me lerà suaue.

118.

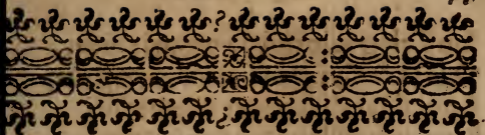
Viue, diz ella, Vlyffes, & permita
 O Ceo que contes annos defcançados,
 Neptuno tua morte folicita,
 Ventos mouendo, & mares empolados:
 A paciencia os cafos facilita,
 Sofrendo has de vencer fortuna, & fados,
 Sempre o animo ergue a coufas altas,
 Se elles faltarem, vejão que naõ faltas.

Per

Preguntalhe Laerte se viuia,
Viue, ella lhe responde, & tua esposa,
E Telemacho dambos alegria,
Com que enganaõ a vida faudosa,
Torna a alegrar aquella companhia,
Penelope taõ casta, & taõ fermosa
Naõ era para ausente, inda que casta
He fermosa Penelope, & isto basta.

Largo espaço estiuerãõ praticando,
Atè que Cyrce tendo especulado
Da sossegada noite o curso brando,
E o muito tempo já que tem gastado,
Que se partaõ lhe diz, ele abraçando
A chara mãy em lagrimas branhado,
Os passos deixa aonde a noite mora,
Que já as chaues no Ceo se ouuem da Au-
rora.





ARGUMENTO DO QUINTO CANTO.

DEixa Vlysses a Cyrce o mar abrindo,
 Quando alterado sente o salso argento,
 As Nymphas Thetis sae fauor pedindo,
 Para abrandar a furia ao mar, & ao vento:
 Via no estreito Alcides rezistindo
 Ao seu mayor que humano atreuimento,
 Do Tejo as ondas corta, aonde sentia
 Já de Proteo comprida a profecia.

I.

DA quarta esphera o claro Libyftino,
 Monarcha das estrelas refulgente,
 Da Ecliptica incansauel perigrino,
 Olho do Ceo, & tocha do Oriente,
 Da luz mostra o thezouro matutino,
 Abrindo o nouo dia a noua gente,
 Quando já o Grego, obedecendo ao fado
 Quer a vida entregar ao mar salgado,

Em

2.

Em Telegonio tinha a propria vida,
Que já de Cyrce os braços carregaua,
E por de ambos temer a despedida
Partirse occultamente desejava:
Quando de seus intentos aduertida
Cyrce, co a grande pena que leuaua,
Furiosa chega a Vlysses, & os furores
Conuerte em doces lagrimas, & amores.

3.

Como, diz inimigo te atreueras
Deixarme assi offendida, & saudosa,
Senaõ quando matarme pretendieras
Primeiro que esta ausencia vagarosa,
Se assi matarme mais depressa esperas,
Sendo a pena cruel, fora piadosa,
Se a triste Cyrce, & Telegonio amauas
Tanto a partida em velos dilatauas?

4.

Rendido a esta amorosa competencia,
Promete Vlysses a jornada breue
Com lagrimas, que saõ muda eloquencia
Com que contando sua magoa esteue:
Em fè que ey de vencer taõ dura ausencia
Tomãdo o filho, que antre os braços teue
Lhe diz, este penhor Cyrce offereço,
Que tanto preço tem, que naõ tem preço

Vaite

5.

Vaite, diz ella, vaite, que não quero,
 pois para te partir estás disposto,
 fazer que esperes mais, que não espero
 Que nisso queiras dar-me hum breue go-
 zes vezes de aço tens o peito fero, (sto:
 No coração es hum outro no rosto,
 triste quem ama, que na dor presente
 sente o que diz ser menos do que sente.

6.

Isto dizendo, o fogo, em que se acende,
 De lagrimas os olhos lhe arrazaua,
 E o brando coração co a dor se rende,
 Muda orador, das penas que passaua:
 Para abraçar o filho abraço estende,
 Que fugindolhe aos peitos se apertaua
 Damãy, que lastimada, & triste via,
 Com que nouas saudades. lhe acendia.

7.

Não te quero, lhe diz, pois es retrato
 De hum ingrato mayor, que o mudo teue
 Porque não no pareças sendo ingrato,
 E quem me leua a vida o gosto leue,
 Mas não te dou eu filho tão barato,
 Bem desta vida bre, sem dizer breue, (tò
 Que as lagrimas lhe afogaõ, num momẽ-
 Antre as fauces da voz o vltimo acento.

Tomã

8.

Toma Vlysses a Cyrce antaõ nos braços,
E Telegonio, & diz, tanto temia
Romper por estes soberanos laços,
De que gosaua em quanto Deos queria,
Que destes suauissimos abraços,
(De que minha fortuna me desuia)
Fugia, por temer que se chegasse
A vos deixar, que a vida ali deixasse.

9.

Não se sabe apartar quem ama, & pena,
E quem nisto he mais fraco, este he mais
forte,

A dor da mesma morte he mais piquena,
Que quem morre melhora muito a sorte
Quem morre acaba o mal, que toda a pe-
Dura co a vida, sem passar da morte, (na
Mayor pena padece o que està ausente,
Pois morre de saudade, & morto sente.

10.

Em quanto os dous amantes afsi estauaõ
Enganando as saudades da partida,
Tambem aos seus as Damas escutauaõ
Magoas da rigurosa despedida,
Egiale, & Leostenes se abraçauaõ
Androgeo & Ericia, a quem a vida
Tinha entregue, o mesmo Penopea,
Faz a Philemo, & a Palemo Alpha.

II.

Sò Dimantes que tem por gentileza
 Ser Diamante, a Polibio não consente
 Lagrimas, & faudades; que se preza
 De que nenhũa pena ou magoa sente:
 A variedade honra a natureza
 Lhe diz, & não te canse amigo ausente
 Deixarme, que de my terás notado,
 Que me não dà cuidado algum ouidado.

12.

Ficaua Cyrce, Vlyffes se partia,
 Que co pranto acendia seus furores,
 Vaite inimigo amado, lhe dizia, (res:
 Minhas penas dobrando, & meus temo-
 E como quando ao mar inclina o dia,
 As sombras sobre a terra faz mayores,
 Assim a alma de Cyrce, que ficaua,
 A sombra da tristeza se dobraua.

13.

O anno nouo, bello, & florecente
 Junto à idade juvenilandaua,
 Quando Astrea co as noites juntamente
 Na aerea balança os dias igualaua,
 A inimiga do dia diligente
 A terra em roda, & ares occupaua,
 E a seu pezar o sol, que em torno gira,
 Vinha abraçando os campos de çafira.

14.

Ià da Saturnia Hesperia vaõ sahindo
As naos ligeiras com alegre vento,
Co as leuantadas proas diuidindo
A crespa prata do humido elemento ;
Quando fora das agoas sacudindo ,
A cabeça Neptuno, O fraudalento
Vlysses diz, permite ò ceo sereno ,
Que ares a meu pezar o mar Thirreno.

15.

Espera ; & naõ diz mais de impaciente,
E sobre as molles ondas, que pizaua,
Esgrime furibundo o graõ Tridente.
E o mar yendo o enojado se encrespaua ;
Colhêdo a Armada o vento brandamêto
A vista de Parternope passaua,
Ve logo o Tybre entrar no mar profunido
A cujo imperio ha de ajuelhar se o mundo

16.

Com prospera bonança vaõ passando,
Quando o Piloto ve sobre a cabeça
As carregadas nuuês, que voando
Vaõ no mais alto do ar com grade preça,
Hiaõ se os Orifontes á bafando ,
Cruzase o mar, nas ondas se atruêça
A grande Capitania, que recebe
Co a proa o grosso mar, qu'arfado bebe

Disse

17.

Disse o Piloto amaina a grande vella,
 Que logo os marinheiros vão colhendo,
 Quando do alto dece a graõ procella,
 Todo em montanhas de agoa o mar erg-
 Os ventos conjurados a vencela (uendo:
 Sopraõ, as vellas concavas rompendo,
 E batendo por hum, por outro lado
 Quer dentro introduzir-se o mar salgado

18.

Mais aspera fortuna exprimentaua
 Cada hũa das naos da companhia,
 Que posto hum monte noutro o Ceo to-
 E ao centro profundissimo decia, (caua,
 De negra sombra o ar se coroaua
 Por maõ da noite, que do Ceo cahia,
 E o vento alma das nuuês noua guerra
 Mouia, dando assalto ao mar, & à terra.

19.

Nas entranhas do mar em graõ planura
 Se ve hum edificio leuantado,
 De rara, & exeellente architectura,
 Pela famosa Thetis fabricado,
 Os altos corucheos de prata pura
 Carregaõ sobre jaspe bem laurado,
 Do portal a soberba fronte admira
 Cortado de finissima safira.

Na

Na quadra mais alegre, & mais ornada,
 Que está na milhor parte do apposento,
 Das bellas Nimphas Thetis rodeada
 Seu nobre estrado tem, seu rico assento;
 Nereas aly estão, que por estrada
 Incognita, & occulto mouimento
 O puro humor à terra communicão, (caõ.
 Com que os campos florecem, frutifuiã

Das mais Nimphas que assistem, hũa se
 Dançar pulsando as cordas docemente,
 Outra que a prata, & ouro em roca fia,
 E em conchas colhe a perola excellente,
 Qual do fundo o coral mostraua ao dia,
 Que logo endurecer ao sol se sente,
 E qual da areia aparta o perigrino
 Grão estimado do metal mais fino.

São nos rostos fermosos parecidas
 Como irmãs, mas diuerſas no cabelo,
 Que hum he louro, outro verde, se espar
 zidas
 Suas bellas tranças vão no corpo bello:
 Dum delgado cendal andaõ vestidas,
 Que acende mais a desejar de velo,
 Thetis as chama, & ellas que a ouuiãõ
 Todas a obedecela concorriaõ.

I.

Das alteradas ondas alterada
 Thetis temia, vendo offerecida
 A braueza do vento a grega armada,
 Que seja por Neptuno destruida:
 Lembralhe o seu Achilles, & a passada
 Historia de Peleo, & enternecida
 De ver tão grande dano, & tanta magoa,
 Fala ás Nimphas cum mar nos olhos de a-

24.

(goa.

Vedes doces amigas, como o fero
 Boreas, & Euro se mostraõ alterados, (ro
 E os meus Gregos perecem, que hoje espe
 Que por vos haõ de ser remediados,
 Que o furor lhe amanseis amigas quero,
 E Sey que de vos andaõ namorados,
 E nas mostras de vossa gentileza,
 Logo lhe ha de esquecer toda a braueza.

25.

à sobre as ondas Thetis vae sobindo,
 Com Doris, Symodoce, & com Thalia,
 Descobria Amphitoe o gesto lindo,
 E o azul de seus olhos Lemnoria,
 Na belleza, & na graça competindo
 Galatea, Panope, & Oritia,
 Larga o cabelo ao vento Dinamene,
 Que pela eburnea maõ toma a Climene.

H

Sobre

Sobre a prata das ondas deixa Dotto
Nadar do crespo ouro as tranças bellas
E os olhos verdes descobria Protto,
Que são do mar azul verdes estrelas,
Boreas, & Euro, & o valente Noto
Manfos ficaraõ todos sò com velas,
E a bella Doris, a quem Noto amaua,
Mais que nunca rendido assi falaua.

Pode Doris a pura claridade,
Dos teus olhos azuis, num sò momento
Lançar duros grilhoës à tempestade,
Eo furor aplacar do brauo vento,
Para nunca fairte da vontade,
A minha atada tens, & o pensamento,
Para não querer mais, que sò quererte,
Nem ver mais gloria, que a que tenho em
(verte

Se queres, lhe diz ella, que te crea,
Que me serues com fè limpa, & segura
Deixa o furor, que Amor sempre se arre
De suaves'effeitos de brandura:
Notto, !lhe torna, se achas cousa fea
Esta dureza, tu por que es taõ dura?
Que vejo que es ò Nimpha fugitiua
Pedra insensiuvel não, mas pedra viua.

29.

O mole campo azul do mar salgado
 O azul dos olhos teus tranquillo veja,
 As ondas cessem, durma o vento irado,
 Diante de teus pès postrado esteja,
 Que eu folgarey que tudo estè calado,
 Porque de ty melhor ouuido seja,
 Que suaue me ouças, & respondas.
 Sem desculparte co rumor das ondas.

30.

Quando Doris cruel teràs lembrança
 Se do amor não, ao menos de meu dano,
 Pois tras desta amorosa confiança
 Vou enganado apos hum anno, outro an:
 Mas como vêce aos males a esperança, (no:
 Temo que a esta fè vença o defengano,
 Buscando así enganado do que espero,
 O mal que não queria, o bem que quero.

31.

Dame essa bellã mão Nimpha prestante,
 Que por escrauo, & por esposo peço,
 Prendeme nesse ouro rutilante,
 Que aos cabelos do sol roubaõ seu preço
 Não peço muito, pois sou muito amante,
 Que nũa em grande amor ha grande ex-
 cesso.

Se isto he excesso, amor he excesso todo
 Que he modo amor que nũa teue modo

32.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo
Me farias, se as Gregas naos tomasse,
E saluandoas do mar, & do perigo
A porto alegre, & prospero as leuasses:
Teu gosto, lhe replica, ò Doris figo,
Basta que assi o quizesse, & mandasses.
E só me cança agora obedecerte,
Porque me obrigas a deixar de verte.

33.

A fo correr as naos Noto caminha,
Em quanto Euro aos pès se debruçaua
Da bella Galatea, que o detinha,
Que sò com vela as furias amansaua:
Solto o cabelo pelos hombros tinha,
Onde o vento futil se embaraçaua,
Podendo competir qual he mais bello
Prata, & ouro, do corpo, & do cabelo.

34.

Euro, lhe diz, ò minha branda imiga,
Em cuja vista, & viua claridade
O ar se adorna da pureza antiga,
E foge a rigurosa tempestade:
Consente, ò bella Nimpha, que te diga
O que trago ha mil dias na vontade,
Que quero nesta dor, para soffrela
Contar o que padecò à causa della.

Ne

35.

Nas claras Luzes deſſe roſto bello
 Se abraza a vida, e a morte ſenaõ ſente,
 Preza nos laços de ouro do cabelo
 Anda minha alma, da prizaõ contente;
 Se alguã couſa val tanto deſuelo,
 E ſe minha fortuna to consente
 Ou me dà vida, Galatea ingrata,
 Com teu fauor, ou por fauor me mata.

36.

Galatea que iſto ouue, reſpondiã '
 Naõ ſou ingrata naõ, eu te prometo
 De ouuirte atè que eſconda o claro dia.
 Antre eſtas ondas o paſtor de Admeto,
 Recolhe as naos da grega companhia
 Por me dar goſto agora, & eſte inquieto
 Mar ſe ſeſlegue, & o meſmo a Boreas pe-
 Lemnoria fermosa, ele o concede. (de

37.

Logo os ventos deixando a coſtumada
 Braueza, ſobre as ondas ſe eſtendiaõ,
 Juntaõ as diuididas naos da armada,
 Que entre a furia dos mares pereciaõ,
 A Capitania rota, & quebrantada
 As delicadas Nymphas acodiaõ,
 Todas concorrem para o meſmo effeito
 Pondo no duro pinho, o brando peito.

38.

Logrando esta bonança refazia
A enxarcia destrocada, as rotas vellas
O forte Grego, & quando o nouo dia
Da uano prado vida às flores bellas,
Ea clara luzcegando a noite fria,
Lhe faz cerrar os olhos das estrelas,
As naos colhendo os vētes que soprauaõ
No mar, as grandes azas despregauaõ.

39.

Ouue de Scylla o rouco brado horrendo,
Que atroando os maritimos lugares,
Nas voragens, & fauces recebendo,
O mar bramindo torna aos negros ares.
Nas ondas amarissimas bebendo
Charybdis com tal furia os grossos mares
Arroja, que das gotas espalhadas
Se vem o Ceo & estrela s rociadas,

40.

A vista de Peloro Siciliano
Iunto da costa a armada atraueffaua,
Na aruore se pegaua o solto pano,
Eo mar co vento apenas se encrespaua,
Quando foaua hum canto soberano,
Que os sossegados ares regalaua,
Ea graõ suauidade, & melodia,
Pelos ouvidos a alma suspendia.

41.

Fôra das ondas as cabeças tinhão
 As fermosas Sereas, & largando
 As vozes suauíssimas detinhaõ
 O vento fero, por ouuillas brando:
 As Naos como animadas não caminhaõ
 Esta sonora musica escutando,
 Que Remora não hà que possa tanto
 Que iguale a força de hum suaue canto:

42.

Manda arribar Vlyffes, & varrendo
 O negro pinho os mares sossegados,
 As Ilhas Estoechades vencendo,
 Ve de Nisea os montes leuantados,
 Já as correntes de Rhodano bebendo
 Malsilia passa, vendo os congelados
 Montes, onde enterrada esta Pyrene
 Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

43.

Vaõ pelo alto, & sossegado argento
 Laurando o mar as fayas encuruadas,
 Rompêdo as proas com furor violento
 De Thetis pura as liquidas moradas,
 Dos monstros de Proteo o imúdo armêto
 Se esconde nas cauernas mais guardadas,
 Das vellas, & das aruores a sombra
 Do ceruleo Neptuno o reyno assombra.

Passaua

44.

Passaua o grande Ibero, & Gaditano
 Estreito, aonde achou o fim famoso
 De seus trabalhos Hercules Thebano,
 E Atlante o Ceo sustenta luminoso,
 Adonde Abila, & o Calpe do Africano
 Imperio Europa appartaõ, pelo vndoso
 Ceyo pondo altas portas, & limite,
 As terras com suas ondas Amphitrite.

45.

Tinha a noite com seu confuso manto,
 De estrelas, & planetas guarnecido,
 Cuberta a esphera luminosa, em quanto
 Passaua a armada o estreito taõ temido:
 Quando o Piloto com terror, & espanto,
 O Iupiter, dizia, esclarecido,
 Que sombra he a que vejo taõ pezada,
 Fatal ruina desta grande armada.

46.

Logo hum robusto corpo apparecendo
 No ar, co a alta cabeça o Ceo tocava,
 De victoriosa rama a fronte erguendo
 Coroada, arrogante, altiua, & braua:
 Vestida a pelle de hum Leão horrendo,
 Na maõ direita hũa pezada claua,
 Negras sombras, & escuras o cercauaõ,
 Que o ar de horror, & medo carregauaõ.

O c n

47.

O enredado cabelo, & retrocido
 Em aneis sobre o hombro lhe descança,
 E o resplandor do rosto esclarecido
 Abre à sombra co a luz, que aos ares lan-
 Cum tom da voz horrendo, & defabrido,
 Que atemorisa a tudo quanto alcança,
 Começou a falar, & num momento
 Se abre o Ceo, cala o mar, & cessa o vento.

48.

Quem es ó atreuido que com tantas
 Naos, estes mares nunca nauegados
 De fayas, medes com ligeiras plantas,
 Com chaues imortais de antes fechados
 As colunas fortissimas quebrantas,
 Termos que pus aos mares leuantados,
 Que Neptuno venera, & quando passa
 Lhe beija os pes, & com respeito abraça.

49.

Deixa o caminho nauegante infano,
 Que alem desta, & da opposta alta coluna
 Não se vê mais que o Ceo, & ò Oceano,
 Theatro das tragedias da fortuna,
 Muda de intento, colhe o solto pano,
 Deixa a fadiga barbara, & importuna,
 Senão buscas no mar tempestuoso
 Sepulchro eterno de cristal undoso.

H 5

O Gre-

50.

O Grego o ouue, a que com voz tremante
Dizia, ò grande cidadão celeste,
Tu es o que com animo constante
Astraudes de Euristeo vencer pudeste,
Tu ao Dragaõ Hesperio vigilante,
Centaurus, & Leaõ Nemeo venceste,
E tu as mezas de Phineu honraсте
Donde as Harpias fordidas lançaste.

51.

O Cerbero prendeste, & por comida
Diomedes deste às feras que guardaua,
Despojaste Acheloo vendo rendida
A Hydra, que as cabeças renouaua:
Em teus braços deixou Antheo a vida,
E Caco que os incendios vomitaua,
Mataste o juaaly, & o rutilante
Globo tomaste decançando Atlante.

52.

Vlysses sou do illustre sangue Grego,
Que laurando taõ largos mares venho,
E às grandes portas do Oceano chego,
Sobre taõ fraco, & taõ caduco lenho,
No monstruoso Polifemo cego
O graõ Neptuno, que offendido tenho,
Nãõ quer que em suas ondas quasi absor-
Busque paz, ache vida, alcance porto. (to,
Tu

53.

Tu grande excelso Nume, & sempiterno,
 Que isto ves me socorre, & o mar serena,
 Acabe a vida, ou o trabalho eterno,
 Que em my tem resistencia taõ piquena,
 Tragueme o brauo mar, abra se o Inferno
 Acabe em tanta pena minha pena,
 Que já passado tem meu sentimento
 Todo o termo que tinha o sofrimento.

54.

Vi Cycones, Lotophagos, & vndosos
 Mares, graues tormentas repentinas,
 Duras mortes, & casos prodigiosos,
 Desusadas viagens peregrinas:
 Vi rayos, vi incendios temerosos,
 Nas ondas de Neptuno altas ruinas,
 Que sò contra my ha no mar, & estrelas
 Ruinas, rayos mortes, & procellas.

55.

Mandame o Ceo buscar aquella parte,
 Que o Sol com sua immensa clari dade,
 Ultima vê quando de nos se parte,
 Para erguer, com eterna magestade
 A Cidade belligera (que a Marte
 Inimigos, & a longa eternidade
 Ha de vencer) pelo humido caminho,
 Dando a eternos Heroes, eterno ninho.

56.

Nestes annos de minha vida breues
 O fim deste discurso ver tomara,
 Tu ampararme grande Alcides deues,
 Que a quele he grãde que o affligido am-
 Alcides se enternece, & torna leues (para:
 Os graues Ceos, & fas alegre, & clara
 Nos câpos do ar a noite, & do que ouuia
 Hum pouco magoado, lhe dizia.

57.

Agora alcanço ò Grego venturoso,
 Que tu es o que em annos florecentes
 Cingiràs o cabelo victorioso,
 Das enuejadas ramas eminentes:
 A Lysboa ergueràs muro famoso, (tes
 A quem beijando os pès com suas corrê-
 Lhe offrecerá o Tejo cristais puros,
 Para famoso espelho de seus muros.

58.

Estes trabalhos teus Proteo contaua
 Nos seculos passados, & dizia, (ua,
 Que hum Grego nestes mares se espera-
 De que o grande Neptuno tremeria,
 Que donde o Tejo ameno os campos la-
 Com gente de estremada valentia, (ua,
 De Atlante humilharia altiua fronte,
 Bebendo o Nilo em sua propria fonte.

Em

59.

(stenta

Em quanto aos hombros o alto Ceo fu-
 Está vendote Atlante perturbado,
 Que ruina fatal lhe representa
 A tua vista do Africano estado,
 Tem sabido que em Africa, que aqueita
 O sol com rayos, & calor dobrado,
 Leuantarà com força mais que humana
 Altos tropheos, á gente luzitana.

60.

Vê que o grande João co estoque agudo,
 Onde da gloria a nobre enueja o chama,
 Passa dos seus diante como esseudo
 Rendendo à forte Ceita sò co a fama,
 Onde farà correr do Mouro rudo
 Rios ao mar de sangue que derrama,
 Quando tanta cabeça vir cortada
 Do inuicto braço seu, da inuicta espada.

61.

Teme que ainda Ceita o celebrado
 Ninho ha de ser dos claros descendentes
 De Noronha, de lanças fabricado
 Por lenhas odoríferas, & ardentes,
 Aonde hum Phenix, & outro renouado
 Com obras perigrinas, & excellentes
 Daraõ enriquecendo sua memoria,
 Alta materia a soberana historia.

H 7

Te-

62.

Teme q̃ hũ grande Herique, & q̃ hũ
Fernando

Entrarãõ pela terra Tingitana,
Feitos illustres co a espada obrando,
Desmentindo o poder, & a força humana;
Teme que là em Arzila deuaftando
Muley Barraxe o campo, o desengana
Dom Ioaõ que se oppoẽ com pouca gẽte
Eos Mouros rompe, que he' Leaõ rompẽte

63.

Teme que o mesmo Dom Ioaõ querendo
Entrar co de Tarouca taõ temido,
De Fez o Rey lhe fugirà tremendo,
De dous Martes hõrrado, & perseguido:
O porto de Larache abrindo, & vendo,
O graõ Ferrobo abrazarã atreuido,
E de Azamor com animo seguro
Arrazarã co avista o forte muro.

64.

Teme que hum Attayde illustre, & forte
Verã Tednest rendido, & profligado
De Marrocos o exercito, que a morte
Euita no fugir acelerado:
Teme do graõ Duarte a illustre sorte
Que a Tangere do Mouro já abrazado
Sustentará, & que Azamor cahido,
Serã do grande Jaime defendido.

65.

Ve de Alcoutim o Conde, a quem o peito
 Honroso fogo de alta gloria inflama,
 Ve de hum Cesar o feito nunca feito,
 Que vencerà dos Cesares a fama,
 Obrado neste estreito, a quem he estreito
 Todo o espaço onde o sol sua luz derra-
 E hũ Mascarêhas, & outro soberano (ma,
 Nouo Heitor, nouo Achilles lusitano.

66.

Com rezão teme Atlante que se veja
 A costa de bellada Tingitana,
 Que não entres no Oceano deseja,
 Enão toques a praya luzitana:
 Quando não produs odio, ou vil enueja
 He esteril a virtude soberana,
 Que o valor, & virtude preeminente
 Presente desagrada, amale ausente.

67.

Naõ disse mais, & a sombra que se via
 Leuantada no ar qual grande torre,
 Representando que no mar cahia,
 Dece do alto, & pelas ondas corre:
 Vlysses que hũa dor graue sentia,
 Co pavor que atè os ossos lhe discorre,
 Pegada a voz às fauces leuantaua
 Avista ao Ceo, & a Jupiter falaua.

Cyrc

68.

Cyrculos immortais que arrebatados,
 Dese primeiro, & eterno mouimento,
 Em discordia suaue concertados
 As leis obedeceis do firmamento,
 Espritos que dos orbes estrelados,
 Sois almas, que infundis diuino alento,
 Falay co as lingoas do silencio mudo,
 Tudo fale por my ao autor de tudo.

69.

Oh grãde Amon que a eterna monarchia
 Tens num, & noutro Ceo onde a fermosa
 Tocha do bello sol autor do dia
 Alumia esta machina lustrosa,
 Tu que as sombras da noite escura, & fria
 Honrras com pregadura taõ custosa
 De estrelas, & planetas rutilantes,
 Que tanto excedem lucidos diamantes.

70.

Naõ permitas que as ondas temerosas
 Com que vimos tè o cẽtro o mar aberto,
 E dos ventos as bocas espumosas,
 Nos impedãõ gozar do porto incerto:
 De Hyperia sobre as prayas arenosas
 Perdidos nos saluamos por acerto
 Ajudados de força sóberana,
 Que sem o ceo não val industria humana.

71.

Ià da triste visão nada apparece,
 Da qual todos ficaraõ perturbados,
 E atraueſſando o estreito lhe parece
 Que a maiores perigos ſaõ chegados:
 A noite foge, o ſol fermoso crece
 Sobre os mares lançando os abrazados
 Raios, que o grande tanque ſoberano
 Iluſtrão do vaſtiſſimo Oceano.

72.

Vestioſe o ar de graõ ſerenidade,
 Que dantes negro, & carregado eſtaua,
 Co as nuuês foge a ſolta tempeſtade,
 E os chuueiros que Noto ameaçaua,
 Razas as ondas vaõ, que a ſuauidade
 Do vento a agoa apenas encrespaua
 E com graça maior, do que coſtuma
 Encanecia o mar de branca eſcuma.

73.

Dizia antaõ Creonte, aqui ſe encerra
 O que diſſe Proteo da ſorte auara,
 Pois ſem deſcanço achar, & amiga terra
 A roda deſtes males nunca para:
 Quaõ mais ditoso fora quem na guerra
 Conſigo ſeus trabalhos encerrara
 Dentro na antecipada ſepultura
 Que he morte a vida ſe antre os males
 dura. Aque-

74.

Aquele que atreuido o pinho leue
Pos nas ondas dos ventos agitadas,
Ocoraçã tres vezes de aço teue,
E de bronze as entranhas fabricadas:
Que de Boreas, & de Africo se atreue
Prouar a luta, & forças indomadas,
Quando da espessa niue o ceyo abrindo
Rebêtaõ no ar graues trouoês bramindo.

75.

Os mares acomete o atreuido
Nauta, que a fronte escura ve cuberta
Domonte Acroceraunio, & no bramido
De Cauro a tempestade tem por certa:
Aos perigos da terra os do temido
Mar ajuntou a gente pouco experta,
Com alma da ambiçãõ leue enganada,
Oh gente humana em teu perigo ouzada.

76.

O claro Betis, o Ana caudeloso
E o sacro Promontorio já dobrauaõ,
E com Fauonio alegre o ceyo vndoso
Da luzitana costa nauegauaõ,
Para onde o Tejo paga seu famoso
Tributo, as leues Proas se inclinuaõ,
Leuando ao mar riquissimo thezouro
De prata as agoas, & as areas de ouro.

Hũa

77.

Hũa Garça do Tejo ao ar se erguia,
 Que o vento na presteza atras deixaua,
 E como que a queixarse ao ceo subia,
 Ao fogo as leues penas arriscaua:
 Aque hũa Aguia real detras seguia, (ua,
 Que em voltas por chegarlhe se apressa-
 Leuando sempre a vista firme, & promp-
 ta (ta

Na Garça, que antre as nuuês já remon-

78.

Despois de em largos giros ter cortado
 Os diaphanos ares, vem decendo
 Como hum rayo de Iupiter alado
 A Garça as brancas azas encolhendo:
 A que a Aguia por hum, por outro lado
 Cos cerrados encontros o ar rompendo,
 Instando opprime, & com furor afferra,
 Onde era o fim da vida o fim da guerra.

79.

Vendo Vlyffes o caso aos seus gritaua
 Aqui amigos se acaba o graõ caminho,
 Com que dum fado noutro nos leuaua
 Boreas, varrendo o mar co negro pinho,
 Para este porto o fado nos guiaua,
 Aqui alcançamos desejado ninho,
 Que estes finais que vejo mo declaraõ:
 Aque todos com vozes aclamaraõ.

80.

Cada qual do trabalho satisfeito
Que tem passado, está ledo, & contente,
O Tejo ás naos cançadas punha o peito,
Que atrás da popa murmurar se sente:
Chegaraõ aonde em dilatado leito,
Emula ao mar, se estende a grão corrête,
E cada hũa das naos qual mais ligeira
A proa pega na humida ribeira.

81.

Descanção nas amarras, & procura
Sahir a gente em terra aluoroçada,
A areia beija, & bebe a fonte pura
Nas mãos por aluas pedras diriuada,
Assentaõ se contentes na verdura,
Onde o prado lhe faz verde almofada
Junto das fontes, donde seus licores
Bebem auidamente eruas, & flores.

82.

Como verdes doceis, os leuantados
Bosques dauaõ repouso às Brandas aues,
Que espalhando queixumes namorados,
Leues fazem da calma as horas graues:
Chouem das folhas sonos sossegados,
Que perturbauaõ Zefiros suaues,
Antre as eruas parecem serpes viuas
Decristal puro os lymphas fugitiuas.

Aqui

83.

Aqui hum pastor de venerando aspeito,
 Que o gado neste monte apacentaua,
 Nos annos graue, a quem no largo peito
 A copiosa barba descantaua,
 As perguntas que Vlysses tinha feito
 Da terra, & porque Rey se governaua,
 Lhe diz, aquy se estende o mar profundo
 Onde da agoa começa o mayor mundo.

84.

Aquy de Luzitania he graõ cabeça,
 Donde passar não saberá o desejo,
 Aqui a terra se acaba, o mar começa,
 Aonde seu nome perde o doce Tejo:
 Que para que com o Lethe se pareça
 Nos ares, na frescura, no sobejo
 Mimo de terra, quantos o beberão
 De tudo o mais do mundo se esquecerão.

85.

Por Gorgoris o Reyno he governado,
 Que o ama, sem queixarse de opprimido
 De outro poder maior, nem he vexado
 Do tributo com traças admitido:
 Com duas canas diante acompanhado
 Dos seus amado fae, & fae temido, (dos
 Quê quer que o temão por injustos mo-
 Quando todos o temem, teme a todos.

De

De Iupiter he neto, porque estando
Na torre Danae donde a recolhia
Achrifio num orualho alegre, & brando
Conuertido o graõ Iupiter decia:
Daqui Perseo nasceo; Danae cortando
Co filho o mar por defusada via
A Italia veo, em braços de Neptuno,
Onde a quis por esposa o grão Pylumno.

Perseo creceo; & co a fatal espada
Talaes de Cylenio, escudo forte
De Pallas, a cabeça vio cortada
De Gorgona, que entrega a eterna morte
Do ar pizando a regiaõ dourada
A estella vio por perigrina forte,
A terra dece em lucidos talaes,
Abriado namorado os leues ares.

Gouernaua este Reyno o grande Abante
Da bella Cynthia esposo, & pay de Estella
Dotada de hum angelico semblante,
Sobre os extremos de belleza, bella:
Perseo a vio, & amou, & nesse instante
Por que lha nega o pay, quis pretendela
Por armas, & co escudo que trazia
A singular batalha o defasia,

89.

No Cynthio monte armado Abante espe-
 Confiado em suas forças, & o valente (ra
 Perseo descobre logo a imagem fera
 No escudo que cingia a graõ serpente:
 Abante alheo do que de antes era,
 Em pedra dura transformar se sente,
 E os que neste perigo o acompanharaõ,
 Os membros em penhascos transforma-

90.

(raõ.

Foy Estella por ele aly roubada:
 Hymeneo, que lha dera por esposa,
 Afsiste sem cothurnos, & apagada
 A tocha de antes clara, & luminosa:
 De Cynthia tomou, Cyntra celebrada
 O nome, que em rochedos he famosa.
 Gorgoris nasce, & como a idade chega
 Perseo se parte, & o Reino ao filho entre-

91.

(ga.

Por estes montes Gorgoris galhardo
 Ao vffo, & jaualy fero arremete,
 Sacudindo ligeiro o mortal dardo
 De cima do belligero ginete:
 Ao veado cornigero, ao Pardo,
 O animal mais feròs brauo acomete,
 He no rio, & nos montes fatigada
 A velox garça, & a perdis pintada.

Este

92.

Este alto Rey, que excede em valentia
Ao forte Alcides, vence juntamente
Ao seu valor na branda cortezia,
Mais que na lingua em obras eloquente:
Sendo disto auisado ele viria
Regalaruos, & a toda a Grega gente,
Que sêpreas naos que porto aqui toma-
Nele fauor, & acolhimento acharão. (raõ

93.

Cessou, & o monstro que as estrelas toca,
Que com mil olhos ve, mil penas voa,
Que acquire forças caminhãdo, & troca
Em varias formas tudo o que apregoa,
Applicando ao metal sonoro a boca,
Que deste Polo ao mais remoto soa,
Tinha ja publicado como a Armada
Estaua sobre as anchoras fundada.

94.

Ià Gorgoris a gente preparaua (do
Por ver as naos, que ao porto tem chega-
E a piquena Cydade se alteraua,
Donde sahia de àrmas rodea do,
Quando com Leostenes encontraua,
Que do Grego fortissimo enuiado,
Os discursos, & os erros lhe declara
Dos mares porque Vlysses nauegara.

El

95.

Ele que as causas na memoria tinha
 De amar a Vlyffes, dece da alta ferra,
 E aluoroçado pelo ver caminha
 A oferecerlhe o porto, & propria terra,
 Encontra o Grego que a buscalo vinha,
 Tornale em pas a imaginada guerra,
 Daõse os braços, & as mãos, & do que via
 Vlyffes obrigado, lhe dizia.

96.

Jà dos trabalhos, que passado tenho,
 Me esqueço, para os dar por bê passados,
 Pois por elles a vossas terras venho,
 Para fauores receber dobrados:
 Os mares que sulquei no fraco lenho,
 Antre ò rigor dos ventos indomados,
 Me seriaõ luaues, se cuidara,
 Que a fortuna a este porto me arrojara.

97.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
 Que vos venero fò por nome, & fama,
 Que ouuindo amor nos animos se cria,
 Como por olhos por ouuidos se ama,
 O que de Achilles, & de vos ouuia,
 Elde Troya já entregue a mortal flama,
 Me acendia num fogo, & num desejo
 De hir ver o Xanto, & de esquecer o Tejo.

I

Na

Na regia fala a Vlysses esperaua
 Astrea, com Calypso peregrina
 No parecer, que os ares inflamaua
 Nos rayos de sua luz clara, & diuina ::
 O passo de tapizes se adornaua,
 De Persico broccado, & seda fina,
 As lauradas cadeiras poem diante
 De Euano, & puras linhas de Elefante.

A todos, diz Vlysses, iustamente
 Espero achar em vos fauor, & amparo,
 Podendome animar ser descendente
 Do vosso mesmo sangue illustre, & claro ::
 Gerou Achrisio loue, ele o valente
 Laerte de Anticlea esposo charo,
 Destes naci, a quem o fado chama
 Por trabalhos sem fim a immortal fama.

Vos procedeis de Danae, por quem dece
 Iupiter namorado, & taõ rendido, (rece
 Que sem graõs de ouro por preço se offe-
 Do Olympo, & suas grandezas esqueci-
 Auò de ambos he loue, & se conhece (do:
 Ter deste illustre tronco procedido
 Os grandes ramos desta planta altiua,
 Donde dos dous o sangue se deriuat.

101.

Assentaõse, & Vlysses leuando
 A voz, que de Hybla os fauos igualaua,
 As iras de Neptuno vae contando,
 Que pelo cego filho executaua,
 De Cyrce o gazalhado, & como entrando
 Nos campos infernais, que a Estyge laua,
 Só por ver Anticlea, aventurara
 Ao Cerbero trifauce a vida chara.

102.

Pendem de sua boca, em quanto conta
 Da nauegaçãõ larga o graõ perigo,
 Doce a memoria faz da antiga afronta,
 Com graça noua, & com saber antigo:
 Calypso (que com a alma & vista prom-
 Tecêdo hum laberinto està consigo (pta
 Do que ouue ao Capitaõ graue, & elo-
 quente
 Hum cego fogo nas entranhas sente.


103.

Antre as Reais pessoas assentado
 Vlysses, se enleuaua no que via
 Da fermosa Calypso, que a seu lado
 Mais fermosa que o sol lhe parecia:
 Nos olhos se encontrauãõ, & alterado
 O coraçãõ na vista suspendia,
 Descubriendo o que sente no que cala,
 Que amor he mudo, & pelos olhos fala

Era gastada a vagarosa tarde,
E das estrelas lucidas cahindo
A noite escura vem lenta, & cobarde,
A sombra as portas do temor abrindo:
Quando a fermosa sala em fogos arde,
Hum nouo, & claro dia repetindo,
Enchiaõ lautamente a Regia meza
Os manjares com pompa & com gran-

Vencida a cea, ao Capitaõ famoso
Perguntauaõ da guerra, & da victoria
As causas, porque o llyon poderoso
Perdera a antiga, & perigrina gloria,
E do exercito Grego victorioso
As batalhas, que tinha na memoria:
Por lhe dar gosto o Grego referia
Com graue, & branda voz, & assi dizia.





ARGUMENTO DO SEXTO CANTO.

DE Helena o rapto o Gorgoris contava
O Grego, & grande armada que partia
Como com Paris em duelo entrava
O Atrida, a que Acidalia defendia,
E como Rheso a socorrer chegava,
E com Heytor Achilles combatia,
A morte de Dolon, & como o duro
Grego abrazou de Troya o forte muro.

I.

CO aquele raro monstro de belleza,
No mundo por desgraças affamado,
Que de Leda, & de Iupiter se preza,
Menelao, diz Vlyffes, foy cazado:
De cuja vista a liberdade preza
Paris contente vio amante & amado,
Que Venus quis mostrar-se agradecida
Da sentença que deu por ella em Ida.

Bysboa edificada

2.

Ella fermoza, Menelao auzente,
Em hũa nao que tinha aparelhada
Paris a Helena leua occultamente,
Hũs dizẽ que por gosto, outros forçada:
Iã o filho de Atreu que a injuria sente
Agamenon conuoca, & numa armada.
Que debaixo escondia o mar *Ægeo*,
Parte, & com ele o filho de Peleo.

3.

Em mil armadas naos o acompanhauõ
Os pouos de Beecia, & Panoepa, (uaõ
Os de Daulida, & Crisia, & os que gosta-
Do famoso Cephiso a fertil vea:
Os que a fonte Lilea pouoauaõ,
E os do famosa Euboya, & Eritrea,
Que sãõ os que ha de mais valente peito,
Do ponto Euxino atè o Herculeo estreito.

4.

(te,

De Thirintia, & de Herminia a forte gen-
E cos Argiuos os de Sparta, & Pharo,
E os que bebem de Amiclas a corrente,
E de Trios ameno o cristal claro,
De Troise, & de Pidauro juntamente,
Da forte Egina o laurador auaro,
E os de Helle, onde já foi nauegante
Helle, que a esposa foge de Atamante.

Vem

5.

Vões de Creta, & Rhodes valerosos, (m)
 Myrmidones, & os de Ithaca que eu cha-
 Que he terra, & gente minha, que os fa-
 mosos

Soldados seguem de Egilipe, & Samo,
 Os Arcades, & Ætolios generosos,
 A que orna a testa o victorioso ramo:
 Que he pouco todo o liquido elemento
 A tanta faya, a tanta vela o yento.]

6.

Partio a grossa armada, & hia cobrindo
 O mar, que hum grande bosque parecia,
 A azul espalda de Neptuno abrindo,
 Já a terra a pezada anchora mordia,
 A gente fae na praya, o sol ferindo
 Nas armas, representa o ar que ardia
 Campo de fogo, & a gente que marchaua
 No estrepito hum trouaõ que atraueffa-

7.

(ua.

Todos desembarcamos num momento,
 Os cauallos aos carros ajuntamos,
 E pelo largo campo ao leue vento
 As alegres bandeiras despregamos:
 Cercaõ valos o grande alojamento,
 Vestem tendas o campo que occupamos,
 O Xanto geme, as terras emmudecem,
 E da alta Troya os muros estremecem.

8.

Iuato de Troya hum pouco se leuanta
Hum eminente passo, donde tinha
Exploradores Priamo, que espanta
O esquadraõ que talando as terras vinha:
Estes lhe dizem, como a gente he tanta
Que inunda os largos câpos, & caminha
Para seus muros: & do graue espanto
Attonito de a ver se pàra o Xanto.

9.

Bem como o laurador, que da semente
Os graues sulcos tinha enriquecido,
Vendo o Rio inundar, & que a crescente,
Tem já suas verdes margens excedido,
Contempla do alto a rapida corrente
Do Rio pelos campos estendido,
E ve que afogará a qualquer tardança
Da verde terra a fertil esperança.

10.

Tal dos seus, está Pryamo cercado',
Com que este graue aperto conferia,
Hum vota sem alento, & perturbado,
No rosto a outro o coração se via:
Naõ sofre dilacões tempo apertado
Antenor sabio, & velho lhe dizia,
Co as armas recebamos o inimigo,
Entrando todos no comum perigo.

II.

Ao vzo de Bellona offerecido
 Ià naõ abria a terra o ferro duro,
 Em forte lança, & espada conuertido,
 Em elmo, & peito lucido, & seguro:
 A fouce, & antigo rastro, que escondido
 Estaua na ferrugem, limpo, & puro,
 Sae para ver o sol resplandecente
 Com noua forma da fornalha ardente.

12.

Ordenase que o grande Heytor tomasse
 A redea, & Capitaes consigo eleja,
 Que repartisse as hostes, & ordenasse
 O campo, & desse o modo da peleja:
 Que os de Dardania Æneas governasse,
 E acompanhado neste officio seja
 De Archiloco, & Achamas, caualeiros
 Ambos de estranha força, ambos guerreiros

13.

(ros.

Que a forte gente, que da fertil Ida
 Sahio atè a ribeira celebrada
 De Esopo pelas armas taõ temida
 Seja do forte Adresto governada:
 A quem do Pay Precocio a conhecida
 Morte (que he sabio) foy pronosticada,
 Sem o mouer de intento, que forçado
 Pelos cabelos o arrastaua o fado.

De Arisbe, Cesto, & Abido a dura gente
 O valente Hyrtacides governaua:
 Que os cauallos que cria a Scelente
 Ribeira ferosissimos domaua,
 Os Pelafgos Hypoto, que a excellente
 Larissa deu, que Pilio acompanhaua
 Ambos filhos de Letho, & naõ tem conto
 Os que Achamas trouxera do Helleston-

15.

(to.

Como a guerra, & furor por pontos cre-
 A gente popular, que o risco via, (ce
 Diz a Paris, que injusta aççaõ parece
 Negar a Menelao o que pedia,
 Outro diz que a contenda sò merece,
 Que os dous prouem seu braço, & valen-
 Que eles sò faççaõ a aspera peleja, (tia,
 Eao vencedor, Helena o premio seja,

16.

Este concerto Paris naõ recuza,
 E à todos com valor se poem diante,
 Por antre a multidaõ cega, & confuza
 Falla com voz com posta, & arrogante:
 O ignaro pouo sem rezãõ me acuzo.
 Que com espada, & coraçãõ constante
 Nada temo, que sabe o animo forte
 Forçar estrelas, & vencer a forte.

17.

Ià o duello os Gregos lhe pediaõ,
 Paris se offerencia ouzadamente
 A duuidosa forte, & já vestiãõ
 Sobre a tecida malha o arnes luzente,
 Ià Gregos, & Troyanos concorriaõ
 No campo, que guarnece Marte ardente
 De capitães, & de armas, que o cercauaõ
 Que alegre vista, & horrída formauaõ.

18.

Despois de así o duello concertado,
 O lugar da batalha se aassinalla,
 Ià tinhaõ varias rezes degolado,
 E o cheiro de Pancaya o fogo exhalla:
 Menclao ante Iupiter postrado
 Sua graue afronta com silencio falla,
 Cada qual prometendo fê segura,
 Por Phebo intonso, & Phlegetonte o jura.

19.

Concertaõ, que o que deles for vencido,
 Ou vencer, com Helena juntamente
 As joias goze, ou torne a seu marido,
 Segundo a sorte for triste, ou contente:
 Paris as fortes armas tem vestido,
 E abraçado o escudo refulgente,
 Com agulha a correa debuxada,
 De que pendia a generosa espada.

A celada cõmpoem onde se aperta
A famosa plumagem, que brotaua,
Da boca de hũa serpe, que desperta
Nos olhos como viua scintilaua:
Tem Menelao a colera encuberta,
Que nalma a graue dor dissimulaua,
Qual vendo o laualy, irado treme
O Lybrè forte, & por soltar-se geme.

Deu a Paris lugar primeiro a forte,
Para ferir coa lança ao inimigo,
Naõ quer Pryamo ver taõ duro, & forte
Combate, & ao charo filho em tal perigo
Que Paris vença, ou tenha hõrrada morte
(Diz ele) ou caso aduerso, ou fado amigo,
Naõ poderey ver trance taõ custoso,
Tudo em mãos deixo a loue poderoso.

Do cãmpe se sahio, & leuando
O braço; Paris tira a grossa lança,
Menelao a recebe no dobrado
Escudo, onde ferindo ella descança,
A sua voa, & rompe o ar delgado,
E Paris afrontado da tardança,
Cuberto do escudo, com mór pressa
Contra o ferro inimigo se arremessa.

23.

Jà cada qual dos dous a espada ardente
 Mostra nos duros punhos apertada,
 Sobre elmo sobre escudo refulgente
 Os golpes sôão de hũa, & doutra espada.
 Paris ajuelhou, a que o valente
 Menelao corre, & azindo da celada,
 Arrastando o leuaua, onde acabara
 Se Venus que isto via o naõ guardara.

24.

Hũa forte correa, que o trasia
 Ia sem alento, Venus lhe desfata:
 Com ele numa nuem se escondia
 Que sobre o largo campo se dilata:
 Da vista foge, & Menelao que via
 Voar a nuem em circulos de prata,
 Acydalia conhece, que ao Troyano
 A vida quis salvar por este engano.

25.

Nas mãos lhe fica ò elmo, & descontente
 Com ira o rompe, & vingã a forte escaça,
 Qual o Touro feròs que ao lado sente
 O que a desafialo entrou na praça,
 Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
 E co a testa inclinada a despedaça,
 Tal Menelao nas mãos tendo a celada
 Lhe diz perjuros què de a sê jurada ?

Ferue o côcurso, os campos se alterauão,
Huns, & outros com armas acudiaõ,
Huns, o defendem, outros o acuzauão,
E o tumulto co as vozes acendiaõ:
Os gregos Capitães com força instauão
Que quebrar se os concertos não podiaõ,
E antre esta confuzão está diante
Menelao victorioso, & arrogante.

Já o Rey de Missena em toda a parte
Manda as tubas tocar, para que o liga
O grego bando, & qual irado Marte
De Troya os muros a tremer obriga,
Sobre o carro velox furioso parte,
Que deltramente guia o velho auriga,
Toma nas mãos a lança, & parecia
Hum Cometa, que infauista luz vertia.

Qual no ceo claro à autunal estrela
Vence os denfos vapores refulgente,
Quando a medonha luz, que nace della
Com males ameaça a mortal gente,
Assi o Grego nesta parte, & aquella
As esquadras visita diligente,
Vendo, ordenando, & abrazando tudo
Co a luz medonha do temido escudo.

29.

Marchauaõ já as esquadras ordenadas,
 Como as ondas que o brauo mar leuãta,
 Que hũas fucedem a outras apressadas,
 Te que na praya o rolo se quebranta,
 E encontrando nas rochas leuantadas,
 Ferem com tal braueza, & furia tanta,
 Que erguêdo o mar escumas arrogante,
 Mostra que as ferras quer levar diante.

30.

Os Gregos vaõ desta arte arremetendo,
 Mostrando animos fortes, & guerreiros,
 Honrrosas mortes dando, & recebendo,
 Onde desejaõ todos ser primeiros,
 Aos que o lugar, & a vida vaõ perdendo,
 Sucedem no perigo os derradeiros,
 Cae Archidamo aly qual grande torre,
 Que he o primeiro que antre as lanças

31.

(morre.

A este mata Anthiloco arrojando
 A lança, que os delgados ares parte, (do
 Que o bem dobrado escudo atraueflan-
 Lhe passa o peito de hũa, & doutra parte:
 No ar Creonte o braço leuantando,
 Que de seus tiros treme o proprio Marte,
 Lançar a muitos faz de cada tiro
 A alma enuolta no vltimo suspiro.

Logo

32.

Logo o filho de Pryamo galhardo
 Antipho, pera darlhe escura morte,
 Animoso vibraua o mortal dardo,
 Que a Lycaon leuou a imiga sorte:
 Eu que o via cair, para o bastardo
 Antipho ardendo hũa mortal, & forte
 Lança arrojey, que na soberba fronte
 Caminho abriu do aliuo Archigeronte.

33.

O forte Dyomedes neste dia
 Como hum Leaõ correndo defatado,
 Pelas Troyanas lanças se metia',
 Como se fora o campo defarmado,
 A Heytor buscando as hostes discorria:
 Tendo o campo de corpos semeado,
 Pandaro o via, & logo da encuruada
 Lua soltaua a dura setta eruada.

34.

Junto do hombro o fere, onde a armadu-
 Lugar ao golpe daua, mal ferido (ra
 Dyomedes se vè mas da mão pura
 De Pallas foy curado, & socorrido,
 Nectar lhe applica, & co a diuina cura
 Mais forte ao campo torna, & mais temi-
 Salta no carro que Nifiros guia (do,
 Que seu pezo, & gouerno conhecia.

Ao

35.

Ao atreuido Pandaro defende
 Æneas em seu carro, onde seguro
 Não está de Tydides, que pretende
 A vingança co ferro, & braço duro,
 A graue lança atira, os ares fende
 Até parar tingindo o ferro puro (gue
 No sangue de Phegeo, que morto, & exan
 Vomita a vida no espumoso sangue

36.

Já co a espada na mão do carro salta,
 A que Æneas se oppoem no campo aberto
 Hum baixa a espada tras, outro a poem
 alta:

Hum descuberto o corpo, outro cuberto
 Fere a Æneas na perna, onde se esmalta
 De sangue o verde campo, & tinha perto
 Da vida o triste fim, se Venus chara
 Deste graue perigo o não guardara.

37.

Ele que nos enganosa conhece,
 Contra Venus a espada ergue atreuida,
 Correndo vac, & Venus estremece (da,
 Que de hum golpe na mão se achou feri-
 Deixando o campo já desapparece,
 E na sala dos Deoses offendida.
 A Jupiter chorando o caso conta,
 E affrontada faz bella a propria affronta.

38.

Marte ou fosse mouido de alta enueja,
A Dyomedes se oppos brauo diante,
Ou mouido de amor antigo seja (mante,
Com elmo ardente, & hombros de dia-
Chamando o está com vozes à peleja,
A que ele fae com coração constante,
E a grossa lança cada hum despede
Com força disigual, com igual fede.

39.

Pallas que a Dyomedes acompanha
De Marte a forte lança lhe desuia,
E a de Tydides com hũa furia eltranha
Contra Mauorte pelos ares guia,
Toca de Marte o peito, & com tamanha
Força nas fortes armas o feria,
Que torna atras, ao ar rezurtem logo
Faíscas que acendiaõ Marte em fogo.

40.

Os Troyanos cansados naõ podendo
Sustentarse no campo as costas dauaõ
Vaõse aos muros, & valos recolhendo,
Donde dardos, & lanças arrojauaõ:
Heytor brauo na voz, na vista horrendo,
Corrido de que os seus se retirauaõ
De colera abrazado, de ira cego
Correr mil rios faz de sangue grego.

Assi

41.

Afsi rindo a fortuna hora aos Troyanos,
 Hora aos Gregos as sortes variaua,
 Efustentando a guerra tantos annos
 A nenhũa das partes inclinava, (nos
 Que antre os Deos do Olympo sobera-
 Pauor Venus a Troya, & a Grecia daua
 Pallas, & Heytor que estas tardanças fen-
 Dos Gregos defafia o mais valente. (te,

42.

Antes que o caso em sortes se puzesse
 Para ao campo sair se offerencia
 O forte Agamenon, que resplandece
 Como Marte nas armas que vestia:
 Hum nobre, & honroso fogo em todos
 De mostrar seu valor, & galhardia, (crece
 Buscãdo em dura guerra honrrada mor-
 Cae em Creonte a duuidosa sorte. (te:

43.

Entraõ no campo os monstros de braue-
 Em quem das armas o valor se encerra,
 Os escudos em bração com destreza,
 E debaixo dos pès lhe treme a terra:
 Nas forças, & valor cada hum se preza
 De fer mayor que o mesmo Deos da guer-
 Metendose na espada do inimigo (ra:
 Esquecidos da vida, & do perigo.

No

44.

Nos escudos fortissimos reparaõ (to,
 Os golpes, que não caem sem grãde effei-
 Correndo hum para o outro se toparaõ,
 Oppõdo escudo a escudo, & peito a peito.
 As ardentes espadas leuantaraõ,
 E já o escudo em muitas partes feito
 Mal defendia os corpos, & as dobradas.
 Armas se vem dos golpes aboladas.

45.

Nem de Vulcano na horrida officina
 Os pezados martellos tanto soaõ,
 Quando a massa estendendo diamantina
 Succede hum golpe ao outro, & tudo atro
 Das fortes armas, & da malha fina (aõ
 Já muitas pessas pellos ares voaõ,
 E do espumoso sangue que corria
 Roxa a armadura toda parecia,

46.

Do Olimpo o grande Iupiter olhaua
 A batalha taõ aspera & temida,
 De Creonte que a Parca ameaçaua
 Quis o fic estender da breue vida,
 Ao sol, que ao Occidente caminhaua
 Fes que tomasse mais veloz corrida,
 E a noite o negro coche acelerasse,
 Porque a batalha feruida atalhasse.

Quan-

47.

Quando com justo passo a Aurora abria
 Nos ceos a claridade matutina,
 Vendo o filho de Atreu que vinha o dia,
 A morrer, ou vencer se determina:
 Ià os muros gritando acometia:
 Quando a varia fortuna, que se inclina
 Em fauor dos Troyanos, nos mostrava
 Que elle mesmo por eles pelejava.

48.

Nesta batalha os Deoses soberanos
 Ao grande Heytor fauor, & ajuda deraõ,
 E com mortes crueis, & graues danos,
 Os Gregos ate as naos se recolheraõ:
 Ficaraõ victoriosos os Troyanos,
 E por saber o que fazer esperaõ,
 Como cuberto o ar de sombra vimos,
 A explorar o inimigo nos partimos.

49.

Com Dyomedes party, quãdo occupava
 Da parda terra a noite a escura fronte,
 O ceo com suas luzes sintilava,
 Que as treuas afugentaõ do Orizante:
 Quando perto Dyomedes diuisava
 Hũa sombra, que dece do alto monte,
 Escondidos estamos esperando,
 Tever que a sombra nos se vem che-
 gando.

Era

50.

Era Dolon Troyano, que se atreue
 Vir ao campo dos Gregos no segredo
 Da noite escura, cuja sombra leue
 Sepulta os vales que occupou mais cedo:
 Ele a estrada repete escura, & breue:
 Ligeiras azas lhe emprestaua o medo
 Fugio, foy perseguido, & foy tomado
 Pegada a voz às fauces de afrontado.

§1.

Contanos como o grande Heytor deseja
 Saber o que no exercito passaua,
 Que a ele o manda por que note, & veja
 Se a gente grega espera, ou se embarcaua,
 Se os animos dispoem para a peleja,
 E o que sobre isto antre eles se trataua,
 A ver, dizia, estes segredos vinha,
 E aqui me trouxe a má fortuna minha.

§2.

Então lhe foy Dyomedes perguntando,
 O modo em que os Troyanos se alojauão
 Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,
 Os lugares, & postos que occupauão:
 E que em o sol cos rayos apontando,
 Para hir queimar as naos se aparelha-
 E como de socorro o valeroso (uaõ,
 Rheso veu co Trace bellicoso,

O qual

53.

O qual hum carro tras, que bem podia
 Competir co do sol em termosura,
 Cujos cauallos cada qual vencia
 Nos pes o vento, a neve na brancura,
 E que entre as mais riquezas que trazia,
 He de ouro hũa fortissima armadura
 Que prezo me tenhais, me diz consinto
 Ate verdes cos olhos que não mintio:

54.

Dyomedes lhe tornou, pois na temida
 Noite te atreues com ligeira planta
 Os Gregos explorar, paga co a vida
 Taõ grande atreuimento, astucia tanta:
 Dos hombros a cabeça diuidida
 Lhe cae cegando a espada a vil garganta,
 Lança co sangue a alma, & o triste espirito
 Dece bramindo as agoas de Cocyto.

55.

Logo o caminho fomos profeguindo,
 Até que no arraial contrario entrando,
 A muitos que em discuido estaõ dormin-
 do,
 Do sono a eterno sono himos passando,
 Daly a grande tenda descobrindo
 Que Rheso occupa com repouso brando,
 Eu lhe corto a cabeça, & o corpo frio
 Lança de sangue hum caudeloso rio.

E dádo a mesma morte aos que o guarda-
Os cauallos ao carro insigne atamos, (uaõ
E as armas que ao redor pendêdo estauaõ
Victoriosos, & alegres carregamos,
As redeas, com que brandos se domauaõ
Os ligeiros cauallos concertamos,
Quantos o carro vem cuidaõ que Rhefo
He da quadriga o glorioso pezo.

Sahimonos do campo, conhecendo
Que o esquadraõ belligero se armava
Para com a noua luz amanhecendo,
Hir sobre a armada que no porto estaua:
Agamenon o carro, & preza vendo
Honrras nos prometia os braços daua,
As armas, & os cauallos ve neuados,
Que parece que ao sol foraõ furtados.

Apenas cae sobre os mayores montes
A duuidosa luz do sol ardente,
Subindo aos abrazados orifontes,
Para espertar no mundo a cega gente;
Quando qual rio, que as antigas pontes
Ameaçando corre impaciente,
Se diffundia o imigo, que se chega
A por a fogo, & ferro a armada grega.

59.

O largo câmpo de armas inundaua,
 E a grega gente toda recolhida
 Defenderie nos valos procuraua,
 Tratâdo huns da victoria, outros da vida,
 A Dyomedes hũa setta que voaua
 De purpura banhou de hũa ferida
 Que peleja taõ dura, & porfiada
 Nem esta idade a vio, nem a passada.

60.

As naos leuaua Heitor ardentes flamas
 Pogo gritaua às naos, a quem seguiaõ
 Alchatoe, & Agenor, & Polydamas, (aõ:
 E outros que ao mesmo effeito concorri-
 Cingindo as fronte de eminentes ramas
 Os filhos de Antenor aly se viaõ,
 Leuar às naos as flamas crepitantes,
 Archiloco era hum, outro Atamantes.

61.

Isto o'famoso Achilles considera,
 E suas armas a Patroclo vestia, (ra,
 Que aos Troyanos vencer co a fama espe-
 Tanto o braço de Achilles se temia,
 E cuidando os que o vem que Achilles era
 Todo o arrayal voltaua, & lhe fugia,
 A quem o medo a morte faz presente,
 Que tanto a opiniaõ pode entre a gente.

K

Como

Como o lobo voras, que na manada
 Das ouelhas entrou, ellas sentindo
 O inimigo com furia arrebatada
 Sem ordem derramadas vão fugindo,
 Tal ao furor da generosa espada,
 Com que largo caminho vae abrindo
 As hostes inimigas se aparta vão,
 E as espaldas fugindo lhe mostra vão.

Declarase a fortuna entãõ notõria
 Por nossa parte, & Patroclo a seguia
 Querendo entrar em Troya, que a victo-
 Neste falso fauor se prometia, (ria
 Achase o mór perigo na mór gloria,
 Quando co a lança as portas já feria,
 Na mão de Appollo o arco, & corda soa,
 E nas azas da letta a morte voa.

No rosto o fere, & logo sobre a terra
 Inclina; pondo a mão por sustentar se,
 Co a eterna sombra os olhos abre, & ferra
 Prouando em vão tres vezes levantar se:
 Sobre ele corre Heitor, adonde a guerra
 Mais aspera começa a declarar se,
 Contra Patroclo hum corre a despojalo,
 Outro por defendelo, & por liuralo.

65.

Como, quando dobrando seus ardores
 O Syrio fogo, as messes carregadas
 Vaõ derrubando os duros segadores,
 Que pelo campo atras deixaõ cortadas,
 Afsi se vem por mãos dos vencedores
 Muitas gargantas pelo chaõ segadas,
 Iazem truncados corpos sobre a terra
 Amargo fruto da sanguinea guerra.

66.

Aly o brauo Heitor, que naõ descança,
 Vendo que o elmo a Patroclo cahira
 Lhe arroja a grande, & temerosa lança,
 Que as vias atalhou com que respira:
 A purpurea alma da ferida lança,
 Que a Phlegetonte dece ardendo em ira
 Sem lhe valerem armas, por que veja
 Que contra o fado, & ceo ninguem pele-

67.

(ja.

Entre o rigor das armas retirado
 Configo Achilles sò consideraua]
 As mortes, com que cobre Marte irado
 As prayas, que co sangue o Xanto lava:
 Ou porque de Briseida priuado
 Agamenon o tem, que mais amaua,
 Ou por que se entretem na doce pena
 Que a vista lhe causou de Policena.

Lysboa edificada

68.

A morte fente do fiel amigo
Achiles, & de dor, & de ira insano
Ià deseja meter se no perigo,
Para de sangue se fartar Troyano:
Ià desprezando estaua o ocio antigo,
Vendo que causar pode mayor dano
Qualquer tardança; o peito, & a celada
Adapta, ao lado cinge a forte espada.

69.

Ià de Thetis o filho valeroso
Junta ao carro os cauallos, que no raso
Campo leuaõ com curso impetuoso
Balyo, Capyltro, & Xanto, com Pedaço
O Hespero imitando temeroso,
Quando encendido corre pelo Ocaso,
Leuando a inuicta espada, & braço forte
Covltimo castigo o horror da morte.

70.

Os Troyanos o vem com grande espanto
De fortes membros, de virtude rara,
E qualquer que ouza velo o teme tanto
Que o campo, & proprias armas defem
Mudada leua a cor o claro Xanto (par
Do muito sangue, & impedido para
Dos que a morte da espada não quizera
E nadando nas ondas a beberaõ.

Com

71.

Como a langosta fordida passando
 Hum lago, ou rio de voar cansada,
 Húa sobre outra morre, & vae formando
 Para a que vem detras segura estrada,
 Afsi os Troyanos, por fugir nadando
 De Achilles, que seguia, a forte espada,
 Entrauaõ no Escamandro, & na corrente
 Huns morrem, outros passaõ juntaméte.

72.

Nas veas congelado o medo frio
 As armas os Troyanos recuzauaõ,
 Esquecido o valor, & antigo brio
 Pera saluar a vida as costas dauaõ:
 Heitor Achilles chama a desafio:
 Hum contra o outro as lanças arrojauaõ,
 Achilles Marte grego, & da ourra parte
 O valeroso Heitor troyano Marte.

73.

Erguia Heitor o braço donde a lança
 (Que era húa faya) despedida dece,
 Que ameaçando tudo quanto alcança
 Rayo na mão de Iupiter parece:
 Cortando os ares vem tè que descança
 No escudo, com que Achilles se offerece
 Ao golpe, a lança fere, & não podendo
 Passar, do que fizera està tremendo.

De Heitor o Grego o peito rutilante
Reconhece que a Patroclo vestira,
Embrauece co a dor de o ver diante,
E da vista arrojaua rayos de ira:
A hum Tigre ferido semelhante
Que a varia pelle arriça, & fogo espira,
Quando do filuo ou seta prouocado
Nas lanças entra de fereza armado.

Na mão a grossa lança sopezando
Todo em corage, & em furor se acende,
Que do escudo húa parte penetrando,
Ià nele preza, inutilmente pende:
As espadas nos punkos apertando
Cada qual dece, a seu contrario attende,
Que toparse vieraõ fronte a fronte,
Qual se hum mente topara noutro mon-

Nem quando impera Ioue soberano
Com tal furor os Cyclopes valentes,
Nas negras ferrarias de Vulcano,
Lhe forjaõ rayos lucidos, & ardentes:
Como o Capitaõ grego, & o Troyano,
As espadas leuantaõ, refulgentes,
Ferindo os elmos, onde tremolauaõ,
As plumas, de que o campo semeauaõ.

77.

Qual dous Leoões famintos sobre a preza
 Do Veado, que morto tem diante,
 Chea a boca de sangue, & de braueza,
 Cada quäl mais cruel, mais, arrogante:
 A escura vista em puro fogo aceza,
 Dando hum rugido, & outro penetrante
 Se abração, rasgaõ, te que o mais ferido
 Sem descobrir fraqueza, cae rendido.

78.

Afsi os monstros da guerra arremetiaõ,
 Do alto abaixo olhando se buscauaõ
 Numa parte apontauaõ, outra feriaõ,
 E as mais vezes o golpe executauaõ:
 Agora as armas com engano abriaõ,
 E nellas juntamente se cerrauaõ,
 Tentando se por hũa, & outra parte
 Oppondo a arte à força, & à força à arte!

79,

Proua o valente Heytor toda a destreza,
 Que em vaõ ferir Achilles pertendia,
 Acha nele, & nas armas a defeza
 Que a toda a espada, & forças resistia:
 Bem como a ignea pedra ardendo aceza
 Dos golpes do fuzil, já o ar se via
 Das ardentes faiscas abrazado,
 Que rezurtem do escudo temperado.

Lysboa edificada

80.

Heitor a fria morte ve defronte ,
Que na espada inimiga anda escondida ,
Em negro sangue de hũa, & doutra fonte
Vae pouco a pouco destilando a vida ;
A armadura mais forte que fez Bronte ,
Por mil partes estaua diuidida,
O aperto a que a vida he já chegada,
Com mil bocas o diz a propria espada.

81.

Conhecese ferido, & que o feruente
Sangue já as fortes armas lhe banhaua,
Contra Achilles corria impaciente ,
Que a vida, & o perigo desprezaua , (te,
Giraua a hũ lado, & a outro espada ardẽ-
Co a voz, que solta, aos montes abalaua,
Que hum trouaõ parecia a voz pezada,
Tras ele hum rayo o fulminar da espada.

82.

Sentia a cõxa esquerda mal ferida,
O escudo lança atras, a espada aferra ,
Que sobre Achilles cae graue, & temida,
Com que ambos os juelhos pos por terra
Brauo se ergue da afronta recebida,
Aperta os dentes, co inimigo ferra,
Nos braços o leuanta, & entre os braços
Se daõ ambos durissimos abraços.

Nem

83.

Nem da setta belligera feridos
 O Vſſo fero ou laualy arrogante
 Fazem soar taõ graue a ſeus bramidos
 A gruta, ou a cauerna mais diſtante,
 Com quanta força os Capitaẽs temidos,
 Para aſrontar ſe os peitos poem diante,
 A ſeus braços os montes reſponderaõ,
 E feridos da planta eſtremeceraõ.

84.

Como ſe Peleo, & Olympo ſe topaſſem
 De duras rochas fronte, & peito armados
 E na toſca aſpereza ſe abraçaſſem:
 Cos braços de ſeus troncos carregados,
 E em fontes de appertados rebentaſſem:
 Aſſi eſtes viuos montes abraçadõs
 Se apertaõ, onde Heitor qual viuo monte
 Brotaua ſangue de hũa, & doutra fonte.

85.

Importalhe ajudar ſe de deſtreza
 Na paleſtra, em que o corpo exercitaua,
 Tenta co a força Achilles na fraqueza
 Das pernas, que hum eſtende, outro en-
 Fazendo vaſſilar a fortaleza (curuaua
 Das colunas, que Alcides respeitaua,
 E Achilles aſrontado do perigo,
 A deſtreza temia do inimigo.

K 5

O bra-

O braço cada qual irado estende,
E co inimigo se ata em laço estreito,
Húa vez se soltaua, outra se prende,
Torcendo os braços, chegaõ peito a peito
No ar o Grego o grande Heitor suspende,
Despois que varias prouas teue feito,
Grande parte do campo afsi discorre
Crendo trazer nos braços húa torre.

De não vencer corrido, & afrontado,
O corpo robustissimo cingia,
E o graue pezo num, & noutro lado
Vacillando, mostraua que cahia,
Porem todo pendente, & reclinado
Com nouo esforço & noua valentia,
Em pê ficaua, quando a terra inclina
Dispois de ameaçar fatal ruina.

Como Antheon o duro Heytor ficaua,
Dispois de ter tocada a amiga terra,
De nouas forças, & vigor se armaua
Para seguir a começada guerra:
Marauilhado Achilles se mostraua,
Vendo o valor, que no alto peito encerra,
Que feu grande vigor o defengana,
Que não he seu esforço couia humana.

89.

Vio começar o sol este duelo,
 E já então inclinava a luz phebea, (lo
 Sem sangue se acha Heitor, que de perde-
 Roxa tornada tinha a branca areia:
 Achilles que na mão tinha o cabelo,
 De que a fortuna a escura fronte arrea,
 Brauo, & furioso instava, com intento
 Que não tomasse Heitor hum breue alem

90.

(to.

Achilles, que se ve mais alentado,
 Estreitamente aperta Heitor consigo,
 Mete o juelho esquerdo ao destro lado,
 Carregando nos peitos do inimigo,
 Que sem poder susterse, cae forçado,
 Sem desculdarse em seu valor antigo,
 Que nos braços o aperta, tão velemente
 Que ambos a terra medem juntamente.

91.

Heitor, a quem o peito a dura lima
 Da dor graue, em mil partes diuidia
 Tendo de Achilles o graõ pezo encima,
 A quem já contrastar tão mal podia,
 Mostrado que ainda assi menos o estima,
 Dum lado noutro o corpo reuoluia,
 Que sem temer contrario tão temido,
 Vencido, quer não parecer vencido.

92.

Ve no ar leuantado o braço forte, (da,
E apertado hum punhal na dextra ergui-
Do alto ao rosto vê decer a morte,
Indo esconderse o ferro na ferida:
Gozando Achilles mais ditosa forte,
Os laços corta desta illustre vida,
Tendo outra vez no ar a adaga fera,
Como que a alma por ferila espera.

93.

(te

Triumphã a morte, & Marte do arrogan
Despojo, que no campo se estendia,
A espada jaz, & o escudo rutilante,
Que Grecia toda com rezão temia,
Ollion poderoso, & triumphante
Nele a gloria contempla que perdia,
Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,
Nesta viua coluna descançava.

94.

Achiles vencedor quasi vencido
O escudo abraça, que ja mal sustenta,
Toma a espada das forças impedido,
E a planta moue vagarosa, & lenta:
De cançado dos goípes, & opprimido
Estar com pouca força representa,
E com tremante passo a mão pezada
Vay fazendo bordão da propria espada.

Achiles

95.

Recolhemse em seus muros os Troyanos
 As vidas segurando, & defendendo,
 E neles contra os fados tantos annos
 Sustentaõ o furor de Marte horrendo:
 Eu vendo os riscõs, & perpetuos danos
 Que por pontos, & horas vaõ crescendo,
 Hum caualllo inuentey, com que pudeffẽ
 Entrar em Troya os Gregos, & a rendeffẽ.

96.

No monftruoso corpo, que com tanta
 Soberba crece, que a arte propria admira,
 Primeiro medo infunde do que espanta,
 Parecendo que he viuo, & que respira,
 Representando hum monte se leuanta,
 Olargo ventre cheo de armas, & ira,
 Graue, & fatal prenhes, onde se encerra
 Numa apparente paz, oculta guerra.

97.

No caualllo ficamos emcerrados (da
 Os que a sorte escolheo; & a grega arma-
 Fingidamente aos ventos follegados
 Na negra antena solta a vella inchada:
 Vendo que nos partimos os cansados
 Troyanos saem ao campo, & a leuantada
 Machina os admiraua, a alguns parece
 Que fogo ao graõ caualllo se puzesse.

Deixa-

98.

Deixamõs antre os bosques escondido
Ao astuto Synon, autor de enganos,
Que se finge dos Gregos offendido,
Dando nas mãos dos miseros Troyanos
Conta que deles tinha recebido,
(Assistindo na guerra tantos annos)
Males, & afrontas, corre a ouuilo a gente
Que enternecida o cria facilmente.

99.

Aque viera perguntado, & donde
Responde promptamente, & confiado
Com lagrimas mistura o que responde,
Aos que por velo, & ouuilo o tem cercado
Sem a fraude luzir que na alma esconde,
Lhe conta que o cavallo leuanto
Os Gregos co trabalho edificaraõ,
Que à victoriosa Pallas consagraraõ.

100.

Persuademse todos os que ouuiaõ,
A Synon, que o cavallo o muro entrasse,
Se bem ao rude pouo outros diziaõ,
Que com suppostas chamas se abrazaße:
Varios votos se daõ, os mais venciaõ,
Que para entrar o muro se rasgasse,
Sem ver quaõ grandes erros tras consigo
Crer a fee, & as offertas do inimigo.

Entra

101.

Entra o fatal cauallo, & na segura
 Praça o deixão ficar, soberbo, & quedo,
 Dece a cobrilo logo a noite escura,
 Que no mar se banhara o sol mais cedo:
 Não se via no Ceo estrela pura,
 Tudo erão treuas, tudo horror, & medo,
 E os que encerrados no cauallo estamos,
 Pela sombra a sahida anticipamos.

102.

Qual da Bibora os filhos, que a comprida
 Dilação do nascer abreuiando,
 Rasgão da mãy o ventre por que a vida
 Tem com sua morte, o morto pay vigãdo
 Tal das entranhas donde està escondida
 Agrega gente, as horas apreçando,
 Armada nasce, para a dura guerra,
 Como os que semeou Cadmo na terra.

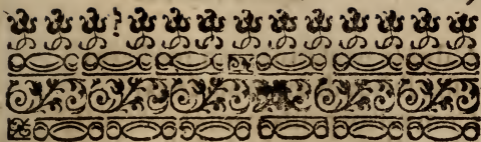
103.

De noite as armas vão resplandecendo,
 Antre as chamas do fogo leuantadas,
 Qual cos rayos de Cynthia, o ar ardendo,
 Se vem ondas do mar alumniadas,
 Huns vão fugindo, & outros recolhendo
 A dura mão nas feruidas espadas, (menta
 A sombra o grão tumulto, & furia aug-
 Que os perigos esconde, & os ocrecenta.
 Crece

Crece o tumulto, vozes, & armas crecem,
 Que faz a escuridade mais temidas,
 Varias mortes antre ellas se offerecem,
 Dando outra eterna noite a tantas vidas:
 Arde a Neptunia Troya, onde perecem
 Nos fios das espadas homicidas
 Os seus que Pyrrho com mortal estrago
 De Phrigio fangue faz de Troya hum la-

A fabrica mayor mais leuantada,
 Da violencia dos fados opprimida,
 Por maõ da dura guerra cae postrada,
 E em sua grandeza mesma està escondida:
 Do eterno pay dos seculos gastada,
 Que tira aos duros marmores a vida (cos
 Trofeos de ambas fortunas, que em peda
 Faz na robusta força de seus braços.

A natureza, quando Troya ardia,
 Parece que no antiguo Chaos se encerra
 O Ceo de negro luto se cobria, (enterra,
 Quando em sepulchro ardente a Troya
 Tarda o sol em trazer o nouo dia,
 A escura sombra occupa o mar & a terra,
 Que por naõ ver arder cousas taõ bellas
 O Ceo cerraua os olhos das estrelas.



ARGUMENTO

DO SETIMO

CANTO.

POR festejar Vlysses ordenaua
 Gorgoris real caça, & monteria:
 Vlysses, que a Calypso acompanhaua,
 Por venturosa sorte se perdia:
 Logo erguia a Lysboa adonde achaua
 Agouros de mais alta monarchia,
 Falalhe o Tejo, & canta docemente
 Legea altas victorias do Oriente.

I.

GOrgoris admirado do que ouuira
 Contar a Vlysses com saber facundo,
 Com enueja de gloria arde, & suspira
 Porque na vltima parte està do mundo:
 Porem Calypso muito mais se admira
 Perturbada, & suspensa, no profundo
 Pensamento amoroso combatida,
 De sy propria consigo està rendida.

2.

Calypso pensatiua bem mostraua
Estar ferida de amorosa setta,
Com varios pensamentos pelejaua,
Na melhor parte da alma, & mais secreta:
Na cama em campo de batalha estaua,
E perturbada a alma, & inquieta :
Secretario do mal que tras contigo
Ao campo faz, & ao silencio amigo.

3.

Para hum jardim sahia acompanhada
De hũa criada, de quem mais se fia;
A esta sò as historias da abrazada
Troya, que ao Grego ouuira, repetia:
Gabalhe a gentileza, & estremada
Eloquencia, em que a todos excedia,
Que não pòde auer rayo assi violento,
Como a continuação de hum pensamêto

4.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, & frio
Do Rey da luz a bella embaixadora,
E mudando em aljofar o rocio,
Vrnas de ouro derrama a roxa Aurora:
A branda testa as perolas em fio
Toucauão, com que mais ao sol namora,
E com o vèdo das nuuês que a cercaua,
Do rosto as frias gotas enxugaua.

Festejando

5.

Festejando a Princeza do Oriente,
 Que fae as nuuês lucidas pizando,
 Os filhos do ar com pena diligente
 Vinhão o Ceo, & a terra namorando:
 Que com farpada lingua docemente
 Não aprendida musica espalhando,
 Quando nas leues azas se leuantão,
 A alma suspendem, & o sentido encantão

6.

Tras della os abrazados Orizontes
 Com ardente pincel o Sol bordaua,
 E a altiua testa dos soberbos montes
 De rayos de ouro, & prata coroaua:
 As plantas, rios, flores, prados, fontes,
 Cada hum com lingua muda ao sol falaua
 Como que agardecia a graõ belleza,
 Com que enfeitaua o sol a natureza.

7.

Mostraua a terra verde, as bellas flores
 Vestidas com tal graça, & alegria
 De mais finas, & mais suaues cores,
 Que estar se riudo o prado parecia:
 O vento cos primeiros resplandores,
 Antre as folhas calado entãõ dormia,
 E as fontes, que passando murmurauaõ,
 A suaue repouzo conuidauaõ.

Sae

8.

Sae Gorgoris dos seus acompanhado
Para onde o forte Vlysses o esperava,
Que corre a recebelo aluorçado,
A quem no rosto o coração mostrava:
Porque o monte he de feras pouoado,
Por alegrar a Vlysses ordenava
Húa caça real, & monteria
Com que fatigue a selua, & gaste o dia.

9.

Iã de atavios ricos adornadas
As egoas remendadas se apercebem,
Que no campo do Tejo são criadas,
Seus fenos pacem, suas correntes bebem:
Que de Boreas, & de Euro cobizadas
De seu fecundo espirito concebem
Dando aos filhos por este nascimento
A ligeireza do paterno vento.

10.

Gorgoris para a caça apercebido,
Das insignias do campo se guarnece,
Carrega ao hombro de ouro arco bruni-
E a aljava rica sobre o lado dece, (do
No cordão de ouro, & seda retorcido
A esmaltada bozina resplandece,
Curta lança na mão, que foy mais vezes
Terror mortal dos laualis montezes.

Antre

II.

Antre os mais, hum librè leua famoso
 Branco, de negras malhas todo cheo,
 De largos peitos, rosto portentoso
 Que tem a fermosura em fer taõ feo:
 Hia cuberto de aço luminoso,
 Lustroso, forte, & engraçado arreo, (tes
 No pescoçso hum colar, que com pungen
 Pontas afronta as feras mais valentes.

12.

Mostrase logo Astrea, & a fermosa
 Calypso ao monte, que se alegra em velas
 Qual na noite serena, & luminosa,
 Se acende o claro ceo de luzes bellas:
 Vlysses que na luz pura, & ditosa,
 Das duas suauissimas estrelas
 Se ve abraçar, já de sua dor contente
 Contaua à causa della, o mal que sente.

13.

Diz a Calypso entãõ, vede senhora
 Como tudo se alegra em vos sahindo,
 O ceo, o mar, a terra vos namora,
 E as boninas à roda se estaõ rindo:
 O sol por que vos ve na terra agora,
 De enuergonhado os rayos encobrindo,
 Das cores que lhe saem sobre estes mon-
 Abraza os prateados Orifontes. (tes

Qual.

14.

Qualquer ave que ao ar liure se estende
Vendouos tão fermosa, ja parece (prende
Que outra voz toma, & outro canto a-
Com que do câpo, por vos ver, se esquece
Pois se vos ama quem vos não comprende
Que fará quem vos ama, & vos conhece,
Se tudo em fim se rende a vossa vista,
Quem tão liure será que lhe resista?

15.

(arde,

Mal (fermosa Calypso) o incendio que
Mal se esconde o amor, & se refrea,
Não sofre esta affeição que mais aguarde,
E o fogo que em minha alma amor atea:
Atreuido caley, falo cobarde,
Não tenho coufa que não veja alhea, (ha,
Que em vos vêdo, vos dei tudo o que tin-
Que até minha alma, por ser vossa, he

16.

(minha.

E se ategora o medo a voz me atava,
Não he muito ante vos tela impedida,
Com lingua muda minha dor falava,
E a pura alma nos olhos derretida; (uã,
Que os vossos me mataraõ, bem mostra-
Saindo o sangue à vista do homicida,
Morte, & vida me dão, vendoos taõ bel-
Desejalos a morte, a vida velos.

(los

Calipso

17.

Calypso o ouue, & como se enuergonha
 Não responde, & nas faces se cobria
 De hũa cor abrazada de vergonha,
 Com que inda mais fermosa parecia:
 Bebendo esta suauíssima peçonha
 Nas amorosas queixas que lhe ouuia:
 Quando este gosto alegre lhe interrompê
 Bozinas, que soando, os ares rompem.

18.

As vozes dos monteiros o ar ferião, (uão,
 Com que os echos nos montes se dobra-
 Prezos nas trellas os librès gemião,
 Que a sair, & afferrar, se aparelhauão:
 Ia de hũa brenha altíssima sahião
 Dous Iaualis, que o monte atraueßauão:
 De monstruosos corpos, que fugindo,
 Co as meas luas vão o mato abrindo.

19.

Hum deles corre o monte não sofrendo
 Dos monteyros as vozes, & o ruído
 Por hum vale cortaua discorrendo,
 Onde possa escapar sem ser sentido,
 Calypso topa o palafrem temendo,
 A braua fera, pelo monte erguido
 Corre espantado, & Vlyßes não descança
 Te nas entranhas lhe esconder a lança.

Quan-

20.

Quando tornaua alegre, & victorioso,
E Calypso buscaua na espessura,
A hũa, & outra parte temeroso,
Discorria com vista mal segura,
Cahida emfim a encontra, & do fermoso
Rosto eclipsada a viuua fermosura,
Palido chega, que sem alma vinha,
Buscando o corpo, que por alma tinha.

21.

Com voz saudosa, & de suspiros chea
As mãos lhe beija, & docemente chora,
Quis se fazer fermosa a morte fea
Com vossa fermosura, alta senhora,
Lhe diz Vlyfles, & da branda vea
De hũa fonte a rocia, & como Aurora
Que abre o Oriente, entãõ Calypso abria
O sol da vista, donde nasce o dia.

22.

Assi com ella entraua desmayada
Por hũa pobre casa de pastores,
Onde por molle cama, & regalada,
Cem brandas pelles, & puniceas flores:
Da tarde grande parte era passada
Em saudosas lagrimas, & amores,
Onde mais testemunhas não se achauãõ
Que arroyos, que do caso mormurauãõ

No

23.

Nos montes, & apertados aruoredos
 Muitos nocturnos passaros voaraõ,
 E nas concauidades dos penedos,
 Vozes de aues infaustas se escutaraõ:
 Sem cothurno, & sem facha a estes segre-
 Afsistio Hymeneo, & naõ faltaraõ (dos
 Gemidos de animais, que o ar abrindo,
 Foraõ tristes agouros repetindo.

24.

Em seus braços Calypso as horas passa,
 Que da prizaõ suaue se contenta,
 Hum amoroso laço ambos enlaça,
 Ambos hũa alma anima, ambos sustenta
 Na bella vista, & perigrina graça,
 Em quanto ele seus olhos apacentá,
 Praticando co a alma a alma estaua,
 E o coração co coração falaua.

25.

Està Chelos à vista altiuo monte,
 Fertil de muita caça, que com tanta
 Altiues sobre as nuuens ergue a fronte,
 Que do Olympo, & do Pindo se adianta
 De cuja espalda hũa perpetua fonte,
 Cae atè lhe beijar a humilde planta,
 Despois que pelo frio inuerno teue
 Penteadas do vento as cans de neue.

L

Dos

Dos monteiros foava a vozeria,
Das bozinas o estrondo juntamente,
Ferue a montanha toda, onde tremia
O tronco mais robusto, & eminente:
Das altas brenhas o echo respondia,
Como que a voz humana represente,
Saem as feras, deixando suas moradas
De ligeireza, & de fereza armadas.

Os animais cobardes fugitiuos
Saem em esquadras, cuja variedade
Espanta; alguns às mãos se tomão viuos:
Sem lhe valer sua grande agilidade
Ligeiros Gamos, Corços, & os altiuos:
Veados saem, que na velocidade
Dos pés a vida trazem, & na corrida
Hiaõ fugindo dilatando a vida.

Aly hum dobra o arco, a terra esmalta:
Do negro sangue da inocente fera,
Este sobido na aruore mais alta,
O brauo Porco, & o Veado espera,
A rede outro estendia adonde falta,
Outro do cordaõ larga, onde prendera,
O Librè forte, & manda que arremeta,
Sahindo qual de hum arco a aguda setta.

29.

Apos Siluestres Cabras, que espalhadas
 Pascendo os largos vales vão cobrindo,
 Gorgoris vae com voltas dilatadas,
 A hûas dando morte, outras seguindo,
 Ellas trepaõ nas penhas leuantadas,
 E de hûa pedra noutra vão sobindo,
 Gorgoris se auentaja na destreza
 A todos, no ar do corpo, & gentileza.

30.

Crendo que entrara Vlyffes na espessura,
 Pelo alcançar os montes fatigaua,
 Quãdo hum sabujo, & outro pela escura
 Mata rompendo o valle atravessaua,
 Hum Veado arrebenta, que a armadura
 Da frente em varias pontas remataua,
 Bate os fendidos pès, & hindo voando
 Por ver quem o seguia, para olhando.

31.

Nas egoas os monteiros apressados,
 Que parece que o vento nasceo dellas,
 Seguros vão batendo ambos os lados,
 Cos rayos de agudissimas estrelas:
 Nos vales, & nos montes impinados
 Mil voltas dauaõ nas seguras felas,
 Monte, filhos, & coua conhecid a
 As feras deixaõ, por fugir co a vida.

L 2

Can-

32.

Cançada a egoa Gorgoris leuaua,
E num ginete hispano se subia,
Este o chaõ tão veloz atropellaua,
Que mostra que voaua, & não corria:
Co as mãos ferradas, que no ar dobraua,
Tão ligeiro, & tão forte o chaõ batia,
Que desafia os ventos, & parece
Que co pezo que leua ensoberbece.

33.

Foife cerrando o ar foife cobrindo
De neuoa grossa, o Ceruo amedrentado
Por hum valle, & outro valle sacodindo
Os pès apenas piza o verde prado:
Chega a hum precipicio, aly cahindo
Co furor da carreira arrebatado,
Numa perna do alto juntamente
Cae afferrado de hum librè valente.

34.

Este o veo seguindo, que animoso
Vendoo cansado fortemente afferra,
O caminho decendo alto, & fragoso
Detendoo vae cozendose co a terra,
E quando cae do monte cauernofo,
Vendose despenhar não desaferra,
Para que a ambos seja desta sorte,
O perigo comum, comum a morte.

35.

Gorgoris por ferilo a lança erguendo,
 Chegado a ponto de cair esteue,
 Cos pés no precipicio, onde temendo
 O ginete suspenso se deteue,
 E o perigo, & ruina conhecendo,
 Volta em roda no ar, ligeiro, & leue',
 Desfazse a neuoa, & ve no chaõ postrado
 O libré forte, & o timido veado.

36.

(guido,

Tornaua aos seus correndo o monte er-
 Que o ginete com leues plantas mede,
 Quando acha hum laualina agoa metido
 Que em sangue mata, & naõ no rio a sede
 Este aly apertado, aly temido,
 Das lanças descompondo a forte rede,
 As costas segurando, a testa vira
 Dum lado noutro, volta ardendo em ira.

37.

Tasca furiosa escuma, quando sente
 As lanças esgrimindo o naualhado
 Cutelo de marfim do agudo dente,
 Contra os imigos que sentia ao lado,
 A vista irada aceza em fogo ardente,
 A cola retorcida, o arriçado
 Cerro das negras cedas encrespadas,
 Qual para a guerra lanças ordenadas.

L 3

Instando

38.

Instando com furor acometiaõ
 Os librès mais valentes, que afferrauaõ,
 Os sabujos de fõra alto latiaõ
 As horridas buzinas no ar soauaõ,
 Os monteiros co as lanças o feriaõ,
 Com que os caens afferrallo se animauaõ
 Chegaõ, & o que mais chega sae Voando,
 Na ferida as entranhas palpitando.

39.

Com ele aly enuestia o mais famoso
 Librè, que na pendente orelha afferra,
 A fera ronca, & do marfil lustroso,
 Bramindo as meas luas abre, & ferra: (fo
 Té que de hum bote o caõ forte, & neruo-
 Aberto cae, tingindo o sangue a terra,
 Onde lançaua a espumosa vida
 Enuolta em negro sangue da ferida.

40.

Gorgoris, tendo a lança leuantada,
 Duro arremeço faz, dizendo nesta
 Veràs a morte, & a fronte carregada
 Rompe o ferro amolado, & dura testa:
 Tremendo cae, do golpe ensangoentada
 Sobre seu grande corpo a fera besta;
 A quem com gosto o vencedor leuanta,
 E os que espantara viua, morta espanta.

41.

Ià Gorgoris da caça fatigado,
 Morto o graõ Iaualy, de Chelos dece,
 Monte alto donde o nome diriuado
 De Chellas, oje dura, & permanece:
 Nos valles Caballinos, ve prostrado
 O que Vlyffes matou, que inda parece
 Que o nome querem conferuar consigo,
 Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

42.

Aly chegou Vlyffes, & tornando
 Para a Cidade, goza dos fauores
 Da graõ Calypfo, em cujo peito brando
 Tanta impressaõ tem feito seus amores:
 Nestes doces cudados enganando
 Os dias, que antaõ julga por milhores
 Nota hum sitio eminente, & mais seguro
 Para erguer da Cidade o nobre muro.

43.

Cos seus o caso Vlyffes conferia,
 Huns erguer a Cidade lhe aprouauaõ,
 Outros votando por diuerfa via,
 Fundar os nouos muros reprouauaõ,
 Que se ergua a graõ Cidade se vencia,
 Contra os que pela patria suspirauaõ,
 Que he graõ doçura, a com que a patria
 A suaue lembrança, nos obriga. (amiga

44.

Hum grande altar a Iupiter potente
 Vlyffes forma, ante ele se poltraua,
 E coroado de aruore eminente,
 Com grande affeito o forte Grego oraua:
 Concorre a acompanhalo alegre a gente,
 E cada qual de Bacho coroaua
 A ardente taça, & por diuerfos modos,
 Dando vozes ao ceo, se alegraõ todos.

44.

E da aruore do sol cingindo as fronte,
 A erguer os nouos muros se animauaõ,
 Ao Genio que habitaua aqueles montes,
 E antiga terra, em versos celebrauaõ,
 Ao velho Iano, as Nayades das fontes,
 Ao graõ Neptuno, & a Eolo libauaõ:
 Toou Ioue do alto, & pelo raro
 Ar, corre hum resplandor diuino, & claro

46.

Todos com vozes altas vaõ seguindo
 O grande agouro, que no ceo se via,
 Com duro ferro a dura terra abrindo,
 Que agradecerlhe os golpes parecia:
 Que nome lhe dariaõ conferindo
 A Cidade fatal, que entaõ nascia,
 Hum lhe chama Vlyffipo, outro a nomea
 Pelo famoso Vlyffes, Vlyffea.

Que

47.

Que se chame Vlyſſea concordaraõ,
 Viua Vlyſſea dizem glorioſa,
 Quando nos fundamentos que lançaraõ
 Couſa deſcobre o Ceo rara, & famoſa:
 Que no templo que a Pallas leuantaraõ
 Hũa cabeça humana protentofa
 Viua nas cores viaõ, & hũa eſpada
 Dos poderes do tempo reſeruada.

48.

Hyripilo agoureiro Vlyſſes chama,
 Que com aſtro diuino lhe dizia,
 Adonde eſta cabeça teue a cama,
 Quer loue erguer mais alta Monarchia,
 Aqui grandes varões de eterna fama,
 Alem dos termos, que preſcreue ao dia,
 Faraõ que no vniuerſo ſe conheça,
 Que he de Europa Vlyſſea alta cabeça.

49.

Tanto que o cerco repartido eſteue
 Da famoſa Vlyſſea, honrra de Marte,
 E o muro, & templo aſſinalado teue,
 Ruas abrindo vae, praças reparte:
 Feruer ſe via a obra em tempo breue,
 E o trabalho exceder, modellos, & arte,
 Pelos montes ſe ouuia donde mora,
 Os golpes repetir, Echo ſonora.

L 5

Quan-

50.

Quantos robustos braços se veriaõ
 Suar na obra, tendo por suaue (aõ,
 Trabalho o com que os marmores parti-
 Arrastando no carro o pezo graue,
 Outros o monte, & boique alto feriaõ,
 Donde a pezada pedra, & grossa traue
 Dece, que ao templo, & muro se acomoda
 Pelo artificio da volubel roda.

51.

Este a grenha do monte ás costas passa
 Ao fogo intenso que arde, outro trabalha
 Fazendo a dura terra em molle massa,
 Para a cozer na feruida fornalha:
 Qual por que sirua na soberba traça,
 A pedra pule, & a coluna entalha,
 E outro sobre a porta leuantada
 A cornige acomoda carregada.

52.

Como se na obra Dedalo afsistira (ua,
 Com graõ cuidado, & graõ feruor se obra
 Cada hum succede no trabalho, & tira
 O carro, que gemendo atraueffaua:
 Quem ve o muro com resaõ se admira
 Como hũa pedra, & outra afsi quadraua
 Que representa a obra illustre, & rara,
 Que a cithara Thebana edificara.

53.

Ià se viaõ crescendo erguer seguros
 A testa altiua os muros leuantados,
 Rompêdo com a grandeza os ares puros,
 Das correntes do Tejo rodeados:
 Ameaçando do alto, os fortes muros
 De lustrosas ameas coroados,
 (Sobre o tanque do Oceano profundo)
 As coroas do velho, & nouo mundo.

54.

Vendo o carro do sol na mor altura,
 Do suaue trabalho se apartaua,
 Vlyffes, & onde a vea doce, & pura
 Suas amenas prayas beija, & lava:
 Numa lapa que abrio na rocha dura,
 Que a repouso & descanso conuidaua,
 Entra para entregar-se ao sono lento,
 E dar hũm breue aliuio ao pensamento.

55.

Neste rochedo grande porta abria
 O rio, que ouas pardas pendurando,
 Como de natural ta peçaria,
 Vae a Neptuno alcobas adornando:
 Que em lugar de prezada laçaria
 A rocha pouco a pouco foi limando
 Que as pedras gasta da agoa mole dente
 Co a força naõ, mas co ferir frequente.

L 6

Mostraua

56.

Mostraua nesta rustica bruteza
 Exceder os buris de arte milhores,
 Onde, como zombando, a natureza
 Entalhou pedras de futis lauores;
 Hum arco se formaua de grandeza
 Estranha, onde a cauerna dos ardores
 Do sol não offendida a mais suaues
 Sonos daua lugar nas horas graues.

57.

Dantre as pedras em gotas distilada
 A fonte, em puras lagrimas decendo
 Está fios de prata congelada,
 Para enfiar as perolas, vertendo;
 No chaõ em partes a agoa reprezada
 Por laberintos de cristal correndo
 Meandros forma, & pela mole fralda
 Com vidros cobre murgos de smeralda.

58.

No tempo era, que o sol mais abrazado
 Exhalaua no ar flamas ardentes,
 Quando sua pompa exangues pelo prado
 Caindo inclinaõ as flores excellentes,
 E quando rumiando o manso gado
 As sombras busca, & liquidas correntes,
 Bordaua a ardente luz de Appolo louro
 Do Nemeo leaõ a pelle d'ouro.

Ouvinde

59.

Ouindo o canto das lasciuas aues,
 Que o ar suaue enchiaõ de harmonia
 E o murmurar da fonte, que nas graues
 Pedras quebrando seu cristal rompia,
 E co sopro das leues, & suaues,
 Auras, que as verdes folhas reuoluia,
 Antre as humidas azas de Morpheeo,
 Dalma os graues cuidados suspendeo.

60.

No mais fundo do Tejo hum sumptuoso
 Palacio o Rio habita, de luzentes
 C,afiras, & cristal puro, & lustroso,
 Que as paredes faziaõ transparentes:
 Aqui foy auisado o Tejo vndoso,
 Que junto de suas liquidas correntes,
 Vlyffes numa lapa repousaua,
 E logo o centro pelo ver deixaua.

61.

Manda humi Tritaõ que do humido appo
 De escamas douro lucidas vestido (sento
 Saindo fora, & sonoro alento
 Co a negra boca, a hum buzio retorcido:
 Voa nas azas do ligeiro vento
 O som por varias partes repetido,
 Deixaõ as naturais eoncauidades
 Para acodir às humidas Deidades.

De

62.

De vestes roçagantes, & luzidas
De hum cristal mole, & moles esmeraldas
Hum sae vestido, & outro guarnecidas
De escamas douro as nitidas espaldas
Outros camisas brancas tem vestidas
De congelada escuma, & nas grinaldas
As Nymphas vão aljofar enlaçando
No coral fino, em suas ondas brando.

63.

Chegão aonde o Tejo os esperava,
Num folio altiuo, claro, & preeminente
Na sala, cujo tecto carregava
Em colunas de massa transparente:
Aly sobre urnas de ouro se encostava,
Sahindo de cada huã, huã corrente,
Por falarlhe a cabeça facudia,
E o chaõ de aljofre, & perolas cobria.

64.

Contalhe como Vlysses he chegado,
E a Lusitania hum seculo famoso,
Em que ha de ser do Tejo subjugado,
De ambas as Thetis, o temido esposo,
Que quer hir visitalo acompanhado
Das Deidades do rio caudeloso,
Todos o approuaõ, & ele nesse instante
Os passos moue, os Deoses vão diante.

Pizando

65.

Pizando fae as humidas areas
 O velho Rio, numa verde cana
 Arrimado, antre o Choro das Nereas,
 Coroado de junco, & de espadana,
 As Nayades famosas, & as Napeas,
 Decem das fontes donde o Tejo mana,
 Vaõ com ele as Oreades, & às Drias,
 E a verde alma das plantas Amátrias.

66.

Mil vezes, salue, ó Vlyffes venturoso
 Ao sabio Grego diz, o antigo Rio
 Que este porto ferà por ty famoso,
 Da plaga austral alem do Norte frio:
 Quando os peixes de prata, & mar furio.
 Reconheçaõ meu largo senhorio, (fo
 Quando vencedor pize o Tejo vfanio
 A ceruiz dura ao tumido Occeano.

67.

Ergue a nobre Cidade, & não te espante,
 O graõ furor de Gorgoris valente,
 Por minhas ondas passaràs auante,
 Onde armas acharàs, & ousada gente;
 Eu por guia te hirei sempre diante,
 Humilhando esta tumida corrente,
 Que quando este ditoso pezo a opprima,
 Correráõ minhas ondas para cima.

Mandos

Mandou entã o Rio venerando
A Legea, que toque a doce lira,
E o suaue instrumento acompanhando
Co a branda voz, que o ceo, & a terra a.l-
Reconte a profecia, que cantando (mira
Os segredos do fado, a Protheo ouuira,
Como abriria, a lusitana gente
O mar tè as roxas portas do Oriente.

Ella obedece, & cum a graça estranha
Poem a animada neue no instrumento,
A que co a voz angelica acompanha,
Ceffou nas folhas escondido o vento:
Naõ podendo caber cousa tamanha,
Se naõ for num diuino pensamento:
E o que a Protheo ouuira, referia
Cantando a bella Nimpha, & assi dizia.

Antre os segredos da futura idade
Grande gloria te espera, o Tejo vfano,
Quando os muros erguer da graõ Cidade
Em tuas margens hum Grego soberano,
Em cujo imperio, & eterna magestade
Dispois do mar de Atlante, & do Oceano
Se hà de ver o mar roxo nauegado,
Perdendo a cor vermelha de enfiado.

Tomandõ

71.

Tomando o quinto Afonso bellicoso
 Na Regia mão do Reino a redea leue,
 E achando a quele coração famoso
 O lusitano imperio estreito, & breue:
 As velas dando ao mar tempestuoso,
 Já cos mares Atlanticos se atreue,
 Verà a vltima terra, aonde viuião
 Tres irmãs, que de hum olho se seruião.

72.

Dispois do iffante Henrique com valen-
 Coração vencer de Africa os ardores, (te
 Arguim, & as ilhas Garças juntamente,
 E os da serra Lioa habitadores,
 Vencendo de Guinea o sol ardente,
 Descobre as grandes ilhas dos Açores,
 Por que sejaõ do imperio lusitano
 Limite o Ceo, & as ondas do Oceano.

73.

Virà o graõ Manuel esclarecido,
 Que com grossas armadas sollicita
 Hum, & outro Neptuno; onde atreuido
 O quinto Afôso, & grãde Henrique imi-
 Este que por valor serà temido, (ta:
 Em quanto hum, & outro sol co a luz vi-
 Farà que os Portugueses vão subindo (sita
 Atè as fontes beber do Gange, & Indo.

Deixan-

74.

Deixando subjugada a Barbaria,
 Onde se ve o Ethiope abrazado,
 Porque o carro do sol o filho guia
 Por caminho do ceo menos trilhado:
 E os que do lago bebem a agoa fria,
 Donde o Azanaga corre ao mar salgado,
 E os que de Zairo vem mudar o estilo,
 Rico das agoas que lhe empresta o Nilo.

75.

Como quem gloria sò procura, & ama,
 Não temerà mandar a forte gente,
 Com que os mares cortádo o forte Gama,
 Abre as fechadas portas do Oriente,
 O cabo tormentorio de alta fama,
 Que esta naual afronta não consente,
 Humilharà suas ondas, & braueza
 As forças, & á fortuna portugueza.

76.

Victorioso o Gama illustre passa,
 Vencendo os elementos, & vencendo
 As perfidias, & enganos que em Momba-
 O Rey astutamente hirà tecendo: (ca
 De baixo a equinocial que o mundo abra
 Verà Melinde na Ethiopia ardendo, (ca,
 Fazendo setemer da negra gente
 Abrazada do fogo do eixo ardente.

77.

à neste tempo as metas, que o Thebano
 Alcides pos aos mares arrogantes,
 eraõ fabula vil, que do Occeano
 Descobrem mais os luzos nauegantes:
 Quando com furor alto, & mais que hu-
 mano

Seus lenhos terras, nunca vistas d'antes,
 Descobrirão do Austro a Noruega,
 Donde o sol arde, & donde nunca chega.

79.

Leuaràs tu primeiro ò forte Gama
 As luzitanas quinas, & as antenas
 Taõ longe, que da vista as perde a fama,
 Que tantos olhos tem, & tantas penas:
 Dõde hũ perpetuo estio o mũdo inflama
 E Cynthia faz as noites mais piquenas,
 Tè os hyperborios frios, pouco estimas
 Passar, emulo ao sol, por varios climas.

79.

Yrà logo o Cabral varaõ famoso,
 Ver do Brazil a costa prolongada,
 Donde hum tropheo leuanta glorioso,
 Em que deixa sua fama eternizada:
 O mar hirà cortando victorioso,
 Tè ver de Mosambique a desejada
 Costa, vencendo o largo mar que abraça
 Aviçosa Quiloa, com Mombaça.

80.

Vencido o mar vermelho, vence o duro
 Inimigo, que finge ser amigo, (ro
 Mancha em seu bruto sangue o ferro pu-
 De sua graõ perfidia igual castigo:
 Podendo ver no derrubado muro
 Que era melhor amigo que inimigo:
 Farà em Cochim em paz a nobre escala,
 Abrindo o ignoto porto de Sofala.

81.

A este o grande Nouoa hirà seguindo,
 Que os cejos Persio, & Arabico passando
 De Calicut as naos, que estaõ cobrindo
 A costa Malabar, vae destroçando,
 Com quatro fõs a cento rezistindo,
 Parte mete no fundo, & outras tomando
 Tè lhe fugir o imigo de afrontado,
 Do Portugues já de vencer cansado.

82.

Quanto conuem que sejaõ preferidos,
 Para os cargos da guerra os esforçados,
 Que ao valor os lugares saõ devidos, (dos
 Para os que em obras querem ser honrra
 Os que vem do alto tronco se esquecidos
 Do herdado exéplo estaõ de seus passados
 Que a virtude abraçaraõ prehemimente,
 Roubaõ lugar alheo injustamente.

Que

83.

Que montão os liões, as aguias puras
 Com que a soberba espera eternizar-se,
 Que montão arios, carros, & pinturas,
 Se quer a ignauia nellas gloriarse:
 Que as fumosas imagens, as figuras,
 De que a vangloria sabe namorarse,
 Afrontão, os que imbelles, encoitados
 No tronco antigo estão de seus passados.

84.

Tornará o forte Gama já almirante,
 A ver de Persia os procellosos mares,
 Leuando o Rey de Calecut diante
 Vencido antre o furor dos Malabares:
 Onde do de Cochim a paz constante
 Assentará em seus postos, & lugares,
 Trazendo o graõ tributo, que a Lysboa
 A el Rei seu senhor manda, o de Quiloa.

85.

Do primeiro Albuquerque a forte espada
 Em fauor de Cochim, na dura guerra,
 Temerá o Caymal, que debellada
 Virá igualar a Repelim co a terra:
 Vendo num mesino tempo derrubada
 Quanta no Samorim força se encerra,
 Que antre os dous Albuquerquees não
 duuida
 Perder alem do estado, a propria vida.

86.

Honrrarãõ seu sepulchro osleuantados
 Tropheos, insignias de enuejada gloria,
 As bandeiras pendentes, os grauados
 Arnezes, aonde viue alta memoria,
 As taboas dos nauios abrazados,
 Portas, chaues, tambores de victoria,
 Espadas inimigas penduradas,
 A mesma eternidade consagradas.

87.

Yrà fazer aguada o graõ Saldanha
 No tormentorio Cabo, & costa ardente,
 Dando seu mesmo nome á terra estranha
 Que nella ha de durar eternamente:
 A quem coas fortes armas acompanha
 Contra os da India, & Camorim potente,
 O graõ Pacheco, que com a espada nua
 A fama de seu Rey estende, & a sua.

88.

De fortes paraõs com dura guerra,
 Mambeja cobrirã de naual muro
 O estreito passo, & de esquadroës a terra
 Cos Reys de Cucurão, & de Bipuro,
 Decendo o Rey de Catagem da serra
 De Coriga, & Tenor com braço duro,
 Todos confederados, & de modo
 Que os pudera temer o mundo todo.

Nada

89.

Nada teme o Pacheco, nadao espanta,
 Podendo toda a India so temelo,
 Com pouca gente se arremessa a quanta
 Virà na terra, & mar a cometelo:
 Sahindo hum trouão negro da garganta,
 Bramindo pela boca de hum Camelo,
 Os paraòs destroça, onde o espumoso
 Neptuno ardendo entraua furioso.

90.

Dos castellos, & popas torreadas,
 As duras settas despedidas voaõ,
 De tambores, & trompas as dobradas
 Vozes nos ares repetidas soaõ:
 Voão dardos, & chuças amoladas,
 Soberbos golges todo o mar atroaõ,
 Hum cae atraueflado, & outro exangue
 Nas ondas nada de seu proprio sangue.

91.

Qual morto cae as ondas penetrando,
 Crecendo o mar co sangue da ferida,
 E qual nellas abforto anda nadando,
 Por à morte escapar, que tem bebida:
 Qual no remo se pega, & vay trepando,
 E esforçandose està para a subida,
 E cae ferido do pilouro ardente,
 Deixando a vida, & remo juntamente.

Eis

92.

Eis que do bronze concauo encendido
Rebenta o pò sulphureo, abrasado,
Que dando no ar asperrimo bramido,
Na abobada do Ceo responde o brado:
Vo. o pelouro em flamas escondido,
Qual o rayo de Iupiter irado,
Que de Typhéo a grande furia imita,
Quando as pedras ardendo ao ar vomita

93.

Virá segunda vez este inimigo,
Cometer com mais vellas, & mais gente
O mesmo vao não tendo mais contigo
Que sò a sy mesmo, o Capitão valente,
Entra com dous bateis neste perigo,
Pasma em vello o inimigo, & já se sente
Que tem posta a esperança na fugida,
Por não deixar antes do passo, a vida.

94.

Oh Alcides lusitano honrra de Espanha
Digno de eterna, & soberana historia,
A que o trabalho proprio, & terra estrã
O fruto rendem de enuejada gloria:
A patria, a quem tũ dás honrra tamanha
E ao mūdo, onde espalhaſte tua memoria
Exemplo, & espelho deixas, onde veja
Que alta virtude dà por fruto enueja.

Qu

95.

Nasce, dizia, hum resplendor diuino
 Do Almeyda, & seu braço soberano,
 Quando dos Reys cãltiga o defatino (dano
 De Mombaça, & de Honor com mortal
 Que o de Cochim no solio peregrino
 Com braço, & peito assenta mais que hu-
 Primeiro Visorrey, por ele vejo (mano:
 Chorar perlas o Gange, & o patrio Tejo.

96.

Com ele hirà Lourenço valeroso,
 Que do valor do pay segue as pizadas,
 Que deixará em Cochim o alto, & famoso
 Padraõ, co as quinas do ouro leuandadas:
 Onde hum sepulchro, & outro protétoso
 Descobrirà que as fabulas sonhadas
 Ensinãõ com rumor, & fama escura,
 Ser dos primeiros pays a sepultura.

97.

Mas em Chaul a imiga, & dura sorte,
 Que durar hum bem grãde não consente
 Lhe dà antre as lanças a fermosa morte,
 Que enuejada será perpetuamente:
 Rompelhe a forte bala o peito forte,
 Leuandolhe hũa perna hum rayo ardête
 Do corpo, aonde a alma se detinha,
 Que só ao coraçãõ, por armas tinha.

M

Porem

98.

Porém o velho pay, a quem não cança
 O exercicio do sangüineo Marte.
 De Dabul tomará cruel vingança
 Onde leuanta o bellico estandarte,
 Queima, por terra poem, & não descança
 Tè que o fogo se atèa em toda a parte,
 Tudo effeitos crueis de forte rayo,
 De que encolhido treme o graõ Sabayo

99.

Myrossem, que nas forças atreuído,
 De armas Galés, & bellico aparelho
 Se atreue a resistir, fuge vencido,
 E o mar de antes azul, fará vermelho:
 Onde as bandeiras do Sultaõ temido,
 Piza com as plantas, o valente velho:
 A quem guarda de spoisa a terra dura
 Do Cabo a estranha, & iniqua sepultura

100.

Logo o famoso Afonso, o mar cobrindo
 De nao, os Malabares affugenta,
 Do graõ Neptuno as ondas opprimindo
 Que de seu graue pezo já rebenta,
 Leuando o Marichal, que á fama abrindo
 Nouos caminhos, pela espada augmenta
 A vida, que co sangue que derrama,
 Vencido vence, & viue pela fama.

Se

101.

Seguindo estes varões o graão Soares
 Temindo se fará naquella parte
 Que Arabia volue os procellosos mares;
 Logo o Siqueira, lusitano Marte
 Tremem de Vrmuz os muros, & lugares
 Do valor do magnanimo Duarte,
 Que co vento das azas, que abre, & ferra
 Sua fama, os fortes muros poem por terra.

102.

Quando o terceiro loaõ Rey excellente
 Subir ao real folio, desejando,
 Profeguir as victorias do Oriente,
 Do Olympo sò os caminhos affectando,
 Mandará o forte Gama taõ valente,
 Que dos annos o pezo desprezando
 Comete o mar, sem descubrir fraqueza,
 Que o coração desmente a natureza.

103.

Tremerá toda a India sò de velo
 Seu esforço, seu braço, sua fortuna, (lo,
 Treme Neptuno, & mostra em fim teme-
 A tempestade indomita, & importuna,
 Porem sò o fado poderá vence-lo,
 Quebrando esta firmissima columna
 Do nouo mundo, aonde descansava
 O pezo que em seus hombros carregava.

Sucederlhe à morrendo o grande Hen-
 Porque tambem no esforço, o representante
 Que deste Phenix, quer o Ceo que fique
 Outro nas mortas cinzas, do Oriente,
 Que em Batica tantas naos a pique
 Ao centro manda, & rende juntamente,
 Para que o Camorim se desengane
 Peleijando em Coulete, & em Panane.

No Malabar a grande fortaleza
 Ele defenderà no estreito passo
 Com Heytor da Sylueira, que se preza
 De luzitano Heytor no forte braço:
 Quando a todos mostrar não ter defeza
 Os peitos nús, como se foraõ de aço
 As mortes exporaõ, & aos mores riscos
 Sem a vista temer dos Basiliscos.

Da India os mares laurará o temido
 Sampayo, que com poucos portuguezes
 Verà desbaratado, & destruido
 O poder do inimigo tantas vezes:
 Sintiloha Bacanor, & o atreuido
 Geral de Bisnagà, que a seus reuezes
 Não acha malha, ou elmo que resista
 Confessando que o vence sò com a vista

107.

Aqui a Nympha hum pouco leuando
 A voz sonora diz. Pelo Occeano
 Virà o Cunha illustre nauegando,
 Que a Mombaça farà taõ grande dano,
 Vence Cambaya, & a Batal queimando,
 Farà temido o nome lusitano,
 Que pelos inimigos que tem morto,
 Dos mortos darà nome ao mesmo porto.

108.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo, (ja
 Que o Sultaõ Mahamud com grãde enue-
 Quer igualar co a terra, naõ podendo
 Chegar co forte braço onde deseja,
 Luas turquescas chama, que vertendo
 Sangue no mar se poem, & na peleja:
 Veraõ nas roxas ondas seus turbantes
 Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

109.

Hyrà logo o Noronha, & nouo Gama
 Tomar o leme do famoso estado,
 Que o irmão rega co sãgue que derrama
 Que a terra, & Ceo tem ambos conquista
 E o grande Martim Afonso, cuja fama (do
 Farà ao esquecimento ser lembrado
 De sua gloria, que taõ mal se encerra
 Nos espaços do ar, & nos da terra.

M 3

Aqui

II0.

Aquy, dizia a Nympha, he necessario
 Outro peito, outra voz, outra sciencia,
 E que me empreste o plectro o mesmo

Clario, (cia:

Pondo em meus beiços fauos de elequen-
 Para que cante, a quem de marmor Pario
 Estatuas deue a humana prouidencia,
 Antes estatuas de ouro, & de alabastro
 O illustre, o pio o inuenciuel Castro.

III.

Succederàs ò Castro venturoso,
 Em quem de Alcides o valor se enferra,
 Quando o Rey de Cambaya poderoso
 A Dio fitiarà, por mar, & terra:
 Onde teu mesmo filho valeroso,
 Enuolto no furor da dura guerra,
 Pisa as bandeiras, onde no ar tremola
 Com as meas luas a soberba cola.

II2.

Aqui mudando o canto em lastimado
 Acento triste, a Nympha profegua,
 Aqui mancebo illustre rodeado
 Dos teus, que haõ de imitarte na ousadia,
 Vendo dar fogo sobre a mina armado
 Renaces como Phenix neste dia
 Nas roxas flamas, onde abriste logo
 Para voar mais alto azas de fogo.

113.

Embraçado o escudo rutilante,
 Vem o famoso Castro com presteza
 A soccorrer os seus, ele diante
 Pouco estimando a perigosa empreza,
 Armado sae de hum animo constante
 Desprezador da vida, & sò se preza
 Da alta virtude, que a seu braço vnida,
 A India toda o teme, & a faz temida.

114.

Tal preço de sua barba, & tal valia
 Teraõ sò dous cabelos, que o thezouro
 Mayor do sol (que com seus rayos cria
 Nas grandes veas cujo sangue he ouro)
 Menos estima tem, que a quanto a fria
 Noite esconde, & descobre Apollo louro
 Tocando o mais remoto paralelo,
 Excede desta barba hum sò cabelo.

115.

Hirá o grande Cabral tomar o pezo
 Do nouo mundo aberto no Oriente,
 Que a Chambe voa em puro fogo acezo,
 E a terra abraza como rayo ardente,
 Bardelà o fente, onde cercado, & prezo
 Arde o Rey, & com ele a maura gente,
 E na marinha, & miseras aldeas
 Purpureas torna as palidas areas.

Logo hirà o Noronha, que correndo
 De Vrmuz o mar co a poderosa armada,
 A fortaleza chega, que tremendo
 Caê de seus fortes rayos abrazada,
 Eufrates de suas naos co pezo horrendo
 Opprimido darà por força entrada:
 Que as portuguezas armas; & aos intêtos
 Obedecem tè os proprios elementos.

Quando tremer Malaca da ouzadia
 Dos Reis vezinhos, vence a furiosa
 Gente co duro braço Dom Garcia,
 Tornando imbelle a esquadra bellicosa,
 Num barco, aonde em pò Vulcano ardia,
 Sae pelo ar com força portentosa
 Voando a morte, & leua juntamente
 Ao general, & ao filho a balla ardente.

Ferue o mar, & já em ondas se leuanta
 Todo de branca escuma coroadado
 Co armada imiga, que so vela espanta
 Cùm lenho, & outro lenho torreado:
 Quãdo o metal, que os animos quebran-
 O rayo lança com sonoro brado, (ta
 O inimigo a ouzadia em medo troca
 Ouindo o estrondo da sulphurea boca.

119.

(ferra

Húa armada com outra à hum tempo af-
 Prende de occulto fogo, que sahindo
 Em negros giros cobre o mar & a terra,
 Incendios exhalando, & repetindo,
 A balla voa, que o metal encerra,
 Que nos ares caminho largo abrindo,
 De Iupiter o ardente rayo imita,
 Quê huns despedaça, a outros precepita.

10.

Voa, Vulcano ardente, & com violento
 Estrondo alto bramido, & voz funesta
 Os cornos quebra no ar ao negro vento,
 Quâdo antre as nuuens ergue a dura testa
 Treme Neptuno, & sobre o falso argento
 Chama os marinhos Deoses, & se aprelta
 Vêdo do grande estrondo, & das peza das
 Ballas, as crespas ondas infestadas.

121.

Iã se afferraõ as popas diligentes
 Abrindo o ferro aly sanguinea porta,
 De mil vidas o fio nos ardentes
 Fios de seu cutelo Atropos corta,
 E sobre as rapadissimas correntes
 Nadarã tanto sangue, & gente morta
 Que a quem as vir de roxa sangue cheas
 Parecerã as ondas Eritreas.

M 5

Dispois

122.

Dispois o largo mar irà cortando
 O forte Mascarenhas, não vencido,
 Por Rey de Visapor aleuantando
 O irmaõ, á vista do Hydalcaõ temido:
 O graõ Barreto a India gouernando
 Verà a seu braço o Samorim rendido,
 Que de alto esforço, & de valor deseja
 Encher o mundo de gloriosa enueja.

123.

Tremendo està a fortissima Cidade
 De Mangalor, tè as pedras abrazada,
 Onde o Rey co a vida a liberdade,
 Deixa nos fios da inimiga espada:
 E o de Cambaya em marcia tempestade
 Verà Manora, & Aferim queimada,
 E o Hydalcaõ fugindo, que a Salfete
 Com vingatiuas armas acomete.

124.

Logo hirà o famoso Constantino
 Do Real tronco ramo florecente,
 A cujo alto valor, & peregrino
 Serà estreito imperio o do Oriente,
 Dàmaõ, prouando o aço puro, & fino,
 A seu braço se rende, & o potente
 Rey de lanapataõ por marauilha
 A seus pès a coroa, & scetro humilha.

Logo

125.

Logo o grande Coutinho, & o esforçado
 Mendocça, & o graõ Noronha com preste-
 Ergue de seus soldados ajudado (za
 De Mangalor a nobre fortaleza:
 Aqui o rouco Plectro, & já cansado
 A Nimpha despertaua com destreza,
 Dando à sonora voz mayor alento
 Afina as doces cordas do instrumento,

126.

Virà (diz ella) à India a gouernala
 O grande Dom Luis rayo da guerra,
 Com cuja vista o mar tremendo cala,
 E em velo treme, & em nudece a terra:
 Este, que a grande fama aos Ceos iguala,
 Lã no monte Parnel queimada a ferra
 Farà o Mogor fugir, pizando a praya
 Ba ardentissima costa de Cambaya.

127.

A Honor de bella, que co a eruada setta
 Em nuens tolda o ar, com que tiraua,
 Dandolhe occasiaõ que entaõ cometa,
 Porque á sombra das settas peleijaua:
 Quando o Rey dos Achens mais inquieta,
 Os muros de Malaca, aly se achaua
 Dom Lyonis, ou leaõ melhor dissera,
 Que rosto a rosto o inimigo espera.

M 6

Este

Este famoso Atlante aos hombros tendo
 Da India o peso, vencerà a porfia
 Do Hydalcaõ que a Goa acometendo
 Tremerà de sua estranha valentia:
 De cabeças hum grande monte erguendo
 Estas em carros ao inimigo emuia,
 Desterrando a soberba mauritana
 De Goa atè a remota Tapobrana

O patria insigne ò terra venturosa,
 Ditoso Rey de taõ altiua gente,
 Que em toda a parte a esphera luminosa,
 Onde he mais fria, & onde mais ardente,
 Ve a lusitana espada victoriosa: (tençe
 Que hum portugues fugido, & descon-
 Bastarà a reuoluer o mar profundo,
 E abrir nele caminho a hum nouo mudo.

Que terra taõ remota, & taõ estranha,
 E qual no mar vermelho procelloso,
 Inculta ilha, em Sythia alta montanha
 Na Ethiopia deserto perigoso,
 Qual regiaõ boreal, que a neue banha,
 Onde da fama, & seu clarim famoso
 (Alem do berço em que se embala o dia)
 Não chega o som de tanta valentia.

131.

O Alpheo, o Pò, o Garona, o grão Sylauro,
 Que as aruores em duras pedras troca,
 O Eufrates, Danubio, Arno, & Metauro,
 E o Ganges que do sol as plantas toca,
 Caystro, Ermo, Pactolo, Amphrifo, &
 Dauro,

E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca
 E os mais que callo ajuelhados vejo
 Esperar sanctas leis do antigo Tejo.

132.

Ouue o Tejo a Legea o doce canto,
 E antes de se hir às ondas donde mora,
 De grande gloria cheo, & grande espanto
 Do que ouuira cantar, perolas chora,
 Inclina ao Grego a branda vista, em quãto
 Com lingua de agoa forma voz sonora,
 E estas palauras, misteriosas fala,
 O eu ditoso, ò tu ditoso, & cala.

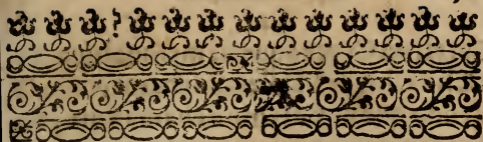
133.

A Vlysses deixa o venerando, & velho
 Ryo, de altas riquezas abundante,
 Ao lado os rios vão de seu conselho,
 Os mais piquenos rios vão diante:
 Nas ondas claras, qual em claro espelho
 Via Phebo seu carro rutilante,
 As Nayades, & Oreas para as fontes
 Se tornaõ, as Amadrias a seus montes.

Desperta Vlysses indo leuando
Os olhos quasi absorto, & sem sentido
Erguese, a gruta obserua, a cor mudando
Co sangue a seu principio recolhido
Como aquele que incauto passeando,
Vio cair junto a sy rayo encendido,
Assi Vlysses fica, assi se admira
Do graue canto que a Legea ouuira.

Leuanta as sobancelhas admirado,
Repetindo o que a Nymppha lhe dissera,
E o que inda em sombras lhe escondia o
Com profundo cuidado considera (fado,
Chega às primeiras ondas do dourado
Tejo, ajuelhado aly, o venera,
Toca a agoa coas mãos, a voz leuanta,
Hymnos ao Tejo, & seus lououres canta.





ARGUMENTO DO OITAVO CANTO.

A Gorgoris Megera o peito inflama,
 Guerra com tuba horrizona apregoa.
 Adrasto a Vlysses, que ele amou por fama,
 Socorro dà por defender Lysboa,
 Apaga o Tejo a voadora chama
 Que às naos se pega, & do alto choue, & toa,
 Gorgoris se recolhe, & a Aurora abrindo
 O Ceo, d'armas o campo vem cobrindo.

I.

Q Vando o muro de ameas coroado
 Da famosa Vlyslea ao ar se erguia,
 Correo hum resplendor ao dextro lado,
 Que clara luz nos ares diffundia,
 Gorgoris do que ve marauilhado,
 Sabios conuoca, o caso conferia,
 Atè que de cançado em sono lento
 Faz-tregoas co cuidado, & pensamento.

Em

2.

Em tanto Cyrce, que na mente altiua
Os successos de Vlysses obseruaua,
Vendo que de Calypso a chama viua
Amor pelas medulas lhe ateaua,
Com excessiuo amor, dor excessiua
Os sepultados fogos despertaua,
A Thesiphone inuoca, da vingança
Concebendo certissima esperança.

3.

Vos espiritus, diz, que no escondido
Tartaro repartis a pena dura,
Ouuime, & o curso rapido, & temido
Pare da Stige enuolta em sombra escura,
O fauor me darás tão merecido
Thesiphone, pois vy do sol a pura
Face em teus braços, cuja mão diuina
Exercitou o officio de Lucina.

4.

Se bem tu Deosa amiga me ensinaste
Os trabalhos do sol, & o mouimento,
De Phebe os incrementos me mostraste,
E o que mais em sy esconde o firmamêto:
Pois como mãy ò Deosa me criaste,
Ve de Vlysses o ingrato pensamento,
Dalhe o duro castigo, que merece,
Acode ao mal, que co a tardança crece.

Quã

5.

Quando Cynthia nos campos de çafira,
 Os seus diamantes lucidos semea,
 A Gorgoris dormindo na alma inspira
 De Vlyffes, & Calypfo a culpa fea:
 A furia que de Cyrce a queixa ouuira,
 A rapida corrente, a inculca area
 (Obrigada do encanto que a chamaua)
 Das margens deixa que o Cocito laua.

6.

Ella junto da praya desgrenhada,
 As cobras da cabeça permitia
 Lamber as tristes ondas da abrazada
 Ribeira, que de enxofre as reuoluia,
 Não fae da mão de Ioue a setta irada,
 Co a preffa que Tyziphone fahia,
 Que co a pompa das cobras o Orizonte
 Vinha affombrando da cerulea fronte.

7.

Sae da Tenaria porta, onde chegaraõ
 Os cauallos do fol, & esti emeceraõ,
 De fumo o ar enchendo perturbaraõ
 Os ares, o caminho, & luz perderaõ,
 Os cabelos de Atlante se arriçaraõ,
 E nos robustos hombros lhe tremeraõ
 Csestrelados eixos, que os affombra
 Do feo rofto a denegrada sombra.

De

De espantado largaua o graõ Gigante
O alto pezo da esphera cristalina,
E arriscando o estelifero Tonante,
Ameacaua o Ceo graue ruina,
E o velho Proteo co rebanho errante
No mais fundo do pego determina
Hir esconderse, nas cauernas aonde
Os segredos do mar Neptuno esconde.

Tornando o Tejo atras, os leuantados
Muros batendo vay da alta Lysboa,
A ferra Mariana os congelados
Cornos sacode, & deles choue, & toa,
Ao Mondego em rodeos dilatados,
Cae da cabeça a liquida coroa,
E ao Douro o medo frio os braços ata
Nos puros laços da lasciua prata.

Sentio nos grossos ares o ruido
O Pachino, o Peloro, o Casio monte,
De ambos os mares o Istmo combatido
Se quis abrir ao mar, que tem defronte,
Temeo Pirene, & o Ripheo temido,
Rodope altiua, & a Parnasia fonte,
E as mãys onde os gemidos penetraraõ
Ao peito os tenrros filhos apertaraõ.

II,

A terra toda, o mar por onde passa,
 Inficionados deixa, & já se sente
 A palida doença, a fome escaça,
 E até nas mesmas fontes sede ardente,
 Igual a morte a todos, tudo abraça
 O ar pezado, negro, & pestilente
 Seu torpe alento faz, que tudo offende,
 E dando hũa mão noutra fogo accende.

12.

Pàra no monte Almata, onde semea
 A discordia fatal, que arder se via
 Nos duros defensores de Vlyſſea,
 E em quem seus novos muros offendia,
 Tè os bois, que o laurador na propria al-
 Vendo a menham ſair, no jugo vnia; (de
 Renouando o trabalho começado,
 O jugo rompem ſem ſofrer o arado.

13.

Em tanto a furia hum corpo do ar tomã
 No ſilencio da noite eſcura entraua, (do
 Num appoſento adonde repouzando
 Em alto ſono a Gorgoris achaua,
 Hũa graue, & ſeuera voz formando,
 Com barba, que no peito deſcanſaua,
 Num bordão arrimada, que trazia,
 Meneando a cabeça lhe dizia.

Dorme

14.

Dormes valente Rey; taõ pouco sentes
Que te occupe o inimigo a propria terra
Sendo opprimido de estrangeiras gentes,
Quem dorme ao proprio dano os olhos
ferra, (dentes,
Naõ dormem, nem descançaõ Reys pru-
Desterre ao ocio vil a honrrosa guerra
Milhor parecerias abraçado
O escudo, sintilando o arnes grauado.

15.

Cinge graõ Rey a generosa espada,
Que em ocio tens, podendo ser temida,
Abre a porta que lano tem cerrada,
Do Olympo segue a estrada esclarecida,
Por Calypso tua fama està manchada;
Despois de fama, & honrra estar perdida,
Naõ fica que perder, que esta jaçtura
Ao tempo vence, & eternamente dura.

16.

Eu sou Polibio, que no tempo antigo,
De Capitaõ seruia a teus mayores,
Para outra vez poder morrer contigo
Corpo melhor to mey, forças milhores,
E para te ajudar neste perigo,
Da sepultura teus predecessores
Verás sair com animos altiuos, (viuos.
Que os mortos se erguem, quando faltaõ

17.

Gorgoris já desperto, & do que ouuira
 No coração fogoso, & vista ardendo,
 Imaginando estaua se he mintira,
 Ou illusão do sonho o que está vendo:
 Naquella parte onde a Polibio vira,
 Os olhos, & alma prompta suspendendo
 Erguia o pavelhaõ, & obserua atento
 As paredes, & sombras do appolento.

18.

Com ardente pincel de resplandores
 Apenas a alua as sombras animaua
 Das nuuens que pintara em varias cores,
 Pela parte mais rara o sol passaua,
 Luz ao Ceo, cor ao prado, vida às flores
 Sahindo, ardendo, & rociando daua:
 Quando Gorgoris deixa a branda cama,
 E os mais prudentes a conselho chama.

19.

Que hũa vizaõ, dizia, prodigiosa
 Aquella noite toda o perseguira
 E que com voz pezada, & temerosa
 Seu descuido, & tardança lhe arguira,
 Botando pela vista protentosa,
 E pela negra boca fogo, & ira,
 Que a alma lhe deixou tão perturbada,
 Que a afronta inda não cuida que he pas-
 sada. Propon-

Propondo o caso a todos referia
Como o sagas Vlysses o enganara
Por leuantar com manha, & ouzadia
O muro onde se acolhe, & se repara,
Cada hum tira do peito o que sentia
Pela patria offerece a vida chara,
Varios conselhos daõ por varios modos,
Que a Cidade se arraze assentaõ todos.

Porem, que antes de tudo, se mandasse
Alcino cidadão prudente, & velho
Que os motiuos da guerra declarasse,
Eo que tinha assentado em seu conselho
Que Gorgoris em tanto preparasse
Armas, com todo o bellico apparelho,
Partio Alcino, que de Vlysses teue
Repolta ao que propos astuta, & breue.

Despois de o ter ouuido, carregando
A frente profegua grauemente,
Que aly fizera assento desejando
Fazer vassallos seus a grega gente,
Que os perigos dos mares receando,
Para o poder seruir perpetuamente
Quizera ter morada, em que viuesse,
Onde de sua patria, se esquecesse.

23.

Que as leis o permitiaõ da amizade,
 E obrigauaõ as leis da natureza,
 Dar hospicio, & fauor, dar liberdade:
 Que de hũ Rey he mais propria esta gran-
 Se com tudo offendia hũa Cidade (deza:
 Breue, estreita, sem forza, & sem defeza,
 Que facil abrazala lhe seria,
 Se o fado esta ruina permitia,

24.

Que visse como a caso naõ tomara
 Porto, mas por impulso mais que huma-
 A fereza dos ventos contrastara (no
 No brauo Egeo, & tumido Occeano,
 E lhe lembrasse a luz diuina, & clara.
 Quo o ar abrio, per Ioue soberano
 Querem mostrar, que no ethereo assento
 De Lysboa aprouaua o nascimento,

25.

Gorgoris que a reposta considera (ha,
 Co a gente ao campo sae, que armada tin-
 Porem a Vlysses o animo lhe altera,
 Porque em buscar socorro se detinha:
 E sua pouca gente, & naõ espera,
 Para antiga Tubucy em fim caminha,
 Onde o Rey Adralto senhorea
 A famosa Colipo, & grande Amea.

Com

Com poucos companheiros se partia,
Em hũa embarcaçã leue, & piquena,
Que mais piquena, & leue parecia
Ao doce Tejo, & sua corrente amena,
Que tanto estima o pezo, que corria
Com vea tao suaue, & tao serena,
Que a prompta vista mal detriminaua
Para que parte o Tejo caminhaua.

Chega a Tubuci a tempo que occupado
Adralto em sacrificio sumptuoso,
Antre hum bosque de hum valle consa-
Altares ergue a Alcides valeroso, (grado
E vendo tudo de armas pouoado,
Manda a seu filho que do porto vndoso
A area toque, a se informar da gente
Da sua em trajo, & armas diferente.

Vendo Philarco a Vlysses, & sabendo
Quem era, dalhe os braços, & consigo
O leua ao pay, que alegre recebendo (go
O grãde hospede o honrraua como ami
A quem pessoa, & terra offerecendo,
Estou, lhe diz, num sacrificio antigo,
Que não posso deixar; & ambos tomaua
Copas que a Ioue, & a Hercules libauaõ.

29.

Contalhe, que esta festa celebraraõ
 Os pouos que aly juntos concorriaõ, (raõ
 Que de Alcides a fama, & gloria honrra-
 Co as grãdes aras, que a seu nome erguiaõ
 Porque antre as cousas, que por fama ac-
 Era a de hũa victoria que diziaõ, haraõ,
 Que Alcides alcançara de hum tyrano,
 Que deuaftara o Reino lusitano.

30.

Chamauasse (diz elle) Pythodemo,
 De grandes forças lutador famoso,
 Que em membros excedia a Polifemo,
 Temerario igualmente, & temeroso:
 Este junto do mar no duro estremo
 Dum monte, que sustenta o luminoso
 Olympo, numa gruta se elcondera,
 Que capaz appoento aos roubos era.

31.

Fez hum jardim famoso, que igualaua
 O que já noutro tempo Hesperia tinha,
 Onde os pomos hum rio, que passava
 Com brandas agoas, sustentando vinha:
 Alcides que maçans no Rio achava.
 Por sua margem fresca alto caminha.
 A ver aqueles pomos, que cahiaõ,
 Em que terreno, em que jardim naciaõ.

N

Foy

My pello Rio das maçans correndo,
 Que este nome conserua hoje consigo,
 Chega a hum monte, que as nuuens exce-
 Era de aues, & feras fero abrigo: (dendo
 Do alto cume ao baixo discorrendo,
 A porta ve que de hum penedo antigo
 Está sellada, & nele vè crauados
 Os despojos dos timidos veados.

Do Leaõ, & do Vffo aly se via
 A enrugada testa estar pendente,
 E a negra, & fera boca onde luzia.
 De cada lado o naualhado dente:
 O rebanho escondido alto mugia
 Do monte nas entranhas eminente,
 A porta tenta, quando ve diante
 O monstruoso corpo d'um Gigante.

Caminhante, lhe diz, oufado espera,
 Que tua vinda estimo em grande extremo
 Porque essa fera massa, & testa fera,
 As portas honrrarãõ de Pithodemo, (era,
 E igue o bastaõ, que hum tronco inteiro
 A que Alcides responde, não te temo.
 Monstro só em palauras arrogante,
 Sabe que ao grande Alcides tens diante.

35.

Sò com ouuido a voz, & corperdendo,
 Vencido està da fama, & do que ouuira,
 E resistir a Alcides mal podendo
 Ao intratauel monte se retira,
 Sobre as azas do vento vae correndo,
 Tras dele Alcides sobe ardendo em ira,
 Que à porta outra vez dece, & mudo, &
 quedo.

Os duros hombros proua no penedo.

36.

Naõ podendo vencelo ao duro monte
 Sobe irado tomando nouo alento,
 Onde de pedras orna a crespa fronte,
 Qua sempre açouta a tempestade, & o vè-
 Onde nem ramo soa, ou ferue fonte, (to,
 De aues nocturnas horrído appozento,
 Inorme, & feo, pouoado apenas
 De secos juncos, & de quentes penas.

37.

No mais alto hũa penha ao ar erguida,
 Se mostraua, que Alcides enojado
 Abraça duramente, que impelida
 Nuta leuada num, & noutro lado,
 Cai do monte graõ parte dezaída,
 Vese de Pithodemo o gafalhado,
 Que palido, & medrolo naõ atina
 Que causa tem taõ subita ruina.

38.

Naõ rompem com estrondo semelhante
 Os largos ceuos de agoa carregados,
 As nuuens, que toando o Ceo diante,
 Soltaõ chuueiros negros, & pezados,
 Nem com tal furia vibra, o graõ Tonante
 Os rayos por Vulcano fabricados,
 Quando as costas do mar feridas gemem
 E as espheras do Ceo nos polos tremem.

39.

Pithodemo confuso està, & medroso
 Vendo taõ perto o vltimo perigo,
 Pedras arroja a Alcides valeroso,
 Que ao centro vae buscar seu inimigo,
 Pela abertura salta, onde animoso
 Lhe leuaua nos braços o castigo, (cura,
 Que fugir lhe, & esconderse em vaõ pro-
 Illustrada do sol a coua escura.

40.

Como se a parda terra se rasgasse (no,
 Tè as entranhas, mostrãdo o escura Auer-
 Onde da morte palida ficasse,
 A escura regia aberta ao Ceo superno,
 Se a pura lus do sol ouzada entrasse,
 Na horrenda confusão do triste inferno,
 Seria antre os tormentos, & crueldade
 Temida, & odiada a claridade.

Po-

41.

Tal Pythodemo as fombros vae buscando
 Onde se esconda, & Alcides deligente
 O seguia, a cauerna penetrando,
 E nos braços o aperta estreitamente:
 Neles os duros ossos estalando
 A alma fae do corpo impaciente (da
 Deixa os membros, mostrando a morreci
 A cor do rosto, a boca denegrida.

42.

Ià das grossas cadeas defataua
 Alcides o penedo, que seruia
 De porta à escura caza, que guardaua
 Os furtos, que o vil dono aly escondia,
 Deixaua Alcides a pezada claua,
 E o penedo cos braços reuoluia.
 E o arrugado rosto, & barba esqualida
 Da cor descobre verdinegra, & palida.

43.

Abre a porta ao claro Ceo mostrando
 Dos furtos o segredo manifesto
 Alcides, pelos pés tira arrastando
 O inutil pezo, ao Ceo, & á terra infesto,
 Que com seu bruto sangue está afeando
 Os olhos tristes, o medonho gesto
 De Pythodemo morto, horrído, & feo
 Qual nouo Caco, ou Africano Antheo.

N 3

Tan-

44.

Tanto que a fama que com tantas penas,
E tantas lingoas, & olhos que não cerra,
O mudo corre, & as cousas mais piquenas
Sempre acrecenta, quando menos erra,
Naquellas regiões frescas, & amenas,
No baixo valle, & mais remota ferra,
Diulgou esta morte, ninguem fica
Sem ver de Pithodemo a caza iniqua.

45.

Despouoaõ se os campos, & os lugares
Por ver deste tyrano o corpo infando,
Que leuaõ com fortissimos colares
Hora no ar suspenso, hora arrastando:
A Alcides erguem, & a Megara altares,
Em honrra deste dia memorando,
E o tempo gastador, que tudo come,
De Colares conferua o proprio nome.

46.

Isto Adrasto lhe disse, & levantado
Do sacrificio, alegre se partia
E a Vlyses, que leuaua ao dextro lado,
Fauor liberalmente prometia,
Da guerra as causas tinha relatado
E como as ouue Adrasto, respondia,
Pezame verme carregado, & velho,
Que sò posso ajudarvos co conselho.

47.

Là no vigor da verde mocidade
 Eu partia hum leão, eu sô postrava
 Hum Touro, onde ninguem na agilidade
 Na força, & na carreira me igualava.
 Tudo leua consigo a longa idade,
 Tè o animo, que os membros governa-
 Na pezada velhice a triste vida, (ua
 He de seu proprio dono aborrecida.

48.

De Gorgoris Adrasto era inimigo,
 Porque infestado já da guerra dura
 De el Rey Licinio fora em tempo antigo,
 Que hum mortal odio eternamente du-
 Prometelhe ajudalo como amigo, (ra,
 E sobre esta palavra, & fé segura
 Thezouro, armas, & gente lhe offerrece,
 Que Vlysses cortesmente lhe agradece.

49.

Philarco está presente, a que o facundo
 Vlysses persuade a dura guerra, (do,
 Que ele com gosto aceita, & do profun-
 Odio instiga lo que no peito encerra,
 Não temais, lhe dizia, a todo o mundo,
 Que ainda que se ajunte, o Ceo, & a terra,
 Sò esta basta, & hum pouco a cor mudada
 Leua até o meyo a generosa espada.

N 7

Em

Em aneis de ouro todo lhe enredava
 Collo, & hombros o lucido cabelo,
 Do rosto a magestade acompanhava,
 Que antre suas ondas era inda mais bello
 De Minio a cor as faces lhe adornava
 Não podendo a enueja prendelo,
 Que parecia a cor assi abrazada
 Hũa roza nas faces desfolhada.

51.

Qual o catulo nouo, que se via
 Da teta da lioa descontente,
 Da gruta escura sae, aonde se cria,
 Que de animoso deixa impaciente,
 As vnhas proua que na pedra afia
 Armada a boca já de fero dente,
 Sobe ao monte co a vista em fogo acenza,
 Solicitando a fugitiua preza.

52.

Assi Phylarco a Vlysses se offerece,
 De fortes armas vindo ao campo armado
 Gorgoris antre tanto resplandece,
 Dos esquadroës guerreiros rodeado,
 Sobre hum carro voando, que parece
 Deixar na areia apenas estampado
 Sinal da roda, voy com graue assombro,
 Hũa lança brandindo sobre o hombro.

53.

Ià o rouco clangor da horrenda, & braua
 Tuba nos leues ares se estendia,
 Que topando nos montes se quebraua,
 Onde a guerra em mil bocas repetia,
 Guerra nos montes, guerra no ar soaua,
 Em seus quicios gemendo lano abria
 A ferrea porta, donde a pax enferra
 O estupendo furor da dura guerra.

54.

Entre a nuvem do pò, que leuantada
 No ar Leostenes vio, que o faz escuro,
 Se via scintilar a gente armada,
 Nas lanças, & nos peitos de aço puro,
 Armas, armas gritaua, hum leua a espada,
 Outro à porta decia, & sobe ao muro,
 Todos a hũ tempo se armaõ, & dezêrolaõ
 As bandeiras Marciais, que no ar tremo-
 laõ.

55.

De fóra ao muro escadas applicauaõ,
 Que os de dentro com furia rebatiaõ,
 Lanças no ar voando se topauaõ,
 Hũs dardos do alto decem, outros subiaõ
 As portas já com machinas tentauaõ,
 Que os cercados com outras defendiaõ:
 Fulgurando nas armas vem diante (te.
 Lanoso, que era em membros hum Gigan

N 5

De

56.

De armas luzentes vem vestido, & dellas
 Os rayos scintilauão o ar enchendo,
 Das laminas que verdes, & amarellas,
 Hũas vaõ sobre as outras sucedendo,
 E nas armas ferindo, as escarsellas
 Ruido excitaõ, quando as vay mouendo,
 E o graue pezo leu naõ no embaraça
 Para esgrimir a carregada massa.

57.

Tras Gorgoris consigo a Val inferno
 Graõ capitaõ de muita gente armada,
 Que tem o famosissimo gouerno
 Da cidade por Hercules fundada:
 Qnde o Mondego com licor eterno
 Os fortes muros beija, & a dourada
 Margem regando com saudosa vea,
 Cerca de crital puro ilhas de areia.

58.

E de aço na fortissima corrente,
 Tras duas feras, com que pelejava,
 Hum lybico leaõ, huã serpente
 Brauo, & fero o leaõ, a serpe braua,
 Antre as valentes feras mais valente;
 Que quem da garra, & boca lhe escapaua,
 Sena massa (que he hũ pinko inteiro) toca
 Tem mór perigo que na garra, & boca.

La -

59.

Lanoso aly se achaua, a voz erguia
 Contra os do muro; ò Gregos atreuidos
 Lhe diz, onde guardais essa ouzadia
 Como imbelle rebanho recolhidos;
 Mas antes que no mar se esconda o dia
 Entrados vos vereis, & destruidos,
 Em que a Jupiter peze, & com voz alta
 Arriba diz, & o forte muro assalta.

60.

Ouue-se o grito vniuersal que dauaõ
 As esquadras, que ao muro leuantado
 Chegandose às escadas applicauaõ,
 Que tem por varias partes oppugnado:
 Creonte a quem as armas não pezauaõ,
 No perigo maior, mais alentado,
 O muro, & baluartes visitaua,
 Tudo em ordem dispoem, tudo animaua

61.

Dantre as ameas altas embebiaõ,
 Co braço duro as luas encuruadas,
 Com que tapando o sol o ar cobriaõ
 Nuuens de settas de veneno armadas:
 A muitos que estaõ longe o peito abriaõ,
 Atrauessando as penas apressadas
 O ar sutil, & o corpo mais armado
 Deixão de ardente purpura banhado.

Quer Lanoso valente entrar o muro,
 E na escada que arrima está subido,
 Graues golpes sofrendo, o braço duro
 Ao muro estende de armas guarnecido:
 Qual costuma decer do ceo escuro
 O granizo da nuuem sacudido,
 Tal a chuua das pedras que cahiaõ
 Nas armas, & no escudo o rebatiaõ.

Ele co escudo o corpo vay cobrindo
 Que crauado de settas embraçaua,
 De huns os golpes recebe, outros ferindo
 Qual torres as mesmas torres igualaua,
 Subindo Alcino, & Alastor subindo,
 A ambos a enueja a vida lhe custaua,
 Que a braua espada aly Creonte esgrime,
 Com que do muro a hum deita, ao outro

(opprime.

Hum cae ferido logo, o outro morre
 Porem o valentissimo Lanoso,
 Antre as ameas da soberba torre,
 Brauo acomete o passo perigoso:
 A defenderlhe a entrada Sergio corre,
 Vendo inimigo taõ forte, & poderoso
 Que já parece de ferido, & exangue
 Húa penha de ferro em mar de fangue.

Dis-

65.

Dispois que sobre o muro foy rompendo
 Pelas armas, & tiros atreuido,
 Muitas feridas dando, & recebendo,
 De espadas, & de lanças opprimido,
 Grande espaço reziste, & não podendo
 Durar já de acossado, & de ferido,
 Da parte donde o muro he menos alto,
 Tè o toffo mede em perigoso salto.

66.

Grande rumor as armas excitaraõ
 Co graue golpe do feroz Lanoso,
 E sobre a terra as veas derramaraõ
 Do negro sangue hum rio caudeloso,
 Até que os seus nos braços o tiraraõ
 Do conflito da guerra perigoso,
 Quando desemparedado quasi teue
 Ao carregado tronco a vida leue.

67.

Dispois de na batalha sanguinosa,
 Com mil combates asperos, & duros
 Ter Gorgoris passado a trabalhosa
 Tarde, batendo os leuantados muros,
 Vendo gastado o sol, & que a fermosa,
 Luz molhaua no mar seus rayos puros,
 Para hir queimar as naos se aparelhaua,
 Que à terra a tenaz anchora ligaua.

Com

68.

Com sua sombra a noite carregada
A toda a pressa tras da luz corria,
E sobre os Orizontes dilatada,
Encobre os rayos do fermoso dia,
Ià de luzentes feras rodeada
A caçadora lucida seguia
Co Syrio caõ, na clara noite estiuã,
A Vrsa torpe, a Lebre fugitiua.

69.

Passando atraueffaua num fermoso
Ruço, que negro o cabo, & crines tinha,
Que os fortes braços leuando airoso
Te os largos peitos pelos ares vinha,
Chea de prata a boca do espumoso
Freo, taõ agil, taõ velox caminha,
Que apenas sinal deixa donde punha
As meas luas da ferrada vnha.

70.

Por antre a sombra as teas leuando,
Ao mar Gorgoris corre ouzadamente,
Que à vista dos cercados caminhando,
Do Tejo busca a rapida corrente,
De Bacho as negras furias imitando,
Vencia a noite escura a facha ardente,
Ficaõ da luz dos pinhos abrazados
De densa nuuem, os ares coroados.

Dor-

71.

Dormindo sobre as anchoras estauaõ
 As naos, quando do fogo a tea ardendo,
 De fora as mãos imigas applicauaõ,
 As enxarcias, as proas, o ar lambendo;
 Creonte a quem os olhos se arrazauaõ,
 A Iupiter Tonante a voz erguendo,
 Moue, dizia, o soberano Ioue
 Tuas fortes armas, se esta voz te moue.

72.

Defende graõ senhor a grega armada,
 Que foy por ty mil vezes defendida,
 Que a Scilla, & a Carybdes indomada,
 Venceo, & de Euro a furia embrauecida,
 De rayos mostra a mão diuina armada,
 Que he no Inferno, na Terra, & Ceo te-
 mida

Com pressa acode pois a causa he tua,
 Antes que a armada Gorgoris destrua.

72.

Ao grande estrondo logo o Tejo vndoso,
 Fora das ondas a cabeça lança,
 Ve Gorgoris com flamas victorioso,
 Que por queimar a armada não descança
 Derrama da urna de ouro, o seu copioso
 Cristal, com que a corrente pura, & mása
 Altera grandemente, & com mór brio
 Já suas margens excedia o Rio. Vae

Vae as furiosas ondas leuando,
 Entumecendo serras de agoa erguia,
 Hum monte noutro monte encapelando
 As fauces do ceruleo abisso abria:
 Contra o brauo inimigo pelejando,
 As espadas de que se cingia
 Como espadas oppunha ouzadamente,
 Fiel amigo, a seu amigo ausente.

Conuoca os grossos ares, num momento
 Se vem os Orizontes abafados
 Das nuuens, que trazia o fero vento,
 Dos Hyperborios frios congelados: (to
 Corre a hũa parte, & a outra o Ceo violen
 Com mil chuueitos negros, & pezados,
 Tudo era graue horror, & representa
 Hirse armando no ar grande tormenta.

A agoa o ar açouta congelada,
 Que no rosto os feria grauemente,
 Cauzando a tempestade inopinada
 Medo fatal, na lusitana gente:
 Fugia a multidaõ de senfreada,
 Huns a outros matando insanamente,
 Rios de agoa & de sangue misturauaõ
 Os que a todo correr as costas dauaõ.

77.

Cahindo rayos, o ar, & o Tejo ardendo,
 O Tejo, o Ceo nos rayos imitaua,
 A mesma natureza parecendo
 Que armando os elementos pelejaua,
 Tempestade de fogo, & de agoa erguêdo
 E quem fugia dum, noutro topaua,
 Sobindo ao Ceo as ondas, & sobre ellas
 Caem diluuios de rayos das estrelas.

78.

Vemse de seus amigos offendidos,
 Crendo que os inimigos tem ao lado,
 A agoa, o sangue iguala dos feridos
 Que a propria cor às ondas tem mudado:
 Quem foge ao ferro, cae nos encendidos
 Fogos, quem deles foge, no enrolado
 Pego se abraza, onde perece logo:
 Que hum arde em agoa, outro se afoga

79.

(em fogo

Aly huns sobre os outros pereceraõ,
 Abrindose caminho co as espadas,
 Outros nas ondas tumidas verteraõ
 Doces vidas, bebendo agoas salgadas:
 Das bandeiras, & insignias, que perderaõ,
 Se vem do Tejo as ondas semeadas, (Ita
 Tropheos de seu furor; que com graõ fe-
 Ergue nos cornos da cerulea telta.

Gor-

80.

Gorgoris afrontado, & já rendido,
Porque o Rio o persegue, o Ceo, & o vëto
Oppoem ao Ceo as armas atreuido:
Insana dor, insano atreuimento;
Mil vezes afogado, & mil perdido,
Com viua alteraçã do pensamento;
Esperaua do sol os rayos puros,
Para tentar de nouo os nouos muros.

81.

Quãdo outra vez a Aurora o seu thesouro
Descobre em luz banhado no Oriente,
E imitando ao seu cabelo louro,
O mar se empola em ondas juntamente,
Pizando estrelas com cothurnos de ouro
As flores poem na testa preeminente,
Lançando aljófar das mimosas fraldas,
Sobre os campos de verdes esmeraldas.

82.

Sae Gorgoris mais brauo, os seus anima
Sobre o carro a lança no ar brandindo
Aos do muro arremeça, onde os de cima
Vaõ chuueiros de settas despedindo,
Graues escadas para o muro arrima,
E por ellas a hum tempo està subindo,
Sobre a cabeça o escudo, & aferrada
Na alta escada hũa mão, outra na espada.

Com

83.

Com ele Arga, & Geres varões temidos,
 Antreas ameas poem duras escadas,
 De armas inimigas opprimidos,
 Eas que vestem dos golpes aboladas,
 De disformes encontros saem feridos,
 Apertadas nos punhos as espadas
 Donde cahindo cada qual media,
 O espaço que do alto ao fosso auia.

84.

Naõ montaua a Agenor dobrado peito,
 Nem elmo forte a Menesteo valente,
 Nem o escudo de sete dobras feito,
 A Licon, que na espalda a morte sente,
 A hum Gorgoris co a ponta abria o peito,
 Na testa doutro tinge o ferro ardente:
 Naõ se acha quem a oppor se se lhe atreua
 A Pico a perna, a Syluio o braço leua.

85.

Moço era Syluio o gesto descobrindo,
 Era no braço forte, em rosto bello,
 Enuejaraõlhe a cor Cysnes do Pindo,
 E o mesmo Apollo o ouro do cabelo,
 Que igual o outro naõ vio de Atlãte ao Indo
 O abraçado senhor da antiga Delo,
 E da cerulea atè a vermelha Thetis,
 Do Tejo a Tanais, & do Gange a Betis.

Ad

Aos seus, dizia Gorgoris, ouzados
 Capitaes, naõ sofrais que nestes muros
 Fiquem Gregos, logrando os desejados
 Campos do ameno Tejo em paz seguros,
 Todo o caminho he facil a esforçados,
 Brãdos acha o valor os passos duros,
 Seguime, & por seguilo os seus correndo
 Hum tecto no ar de escudos vaõ tecendo.

Cubertos chegaõ dos escudos fortes,
 Sobre eles dece a tempesta de fera
 Das pedras, donde voaõ tantas mortes,
 Qual se cahiraõ da maior esphera,
 Pezos disformes caem de varias sortes,
 Que hum monte cada qual fũdir pudera,
 Arrojaõ grandes lanças, seguem logo
 Graues teas de pes ardendo em fogo.

Trazem os lusitanos leuantada,
 Hũa disforme traue, de grossura
 Excessiua, que a testa tem cranada
 Do ariete mortal, pezada, & dura:
 Nas rodas velocissimas tirada,
 Na ferrea porta bate mal segura,
 E a seus soberbos golpes vacilando
 A porta geme, o muro ostá nutando.

89.

Naõ basta o marmol solido, & constante
 A resistir à força que trazia, (te
 Que os quicios de metal firme, & possan-
 Rebentaõ, com que a porta se rompia,
 Nenhum grande reparo era bastante,
 Quando a testa cruel nele feria,
 Acomete o inimigo a aberta entrada,
 E acha de gente a viua porta armada.

90.

Aly a espada forte reuoluendo
 Leostenes, o inimigo ouzado offende,
 Duras malhas abrindo, & desfazendo,
 Braços, escudos, & cabeças fende:
 De mortos sobre a porta hum monte er-
 Iã com ele dos viuos se defende (guendo,
 Etal estrago faz, que entrar a porta
 A gente viua impede a gente morta.

91.

Instaõ os inimigos, este atira
 O forte dardo; a quele da encruada
 Lua a corda sacode, porque o fira,
 Outro no ar leuanta a larga espada
 Ele a todos responde em fogo, & ira;
 Naõ recebe ferida mal vingada,
 Nobres saõ todas, & das suas feridas
 Sahiraõ pelas costas muitas vidas.

Aqui

Aqui o soberbo Fulvio, que prezente
 Se acha, o escudo embraca, & do luzido
 Ferro, qual dum espelho transparente,
 Cercado moue os passos atreuido:
 Contra todos aperta a espada ardente,
 E no famoso escudo recolhido,
 Bramindo se arremessa, que pudera
 Temer dele Mauorte a quinta esphera.

Naõ freme assi do caçador Ripheo
 Barbara Tygre, que da setta dura
 Leua as penas no lado, quando veo
 Beber na calma ardente à fonte pura,
 Nem com tanto furor o mar Ægeio, (cura
 Co as forças de Austro em tempestade es-
 Ergue as tumidas ondas, com que aspira
 Bater do Olympo os muros de çafira.

Tem negra cor, cabelo etorcido,
 Fundidos olhos, testa abreuiada,
 E do beijo o bigode lae comprido,
 No largo queixo a barba trosquiada,
 Grosso, & rombo o naris, & denegrido,
 De sulcos profundissimos laurada
 A triste face, & de verrugas chea,
 Que a menor fealdade era ser fea.

95.

Já deita sangue mais que de hũa fonte,
 Já a mão não rege a espada, & sempre este
 Sem perder a braueza, que de fronte (ue
 Com quãtos se lhe oppoem brauo se atre
 Contra todos leuanta a altiua fronte, (ue,
 Faz tudo quanto o valeroso deue,
 E quando ve de todo que desmaya,
 Escolhe hum a que mate, & com que caya

96.

Cae sem alento, & tendo vomitado
 A alma, & sangue, nele o corpo vira,
 Dando o peito ferido hum apreçado
 Anhelar congoxoso, com que espira,
 Ainda o escudo assi tinha abraçado,
 E a espada no pulso, & quem o vira,
 Cuidara que era viuo, & està de modo
 Que era hũa sò ferida o corpo todo.

97.

Ein quanto nestas prouas vão passando,
 E a porfia da guerra se dilata,
 O sol seu carro às ondas inclinando,
 Torna as agoas do Tejo em pura prata,
 Sua corrente Vlysses vem cortando,
 Que mais velox, & alegre se defata,
 Com socorro que tras, & o pezo graue
 As espaldas do Tejo era suaue.

98.

Os cercados dão vozes de alegria,
 Tocaõse as roucas tubas, que soauaõ
 De mil gritos hum grito o Ceo feria,
 Volteando as bandeiras tremolauaõ,
 Vlysses que do Tejo os muros via,
 Que as armas inimigas a flombrauaõ,
 A proa à terra inclina, que deseja
 Meterse na cidade, & na peleja.

99.

Porem Gorgoris na alma a pena sente
 De ver tão grão socorro, & as viuas cores
 Das flamulas que cobrem a corrente,
 E accendem no ar altiuos resplandores,
 Deixa o combate, & corre diligente
 A praya, onde esperaua os vencedores
 Ferros tingir, se ao Tejo então fizesse
 Que em lugar de chrisal sangue coreffe.

100.

Aly ligeiro voa, aly corrião (cas
 Os que seguindo o vão, & sobre as man-
 Ondas do Tejo a terra hús pretendião,
 Que outros defendem com soberbas lan-
 Botes soaõ, espadas retiniaõ, (cas,
 E da cidade as nouas esperanças
 Hús procurão cortar, outros por ella
 Perdem a vida, & querem defendela.

Sobre

101.

Sobre hum dourado bargantim Philarco
 O soslegado rio vem cortando,
 Mil vezes dobra, & mil soltaua o arco
 Donde as aladas settas saem voando,
 Na terra pega a proa o leue barco,
 Donde num salto dece, & aly abraçado
 O forte escudo, a graue espada afferra,
 Arde em furor, cos inimigos ferra.

102.

Em roda a espada vibra generosa,
 Que iguala a de Orion, quando subindo
 No ar por entre a noite tenebrosa,
 As nuuês prenes de agoa vae ferindo,
 Quando com luz infaulta, & temerosa,
 Com rayos sae a escuridade abrindo,
 E ajudado das turbidas procellas,
 A ferro poem exercitos de estrelas.

103.

Do bargantim por hum, por outro lado,
 Todos cõ as mãos nas armas se arroçauão
 Huns graõ parte do Tejo tem gostado,
 E os corpos nos escudos sustentauão,
 Este que toma fundo passa armado,
 E outros que ainda fundo não achauão
 Nadaõ, atè que a planta a praya toca,
 Outro a terra co a espada sae na boca.

O

Gorgo-

Gorgoris pela praya discorria,
 E os seus com grandes vozes animaua,
 Vendo que ao Occidente inclina o dia,
 E a gente a seu pezar defembai caua,
 A Sergio, que do barco á praya via
 Sahir, co ferro nu se arremessaua,
 Moço galhardo, a quem a guerra engan
 Grande senhor da ferra Mariana.

A primeira lanugem ao moço louro
 A face apenas veste, & tremolando
 Em suaues aneis, o sutil ouro
 Decoramente o rosto vae cercando,
 Em sete partes o dobrado couro
 Do escudo abria o ferro penetrando, (da
 Na espalda mostra a ponta ensanguenta
 E nos peitos co punho bate a espada.

Os que a seu Rey no barco acompanha
 Todos a lo correlo concorreraõ (uaõ,
 E como a hum lado todos carregauaõ,
 Grande parte do Tejo recolheraõ
 Huns de baixo dos outros se affogauaõ,
 Outros lançando as ondas que beberaõ
 A terra saem, & quando à praya chegaõ,
 A vida na inimiga espada entregaõ.

107.

Vlyffes entre tanto tem vestido
 As fortes armas, & do barco deçe
 Reíplan decendo armado, & taõ temido,
 Que o inimigo de velo sò estremeffe,
 A Telepho atè o pomo ve escondido (ce,
 O estoque, & com feu fangue o Tejo cre-
 Que sobre as ondas cae morto, & exágue
 E as agoas que bebera paga em fangue.

108.

Ouue Creonte o'estrôdo, & do que ouuia
 Mayor aquella afronta imaginaua,
 E nos cerrados muros não cabia,
 Porque aly pelejando não se achaua,
 Sae da Cidade, o imigo acometia
 Por hum lado, a quem tanto perturbaua
 Que está assombrado, mas cõstante, &º
 quedo,

Como quem nunca vira o rosto ao medo

109.

(augmêta

Co a pressa, & graue horror, que a noite
 Hum foge indo ferido, o outro geme,
 A huns segue o inimigo, que affugenta,
 Outro sem o seguirem foge, & teme,
 Qual sobre a rocha, donde o mar rebenta
 Aos duros golpes o penhasco treme,
 Gorgoris atalhado, & impedido
 Se ve dum lado, & doutro combatido.

IIo.

Creonte o arco forte, sacudindo,
Co a setta alada os leues ares fende,
Ao bruto; & fero Capaneo ferindo,
Que os grandes membros sobre a terra
estende,

Caminho a morte na ferida abrindo,
Onde a dourada fibula se prende,
Estaua, co tremor da morte horrendo,
O corpo em negro sangue reuoluendo.

III.

Homem timido, & vil de nascimento
Nobre só pela mãy, que tinha feito
Prouas de graõ traidor, & fraudulento,
Sendo no rosto hum, outro no peito,
Cruel, & de alterado pensamento;
Cabeça ao alto aguda, corpo estreito,
Affeminada a voz, menos suaue,
Que branda soa, & logo grossa, & graue

II2.

A tudo a morte, & grãde horror cobriaõ
Vese de corpos todo o campo cheo,
Debaixo estaõ feridos que gemiaõ
Affogados de sangue seu, & alheo,
Confusamente aly se reuoluiãõ,
Mortos, & viuos neste horrendo, & feo
Espectaculo, & quanto aly se achaua
Em desiguas fortunas se igualaua.

113.

Aperta o ferro Vlylles, & seguia
 O inimigo, que foge a medrentado,
 Gorgoris por deter os seus porfia,
 Deles temido mal; mal escutado
 Por antre ferro, & ferro estrada abria,
 Que sempre o medo foi desenfreado,
 Este mais que o inimigo os affugenta,
 Que tudo faz mayor, tudo acrecenta.

114.

(do

Huns sem ordem fugindo, outros instan
 Donde hum pè se leuanta, outro se impri
 Vaõ os mortos aos viuos atalhando, (me,
 E o que morto cahio, ao viuo opprime:
 A espada, & braço todo Vlylles dando
 A Peneo (que com grão destreza esgrime)
 O fez cair entre mortais assombros,
 Inclinando a cabeça sobre os hombros.

115.

Era fermoso ainda ensanguentado,
 Na triste, & maltratada fermosura,
 E no palido rosto, & desmayado,
 Mostraua da alma a nobre sepultura:
 Qual branco lirio, que cortou o arado,
 Inclinaua a ceruis na terra dura,
 Que a cor, & graça (posto que sem vida)
 Não era de seu rosto despedida.

O 3

A OS

116.

Aos seus, Gorgoris diz, fieis amigos
 Vos que os furores sustentar pudestes,
 De outros mais fortes, & asperos inimigos
 Este brio, & valor donde o perdestes?
 Vos, que as mortes tragãdo, & os perigos
 Em marmores eternos escreuestes
 O nome lusitano, que hoje dura,
 Quereis fazer tão clara fama escura.

117.

Vae a morte seguindo o que he medroso,
 Sempre o ousado goza alegre sorte,
 A gloria está no calo perigoso,
 Nada acha muito o coração que he forte,
 Antre o furor da guerra temeroso
 Me deixais só, sabeí que honrrada morte
 Eternamente dura, & permanece,
 Que quem a morte teme, esse a merece.

118.

Não para a multidão desenfreada,
 E Gorgoris ousado está diante,
 No coração nos membros, & na espada
 Temeroso, nas forças arrogante, (da
 Trazendo a dos que fogem enfangenta
 A que co ferro, & rigido sembrante
 Ameaça, detem, increpa, & chama,
 Sem o freo os deter da honrrosa fama.

119.

Cerrase a noite, & às cousas vae roubádo
 A cor, com que a victória se atalhaua,
 E entre a sombra da noite escura errando
 Cegas mortes o ferro incerto daua:
 Por vltimo este dia imaginando
 Da guerra, o grande Vlysses pelejaua,
 E sem falta aqui fora o fim da guerra,
 Se a sombra não cobrira o ar, & a terra.

120.

Foy o fim da batalha o fim do dia,
 E descontente Gorgoris se parte,
 Os successos na mente reuoluiua
 Do fado iniquo, & do contrario Marte,
 Dos instrumentos bellicos se ouuia,
 O som guerreiro numa, & noutra parte,
 Triumphão os vencedores, hũs curauão
 Feridos, & outros mortos sepultauão.

121.

Estão os verdes campos pouoados
 De troncos de homẽs mortos, & feridos,
 Sobre seu proprio sangue reclinados,
 Pelas roxas areas estendidos,
 Mezas funestas, onde os esfaimados,
 Lobos, com tristes vozes, & bramidos
 Decem de noite da fragosa serra,
 As reliquias gastar da dura guerra.

O 4

Dauaõ

122.

Dauão nouas do sol, que já nacera
 Estendidas as sedas matutinas
 Nas janelas do Ceo, & a quarta esphera
 Corrida tinha as lucidas cortinas,
 A destoucada noite não espera
 O resplandor das luzes peregrinas,
 De altos montes caindo arrebatada;
 Mede os ares com planta congelada.

123.

O Grego com Philarco estava vendo,
 Como já ao campo Gorgoris sahia,
 Sobre a cabeça a todos excedendo
 Da lusitana gente, que o seguia: (do
 Das tubas se ouue o som, de Marte horren
 Nos montes, aonde o Echo o repetia,
 Fere os peitos luzidos, & galhardos
 O sol metido entre nublados pardos.

124.

Vinhaõse pondo em ordem de peleja,
 E Vlysses a Philarco perguntava
 Quem são os Capitaes, porque deseja
 Saber que gente Gorgoris leuava:
 E porque melhor tudo note, & veja,
 Dum lugar eminente os contemplava,
 Ele que os conhecia, & partes donde
 São naturais, ao Grego assi responde.

O que

125.

O que diante está graue, & seueros,
 Que douro, & verde tras custoso arreo,
 Batendo as filhas do ginete Ibero,
 Que pratea de escuma o aureo freo,
 He Gorgoris nas armas Marte fero, (theo
 Que ao lado esquerdo leua o grande An-
 De Gerabria senhor, cuja armadura
 He de hum Dragaõ a pelle forte, & dura.

126.

Esta herdou de Thyseo, que do materno
 Sangue tem por auo, quando os Gigantes
 Pretendendo escalar o Ceo superno,
 Poem sobre montes, montes arrogantes
 Onde a lua, & o sol que, deste eterno
 Globo são puras almas rutilantes,
 Do medo de seus braços perturbados
 Perderaõ curso, & luz como infiadõs.

127.

De espessa barba, hirsuta, negra, & fea
 Tem o rosto tẽ os olhos pouoado,
 A testa estreita, de cabelos chea,
 E dos olhos o lume atraueffado,
 De monstruoso corpo, a quem affea
 O ventre prodigioso, & carregado,
 A todos no valor vencer deseja,
 Que em fogos arde de gloriola inueja.

O s

O cu-

129.

O outro que atras dele vae brandindo
 A grossa lanca, he Mincio valeroso (do
 Senhor do grande Arcio, que encobrin-
 Nas armas vae o coraçãõ fogoso,
 Este no monte hum laualy bramindo
 Tomou nos duros braços, & o fermoso
 Sol fez olhar a desmedida fera,
 Que nunca a ver o sol a testa erguera.

129.

De hũa Panthera a pelle tras famosa,
 Da qual os peitos arma, & tras lufida
 Celada, de que a boca protentosa,
 Campea de aluos dentes guarnecida,
 E hũa, & outra orelha prodigiõsa,
 Como pluma no ar se ve subida,
 Hum arco de Elephante tras brunido,
 Esforçado nas armas, & temido.

130.

Aquel outro que ves brauo, & seguro
 Atrauessar no carro refulgente,
 Açoutando co a pluma azul o puro
 Ar, que a vay meneando brandamente,
 He Celio, a que obedece o forte muro
 De Nabanci, nas forças excellente,
 Galhardo, & apraziuel, que por arte,
 Adonis he na pax, na guerra Marte.

O da

131.

O da casaca azul he o poderoso
 Polimio, que tras gente acostumada
 A dura guerra, là do Minio vndoso,
 De grossas lanças fortemente armada:
 O do baltão he Alcino, do neruoso
 Arco tirando a dura setta eruada,
 De Pineto senhor, que tras a gente
 Que ao Limia bebe a liquida corrente.

132.

Este na afronta ardendo em fogo, & ira,
 He prodigio fatal da natureza,
 Quando a espada pezada em roda gira,
 No corpo monstruoso, & na fereza,
 São fogo os olhos, fumo o que respira,
 Parece a espada, em puro fogo aceza,
 Hum acoute do Ceo, na agilidade,
 Rio inundante, ou fera tempestade.

133.

O que ves de armas verdes, he Leutaró
 Cápitaõ muy valente, dos amenos
 Campos do Rio Nebis fresco, & claro
 Condos Numitanos, & Lubenos,
 E o morador do promontorio auaro,
 Que junto ao fresco Auó, os verdes fenos
 Co gado pasce na viçosa terra,
 Gente robusta pera a dura guerra.

He velho, & coração tem bellicoso,
 Que trabalho já mais pôde vencerlo,
 He delgado nos membros, mas nervoso,
 E mal lhe veste a face o raro pelo,
 A calua de ornamento mentiroso
 Cobre adoptiua rede de cabelo,
 Fingindo idade verde na madura,
 Por beneficio da arte, & da pintura.

O que o neto da escuma dibuxado
 Tras no escudo fatal, com que se arrea,
 He dos soldados Glaucos acompanhado,
 Que o Dorio velocissimo rodea,
 O que das feras ves estar cercado
 He Valinferno, a quem a pura vea
 Do Mondego obedece, & o jugo sente
 De Rusticana, & Araduca, à gente,

Este, & Bolaõ por armas conquistaraõ
 As largas prayas do Mondego frio,
 E d' Herculeã Cidade que ganharaõ
 Valinferno escolheo, o senhorio:
 A Bolaõ sò os campos lhe ficaraõ,
 Que inunda o fretco, & caudaloso rio;
 Temidos qual no Olympo consagrado,
 Temem as esrelas a Oryon armado.

O que

137.

O que na famosissima quadriga
 Tras de ouro elmo erguido na vizeira,
 Cujos cauallos fez o destro Auriga
 Romper o campo com velos carreira,
 He Clyto, de alta fama, & casa antiga,
 Que nos montes da lua a derradeira
 Terra do mundo occupa, este nos braç os
 Toma hũ leaõ, que rasga em mil peda, os.

138.

He forte, & corpulento grande, & grosso
 De membros, & estatura Gigantea,
 Hũa torre animada, hum graõ Colosso
 Que tudo o que tem perto lenhorea,
 No fresco Abril dos verdes annos mo, o
 E na testa estupenda lhe campea
 A coroa da planta illustre, & verde,
 Que nem os rayos teme, ou folhas perde.

139.

Ves aquele que a massa irado esgrime
 He Geres, junto dele os passos Arga
 Moue, a que a dura massa pouco opprime
 Que a taõ robusto braço he leue carga,
 E sua fama, & seu valor sublime,
 Que junto de Aqua flauia a grãde, & larga
 Montanha occupa, donde bem pudera
 Temelo por mais fero, qualquer fera.

De

140.

De pastores à funda acostumados
 Tras grande copia, com lustroso alardo
 Guiando os robustissimos soldados
 Hum, & outro sahio brauo, & galhardo:
 Os peitos dos despojos só guardados, (do
 De hum leaõ, & nas mãos hum forte dar-
 A coxa, & hombro a nobre espada agraua
 E de pelle de Tygre a forte aljaua.

141.

Geres de idade, & de vigor robusto,
 Nas armas, & trabalho calejado
 Estatura comum, de rosto augusto,
 De coraçã audàs, nunca domado,
 Da cor do rosto iouenil, adusto,
 Quadrado corpo, peito releuado, (ro
 Que não se pòde achar homem mais du-
 Da plaga austral, ao congelado Arcturo.

142.

O que solta no ar a pluma leue,
 He o brauo Alcides, cuja força espanta
 Quãdo a espada, que cinge ao lado breue
 Os duros elmos abre, a malha ou anta,
 Húa serpe feròs no berço teue
 Preza com a lactea mão pela garganta,
 E pela semelhança destas lides
 Com rezaõ lhe ficou nome de Alcides.

De

143.

De Araudeo he senhor, & juntamente
 De Capiana as armas tras consigo,
 E do barbario promontorio a gente,
 Dura para sofrer qualquer perigo,
 Os que habitão de Scalybs a corrente
 Os de Euandria, & Ebura, que ao imigo,
 Qual forte Partho, tiraõ da dobrada
 Frecha fugindo a setta, acelerada.

144.

Tras grande cabeleira, & de ambar chea,
 De aureos aneis todo o cabelo feito,
 De fuzis grossos barbara cadea,
 Que do hombro lhe atrauessa o largo
 As orelhas de perolas arrea, (peito,
 Moue a terror no carregado aspeito
 Veste luzentes armas, que se preza
 De se armar como de armas de fereza.

145.

Tras gente à dura guerra acostumada,
 Que o sol não vio melhor, desde o Oriete
 Em quantos cingem generosa espada,
 Atè o Tauro Scytico eminente,
 Nenhum risco, ou fadiga prolongada
 Recusou nunca a bellicosa gente,
 Todo o duro trabalho estima leue,
 Suores beber sabe, & pizar neue.

Quem

146.

Quem he aquele, o Grego preguntava,
 Que o Dragaõ pinta no soberbo escudo,
 Acrisio he, Phylarco lhe tornava,
 De corpo giganteo, alto, & membrudo:
 De Lacobriga traz os que na aljaua
 Escondem a dura setta, & o dardo agudo
 Vibraõ, tras dele vae Heimédonte,
 Co a gente, que criou o Erminio monte.

147.

He inda que piqueno na postura
 Arrogante, & nos feitos valeroso,
 Que desmente co as obras a estatura
 No animo valente, & generoso,
 De ossos dobrado, & fea catadura,
 De grandes for, as, brauo, & temeroso,
 Nos annos moços, & na ferocidade
 Vence co forte coraçã a idade.

148.

Estes que o seguem todos de dobrados
 Corpos, a quem temer Marte pudera,
 Vsaõ na guerra duros paos toltados
 Eas pelles de hum leaõ, ou de Panthera,
 Rompem do vffo cos bastões pezados
 No corpo os ossos, & na testa fera,
 Se a caso salteu com força iniqua.
 Das abelhas no monte, a casa riqua.

Mouido

149.

Mouido de alta enueja o valeroso
 Vlyffes fae, & em velo o campo treme
 Da Cidade abre a porta, onde o lustroso
 Metal foa co graue pezo, & geme:
 Ele num carro feruido, & famoso (me,
 Co a lança ao hombro, que o inimigo te-
 Phylarco o acompanha, & juntamente
 A Grega toda, & Lusitana gente.

150.

Num melado que de ouro a cor vencia,
 E co peito as cadeiras igualaua,
 Que airofamente ao passear partia,
 E tẽ as filhas os braços leuantaua,
 A que hũa Sylua a testa diuidia,
 E com mais graça a altiva fronte ornaua,
 Negros a cola, crines, & topete,
 Trouaõ nos pés, & rayo se arremete.

151.

A cabeça Phylarco illustre arrea
 De elmo, que opprime o seu cabelo louro
 Traz no escudo hũa serpe horrida, & fea,
 Que nas vnhas aperta hũa Aguia douro,
 Co a gente de Tubuci, & nobre Amea,
 E os de Colipo, que de hum grande Touro
 Cingem a pelle, em cujas fundas soaõ,
 Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

Tras.

152.

Tras no elmo outra serpe protentosa,
 Que as negras azas pelo ar desprega,
 Que a cola fera enrosca, a venenosa
 Vista, quando sibila, os olhos cega,
 Juntas moue tres lingoas taõ furiosa,
 Que espanto causa, a quem a vela chega,
 No fero aspecto, & mouimento vago,
 Mostra ser obra de hum insigne Mago.

153.

Sae Lisio, que de Iupiter se preza
 Ser claro, & conhecido descendente,
 Da Nimpha Doto; cuja graõ belleza
 Deceo do Olympo a Iupiter potente,
 Antre a gente que o segue Portugueza,
 Conduz os que de Cuda a graõ corrente
 Habitaõ, & a prouincia Transcudana,
 E os que decem da Serra Mariana.

154.

Robustos membros tem no corpulento
 Tronco grande cabeça, a planta breue,
 Da vista hum rayo sae duro, & violento,
 Qual a sua ira, & seu furor se deue,
 Representa no fero mouimento,
 Aquilo quando leuantar se atreue
 As ondas, com que pratear costuma
 De Atlante os pés, com Africana escuma.

Sae

155.

Sae Tereo com bandeira, que partida
 De ouro leua hum leão de vista fera,
 Que, mouida do vento, com subida,
 Garra, acomete o sol na propria esphera;
 Ele empunha hũa lança desmedida,
 Que hum tronco de hũa faya inteiro era,
 O ar na luz das armas se inflamaua,
 Cnde o sol, quando as fere, scyntilaua.

156.

De Merobriga a forte gente guia,
 Que lanças vzaõ largas, & possantes,
 E do grande Maronio, a quem seguia
 Tamaca, com suas agoas abundantes,
 No escudo hum grande monte poem,
 que ardia,
 Botando fora as chamas crepitantes,
 A que hum rayo feria, os passos moue,
 Marte no resplendor, nos rayos loue.

157.

De armas negras vestido o graõ Broteo,
 Dos montes traz consigo a dura gente,
 De grande corpo, monstruoso, & feo,
 De carregada celha, & vista ardente,
 De disformes finais o rosto cheo,
 Sinais certos no rosto de hum valente,
 Temerozo na voz, hirsuto pelo,
 Negras, & largas cedas por cabelo.

Ferrea tem a alma, a natural fereza
 Tras de aço puro, & forte guarnecida,
 Com gente, de que fica na aspereza
 Igualada a dos montes, & vencida:
 Estes como saluagens na bruteza,
 Cada qual húa pelle tras vestida,
 Bastoës bastantes a fazer pedaços (cos.
 Hum monte, o pé descalço, & nus os bra-

No campo Vlysses valeroso entraua
 Formando o esquadrão brauo, lustroso,
 A Phylarco fortissimo entregaua,
 Da vanguarda o gouerno perigoso,
 Dous mil homens de guerra aly plâtaua
 Escolhidos, Phylarco tão brioso
 Està, que o mundo acometer pudera
 Co a frente do esquadrão soberba, & fera

Logo tres mil o seguem bem armados
 De duras lanças, que Tarco galhardo
 Conduz, com mil que feros paos tostados
 Vão, por lança, & por agudo dardo,
 Mil com fundas, que aos ventos a pressa
 Podem fazer o mouimento tardo, (dos
 E no meo as bandeiras vão guardadas
 De mil escudos, & outras mil espadas.

161.

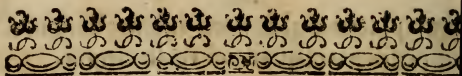
Com quatro mil Broteo valente armado
Por de fòra o esquadraõ todo cingia,
Pondo de armas dous mil a cada lado,
Com que todo se armava, & guarnecia,
A maõ deltra a Creonte, ao estremado
Leostenes a opposta obedecia,
E Vlysses sobre o carro rutilante
A tudo assiste, a todos vae diante.

162.

Já neste tempo o sol, que ao mar guiaua
O seu carro do fogo, aos horizontes
De varios arrebois de luz bordava,
E a noite dece dos ceruleos montes,
Já o silencio as armas occupava,
E já do sono as opprimidas frontes
Na dura terra inclinaõ, onde os soldados,
Passaõ em vinho, & sono sepultados.



ARGV-



ARGUMENTO DO NONO CANTO.

AO campo sac armado o bellicoso
 Gorgoris, a quem segue a Lu, a gente
 Rios de sangue feruido, & espumoso
 De frios peitos tira a espada ardente;
 Vendo Vlysses o imigo victorioso
 Nos muros se recolhe, & juntamente
 Gorgoris quer entrar, a gente crece,
 Com que a guerra nas portas se embrauece.

I.

IA dos Eoos fins a luz suaue,
 Encuberta seguindo seu costume,
 Misturando se vae co a sombra graue,
 Naõ vence o lume a sombra, ou sombra
 o lume;

Naõ tem inda voltado a Aurora a chauer,
 Mas por detras do mais remoto cume,
 Com a manham dourada a noite fria,
 As vltimas reliquias confundia.

Log

2.

Logo os cauallos lucidos bufando
 Saem das portas do Ceo, & o puro alento
 Em sua ue rocio transformando,
 Ferem co a luz o ar, com a planta o vento
 Ao graõ senhor de Dello vem tirando
 No seu carro velos, cõ passo lento,
 Mostrando sobre as nuuens prateadas
 Do fogo ardente as crines arriçadas.

3.

Jà se hia descobrindo o naõ maduro
 Parto do nouo sol, que vem nascendo,
 Os campos já rompia arado duro,
 Os sulcos com trabalho enriquecendo,
 Dourado estaua o Orizonte escuro
 Quando o geral silencio interrompendo
 Com rouco brado as trõpas, que soauaõ,
 Os animos, & as armas despertauaõ.

4.

Nuuens de negro pò se leuantaõ
 Em cujo graue horror o ar se ferra,
 Os tambores horrisonos soaraõ,
 Com que mostra fundirse a mesma terra
 Os echos pelos montes se dobraraõ,
 Tudo alteraua o som da dura guerra,
 Torna seu curso atras o Tejo inchado,
 Do estrepito das armas perturbado.

Logo

5.

Logo a este primeiro desafio,
E ao som que as tubas pelos ares deraõ,
As gregas trompas com dobrado brio,
Aceitando a batalha, responderaõ:
Aos rostos rouba a cor o medo frio,
Dos que co as maõs nas armas o venceraõ
E num, & noutro campo horrenda, &
Thesiphone discordias semeaua. (braua

6.

Vlysses sae, & resplandece armado,
Sobe do monte ao leuantado cume,
De hũa luz que o cercaua rodeado,
Grande, & augusto fora do costume,
Sobre a rozada face dilatado
Hum natural ardor, & viuo lume
No graue olhar, a authoridade crece,
Com que ele mortal cousa não parece.

7.

Bem como prodigiosa estrela aguda,
Que vem de longe fogo scyntilando,
Com que as coroas, & os imperios muda
Palida luz nos ares espalhando:
A que com vista do alto attenta, & muda
O nauta, & o pastor està obseruando,
Que no papel do ar cum rayo escreue
De ruinas fatais historia breue.

8.

Afsi o Grego fae, & os eſtandartes
 Imigos, & o ſom que tudo atroa,
 E defundirſe por diuerſas partes,
 Os que vem debellar a alta Liſboe;
 De armas guarnece os novos baluartes,
 Donde a guerra mortifera apregoa,
 E por buſcar o imigo de mais perto,
 Preparate a ſair ao campo aberto.

9.

Sobre o carro belligero partia,
 Tudo em ordem diſpunha, & viſitava,
 De honroſa ira os fogos, em que ardia,
 Com natural brandura temperava,
 Animo, & eſforço ao timido infundia,
 Que ao valeroſo em velo ſe dobraua,
 A todos com palauras animando, (do.
 Merces, & honrras fazendo, abra, os dan-

10.

Tomando hum alto ſolta a voz famoſa,
 Que as bellicofas hoſtes eſcutaraõ,
 A huns ſuaue, a outros temeroſa,
 Com palauras que nalma ſe formaraõ
 Naõ trouxeraõ carreira taõ forçoſa
 As agoas, que co ſol ſe defataraõ,
 Cahindo do alto monte, donde as teue
 Prezas o inuerno nos grilhoës de neue.

P

Com-

II.

Compãheiros, & amigos bem se engana
Quem de vos esperasse outra vangloria
Que ser vencido, como da Troyana
Soberba já alcançastes fama, & gloria:
Se aqui está toda a força lusitana
Quer Iupiter, que numa sò victoria,
Com esta pouca valerosa gente,
Ganhemos mil victorias juntamente.

12.

Naõ vos espante ver como se estende
Pelas cabeças duma, & doutra terra,
A inculta multidaõ, que mal entende,
O exercicio da sanguinea guerra,
He gente mal auinda, que depende
De abrir co arado curuo a dura terra,
Naõ hà de resistir, porque a defeza
Nas plantas lhe deixou a natureza,

13.

A pouca gente bellicosa experta
A muita vence mal disciplinada,
Que esta a ruina tem propinqua, & certa
De sua mesma ignauia de bellada,
Varie as sortes a fortuna incerta,
Que eu com esta a vencer acostumada,
A seu pezar, espero ver mui cedo, (do
Que primeiro que o ferro, os vence o me

14.

O inimigo, que as hostes ordenando,
 Está já posto em acto de peleja,
 Vos o vereis rogar humilde, & brando,
 Quando este ferro nũ diante veja,
 Quando vossas espadas vaõ cortando
 O elmo, ou de aço ou de diamante seja,
 Quando o soldado, que seus campos arã,
 Vir que suas insignias desempara.

15.

Os soldados que aqui trago comigo,
 Comigo iguais nos riscos, & na gloria,
 A todos sei a patria, & sangue antigo,
 E nalma os trago, mais que na memoria,
 Qual setta voa, ou fere ao inimigo
 Espada, sem me fer amy notoria?
 Que conheço voando, & na ferida
 O arco que atirou, & o homicida.

16.

Com vosco em occasiã mais importante
 Cheguei, & vy, & em fim vency chegãdo
 As forças, & as bandeiras de arrogante
 Marte, fuy abatendo, & arrastando,
 Como aly fui diante hirei diante,
 Preparando a victoria, & vos pizando
 Os troncos desses fracos lauradores,
 Honrrados de vos ter por vencedores.

17.

Da viuã voz de Vlysses animados,
 Facil lhe parecia a dura empreza,
 Terçando as grossas lanças os soldados,
 A encontrar-se partiaõ com presteza,
 Agudas settas de arcos encuruados,
 Graõ tempestade excitaõ, veseaceza
 A peleja nos campos inimigos,
 Correndo para as mortes, & perigos.

18.

Bem como as ondas, que no mar furioso
 Sevaõ com igual preça succedendo,
 Ea azul esbalda de Neptuno vndoso
 Em altos montes de agoa vaõ erguendo
 Tè sair com ruido impetuoso,
 Na praya, que ferida está gemendo,
 E sobre a molle areia, ou na mais alta
 Rocha, quebrando o mar, aos ares salta

19.

Assi corria a selua das pezadas
 Lanças, no campo de armas occupado,
 No ar se topaõ settas arrojadas,
 Dardos abrem voando o ar delgado,
 Os caualos ligeiros, das ferradas
 Vnhas a estampa a penas tem deixado
 No verde campo, que com voltas gira
 E tumo, ardendo em colera, respiraõ.

20.

Já duma, & doutra parte nas guerreiras:
 Hostes se ouue o rumor, com que discor-
 Largaõse freos, decemse vizeiras, (rem,
 Huns contra os outros duramente corré
 Os cauallos se encontraõ, das primeiras
 Lanças huns caem feridos, & outros mor-
 Desaparece o largo campo aberto, (rem,
 De nuuens de armas, & de pò cuberto.

21.

Tal golpe ha que o escudo despedaça,
 Tal que a malha fortissima rompia,
 Aly o cauallo já sem dono passa,
 Outro com ele sem vigor cahia, (la,
 Elmo, & cabeça hum mesmo golpe ama-
 Todo o campo da morte o horror cobria
 Acendese a peleja, & dura tanto,
 Que excede a que mudou a cor ao Xanto.

22.

Logo Anthiloco a dura lança enresta
 Contra o forte Trazilo que acomete,
 Falsalhe o escudo, & pela dura testa
 Do agudo ferro grande parte mete,
 Quando hũa sombra palida, & funesta
 Que das agoas sahio do escuro Lethe
 Lhe ocupa a vista, & com temor interno
 Cai semiuiuo o corpo em fono eterno.

23.

A este Helefanor, hum forte Grego,
Leua arrastando, para despojallo,
E na vaã preza de auarento, & cego,
Naõ ve que Alcino vinha por vingallo,
Atraueffado cae no vndoso pego
De sangue, & procurando leuantallo
Torna a cair de nouo, & assi morrendo
A alma irada lança, o chaõ mordendo.

24.

Sobre estes corpos a contenda crece,
Que huns leuauaõ, & outros defendiaõ
Creonte chega a tempo, que embrauece
A peleja, que as vozes acendiaõ,
Contra Leuco, que em velo já estremece
Com forças, que as humanas excediaõ,
A lança com furor brauo arremessa,
Com que do peito às costas o atraueffa.

25.

Cae o moço gentil com graõ ruido,
Qual costuma cahir no fresco prado
Alamo verde, ou Platano ferido,
Do duro vento, ou rustico machado,
Pelo vingar Hypolaco atreuido,
Hum mortal dardo atira, que leuado
A Dareto chegou, que na alta frente,
De roxo sangue abriu purpurea fonte.

E Go

26.

E Gorgoris que o campo descobria,
 Socorre a tudo, a todos animando,
 A Creonte, & Leostenes juntos via
 Por terra tantas vidas derramando,
 Mal sofre ver que o campo se cobria (do,
 De horror, de sangue, & corpos inundan
 Bramando geme, & nesta graue afronta
 Dum grande freixo ajunta ao conto a

27.

(ponta

Por antre as duras messes das espadas
 Ouzado corre, & co inimigo ferra,
 Com tal furor as agoas reprezadas,
 Não se despenhaõ da impinada ferra,
 O mar que bate as rochas leuantadas,
 Rayo que as torres igualou co a terra,
 Trouaõ que no ar bramindo, o mundo
 affombra

Fazem de seu furor piquena sombra.

28.

Tres vezes sopezou a lança graue
 Com que a Edypo atira, que voando,
 Representa hũa antena, ou grossa traue,
 O escudo forte, & peito atrauessando,
 A sombra negra occupa a luz suaue,
 Cae na ferida os membros palpitando,
 Corre de sangue hum espumoso rio,
 Palida mostra a cor, o alento frio.

29.

Logo outras lanças toma que arrojaua,
Dando em todas hũa morte differente,
E embraçado o escudo se lançaua
Do grande carro com furor vehemente,
Encontra Manlio, a quem o rosto ornaua
A lanugem da idade florecente,
Deulhe co braço a espada, que atreuida
A tea corta a taõ fermosa vida.

30.

Na nuca, & lado abrio hũa larga estrada
A Toante, que aly trouxera a forte,
Na vista, & peito sae a forte espada.
Dous caminhos abrindo á mesma morte
A vida de seu tronco já cortada
Ao mesmo tempo sae do peito forte,
Sobre seu sangue cae, onde espiraua,
E hum ferreo sono a vista lhe occupaua.

31.

Correndo o campo todo victorioso
A Tirio que trataua da fugida,
Pelas costas a espada o temeroso
Braço fartou de sangue na ferida,
Està a seu lado o Capitão Lanoso,
Que a massa dura esgrime, & faz temida,
E a terra tantos corpos occuparaõ,
Que os viuos pelos mortos caminharãõ.

Qual

32.

Qual lenhador que a Pirene, ou Pindo,
 Aliuia dos troncos, que em pedaços
 Na terra estende o bosque alto ferindo,
 Co a dura força dos nervosos braços,
 Onde do morto tronco diuidindo
 A robusta alma, atada em verdes laços
 Ferida soa do alto golpe a terra,
 A que responde a mais remota ferra.

33.

Afsi Gorgoris vae com furia tanta
 Aceza a vista, a fronte alta, & sublime,
 Taõ prestes corre, que a ligeira planta
 Na terra apenas feu sinal imprime:
 Soltando a dura voz que a tudo espanta,
 Como que em nada o Grego câpo estime,
 Abre as hostes dizendo em voz pezada,
 A toda a Grecia basta a minha espada.

34.

Nezo que o ouue, fero lhe responde,
 E aduertindo as palauras que dizia,
 Ele as partia de hum reues, adonde
 Nas fauces as formaua a lingua fria:
 A Scilo a espada dentro na alma esconde,
 A quem o rosto palido cobria
 Graue horror, onde Gorgoris valente
 Lhe tira a espada, & alma juntamente.

35.

A lapeto cum talho a telta fende
Tè os olhos, que do ar ao chão caindo,
Seu irmão Laufo chega, que o defende
Sustentalo nos braços presumindo,
Ià Gorgoris contra ele o braço estende,
E do piadoso Laufo o peito abrindo
Ambos à terra vem, que a mesma sorte
Irmãos na vida os fez, & iguais na morte.

36.

O pay Licon que os filhos ve feridos,
Que de hum parto lhe deu a bella Agaue,
Tanto no corpo, & rosto parecidos,
Que causauão aos pays erro suaue,
Vendo o poder dos fados não vencidos,
Coa dor que sente na alma dura, & graue,
Ferido geme, & com furor suspira,
Esta suspenso antre o amor, & a ira.

37.

Tras Gorgoris corria insanamente,
Espera hum fraco velho imigo forte,
Espera hum viuo morto, impaciente,
Dizia, que te pede a propria morte,
Se melhor sorte a minha não consente,
Quero vencer morrendo minha sorte,
Que a terei por ditosa, & a uentejada,
Tendoa nos fios dessa mesma espada.

A Gorgo-

38.

A Gorgoris chegou, co a espada erguida
 Dece cum mortal golpe, ele o recebe
 No forte escudo, & onde a chara vida
 De Licon tem morada, a espada embebe,
 Lança o sangue da boca, & da ferida,
 Que a fria terra por seus poros bebe,
 Cae o Cadauer sobre a mole areia,
 Aberta a boca de negra, & fea.

39.

Valinferno tambem soberbo esgrime
 Contra o fero Creonte a ferrea massa,
 Que hora as pedras acende, hora sublime
 Se faz temida na soberba praça,
 O que espera, o que foge, a hũ tempo op-
 Pizando corpos victorioso passa, (prime
 E qual faminto lobo lhe mostrava,
 Que quanto sangue bebe, o naõ fartava.

40.

De conchas Valinferno armado vinha,
 A quem do corpo o ar nas armas crece,
 Que de hũa lazerina o peito tinha
 Guatdado, & nele a espaços resplandece:
 De hũa pelle de Tygre se detinha
 Prezo o Taly, que de ouro se guarnece,
 Donde pende o alfange, & leuandada
 Na maõ trazia a massa carregada.

41.

A serpente, & leaõ, que lhe assistiaõ,
Corrédo o campo vaõ, com lentos passos
Os que as armas lhe oppoem, ou resistiaõ
Com boca, & garra fazem mil pedaços,
Sobre ele os fortes Gregos concorriaõ,
Mas o graõ Briareu, que com cem braços,
E cem espadas juntas pelejara,
Seu grande esforço apenas igualara.

42.

Ele sò poem o rosto, ele resiste,
Da guerra o duro pezo ele sustenta,
Aos que intentaõ fugir gritando assiste,
Com que os anima, & forças lhe acreceta
De huns se defende a hum tempo, outros
enuilte,

Tem os que fogem, outros afugenta,
Mas tantas armas crescem, tanta gente,
Que o leua a seu pezar a graõ corrente.

43.

Para se Valinferno forte, & quedo,
Eo diluio detem defenfreado,
Algũs mandou ao Tartaro mais cedo,
Cos graues golpes do bastaõ pezado:
A todos entra hum congelado medo,
Vendo destes dous monstros rodeado,
Brauo, acezo na vista, & naõ respira
Por boca, & olhos se naõ fogo, & ira.

44.

Vinha em seu grande carro discorrendo
 Vlysses pelo campo, o estrago via,
 Que o brauo Val inferno vem fazendo,
 A quem ninguem se oppunha, ou resiltia
 A Gorgoris de longe estaua vendo, (uia,
 Que de mortos hum grande monte erg-
 Turbado fica, dentro na alma geme,
 Como ouzado acomete o que mais teme.

45.

Bem como a Aguia, que do alto effeue,
 Vendo a preza entre os matos escondida,
 E nas azas librando o corpo leue,
 Se arremessa veloz sobre a ferida,
 Tal Vlysses que olhando se deteue,
 Onde ferue a batalha mais temida,
 Do alto voa, & com a crua espada
 Se faz por antre as armas larga estrada.

46.

Vae contra Val inferno duro imigo,
 De Creonte animoso acompanhado,
 Leostenes o seguia, que o castigo
 Lhe leuaua na espada, & braço armado,
 Todos se chegaõ, & no comum perigo
 Acometem por hum, por outro lado,
 Ele para mostrar que os não temia,
 Sorrindo se ergue a massa, & lhe dizia,

47.

Nesta agora verás Grego insolente,
Abrazador dos muros de Dardania,
Se cria o brando Tejo forte gente,
Quando castigue a tua grande infania,
Nas entranhas terás desta serpente
Sepulchro, na guerreira Lusitania,
Que a teus atreuimentos excelsiuos
Estas feras feraõ sepulchros viuos.

48.

Cuidauas fraudulento autor de enganos,
Quando seguro porto aqui tomaste,
Que achauas Cyrce, ou miseros Troyanos
Que por amor, & armas debellaste,
Tendo durado a guerra tantos annos,
Seus muros com enganos arrastaste,
Sabe que aqui terás mores perigos,
Que Lusitania he tumba de inimigos.

49.

Vlysses lhe tornou, saõ escusadas
Insolentes palauras, balste agora
Que sejaõ lingua as folhas das espadas,
E da veloz quadriga salta fõra,
Leostenes, & Creonte às indomadas
Feras (como se a empreza facil fora)
O escudo & peito armado offerenciaõ,
A quem todos a hum tempo acometiaõ.

Amor-

50

A mortallança Vlyffes leuantando,
 A Valinferno focodida parte,
 Onde a palida morte vae voando
 A que não pode opporfe ou força, ou arte
 Mas o golpe, & o ferro defuiando,
 No ar o torce o valeroso Marte, (ro
 Que a Valinferno empara, & com este er-
 Hũa braça no chaõ se esconde o ferro.

51.

Tira Vlyffes a espada, que parece
 Hum rayo ardendo, co inimigo ferra;
 Ele com hum golpe, & outro irado dece,
 Todos graues, mortais, & todos erra,
 E para que ferir melhor pudesse
 Se chega, & cae ferindo a dura terra,
 Aonde tal coua abria a massa dura,
 Que juntos daua morte, & sepultura.

52.

Dum giro noutro Vlyffes o rodea,
 Golpes acena, & cautamente finge,
 Vence com a ptopria arte a força alhea,
 Marcial Ædipo desta braua sphinge,
 Da dura malha o campo se semea,
 Co fuor crece o fangue, as armas tinge,
 Valinferno se aparta, & com braueza
 Torce cheo de raiua a vista aceza.

Vlyffes

53.

Vlyffes brauo corre, & vae dobrando
Os golpes, com que affombra o forte im-
Que o campo já perdia vacilando, (igo,
Que por vltimo estima este perigo,
Vaise de ira, & furor nobre abrazando,
Entra, & nos braços o apertou consigo,
Fazendo ambos temerle nos ardentes
Olhos de fogo, & no rugir dos dentes.

54.

Naõ corre com tal furia, & com tal ira
O valente Austro, & Aquilo valenre,
Quando o mar, quando o Ceo bramindo
espira

Ondas, nuuens, & fogos juntamer te,
Quando nenhum se rende, ou se retira,
Antes sopraõ com furia mais vehemente,
Como os dous, que abraçar se caminha-
Nas forças, & nas armas se tõ paraõ. (rao

55.

Neste tempo Creonte do arrogante
Leaõ, que por ferilo a garra erguia,
Mais que a fera, ele fero está diante,
Sem poder enxergar se que a temia,
Co duro braço dece, & nesse instante
Ao laõ como Alcides remetia, (cos
O escudo, & espada deita, & em fortes la-
Configo o aperta, nos neruosos braços,

56.

A fera brama irada prezumindo
 Sair dos braços onde está apertada,
 Os cabelos arriça a boca abrindo
 Co a voragem das fauces dilatada,
 A cola pelos ares elgrimindo,
 E a garra de ira, & de furor armada
 Sem vigor mostra, & com mortal ruina
 Os duros membros, desmayando inclina

57.

Ià os ossos lhe tinha quebrantado,
 E entre os laços donde estaua prezo
 Cae com o lume dos olhos apagado,
 Terror do monte em quanto esteue ace-
 Solta Creonte ao já desanimado (zo:
 Tronco co a lingua fôra, inutil pezo,
 Por juntarse a Leostenes que se sente
 Ferido, & mal tratado da serpente.

58.

Brandia de ouro escalido, & de prata
 A cabeça, no ar o colo erguendo,
 Ià se prende, se enrosca, & se desfata,
 Fel, & escuma na boca reuoluendo,
 O pescoço ora encolhe, ora dilata
 De siluos, & ira todo o campo enehendo
 E o torpe alento quando respirava
 De seu veneno o ar inficionava.

Com

59.

Com Leostenes a serpe estaua vnida,
 Qui sibilando vibra a lingua aguda,
 Que tres linguas parece sacudida, (da
 Com a grão presteza que a meneã, & mu
 Na cabeça co a espada a tem ferida,
 E desmayando a serpe torpe, & ruda
 As roscas vae abrindo, & sem alento
 Priuada está de todo o mouimento.

60.

Vendo o remedio Valinferno incerto,
 De Vlysses desatar-se pretendia,
 Dos braços onde o tras em tanto aperto,
 Que já o alento, & animo perdia,
 E vendo que inimigos tem tão perto,
 Sobre as azas do medo lhe fugia,
 Segueo o Grego, & em quanto hia cor-
 Estas palauras altas vae dizendo. (rendo,

61.

Como foges de Vlysses fraudulento,
 Que os muros de Dardania pos por terra,
 Que ordenou o cauallo com intento
 De dar com paz fingida, oculta guerra
 Não me dauas sepulchro, & fim violento
 Numa serpente, sem tocarme a terra,
 Pois como não me aguardas se te figo?
 Como temes tão debil inimigo?)

Qual

62.

Qual lobo foge do redil guardado,
 Seus guardadores feruidos temendo,
 Que quando corre, sente ao proprio lado,
 Com furia, & com latidos o ar rompendo
 Até que a lingua deita de acoçado, (do
 Com que o sangue dos beiços vae lambê-
 Tal Val inferno foge, & orosto vira
 A Vlyffes que o seguia, ardendo em ira.

63.

Copezo da armadura se detinha,
 Quer assentar se por tomar alento,
 Quando ve que atras dele o Grego vinha,
 Que na presteza iguala ao mesmo vento,
 Como quem sò nos pès a vida tinha,
 Que mais ligeiros faz o medo lento,
 Torna a correr, sentindo o espaço breue
 Que por tomar alento se deteue.

64.

Qual Cerua, que acoçada vae fugindo,
 Evendo sombra, ou fonte de agoa viua,
 Tédo escapado aos caës, que a vaõ seguin-
 Goza da fôte fresca, ou sôbra estiua, (do,
 Quando outra vezo caçador sentindo,
 Deixa o descanso, & corre fugitiua,
 Sem estimar à vista do perigo,
 A calma graue, & o trabalho antigo.

Tal

Tal Valinferno voa, onde encontrando
A Gorgoris, lhe diz, aos teus focorre,
Que Vlyffes tuas hostes deuaftando,
Por todo o campo fem temer difcorre,
A cor ao verde monte vae mudando (re,
Com fangue, que em diuerfas partes cor-
E Pallas, que a feu lado anda presente,
Poem em fugida a lusitana gente.

Gorgoris, a que a noua o peito altera,
Guiava o carro a hum alto, donde via
O campo todo, & nele considera
Como de fangue, & mortos se cobria:
De longe o escudo ve, & imagem fera
Que da guerreira Pallas parecia,
A quella parte corre, onde os que o viaõ
Co as vozes, & co as armas o seguiaõ.

Qual costuma o belligero Ginete,
Que das prizoões que teue defatado,
Ao campo liure feruido arremete,
Correndo alegre num, & noutro lado,
Ao ar arriça as crines, & o topete,
Sobre si mesmo o colo leuantado,
Tal Gorgoris valente, desprezando
O esquadraõ, pelas armas vae entrando.

68.

O campo atraueſſaua em furia ardendo,
 A ſeguido ſe mouem os mais guerreiros,
 Por duras armas, & eſquadrões rompen-
 Os vltimõs queriaõ ſer primeiros, (do
 Huns derribando, a outros focorrendo,
 Lhe diz, ò eſforçados caualleiros,
 Eſtes que tem de vós victoria, & palma,
 Tem mais que duas mãos, tem mais que

69°

(hũa alma?

Pára o forte eſquadraõ ſem ir auante
 Por ele focorrido, & animado,
 Vlyſſes valeroſo eſtà diante,
 Antre o furor das armas abrazado,
 E Gorgoris cos ſeus mais ariogante
 Para o ferir no meyo o tem tomado, (ua,
 De haſtas hum boſque & eſpadas o cerca-
 E hum chuueiro de ſettas que voaua.

70.

Qual o ſoberbo Touro, que ferido
 Do fogo do ciume impaciente
 Terribelmente brama, & co bramido,
 Chama animoſo ſeu riual auſente,
 Prova num tronco os cornos offendido,
 E o vento deſafia ouzadamente,
 Prouoca o imigo erguendo ao ar a terra,
 Por dar principio a porfiada guerra.

Tal

71.

Tal afrontado Vlyffes, que deseja
A Gorgoris mostrar o que podia,
Se preparaua em acto de peleja,
E co as armas nas mãos o cometia,
Gorgoris deixa o carro, & porque veja
Que desigual batalha não queria,
Da mão soltaua a hum tempo o graue lo-
A Lampom, Lamo, Cicer, & Peloro. (ro

72.

Armados tras os membros da pezada
Loriga, em cima o peito refulgente,
A testa opprime o elmo, a coxa a espada,
De antigo mestre, & tempera excellente,
Qual de luz a alta fronte coroada,
Ameaçando no ar Cometa ardente,
Com cabelos de rayos, nos declara,
Ruina do mór Sceptro, ou mor Thiara.

73.

Tal Gorgoris nas armas scintilaua
Que airoso vae mouendo brauo, & forte,
Na vista, & espada feruida leuaua
Medo aos que fogem, aos que esperão
morte,
Com Bolaõ Valinferno o acompanhaua,
Eo valente Lanoso, & o graõ Mauorte
Que a seu grande furor não he baltante
A resistir humi peito de diamante.

74.

Montanha inacessiuel, & temida,
 De antiga selua, & monftruofas feras,
 Rio que cae da rocha mais erguida,
 Chuueiros negros, tempestades feras:
 Neue nos frios Alpes derretida,
 E fogo que do Ceo lambe as espheras,
 Não pudera impedir feu forte braço,
 Nem fizera a seus pes torcer hum passo.

75.

Vlyffes dos mais fortes rodeado
 Aos inimigos se oppoem, quando enuiftia
 Escudo, a escudo lança, a lança ai mado (õ,
 Peito, a peito num tempo acometiaõ,
 Ià de pedaços de armas femado
 O chaõ se ve que os golpes diuidiaõ,
 E sobre os elmos que as espadas fendem,
 Soaua o ar, que scintilando acendem.

76.

Na batalha ardentissima, & trauada
 Crece o ardor co a furia da peleja,
 Ià de feu sangue a terra està manchada,
 Huns a vingança moue, ou tros a enueja,
 Ià esquecidos de ferir co a espada,
 Cos punhos, & cos pominos se peleja,
 Ià se topaõ cos elmos, & membrudos
 Corpos, sobre os fortissimos escudos.

Gorgo

Gorgoris que hum graõ monte repre-
 De membros, & estatura bem compolto,
 Mete hum, & outro pè, & a espada tenta,
 Que Vlysses liura, & sae co a ponta ao ro-
 Ferir sobre a cabeça o imigo intenta,)sto
 E logo o forte escudo em alto polto,
 Por baixo dele o grande corpo estende,
 Com que na peina a Gorgoris offende.

78.

Ele se ve ferido, & quando sente
 O dano, por vingarse em vaõ se cansa,
 E com vergonha honrrosa, & descontêto
 Quer co a pressa emendar qualquer tar-
 dança,

Com ferro, & voz responde juntamente
 Espera ò fraudulento, & se abalança,
 E sobre o olmo o fere, onde cortaua
 A pluma, que ferida ao ar voaua.

79.

Vlysses que do golpe recebido,
 Em honrrosa coragem se acendia,
 Desprezando os reparos atreuido
 Nas inimigas armas se metia,
 E por vingarse leua o braço erguido,
 Co a forte espada, que do ar decia,
 Tal reposta lhe daua, & com tal furia
 Que bem lhe paga a recebida injuria.

80.

(Istreza,

Dobrando os golpes vae com graõ de-
 Dum lado noutro Gorgoris discorre,
 Acha no escudo já fraca defeza,
 Da ferida em graõ copia o sangue corre,
 Marte que ve o perigo, com presteza
 A Gorgoris já exanime soccorre,
 E Vlysses que o conhece, em fogos de ira
 Ardendo perturbado se retira.

81.

Logo hũa nuuem dece, onde encuberto
 Gorgoris sae do campo, & não se rende,
 Que da morte cruel que tinha perto,
 Marte oppondose a Vlysses o defende,
 Elé que via o engano descuberto,
 Sem o temer, cõ a espada a Marte atende,
 Cõ as armas o acomete, a que a guerreira
 Pallas reprende, & diz desta maneira.

82.

Quando Vlysses a Marte te atreueesses
 Não seria valor, mas furia insana,
 Se ao Ceo cõ braço humano te opuzesses
 Não se iguala à diuina a força humana,
 Não te basta que a Gorgoris venceesses?
 Não prouoques a furia soberana (& torte
 De hum Deos, q̃ he immortal, taõ brauo,
 Que o mesmo Olympo treme de Mauor

te.

Q

Qual

83.

Qual o lobo voràs, que pelo escuro
Da tormenta, ao rebanho vae guardado
E nas tetas da mãy, balar seguro,
Ouue o manço cordeiro agasalhado,
Quer entrar os reparos forte, & duro,
Tendo o redil mil vezes rodeado,
E nesta trabalhosa, & vaã porfia,
Passa raiuando a noite larga, & fria.

84.

Tal Vlysses rodea aquella parte,
Donde com Marte Gorgoris fugira,
Torna hũa & outra vez, ao proprio Marte
A vozes dezafia, acezo em ira,
Vociferando, & rebentando parte,
Chegando a Val inferno, ve que atira
Cum graõ penedo, que nas mãos tomava
De que Broteo ferido se postrava.

85.

Entaõ, lhe diz, ò barbaro atreuido,
E sem que o elmo temperado monte,
Da generosa espada cae ferido,
Abrindo grande parte da alta fronte,
Naõ cae da nuuem o rayo despedido,
Quando das mãos forjado sae de Bronte,
Com tal furor, ficando a forte espada
Do negro sangue, & cerebro manchada

An-

86.

Antre os olhos lhe voa a sombra escura,
 Por focorrelo aly Bolaõ se chega,
 Contra Vlyffes erguendo a massa dura.
 Que de hum golpe o bastaõ, & as maõs
 lhe fega,

De hũa ponta a finiffima arma dura,
 E peito lhe abre, & da ferida rega
 O espumoso fangue a terra estranha,
 E o irmaõ, que viuo amou, morto acom-
 87. (panha.

Qual alamo abraçado à antiga vide,
 Se o duro ferro hum tronco & outro cor-
 Obedecendo ao fado, que os diuide, (ta,
 Cae co verde marido a hum tẽpo morta:
 Affi Bolaõ, que vio a vltima lide,
 De Valinferno, & aberta a fria porta
 Ao negro fangue, que das veas corre
 Das feridas do irmaõ, primeiro morre.

88.

Porque quando a turbada vista erguia,
 Antre as vascas da morte, a Valinferno,
 Sobre suas armas fanguinosas via,
 Cuberto de hũa sombra, & fono eterno,
 Mais que o feu fado, o do irmaõ sentia,
 Donde a alma indinada ao triste Auerno,
 Irada dece, tendo o irmaõ defronte,
 Carga pezada ao braço de Cheronte.

Em quãto hum campo, & outro pelejau
 Co as fortes armas, de ambos taõ temida
 E a fortuna, & esperançã igual estaua,
 Perdendo tanto sangue, & tantas vidas,
 Eis que hũa grande nuuem se chegaua,
 Prenhe de rayos, & armas homicidas,
 Grãde focorro com que Alpheo chegara
 Que alem do Tejo os largos campos ara

Estes com nouo ardor acometendo,
 Aos de que pelejar eitaõ cantados,
 Nos Gregos graõ de troya hiaõ fazendo
 Que o campo deixaõ já desordenados:
 E de mortes hum alto monte erguendo
 De sangue correm rios diriuados,
 Quem foge a vida tem mais arriscada,
 Nos pés do amigo, & na inimiga espada

Da batalha suspensa està a balança
 Que hũs fauorece Pallas, & outros Marte
 Hum mesmo temor frio, hũa esperançã
 Em todos igualmente se reparte
 O escudo, o elmo, a malha, o Peito, lançã
 Iazem por terra de hũa, & d'outra parte
 Que o perigo he comum, & igual o dan
 No campo grego, & campo lusitano.

92.

As armas que já foraõ taõ prezadas,
 Pelo chaõ como inuteis, abatidas,
 Perdida a luz, & o lustre enfangoentadas
 Ao forte, vencedor se vem rendidas:
 As que já foraõ ricas, & douradas,
 Em pedaços se viaõ diuididas, (alcança
 Tudo o pò cobre, & o sangue que onde
 A nada deixa a antiga semelhança.

93.

Bem como quando o Caõ celeste ardendo
 Pondo se a caso fogo na montanha,
 E o vento que sibila arde correndo
 Vulcano abrazador com furia estranha,
 Tè os asperos penedos derretendo,
 Sem se poder vencer força tamanha,
 Com graue estrôdo soa o monte erguido
 Em leue fumo, & cinza conuertido.

94.

Afsi Leutarovae, a quem seguiaõ
 Geres, Arga, & Lanoso, contrastando
 Os novos muros, onde concorriaõ,
 Tudo o que achaõ diante atropellando:
 De victoriosas vozes o ar enchiaõ,
 Vaõ o campo das armas inundando,
 Viraõ os Gregos as coltas naõ podendo,
 Sofrer na vista a luz de Marte horrendo.

Q 3

Afsi

95.

Afsi correndo do impinado monte
Suas margens apenas cobre o rio,
E onde mais longe vae da antiga fonte,
Vae cobrando mais forças, & mais brio,
Erguendo os cornos da soberba fronte
Acomete o ceruleo senhorio,
Taõ inchado, & temido, & taõ vfanio
Que ele parece o mar, Rio o Oceano.

96.

Vlyffes brauo, vendo que crecia
A corrente das armas, duro, & forte
Huns anima gritando, outros feria,
Sem que a pezada voz, & braço importe
Larga estrada Lanoso fero abria,
E com ele Geres, que de Mauorte
O valor imitava furibundo,
A quem pudera ajuelhar-se o mundo.

97.

Como resiste o monte à tempestade,
Que açoutado do mar, ergue por cima,
Das ondas a soberba imensidade,
E as iras de Neptuno em pouco estima,
Afsi Leostenes entre a aduersidade (ma
Das duras armas, sem que o pezo o oppri
Abre por ellas porta, & ao ar espalba
Elmo abolado, descozida malha.

98.

Creonte ao fero Lauso, que atreuido
 Para ele insanamente se arrojaua,
 Tem a espada nos peitos escondido,
 Donde sahindo a vida, a morte en traua
 Na espalda fae a ponta, que o brunido
 Aço na ardente purpura banhaua,
 Cai com ruido, & com mortal affombro
 Inclinando a ceruiz no debil hombro.

99.

A Salio, que a Leostenes se atreuia
 Com descomposta lingua oufadamente,
 Ele co a forte espada respondia,
 Que hir mais auante as vozes naõ conserua
 Quando para falar a boca abria, (te
 Co ar entrando a ponta juntamente,
 Os caminhos da voz, & vida rompe,
 Onde a vida co as vozes lhe interrompe.

100.

Mataõ, destroçaõ, ferem, & naõ perdoãõ,
 Os laços desfazendo a tanta vida
 Sobre eles lanças chouem; settas voãõ,
 Na batalha taõ aspera, & ferida:
 Das feras massas feros golpes soãõ,
 Cede a virtude, vendose opprimida,
 E Vlysses que as contrarias forças mede,
 A mayor força, & à fortuna cede.

Q4

Viasc

101.

Viaſe o Grego, & via mal tratadas
As armas, que já apenas o cobriaõ,
De ſangue ſeu, & alheo rociadas,
Que os golpes do inimigo mal ſofriaõ:
Na Cidade recolhe as eſpalhadas
Elquadras, onde os ſeus melhor podiaõ,
Sobre o reparo de ſeus muros altos,
Reſiſtir aos duriffimos aſſaltos.

102.

Vendo Lanoso como a gente entraua
Na Cidade prouando o braço duro,
Aos ſeus que entrem com eles incitaua,
Apertando no pulſo o ferro puro:
Tereõ brauo a porta lhe occupaua,
Fazendo de homens viuos viuo muro,
E procurando entrar acha diante
Leostenes, & Creonte, & o fero Atlante.

103.

Sae Antheo de furor nobre abrazado,
Hús matando co a eſpada, outros ferindo
Mincio o acõpãha, & Sergio que a ſeu lado
O chaõ de inuteis troncos voõ cobrindo,
A Philarco a come te, que aſi ontado
Contra Mincio o eſtoque ſacodindo,
No lado eſquerdo o mortal golpe em-
prega,
Que armas, & campo de ſeu ſangue rega.

104.

Brama furioso (& acha taõ leue a carga
 Das armas, que desmête a força humana)
 Qual soe pizada, sibilar na larga
 Praya arenosa, a bibora africana,
 Ou leaõ que crauada ve nailharga
 A aguda letta donde a vida mana
 Rugindo corre, & faz soar diante
 As brenhas do Ripheo ou fero Atlante.

105.

(tr

Vae sobre Antheo a que hũa, & outra fo
 No sangue abrio a cortadora espada
 Na perna, & logo na soberba fronte,
 Que està de ardente purpura banhada,
 Faz dous passos atras, & onde o monte
 Abre hũa coua, cae sobre a pezada
 Loriga, insta Philarco por vingarse,
 Antes que Antheo pudesse levantar-se.

106.

Fartou a sede a espada no espumoso.
 Sangue, & qual cahindo o graue pinho,
 Ruido excita o corpo protentolo
 Desemparando a alma o proprio ninho
 Sergio as costas viraua temeroso,
 Vendo logo atalhado este caminho,
 Que pela espalda com mayor afronta,
 Vio nos peitos sair co sangue a ponta.

Q5

Por

Por outra parte Vlysses, defendendo
A entrada da Cidade, não descança,
Co a hasta a hum lado, & a outro a come-
A todos faz temer seu braço, & lâçã; (têdo
Apartaõse os que o vem, ele querendo
Emendar com graõ preça esta tardança,
A Leuco fere, & a Polimio forte
Mete dentro do peito a fria morte.

Chegase a Vlysses logo o forte Atlante,
Leostenes, & Tereo, Lyfio, & Creonte,
E abraçando o escudo de diamante
Cada hum ao imigo vae, que tem defron
Alpino vibra a espada rutilante, (te,
Na testa a Lizio fere, que na fronte
Co a mão ao sangue acode, & diligente,
Lhe prega a mão na testa juntamente.

Aos pés de Vlysses cae qual grande torre,
Nos braços ele o toma, & em fogos arde
Porque via que neles Lizio morre,
La cuida que a vingança chega tarde,
Irado contra Alpino Vlysses corre,
Alto gritando, esperame cobarde,
Com tal furor com ele encontra, & cerra
Que do encontro os juelhos poem por
terra. Mal

110.

Mal leuantado Alpino da caida,
 Já do escudo fortissimo cuberto,
 Golpes dobraua por deter a vida,
 Que do apreçado fim tinha tão perto:
 Corre Vlyffes à espada, que escondida
 Daua em seu peito á morte passo aberto,
 Sahindo dele a alma vacillante,
 Em liquido coral, puro, espumante.

111.

Cae o soberbo corpo resupino,
 Banha a vista de morte, indo morrendo,
 O inutil tronco do valente Alpino
 Phorbas arrasta, as armas recolhendo,
 Phenix, & Clito o escudo de aço fino
 Oppoem o morto amigo defendendo,
 Porem Vlyffes que em os vendo brada
 Faz das vozes trouaõ, rayos da espada.

112.

Phorbas que ao morto Alpino despojaua
 Em quanto neste officio atento esteue,
 A morte numa setta que voaua,
 Lhe espalha a leue vida ao vento leue,
 Vendo Vlyffes o amigo que espiraua
 Com Clito, & Phenix pouco se deteue,
 Que as cabeças de ferro guarnecidas,
 Lhes faz cair nos hombros diuididas.

113.

Hum grande carro chega, onde o valente
Polimio grossas lanças atirando,
A húa, & outra parte o diligente
Carro mouia, o campo atropellando,
Espera lhe dizia, & a espada ardente
Bebia (a grande sede mitigando)
O sangue de Philon famolo auriga,
Que da mão perde as redeas da quadriga

114.

Cae, & espanta os cauallos, que temendo
Tornaõ atrás co carro que tirauaõ,
Quebrãdo as prizões fortes, & corren lo
Em saltos todo o campo atraueßauaõ,
Polux a Vlyßes fae ao campo ardendo
Ambos para ferirse preparauaõ,
Vindose hum para o outro se toparaõ
Nas armas, & as asp. das leuantaõ.

115.

Edandolhe hum reues sobre o reparo
Lhe rompe o Grego o escudo, & lego a
testa,

No cerebro banhaua o fino, & claro
Aço da espada feruida, & funesta,
Foge de o ver o timido Leutaros, (presta
Contra quem braço, & espada o Grego a-
Larga o escudo, & parte acelerado (do.
Mas ninguem por seus pès foge a seu fa-

116.

Hum golpe pelas costas com tamanhas
 Forças lhe deu, que abrindo a armadura,
 Se viaõ palpitar dentro as entranhas,
 Cahindo morto sobre a terra dura,
 Cum brado que abalara altas montanhas
 Cuberta a vista de hũa sombra escura,
 A cabeça no peito que anhelaua
 Antre as valcas da morte reclinaua.

117.

Acodem logo aly Geres, & Parga,
 Com Alcides, Acrisio, Alcimodonte
 A que parece breue, a massa larga,
 Que cada golpe seu partira hum monte,
 Sente das almas noua & grande carga,
 Em feu barco o triftissimo Charonte,
 Que nos dous campos Marte á vencedora
 Morte de tantas vidas fez senhora.

118.

Gorgoris antre tanto valeroso,
 Duas lanças fortissimas brandindo
 Se faz temer, seguindo o vay Lanoso
 De homens a terra exanimes cobrindo,
 No ondado cabelo, que ao fermoso
 Lucilo tè os hombros encobrindo
 Decoramente dece, a enfangoentada
 Mão esquerda reuolue, erguêdo a espada
 Do

Do alto dece o golpe, que desfata
A bella alma, ficando defunida,
Da testa o ouro, do aluo colò a prata,
Na cabeça dos hombros diuidida,
Era de Amintas filho, a quem a ingrata
Parca cortou do mesmo golpe a vida,
Estimado de todos geralmente,
Que era do Rio Minio descendente.

Aqui com nova força, & nouo brio,
Correr se via nua, & noutra fonte
A purpura, que junta forma hum rio,
E erguer de mortos sobre a porta hum
Maronio brauo ao nouo desafio (monte
De dentro sae, sobre a arrugada fronte
Mertilo fere, a que a pezada massa,
Nas armas até os ossos despedaça.

Aqui prouas estranhas de seu braço
Faz o brauo Leostenes, que inuistindo
O inimigo se aparta hum largo espaço,
Por antre as armas graõ caminho abrin-
Aqui Philarco em vagaroso passo, (do,
Hindose retirando, & resistindo,
Os seus recolhe, que consigo enserra,
E a pezar do inimigo as portas serra.



ARGUMENTO

DODECIMO

CANTO.

Reprende Ioue aos Deoses, & querendo
 Ver a batalha dece ao monte Almata,
 As esquadras do monte estava vendo
 Que o Tejo cerca com lasciuu prata:
 Gorgoris com Vlysses combatendo,
 O Grego vence, & de partir se trata.
 A Pallas tendo o templo edificado,
 Entrega a vella, & o pinho ao mar salgado.

I.

NA parte mais sublime, & leuantada
 Do estelifero Olympto omni patente
 De asientos de cristal, & de ouro ornada
 Falla cos Deoses Jupiter potente,
 Com graue aspeito, & fronte carregada
 Enojado os reprende asperamente,
 Todos escuitaõ, & ele o que sentia
 (Tremendo o Ceo de ouuilo) lhe dizia.

2.

Naõ soffro eternos Deoses que se veja
No Ceo tal desconcerto, & indecencia,
Como entrardes com armas, na peleja
Fazendo vossa a humana competencia,
Deixai a emulaçaõ, & a baixa inueja,
Nos Ceos exercitai vossa potêcia, (queza,
Ser forre hum Deos com homens he fra-
Indigna açãõ de aliuua fortaleza.

3.

Esta ordem no Olympo se publique,
E quando alguns dos Deoses soberanos
A quebrar, do alto Ceo priuado fique,
Com pena eterna, por eternos annos,
Que porque aos Deoses mais naõ comu-
nique

Do Baratro abrazado os graues danos
Farey que sinta, para ser neste erro
Exemplo o desterrado, & o desterro.

4.

Ou uêno os Deoses, & nenhum responde
Leuanta se, & do Olympo consagrado
Na dourada carroça fae, por donde,
Das rodas douro estaua o Ceo trilhado:
Botaõ fogo os cauállos, & se esconde
Antre as nuuens o carro arrebatado,
Atè a fronte ferir do monte Almata,
Que do Tejo rodea a crespa prata,

5.

Antre hũ bosque no alto està encuberto,
 E ambos os campos ante os olhos tinha,
 Ve Vlysses discorrer de armas cuberto,
 Que antre os seus animãdoos se detinha,
 Ve Gorgoris que armado em cãpo aberto
 Antre as esquadras lusitanas vinha,
 Num campo, & noutro os olhos apacêta
 Que alegre, & fera vista representa.

6.

lã a noite escura que confusamente
 Nos bosques, & nos môtes que occupaua,
 A fera, & aue, liure, & docemente,
 Na coua, & brando ninho agazalhaua,
 Fugindo vem do sol, que do Oriente
 Lanças de ardente luz, arremessaua
 E antre os bosquejos das suaues cores,
 Vem nascendo os primeiros resplandores:

7.

Com mayor luz a Aurora o luminoso
 Oriente com justo passo abria,
 E o sol claro mais puro, & mais fermoso,
 Do que nunca nacera entãõ sahia,
 Rasgando a noite o manto tenebroso,
 Com noua luz os ares acendia,
 Que por Iupiter, ver esta peleja,
 Nouos rayos vestir o sol deseja.

8.

Os estendidos campos vão cobrindo
Os esquadrões belligeros armados,
Embração escudos, lanças vão brandin-
Scintilaõ puros ferros amolados, (do,
Huns hiaõ feras massas esgrimindo,
Outros dos brauos arcos encuruados
Settas despedem, & co rumor da gente
Se rompe o Ceo, & Abisso juntamente.

9.

Anima a fera tuba, o graue alento,
Cujas vozes horrifonas soaraõ,
Esobre as penas do ligeiro vento
Nas escuras cauernas se dobraraõ;
Arma, arma, repetia o som violento,
Arma, arma, logo os esquadrões gritaraõ
Discordia semeaua em toda a parte
A fera Preuicacia irmã de Marte.

10.

Iá co as infestas armas pelejando,
A lança, a lança oppoem, o peito ao peito
Sobre as forças os animos prouando,
Que aos olhos fazem bello, & duro obieci
A hum a lança voa atrauessando, (to:
Outro co escudo em muitas partes feito
Naõ muda hum passo, & para o imigo
corre, (re.
Sobre seu sangue, & sobre as armas mor-

II.

Assi de ambas as partes igualmente,
 Sem o ardor declinar, se pelejava,
 Depois que a Aurora abrira o Oriente,
 Eo claro sol de seu Zenit olhava,
 E Iuno que do Grego os males sente,
 Vendo que o chaõ de corpos inundava,
 Porque não passe o dano mais auante,
 Detrimina falar ao graõ Tonante.

12.

Gorgoris vê de nouo socorrido,
 Via as mortes que daõ Gerês, & Arga,
 O chãõ de tantas armas opprimido,
 Chea de mortos a campanha larga,
 Dece do Ceo no carro esclarecido,
 Que aos seus pauõs era ligeira carga,
 Para ir vero marido, & por mouelo
 Compõem o bello rosto, & corpo bello.

13.

E no retrete mais secreto entrando,
 Sobre o quicio gemia o pezo graue
 Das portas douro, & de marfil voltando
 A cristalina mão, com aurea chaue,
 Onde a fermosa Deosa entra, & cerrando
 O aposento, de hum oleo mais suaue
 Tetyameno, odorifero, & diuino,
 Vnge o cabelo, & o corpo perigrino.

14.

Jã pelas ondas douro do cabelo
Sulcaua o barco de marfil brunido
Diante quem sem cor fica amarelo
O ouro de enfiado, & de corrido;
Hum delgado sendal, que o corpo belo
Por mais belleza esconde, tras vestido,
Que de hum grande Carbunculo pendia
De que o Cothurno sò fòra fahia.

15.

Das lagrimas da Aurora o congelado
Orualho a Iuno dà graça infinita,
E postas a disguido no toucado,
Outras pedras que o sol cada hũa imita,
De prata hum veo por cima pos delgado,
De belleza taõ rara, & exquisita,
Que no ar do passeio, & graça pura
Faz de nouo fermosa a fermosura.

16.

De parte a Venus fala, & amorosa
Lhe diz agora o Acidalia espero,
Que ainda que contra my te vejo irosa,
Has de fazer o que pedirte quero:
O Hera torna Venus taõ fermosa
Mulher, & ii mã de Iupiter seверо,
Todo o mandado teu sendo mais graue
Me será alem do gosto, ley suaue.

Torna

17.

Torna Iunõ, com animo enganoso,
 Emprestate fermosa, & doce amiga
 Aquele ardor, que acendes amoroso,
 Que os proprios Deoses a quererse obri-
 Que Thetis, & o Oceano famoso (ga
 Quero tornar a sua paz antiga,
 Acabando o diuorcio prolongado,
 Que tanto tempo antre eles tem durado.

18.

Devolve grande amor, porque expellido
 Das estrelas Saturno furibundo,
 Da vndosa Thetis o humido marido,
 Nas ondas me criou do mar profundo,
 Se este diuorcio duro, & taõ comprido,
 Vir acabar por tua industria o mundo,
 Restituindo os dous à graça antiga,
 Obrigada te fico, alem de amiga.

19.

Contra o respeito, & obrigação seria,
 Lhe torna Venus, se isso te negara,
 Que gozando de Amon a companhia,
 Dormes nos braços seus esposa chara:
 Desfata entaõ a cinta onde trazia
 Prezos por obra perigrina, & rara,
 Desejos, veneficios, & os ardores,
 Lenocinios, blandicias, & os amores.

Dalhe

20.

Dalhe o Ceston, dizendo, aqui escondido
 Está o poder mayor de que me arreyo,
 As forças inuenciueis de Cupido,
 Que Iuno guarda no diuino ceyo:
 Dece logo do Olympo esclarecido,
 Os ares fende, & sobre Almata veyo,
 Monte que igual às nuuens se leuanta,
 Dando a beijar ao Tejo a nobre planta.

21.

Do monte vae tomando hũa subida, (re,
 Antre o bosque, que impede o sol arden-
 Fazendo dagoa e pelho, que impelida,
 Ali humilhaua a tumida corrente,
 Como o marido a vé, hũa escondida
 Flama atear pelas medulas sente,
 A causa lhe pergunta, porque vinha
 Do alto Olympo à terra onde caminha.

22.

A quem Iuno responde com engano,
 Déci por visitar a vltima terra,
 Aonde mora Thetis, & o Occeano
 Pay dos Deoses, que o grande Olympo
 enferra:

Soube que estauas Ioue soberano,
 Logrando os brandos ares desta ferra,
 Venho a pedir licença confiada,
 Que permitas que faça esta jornada.

23.

Como a darey replica o graõ Tonante
 (E isto dizendo a casta Iuno abraça)
 Se arder me sinto como tenro amante
 No fogo que me acende a tua graça;
 Nunca a setta de amor taõ penetrante
 Senty, qual esta, o peito me trespassa,
 Nem quando o mar sulquei mudado em
 Touro.

Ou me fis chuua, & brando orualho de

24.

(ouro.

Nem de Agenora filha soberana,
 Que Minos me criou, & Radamanto,
 Nem Alcmena, nem Sebeles Thebana,
 Nem Leda ou Ceres me abrazaraõ tanto,
 Nem Anthyopa bella, & mais que huma-
 Nem Calyxto de sua idade espanto, (na,
 Nem de ty finalmente, que já outra ora
 Gozey, me vy taõ prezo como agora.

25.

Nos ares hũa nuuem se dilata,
 Que a vista ao claro, sol está impedindo,
 Crescendo engrossa em circulos de prata
 Cheiro pelo ar suaue despedindo,
 Logo em puros chuueiros se desfata,
 Que em gotas suauissimas caindo,
 Deixa as eruas, & plantas levantadas
 De mole ambar, & ambrozia rociadas.

E porque a bella Iuno agora via
 Lugar, & hora a tudo acomodada,
 Para alcançar de Ioue o que queria,
 Lhe falla mais mimosa, & confiada:
 Por esta nossa alegre companhia,
 Se de mi couza algũa hoje te agrada,
 Hũa quero pedirte, & tudo espero
 Se igualas o que podes, co que quero.

Vejo Vlyffes, senhor, andar vagando
 Por mares nunca de outrem nauegados
 Do Ægeio nas ondas, & Oceano errando
 Vencendo o vento, & mares empolados,
 Agora pelo doce Tejo entrando,
 Tem co a Cidade os muros leuantados,
 Pa decendo trabalhos infinitos, (tos.
 Que em papel deuem ser de bronze escri-

Gorgoris com prolixo, & dura guerra
 O tem cercado, & com mortal estrago,
 O vale humilde, & leuantada ferra
 Se vem feitos de sangue hum negro lago
 Negalhe o fado o mar, negalhe a terra,
 E eu que os meus Gregos nestes olhos
 trago, (mo
 Com as lagrimas que em vaõ deles derrama
 M'atro pouco que posso, o muito q' amo

29.

Venceo os climas varios desta esphera,
 Os casos da fortuna, a natureza,
 Que de tanta importancia aos fados era
 Fundar a altiua gente portugueza,
 E quando erguer a graõ Lysboa espera,
 Das Cidades de Europa alta princeza,
 Por mar que nunca de outrẽ foy cortado
 Dum clima noutro vay, dũ noutro fado.

30.

Peçote agora, se contigo valho,
 Que se acabe taõ aspera peleja,
 Tantas mortes crueis, tanto trabalho,
 A males taõ sem fim, seu fim se veja:
 He hem que des a tudo honesto talho,
 E por ty defendido Vlysses seja:
 Mouate grande Anxuro ao que te peço
 Que o mereça a rezaõ, se o naõ mereço.

31.

Isto dizendo com suave afronta
 Co a maõ cobria a vista magoada,
 Nadando em agoa, que a sahir aponta
 Para seu rogo achar facil entrada;
 Quem naõ farà de tais extremos conta,
 Lhe diz, tendoa nos braços apertada,
 Que hũa lagrima tua a alma me rende,
 Que saõ faiscas com que amor me acẽde.

R

Para

32.

Para que possa verte hoje contente
 Cesse a contenda taõ ferida, & braua,
 Vejamos o que o fado nos consente,
 E o que por ele decretado estaua:
 Logo toma na maõ omnipotente
 Hũa aurea balança onde pezaua
 De ambos a vida, & fado, assi reparte
 Igual o pezo, numa, & noutra parte.

33.

Na maõ se ve a balança leuantada,
 Onde os fados, & as mortes suspendia,
 De Gorgoris a forte mais pezada
 (Subindo a outra ao alto) ao chaõ decia
 Vendo aly sua morte declarada,
 Toa hum trouaõ no Ceo, donde sahia
 Sobre o estendido campo hum grande
 rayo,
 Que aos lusitanos deu mortal desmayo

34.

Os caualllos dos rayos offendidos,
 Amedrentados para tras correraõ,
 Arga, & Geres da graue luz feridos,
 Iã co as armas os olhos suspenderaõ,
 De pavor atalhados, & impedidos
 Os soldados, co avista não puderaõ,
 Sofrer a luz medonha, que mostraua
 O Ceo, que se bre os campos fuzilaua.

35.

Tremem todos do caso inopinado,
 Arriçase o cabelo ao mais valente,
 O coração tremendo bate o lado,
 E os estremos ocupa o frio urgente,
 Foge do rosto a cor, & o congelado
 Sangue se faz de neve, sendo ardente,
 Todos perdem valor, todos o brio,
 A que segue hum suor mortal, & frio.

36.

Juno alegre os juelhos poem por terra,
 Do marido o fauor alto agradece,
 Hoje, diz ele, a prolongada guerra
 Em tuas bellas mãos Deosa fenece
 Creça a noua Eysboa, em quem se enfer-
 A esperança do Ceo que nela crece: (ra
 Deixaõ do monte o cume levantado,
 Que o nome antigo em pouco tem mu-

37.

(dado.

No graõ carro de Iupiter subiaõ,
 Que do senhor o graue pezo fente,
 Do Oljmpo se abre a porta, onde se vĩaõ
 As horas asfiltir perpetuamente,
 Na grande sala entrando, onde luziaõ,
 Varios assentos, Jupiter potente
 No mais alto lugar do Ceo subia,
 Que com seu grande pezo estremecia.

R 2.

Estando

38.

Estando os lusitanos temerosos,
 Na apertada Cidade recolhidos,
 Aly os Gregos instauaõ victoriosos,
 Com rebates, com gritos, & alaridos:
 Vlysses chega ao muro, & dos neruosos
 Braços os fortes dardos despedidos,
 Por cima voaõ dos guardados muros,
 Aonde eles se tem por mal seguros.

39.

A Gorgoris Vlysses desafia,
 Que a singular batalha a campo faya
 Ou corpo a corpo, ou traga companhia,
 Qual na eleiçãõ, ou qual na sorte caya:
 Ele a aceitaua, & já se apercebia (faya,
 Por lança empunha o tronco de hũa
 Lanoso de armas fortes se guarnece,
 Com ele ao risco, & morte se offerece.

40.

Pallas que assiste a Vlysses soberano,
 Pera que armas fortissimas levasse,
 Ao centro dece, & a lança de Vulcano,
 Que o elmo peito, & escudo lhe forjasse,
 Onde do novo imperio lusitano
 O nacimiento illustre declarasse,
 Dando com muda, & eloquente historia
 Breves finais da portugueza gloria.

Obedecẽ-

41.

Obedecendo a seu divino rogo,
 Vulcano a obra ordena, & na abrazada,
 Officina desperta as chamas logo,
 E aos valentes Cyclopes chama, & brada;
 A massa co a tenaz volue no fogo,
 A mão já do martello calejada,
 Ferruginea he a cor, rosto tostado,
 De sulcos profundissimos laurado.

42.

là Brontes, & Pyragmon reuoluião
 Hũa grande bigorna, que diante
 Assentaõ, & sobre ella se estendiaõ
 As veas de ouro fino, & de diamante,
 As cavernas altissimas mugiaõ, (trante,
 Ao som de hum golpe, & doutro pene-
 Ele os metais no fogo intenso acende,
 Que na bigorna em laminas estende.

43.

Com graõ furor os braços levantados
 Na incude sonora hiaõ batendo
 Que em horrenda harmonia concertados
 Vaõ huns golpes a outros sucedendo,
 Das faiscas os ares abrazados
 Em roda estauaõ, ao metal ardendo
 No chaos do fogo, aonde se inflamaua,
 Espritos infundia, & formas daua.

R 3

Pallas

44.

Pallas a vista estaua apacentando
 Nas obras do alto tecto penduradas,
 Nos peitos que Vulcano hia laurando,
 Armas a Heroes diuinos fabricadas,
 Hũas pulindo vae, outras forjando,
 Noutra parte com azas inflamadas
 Os rayos via, com que o soberano
 Ioue abrazara os filhos de Tytano.

45.

Via da bella Cynthya o dardo agudo,
 Do brauo Alcides o bastaõ pezado,
 De Perseo o elmo, & rutilante escudo,
 De venenosas Serpes coroado,
 A fouce de Saturno aspero, & rudo,
 Da verde Cereso fecundo arado,
 De Neptuno, & Plutaõ, via pendente
 Junto ao Tridente azul, ferreo bidente.

46.

(nente

Douro, & de bronze as trompas emi-
 Com que em remotos mares, & Cidade
 A fama sobre as azas diligentes,
 Hora incertezas leua, hora verdades,
 Os grilhoẽs, & fortissimas correntes,
 Onde Eolo prende as feras tempestades
 E noutra parte pendurada estaua
 Do amor, & morte, a ardente, & fria a
 jaua. Forj

47.

Forja Vulcano as armas, & com ellas
 O fortissimo escudo, onde se viaõ
 Douro varias figuras, que de velas,
 Cegaua a clara luz, que des pediaõ,
 O elino, a gola os braçais as escarcelas
 Entre sy nos lauores respondiaõ, (me
 E o que nellas de Lemno o fabro impri-
 Com alma viua, o metal mudo exprime.

48.

No mais alto do escudo torreada
 Lysboa estaua, aos seculos futuros
 Dando leis, sobre as margens assentada
 Do Tejo, que a rodea em cristais puros,
 Onde na vea clara, & sossegada, (ros,
 Forma immortal treflado de seus mu-
 E em cujos campos paze o verde feno
 O cauallo dõ perfido Agareno.

49.

Logo estaua em figuras releuadas,
 O grande Afonso, em quem o Ceo ca-
 terra.
 O valor grande, as forças estremadas,
 Com que profigue a sanguinosa guerra,
 Que com fortes esquadras ordenadas,
 Vem conquistar a lusitana terra,
 Dando por preço o sangue que derrama,
 Para estender a vida pela fama.

50.

Vestido o arnes dourado, & rutilanté,
 Sò o fermoso rosto defarmado,
 Aprazivel, & graue no sembrante
 As suas hostes animaua armado,
 Ao muro punha escadas, & diante
 De todos com esforço não domado,
 Subia a ver o Mouro, que o recebe
 Co alfange nu, que tanto sangue bebe.

51.

Noutra parte co ariete tentauaõ
 As fortes portas, noutra victoriosos
 Pelas torres bandeiras aruorauaõ,
 Por trofeos de victoria gloriosos,
 Noutra do muro a baixo despenhauaõ,
 Os que tentaõ subir mais animosos,
 E as figuras que o escudo guarneciaõ
 Parece que falavaõ, & que sentiaõ.

52.

Via-se o grande Afonso, que cingia
 Delouro a telta, & antre seus soldados,
 Da batalha os despojos repartia,
 Com seu sangue adqueridos, & compra-
 dos:

Iustas leys dava aos pouos que regia
 Cõ temor não, mas com amor damados
 Que são as leys o mayor bem da terra,
 Armando a branda paz, ornãdo a guerra.

53.

Via-se noutra parte debuxada,
 Com singular affecto da escultura,
 Afrontando a Lysboa a grande armada,
 Prenhe de armas, de fogo, & guerra dura,
 Aonde os muros seus com mão armada,
 A Castelhana gente entrar procura,
 E Dom Nuno Aluares sò forte, & con-
 Resiste a tudo, a tudo está diante. (stante

54.

Entre muitos vibraua a generosa
 Espada, onde cortaua muitas vidas,
 Purpureando a praya sanguinosa,
 De graõ copia de sangue das feridas,
 Turbado está porem na perigosa
 Peleja, & das espadas homicidas
 Decem os graues golpes, que as pezadas
 Armas tem por mil partes aboladas.

55.

Noutra parte a escultura representa
 Hũa grande batalha, onde se via
 Que a gente portugueza se apresenta
 Contra a que em grande numero exce-
 Com desigual partido se sustenta, dia,
 Té que trocando em medo a ouzadia
 O Castelhana foge profligado
 Do inimigo, a vencelo acostumado.

R s

Al

Aly o mestre de Auiz está abraçando,
Ao soldado que a facha lhe tomava,
E afronta recebida compensando,
A mesma afronta com seu sangue lava,
E por vingarse o campo atravessando,
Tè render o inimigo não parava,
Entregando por mais honrosa preza,
A bandeira espanhola à portugueza.

Pallas ao Grego as armas offerece,
Que de Lemnos o insigne fabro obrara,
Ele vendoas se admira, & lhe parece
Alta fadiga, & de laoures rara,
Veste se, & armado nellas resplandece,
Cercado de hũa luz, ardente, & clara,
Fazendo asi temer se, que não parte
Da quinta esphera mais armado Marte.

Vlysses, & Creonte ao campo vinhaõ,
Vestidos ambos de armas excellentes
Tremolão as bandeiras, com que tinhaõ
Cuberto o campo os Capitães valentes
Fazem os juramentos que conuinhaõ,
E sossegando os animos ardentes,
Gorgoris num altar, que a Ioue erguia
Tres vezes beija a terra, & lhe dizia.

59.

Eterno Amon, que sendo acometido
 Da humana insania o cristalino muro
 Vibraste os rayos, com que foy ferido
 Briareu em seus braços mal seguro:
 Deste fero inimigo perseguido
 Defenderme offendido sò procuro
 De ty aprendo a defender na guerra
 Qual tu o proprio Ceo, à propria terra.

60.

Vlyffes neste tempo, està postrado
 A Iupiter, dizendo, ò soberano
 Senhor, por quem nos mares arrojado
 Venci soberbas ondas do Oceano,
 Por ty tenho Lysboa leuantado,
 A obra he tua sò, que braço humano
 Não pode tanto, espero que se veja
 Que tudo acaba quem por ty peleja.

61.

Apercebidos ao combate duro,
 A diuidida praça ambos tomavaõ,
 Do campo armado, & do soberbo muro,
 Com grande suspensaõ todos olhavaõ:
 Calypso, & a chara mãy, que o mal segu-
 Duelo afflige, tristes lamentavaõ: (ro,
 là promeças a Jupiter faziaõ,
 Com que a vida que amavaõ lhe pediaõ.

R 6

Co

62.

Coa mãy triste Calipso triste estaua,
 Que o que sente guardaua sò consigo,
 O perigo do pay a acobardaua,
 E igualmente temia o do inimigo,
 A rezaõ de hũa parte a obrigaua, (gò
 O amor a obriga, & mete em mòr peri-
 E entre as forças do amor, & do receo
 Menos sente seu mal que o mal alheo.

63.

Que dura condiçãõ a em que me vejo
 Calipso diz, cansada, & affligida,
 Pois amo a sem rezaõ de meu desejo,
 Porque em perder a vida tenho a vida:
 Que vença o grande Gorgoris desejo,
 E das armas do Grego estou rendida,
 Aonde a vida posso ter segura,
 Se eu contra my dou armas à ventura?

64.

Se vence Vlylles vejo desta sorte
 Sem vida o pay, sem Rey a propria terra,
 Se ele vence se, vejo minha morte
 Acho esta guerra paz, esta paz guerra:
 Hum fraco coraçãõ em mal taõ forte,
 Que poderà seguir, pois em tudo erra
 Em que incerta balança a vida tenho,
 Pois onde a uiuer vou a morrer venho.

Se

65.

Se a Gorgoris victoria a sorte desse,
 Este erro, ou este amor, que está encuber-
 Se por algũa via se rompesse, (to,
 Que me custasse a vida era muy certo:
 Remedio amor, que a alma desfalece,
 Que não sey onde erro, ou onde acerto,
 Guiai fados o caso, & vos prestantes
 Deidades, que ajudais tristes amantes.

66.

Vem neste tempo a praça atravessando
 O grande Vlysses, no hombro vay mo-
 A lança, que brandia scintilando, (uendo
 Da planta o chaõ batido está tremendo,
 Co graõ rumor das armas excitando
 Nos que de fóra o vem, pavor horrendo,
 O escudo Leostenes lhe trazia,
 E em continente airoso ele o seguia.

67.

Gorgoris doutra parte alto, & membru-
 do, (gante,
 Que na estatura iguala a hum grão Gi-
 De laminas cuberto, a quem o escudo
 O soberbo Alcion leua diante, (gudo,
 Por lança hum grande tronco, que o a-
 Ferro largo guarnece rutilante,
 No elmo ardente sobe a pluma toda,
 Que açouta o ar co a perigrina roda.

Lanoso com Creonte, em igual passo,
As lanças empunhauão como antenas,
Em cujas forças, & robusto braço
Ficão tão leues, como leues penas;
Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,
Antre as plumagens grandes, & pique-
nas,

Scintila o elmo, a espaços bem laurado
Caelho do hombro o curuo altange ao
lado.

As bandeiras no ar suaue, & puro,
Vaõ ondeando, as roucas tubas soaõ,
As almas suspendia hum brauo, & duro,
Horror das armas, com que o campo a-
tã com braço, com animo seguro (troãõ,
Lanças arrojaõ, que apreçadas voaõ
A receber o ferro que caminha,
Cada qual prompta a vista, & escudo

Iã Gorgoris co braço leuantado
A lança despedia, & não podendo
Hir auante, do ferro atraueffado
Seve o escudo, & dele estã pendendo:
Quando a lança de Vlyffes o delgado
Ar com azas ligeiras fac rompendo,
O escudo morde, & refualando toca
A plumagem, que a serpe tem na boca.

71.

Deão no campo os Gregos grande grita,
 E com aplauso o golpe alto seguirão,
 As espadas nas mãos com infinita (girão:
 Colera hum contra o outro a hũ tempo
 Lanoso, & o grão Creonte, a quem incita
 Grande furor, as lanças já se atirão,
 Errão o golpe as haltas carregadas;
 E as mãos punhão nas feruidas espadas.

72.

Aos feros combatentes a ferida.
 Batalha tinha posto em grande aperto,
 Botadas as espadas, & a temida
 Fortuna, de ambos num estado incerto,
 A armadura fortissima partida
 Por mil partes, o forte escudo aberto,
 Mostrão o armado corpo desfarmado,
 E o chão de plumas, & armas semeado.

73.

Talhos, reuezes tirão tão pezados,
 Que acertando no corpo ou alta fronte,
 Não bastão armas, & elmos temperados,
 Que fender cada qual pudera hum mon-
 Vemse juntos agora, & já apertados, (te,
 Sem que o esforço, ou a destreza monte,
 Para não serem as armas esparzidas,
 Do sangue alheo, & proprio das feridas.

Nã

Não faz tão grande estrondo o correga-
 Ariete, co a testa alta batendo, (do
 Nem o soberbo vento, quando irado
 Os matos, & arvoredos vae rompendo;
 Nem o mar, em seu leito levantado
 Contra o penhasco o colo azul erguen-
 Como a graõ tempestade, que cahia (do,
 Que os escudos fortissimos batia.

Gorgoris no alto a espada levantando,
 Mete Vlysses o corpo, o braço estende,
 Ao fero golpe o braço, & escudo dando,
 O do inimigo pelo pulso prende,
 Gorgoris por soltar-se trabalhando
 Faz grande força, a tudo o grego atende,
 Numailharga que está menos armada
 Mete com todo o braço toda o espada.

Deixando as armas Gorgoris afferra
 Nos braços a Vlysses duro, & forte,
 Começão ambos outra nova guerra,
 Onde procuraõ melhorar a forte,
 Quando Alcides o filho ergueo da terra,
 Nos braços onde teue honrrada morte,
 Não fez tal força, porque nestas lides
 Ambos desejaõ parecer Alcides.

77.

Asfi apertados nestes duros laços.
 O negro sangue, & o suor vertendo
 Cos pes se fazem forças, & nos braços
 Hum do outro cahio com golpe horren-
 Qual do alto cae fazendo se pedaços (do,
 Antiga, & dura enzina, não podendo
 A furia refiltir, & mouimento,
 Com que lutando está co brauo vento.

78.

Gorgoris mal ferido está banhando
 Com espumoso sangue a terra fria,
 Aly as forças vltimas prouando,
 Por melhorar se o corpo reuoluia,
 Astrea que com a morte o ve lutando
 Calipso, que esta dor melhor sofria,
 Sustentaua nos braços desmayada, (da.
 Que aonde ha dor pode escurar se espa-

79.

Proua de nouo a erguer se, & não poden-
 Co agraõ força que faz abre a ferida, (do,
 Sangue, & alento cada hora vae perden-
 Tendo chegado ao vltimo da vida, (do,
 Vlysses que o ve tal, nao lho sofrendo
 A alma de feu mal enternecida,
 Lhe roga que se renda, & se retira,
 Ao que ele respondia, ardendo em ira.

O inimi-

O inimigo, agora sò inimigo,
 Pois pedes que me renda a tua fortuna,
 Usa da forte, que ella vsou contigo,
 Que achaste fauorauel, & oportuna,
 Que eu não te temo a ty, nem o perigo
 Da vida, que me agraua, & me importu-
 na, (ra,
 E entãõ com nouo ardor, se ergue da ter-
 E com ambas as mãos a espada afferra.

Posto que fraco, & debil se animaua,
 Sobre a cabeça a alta espada erguia,
 E dando o vltimo golpe se poltraua,
 E sobre as armas sem vigor cahia;
 As feridas abertas dilatava,
 Donde o sangue com mór furor corria,
 Qual na vella se ve, que o debil fogo
 Para viuer esforça, & morre logo.

Cahio, & junto dele a propria espada,
 Debil, exangue, os olhos ocupando
 A eterna sombra, a vista carregada
 Em agoa, & morte sem vigor nadando,
 Tè que a alma ferida, & desatada
 Os membros que animou desemparan-
 Foge, apar dele o Grego taõ ferido (do
 Fica, que he uencedor quasi vencido.

83.

Assi do alto cae o rayo adusto
 No antigo roble, ou pinho, que prouado
 Tem de Boreas, & de Euro o sopro inju-
 E os cabelos mil vezes renouado, (sto,
 Cae o tronco no chaõ graue, & robusto,
 E morto fuma exanime poltrado,
 Tal Gorgoris seve que da cahida
 Deitando a alma està pela ferida.

84.

Creonte neste tempo, & o graõ Lanoso,
 As pezadas espadas leuando,
 Hum estrondo excitauaõ temeroso,
 As fortes armas, & elmos abelando:
 Naõ pode achar se peito taõ neruoso,
 Nem forte escudo, que naõ seja brando,
 Aos fortissimos golpes das espadas
 Feitas nos fios ferras de embotadas.

85.

Quando Creonte, que ferido andaua
 No rosto, & da ferida lhe corria
 Grande copia de sangue, ajuelhaua,
 E sem poder softer se o chaõ media,
 Vay sobre ele Lanoso, a quem gritaua
 Vlysses tente, ò barbaro dizia,
 Porem por mais que a defendelo corre,
 Quando os braços lhe dà, neles lhe mor-
 re. Espe

Espera, lhe diz, barbaro insolente,
 Que nesta espada leuo o teu castigo,
 Nao te matou Creonte, porque sente
 Que a seu lado me tinba aqui configo,
 Tu que me buscas tão insanamente
 Aqui tens, diz Lanoso, o mór perigo,
 Que nesta espada perfido homicida
 Me pagaràs de Gorgoris a vida.

Começão os dous mestres da batalha
 Outra noua peleja, inda mais dura,
 De ponta hum mete a espada, outro tra-
 Por desfazer a debil armadura, (balha
 Hum rompe o escudo, o outro abre a
 malha:

Senhora està das vidas a ventura,
 A Vlysses causa afronta, & move a espan-
 Como Lanoso em pè lhe dura tanto. (to

De honroso fogo, & de vergonha acezo
 Lançando atras o escudo, nas mãos toma
 A forte espada, que co graue pezo
 O orgulhoso inimigo abate, & doma,
 Ele que a morte trata com desprezo,
 Vendo que hum golpe cae, & que outro
 Pelos fios corria, que despreza (assoma
 O inimigo, a vida, & a def za.

89.

Porem o Grego astuto, vendo a preça
 Com que Lanoso a ele se arrojava,
 Retirandose vay, sem que pareça
 Que prouarse em seus braços receava,
 E neste mesmo tempo, lhe atravessa
 Com mortal ponta a testa, que banhava
 De cerebros, & sangue, que feruente
 A boca ocupa, & lingua balbuciente.

90.

Sobre as armas cahio, sobre ele o escudo,
 Que com o golpe altissimo soaraõ,
 E ao robusto tronco, alto, & membrudo
 Os vencedores Gregos despojaraõ,
 Os lusitanos com silencio mudo
 O corpo de seu Rey morto cercaraõ,
 Aly choraõ com ele, & desta sorte
 Sentem sua curta vida, & triste morte.

91.

Triste por que o amigo morto via
 Estaua o Grego, & em tanto se tocuaõ
 As trompas, cuja voz se repetia
 Nos montes, que à victoria aplauso da-
 Entra a noua Lysboa, onde crecia (uaõ;
 A esperança, que os fados leuantavaõ,
 A quem Vlysses, por quem foy fundada,
 Primeiro de seu sangue vio regada.

Prodigio

92.

Prodigio certo que inda o fado espera,
Que nesta terra, & neste immortal ninho
Nacerá gente bellicosa, & fera, (ho
Que rompa todo o mar com alado pinho
E passando os lymites da alta esphera,
Alem donde tem Phebo seu caminho,
Verá seu grande imperio dilatado,
Co sangue de suas veas derramado.

93.

Os lusitanos a seu Rey em tanto,
Hum triste andor, chorando apercebiaõ
Eles detras com saudoso pranto
Enchendo o ar de magoas, o seguaõ,
Logo de hum negro, & enlutado mante
No andor funeste a Gorgoris cobriaõ,
Para a triste Cidade o vaõ leuando,
Com lagrimas o morto corpo honrran-

94.

Leuauaõlhe diante o estoque agudo,
E as proprias armas, com que andaua ar-
O elmo forte, & rutilante escudo, (mado
Ainda de fresco sangue rociado; (mudo
Hum trofeo erguem que era exemplo
De obras de suas mãos viuo traslado,
Alonga ordem dos lumès o comprido
Caminho abraza, em partes diuidido.

Astrea

95.

Astrea aly com a vista mal segura,
 Em falso pranto desfalece, (ra
 Crece co pranto a dor, & em dor tão du-
 Falta o sentido, & o sentimento crece,
 E quando ve eclipsada a fermosura
 Que com a eterna sombra se escurece
 Cum suspirar que dalma lhe fahia,
 Cega de amor, & lagrimas dizia;

96.

Querido esposo, com rezão querido,
 Primeiro amor desta alma, ultimo della;
 Pois na alma por amor viueste unido;
 Morto agora terás sepulchro nella;
 A dor de contemplarte así ferido
 Já me matou, entrando a padecela,
 Pois viuo em viuo fogo, & pranto viuo,
 Que a dor só viue em my, que eu já não

97.

(viuo.

Cobre o Ceo de teu rosto sombra escura;
 E he tal sua belleza, que inda agora
 O ar da quella antiga fermosura
 Que morou em teu rosto, nele mora;
 O corpo triste, ò amavel sepultura,
 Cuja vista offendendo así namora,
 Viuo autor desta vida, a quem a sorte
 Morto fez nouo autor de minha morte.

Voas

98.

Voasa paz segura, & nesta guerra
 Me deixas, taõ amado, & doce amigo,
 Minhas saudades là contigo encerra,
 Eo meu primeiro amor guarda contigo,
 Contigo me ferà mais leue a terra,
 Suaue a morte, & gloria o mòr perigo,
 E se viuo a pezar da Parca dura,
 Viua entrarci na mesma sepultura.

99.

Calipso em tanto a Vlysses victorioso
 Com seu filho nos braços se offrecia
 Qual dispois da tormenta o sol fermoso
 Tras nos braços da Aurora o nouo dia,
 Neles a espera Vlysses amoroso,
 E hum retrato da mãy no filho via,
 Menos graça que os dous aly tiuera
 Co bello filho a Deosa de Cythera.

100.

Da Cidade a muralha leuantada,
 Vaife aperfeiçoando, & vay crescendo,
 A que o Tejo com vea sossegada
 Obedece, mais brando aly correndo,
 Sobre hũa, & outra porta torreada
 Vaõ ameas às nuuens excedendo,
 Quer Vlysses partirse, & se recrea
 Em trabalhar nos muros de Vlyssæa.

Calypso

101.

Calipso que o sospeita tristemente,
 De visões, & de sonhos perseguida,
 Em lagrimas distila a dor que sente,
 Qual cae da ferra, a neve derretida,
 Hũa criada sua tem presente
 Que procurando vela diuertida,
 Sendolhe em suas penas companheira,
 Lhe diz, pela abrandar, desta maneira.

102.

Naõ permitirà o Ceo, alta Princeza,
 Que seja verdadeiro o teu cuidado,
 Que os sonhos são effeitos da tristeza,
 Nuuês de que o Ceo dalma anda toldado
 Naõ offendas senhora essa belleza,
 Afrontando teu rosto dilicado,
 Que dessa vista he a luz taõ poderosa,
 Que atè a mesma tristeza faz fermosa.

103.

Como do sol os rayos transparentes,
 Quando entraõ no mar de luz escaços
 Formaõ nas nuuens corpos differentes,
 Castellos, & gigantes de cem braços,
 Onde aquellas imagens apparentes
 O sol cos rayos atraueffa a espaços,
 As formas muda, & com eterno lume
 Hũas de sy aparta, outras consume.

S

assi

Afsi o cuidado triste a que te entregas,
Effes castellos vaõs ergue no vento,
Crendo as leues vizõis, tristes, & cegas,
Que são filhas do ar sem fundamento,
Sea saber a certeza agora chegas,
Com foflegado, & liure pensamento,
Veràs, que tudo quanto te entristece,
Como hũa sombra ao sol desaparece.

Vendo Vlyffes que o muro se acabaua,
E o tempo de partir se vem chegando,
As faudades cos olhos lhe contaua,
De sua graue dor effeito brando,
Qual Vesuuio seu peito se abrazaua,
Com suspiros os ares inflamando,
Falla a Calipso, & mal fallar podia,
Que as palauras cõ as lagrimas rompia.

Quem poderà em tão duro apartamêto,
Obedecendo às forças do dittino,
Esconder dentro nalma o sentimento
Que em furor se conuerte, & desatino,
Se me partir cã fica o pensamento,
Que eu estimo, & adoro por diuino,
Dura partida he esta, aonde a vida
Para acabarme, ha de acabar partida.

107.

A fortuna cruel, que me desterra,
 Em canfarme naõ faz nunca mudança,
 No mar os ventos me fizeraõ guerra,
 Sem nunca achar aliuiõ, ou ter bonança,
 Os perigos do mar achei na terra,
 Doutra tormenta noua semelhança,
 Aberta a alma ao pezo dos pezares,
 Vento os suspiros, os meus olhos mares.

108.

Leuarei na minha alma a tua idea,
 Cujã vista suaue a dor me abrandã,
 Que me faz parecer a morte feã,
 Sendo feã, & cruel, alegre, & brandã:
 Nestes affeitos, a saudosa veã
 Brandos sinais de amor aos olhos manda
 Nas lagrimas do fogo, que dei ramo,
 Onde sempre arderei como sempre amo

109.

De ouuillo estã Calipso amorteçida
 Maltratando seu rosto, & sua bellezã
 Chorando diz, porque me deixa vida
 Quem leua o gosto della, & me despreza
 Bem sospeitada foi, mal merecida
 Esta pezada dor, que tanto peza,
 O morte donde estã, tu me socorre,
 Que quem ama so acerta quando morre.

S. 2

Arã

IIO.

Arrancaua hũa maõ, outra feria,
Os cabelos, & rosto, & a brandura
Do aluo peito aos golpes offrecia,
A maltratada, & rara fermosura,
Quer fallar mas a pena lho impedia,
Pegandose nas fauces a voz pura,
Queixauase, & do justo sentimento,
Amor o pranto leua, a queixa o vento.

III.

Chorando diz, ò ingrato que nas treuas,
Desta ausencia me deixas sepultada,
Deixame a melhor parte que me leuas,
Ou leua esta que deixas apartada, (uas,
Naõ te obrigo co amor, porque mo de-
Que de quem me deixou naõ fuy amada,
Por mulher sò que te amo, & assi deixas
Podem ser admitidas minhas queixas.

IIZ.

Fogefme quando tanto amor te tiue,
E destes filhos, que te hiraõ seguindo,
Eles morraõ por ty, tu Vlysses viue,
Olha de que inimigos vas fugindo:
Quaõ enganada noutro tempo estiué
Que me amauas (ah triste) prezumindo,
Tua partida agora me declara
O engano em que viuy, que naõ passara.

Aqui

113.

Aqui parou chorando amargamente,
 E mostrando na vista mil affeitos
 Dizia, que me deixas finalmente,
 Nisto são fortes os valentes peitos,
 Deixas-me porque chore estando ausente
 Noites veuvas, dias imperfeitos,
 Vielte amigo Vlysses a esta terra
 Fazer-me Troya de amorosa a guerra.

114.

As torres de minha alma affaltos deraõ
 Desejos inuenciueis, a que o fado
 Dobrou a força, com que me venceraõ,
 Eo Ilion desta alma vi abrazado,
 Nouos incendios em meu peito arderaõ
 Quando da liberdade vi postrado
 O nobre muro, & apos a ardente chama
 Vi a faco metida a propria fama.

115.

(ada

Com que honrra has de deixarme rode-
 Destes filhos, que tu quizeste tanto,
 Triste mãy, que com eles abraçada
 Enxugarà o seu pranto co seu pranto;
 Deixandome antre os meus taõ despre-
 Que na esperãça do Hymineo sãto (zada,
 Meus erros disculpaua a rude gente,
 Quem me disculparà vendote ausente?

Permite ingrato amigo que te siga,
 Hirteey feruindo em toda a aduersidade;
 Se como amiga não, como inimiga
 Trumphant de minha liberdade:
 Quando vistas o peito, & a loriga,
 Para a batalha com mayor vontade,
 Verás que de diante me não mudo,
 Leuandote o escudo, & fendo escudo.

Tomalhe então a mão para beijala,
 Sem mais dizer, que sua doce magoa
 Ehe interrompe as palauras quando falla,
 Enchêdo a alma de fogo, & os olhos d'a-
 Diz muito mais Vlylles no que calla, (goa
 Mais acendem suas lagrimas a fragoa
 De Amor, Calipso chora, & tem nos bra-
 Os filhos seus que d'alma são pedaços (cos

Então lhe torna, ò minha doce amiga
 Que a dor fazes mortal desta partida,
 Não me esquece a afeição suaue antiga,
 Para folgar de verte assi offendida,
 Que tu não podes ser minha inimiga,
 Nem serua, merecendo ser feruida
 Desta alma, aonde viues, & onde agora
 Como em templo de amor a fê te adora.

119.

Tuas lembranças dentro na alma leuo,
 Se alma leua consigo quem se parte,
 Ir-me Jupiter manda, & não me atreuo
 Deter-me, que o meu gofio era agradarte,
 Não me pode esquecer o que te deuo,
 No mar, na terra, & no furor de Marte,
 Tua memoria doce, & namorada,
 Em minha alma saudosa hirã crauada.

120.

Decendo à praya, o lenho fugitiuo
 Calipto vendo, aly fufpira, & chora,
 Segue à morta efpérance a hum pranto vi-
 Que a mefma cauza de feu mal adora: (uo
 Mas os fufpiros leua o vento efquiuo,
 As lagrimas que faem dos olhos fõra
 O mar furdo bebia, em cujo eftremo
 Se aprefta a ingrata vella, & ingrato re-

121.

(mo.

Eclifpada da vifta a fermofura,
 Seu proprio rofto fere impaciente,
 Eparfe o ouro da madeixa pura,
 E o peito bate com furor vehemente,
 Avoz folta gritando, que procura (te
 Que moua a quem amaua, a dor que fen-
 E o mar, quando nas prayas fe quebraua,
 Parece que do caso murmuraua.

S 4

Vaite

Vaire, dizia Grego, & com mais penas
 Euro veloz o ar, & o mar abrindo,
 De fauorauel curso estas antenas,
 E prospero te vâ sempre seguindo,
 Eu antre a dor, & males que me ordenas.
 Teu nome, & minhas magoas repetindo,
 Queixandome e starey, ao Ceo, & estrelas
 Contando os males meus, que são mais

Deixame ingrato Grego a crua espada,
 Do meu paternal sangue já tingida,
 Pera que morra ao menos consolada,
 Se em seus fios cortar o desta vida,
 Deuias de entender que era escuzada
 Pois bastaua esta dor pera homicida,
 Procuraste matarme desta sorte
 Fazendo eterna, & immortal a morte.

O mar, ò Ceo, que as glorias fugitiuas
 Vistes do meu primeiro pensamento,
 A vos co avoz de lagrimas esquiuas
 Se queixa dando vozes meu tormento:
 Vos penedos, que testemunhas viuas
 Sois das horas de meu contentamento,
 Montes onde espalhei faudades tristes,
 Bosques que meus segredos encubristes.

125.

A vos em vão me queixo, & o mar irado,
 E irado vento, em vão mouer procuro,
 Mar furdo, & furdo vento, que alterado
 Açouta este rochedo aspero, & duro:
 Aqui do debil laço desatado (puro
 Meu espirito este mar, & este ar mais
 Ha de turbar, oh ingrato, lhe dizia,
 Bo ceño, o ingrato, ò ingrato, repetia:

126.

Hũa montanha, & ferra inhabitada
 Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
 Espalda a cerviz dura de encuruada
 Mostra que o cristalino Ceo sustenta,
 De pungentes espinhos coroada,
 A fereza das pedras se acrescenta,
 Que pendentés do alto estaõ mostrando,
 Que sobre o mar se vão precipitando.

127.

A baixo ferue o mar, em cuja boca
 Se ouuem disformes brados, & gemidos
 Com que batendo a leuantada roca,
 Vae gastando os penedos corcomidos,
 Grutas escuras abre, donde troca
 Em noite o dia, & nellas escondidos
 Marinheiros monstros, & nocturnas aues
 Saem meneando o ar com azas graues:

Por

Por se arrojar Calipso está subida
 Onde a serra mais liure ao ar se estende,
 Cobardemente ouzada, & atreuída,
 Duuida, & já a sy mesma se reprende:
 Que temo diz, pois he castigo a vida
 A hum triste, & já no ar cos filhos pende.
 O Tejo a recebelos vae saindo,
 Os puros braços de cristal abrindo.

Hum dos filhos que leua lhe tomaraõ,
 Com dous cahio do precipicio horrêdo,
 Que no fundo do pego, onde pararaõ,
 Se vaõ em duras pedras conuertendo;
 Já de penedos firmes leuantaraõ
 À negra fronte, donde o mar batendo
 Sobre o rolo das ondas, que quebranta
 Espumoso nos ares se leuanta.

Com largos braços seus de branca areia,
 Calipso abraça os filhos transformados,
 Que nas ondas do Tejo, que os rodeia,
 Mostrão seus duros corpos leuantados,
 E misturando o sal co a doce vea
 Do Rio, os brauos mares em polados
 Alteraõ com mor força, & mayor furia,
 Como em lembrança da passada injuria

131.

Tem nas portas do Tejo levantada
 Atesta altiua, & fera, ameaçando (da,
 As naos, que buscão porto & doce entra-
 De branca escuma as ondas coroando:
 Ali o mar com roucas ondas brada,
 Nos penedões altissimos quebrando,
 Que ruinas maritimas preparão,
 E o nome de cachopos conseruarão.

132.

Ia tem da real purpura vestido
 Vlyses a seu filho, a que o dourado
 Cabelo da coroa ve opprimido,
 E a lactea mão do cetro carregado:
 Quando dece do Olympo esclarecido
 Areprendelo o mensageiro alado,
 Que na velocidade parecia
 Lucida estrela que do Ceo cahia.

133.

Dislhe como partia, se deixaua
 Por acabar a obra illustre, & rara
 Do graõ templo, que a Pallas fabricaua,
 Que os muros de Lysboa sempre honra-
 Que a vingatiua Deosa se enojaua, (ra
 E que, em quanto a partir se se prepara,
 Acabe o templo, disse, & num momento
 Nas leues azas se escondeo do vento.

Aluz

Aluz, que pelos ares resplandece,
Os juelhos por terra o Grego inclina,
O templo illustre por momentos crece,
Que acabado co as nuuens se termina:
Ià nele sacrificios offerece,
Por melhor applacar Pallas diuina,
Aly pendura as armas, cuja liga
Foy de Vulcano altissima fadiga.

Do templo sae, & solta ao vento o pano
Da negra antena, deixa a alta Lysboa,
Onde nace do imperio lusitano
De tantos Reinos a immortal coroa:
Cortando os largos campos do Oceano
No leue pinho, pelas ondas voa,
Deixando edificada a graõ Cidade
Emula ao tempo, & á mesma eternidade.

Aqui senhor quem o Cancro ardente
Tea Vrsa boreal, & o congelado
Polo obedece & o lucido Oriente
Forma hum docel de perolas ornado,
A quem terras & mares do Occidente
P'ouo imperio daraõ taõ dilatado
Que não pareça, a quem vos considera,
Pera taõ grande sol piquena esphera.

Aqui

De Manoel Soares Brandão.
1709 deo. 14

137.

Aqui famoso Alcides Lusitano,
 Vereis hum mundo numa sò Cidade,
 A quem de prata e deouro o Tejo ufano
 Banha em final de eterna magestade:
 A quem hum largo imperio soberano
 Promete o fado na futura idade,
 Que para se igualar uossa grandeza
 Nouos mundos uos busca a natureza.

138.

Aqui prole daquelle graõ Monarcha
 Quarto joaõ, uereis de hum alto espirito
 (Cujofio cortou a iniusta Parca
 Antes do tempo) este poema escrito,
 Tambem de uos em quanto o sol abarca
 Fizera dar à fama eterno grito
 Seu culto uerso, se a fortuna auara
 Coa uida os pensamentos não cortara.

139.

Porem quando uestirdes as grauadas
 Armas, e uosso nome esclarecido
 Tremolando em bandeiras despregadas,
 De hum Polo, a outro Polo for temido:
 Quando, rompendo o mar bosques de
 armadas,
 Trema ante uos Neptuno, de opprimido
 Outra Musa hauerà que de uos cante
 Altas emprezas com que o mundo espan
 LAVS. DEO. (te

